

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Gustavo Dhein

**CAPÍTULOS DO CONSUMO: A RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS
BRASILEIRAS EM CUBA**

Santa Maria, RS
2018

Gustavo Dhein

**CAPÍTULOS DO CONSUMO: A RECEPÇÃO DE TELENOVELAS BRASILEIRAS
EM CUBA**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em Comunicação**.

Orientadora Prof^a. Dr^a.Veneza Veloso Mayora Ronsini

Santa Maria, RS
2018

Dhein, Gustavo
Capítulos do consumo: a recepção de telenovelas
brasileiras em Cuba / Gustavo Dhein.- 2018.
318 p.; 30 cm

Orientador: Veneza Veloso Mayora Ronsini
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2018

1. Telenovelas 2. Cuba 3. Consumo 4. Recepção 5.
Hegemonia I. Veloso Mayora Ronsini, Veneza II. Título.

Gustavo Dhein

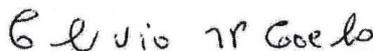
**CAPÍTULOS DO CONSUMO: A RECEPÇÃO DE TELENOVELAS BRASILEIRAS
EM CUBA**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em Comunicação**.

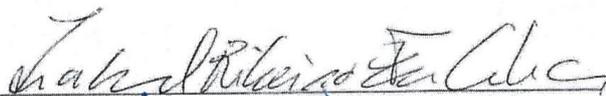
COMISSÃO EXAMINADORA:



Veneza Veloso Mayora Ronsini, Dr^a. (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)



**Cláudio Novaes Pinto Coelho, Dr. (Faculdade
Cásper Líbero/SP) POR VIDEOCONFERÊNCIA**



Maria Isabel Ribeiro Ferin Cunha, Dr^a
(Universidade de Coimbra/Portugal) POR PARECER



Sandra Rúbia da Silva, Dr^a. (UFSM)



Sérgio Alfredo Massen Prieb, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

À Veneza, pela generosidade, paciência, parceria, incentivo e troca de conhecimentos.

A todos os integrantes do grupo de pesquisa que acompanharam os capítulos de minha “saga noveleira”. Especiais saudações ao Otávio, à Camila, à Hellen, à Gabriela, à Sandra, à Milena e à Gláise.

À Yamile Haber Guerra, que viabilizou meu doutorado-sanduíche em Cuba.

Aos amigos ilhotas: Daynet, Dayne, Yasmani, Oscar (Universidad de Oriente); Beatriz, Rodrigo Espina e Márcia (Juan Marinello); Ana, Enzo, Adelia, Estrellita, Camila, Iriana, Rômulo, Terezita, Pedro, Guillermo, Hannah, Rosa e Márcia, e tantos outros que não posso citar para preservar a sua identidade.

Aos demais Professores e funcionários (especialmente Maurício) do Poscom da UFSM.

Aos meus pais, Rivaldo e Erica, e irmãos, Guilherme e Daniela. As próximas páginas só foram possíveis graças à participação de vocês. Ao manão, um agradecimento especial em razão de ter sido quem plantou em meus peito e mente o fervor revolucionário, que todavia se mantém e ajuda a superar aqueles dias em que “a gente se sente como quem partiu ou morreu”.

À Vilma e à Alice, mulheres que tanto quero e tanto fazem por mim, e à Amanda, a mais nova integrante da família.

À Tailliê: pela perseverança e pelo apoio incondicional. Espero que as próximas páginas honrem o teu esforço e atenuem as ausências e mancadas ao longo dos últimos quatro anos. Um beijo especial ao seu João, à dona Mercedes e à Tainã.

Aos amigos brazucas: Diego, Sika, Vitor, Paula, Jé, Erika, Arnaldo, Oggh, Iriz, Jonas, Mantovani, Fabiano, Mariângela, Sandra Rita, Chris Brentano, Svendla, Marina Cunha, Marina Bueno e Leo (saudades!).

Ao povo brasileiro que, por intermédio da Capes, viabilizou financeiramente este trabalho.

Life doesn't imitate art.
It imitates bad television.
Woody Allen

RESUMO

CAPÍTULOS DO CONSUMO – A RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS BRASILEIRAS EM CUBA

AUTOR: Gustavo Dhein

ORIENTADOR: Veneza Veloso Mayora Ronsini

Esta tese é um estudo sobre a recepção (as formas de ver e ler, de decodificar um texto específico, atravessadas pela condição de vida do indivíduo) e o consumo (a maneira como o contexto afeta a experiência midiática e como essa, por sua vez, interfere nas práticas dos agentes neste mesmo cenário) de telenovelas brasileiras em Cuba. O principal propósito é investigar as formas como os ilhéus apreendem e fazem uso dos conteúdos veiculados no produto midiático e como (e se) isso atravessa/reorganiza os estilos de vida (identidades “inconscientes” de classe) no país caribenho. Justificam esse trabalho: a perenidade e popularidade das telenovelas tupiniquins em Cuba; a parca produção acadêmica sobre a recepção de produtos culturais brasileiros no exterior; a também escassa produção intelectual interessada em estudar a relação entre classe, recepção e consumo; e, fundamentalmente, as idiosincrasias do país caribenho, resultantes da manutenção de um regime (autoproclamado) socialista, há mais de cinco décadas. Como resultado desta singularidade, Cuba, no contexto ocidental capitalista, apresenta contrastes como, por exemplo, o registro de indicadores similares aos de países desenvolvidos em áreas como a saúde e educação, e uma deficiência crônica de abastecimento dos mais variados itens, dos alimentares aos tecnológicos. O baixo poder aquisitivo e as restrições no acesso a bens materiais e/ou simbólicos convertem o consumo numa “*lucha*” diária em que se envolvem os cubanos. Nesse contexto, a mídia em geral – e os programas televisivos em particular, dentre os quais as telenovelas – serve como janela e ponte que permite aos moradores da Ilha contatarem desejos e estilos de vida que não necessariamente estão em oferta ou acessíveis no seu país, inserindo-os em uma cultura-internacional-popular (ORTIZ, 1994) em que os valores hegemônicos contrapõe-se ao ideal de “homem socialista”. Assim, os produtos midiáticos também contribuem para a edificação de cercas que delimitam, com cada vez mais ênfase, as desigualdades sociais em Cuba. Balizam a investigação as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu (especialmente os seus conceitos de habitus, capitais e estilo de vida), Stuart Hall (Encoding/decoding), a teoria das mediações de Martín-Barbero, e a perspectiva sociocultural do consumo, de Néstor García Canclini. O *corpus* analisado foram telenovelas já veiculadas em Cuba. Também foram conduzidos entrevistas em profundidade e um trabalho etnográfico na Ilha ao longo de nove meses de investigação em campo. Como resultados, identificamos que as telenovelas não estimulam uma análise crítica em relação ao tema da desigualdade social, são adotadas pelos ilhéus como forma de lograr um “distanciamento” da sua realidade cotidiana e, especialmente hoje, reforçam uma mensagem hegemônica neoliberal (essencialmente meritocrática) que se (re)produz em reflexões e práticas dos agentes na Ilha (como em qualquer outra parte do mundo), a despeito das singularidades locais, que incluem, entre outras coisas, um suposto alinhamento ao socialismo há seis décadas e um elevado capital cultural, bastante bem distribuído entre a população. Com relação à crescente desigualdade (econômica, prioritariamente), facilmente perceptível em Cuba, ela aparece cada vez mais como “natural” para os ilhotas e pode-se dizer que o sonho de “futuro” de cada um dos participantes é bastante próximo daquele que “democraticamente” se espalhou pelo mundo: o do consumo, expresso em demandas por “mais conforto”, o que passa por “mais acesso a bens materiais e imateriais”.

Palavras-chave: Cuba. Telenovela. Recepção. Consumo. Hegemonia.

ABSTRACT

CHAPTERS OF CONSUMPTION – THE RECEPTION OF BRASILIAN TELENOVELAS IN CUBA

AUTHOR: Gustavo Dhein
ADVISOR: Veneza Veloso Mayora Ronsini

This thesis is a study about the reception (the ways to see and read, to decode a specific text, crossed by the living conditions of the individual) and the consumption (how context affects the media experience and how this in turn interferes in agents' practices in this same scenario) of Brazilian telenovelas in Cuba. Our main purpose is to investigate the ways in which the Cubans interpret and make use of the content of media product and how (and if) it crosses/reorganizes lifestyles ("unconscious class identities") in the Caribbean country. Justify this work: the durability and popularity of the Brazilian telenovelas in Cuba; the few number of academic researches about the reception of Brazilian cultural products in other countries; the also rare intellectual production interested in studying the relationship between class, reception and consumption; and, fundamentally, the idiosyncrasies of the Caribbean country, resulting from the maintenance of a (self-proclaimed) socialist system during the five last decades. As a result of this uniqueness in the western capitalist context, Cuba presents contrasts as, for example, the registration of indicators that are similar to those of developed countries in areas such as health and education, and a chronic deficiency of supply of various items, from food to technology. The low purchasing power between the Cubans combined with the restrictions of access to material and symbolic goods has converted consumption in a "lucha" ("fight") in which the Cubans are involved every day. In this context, the media in general - and television programs and telenovelas in particular – work as "windows and bridges" that allows residents of the island to contact lifestyles and desirable things that are rarely on offer or available in their country. The television programs also contribute to insert the population of the Island into an "international popular culture" (ORTIZ, 1994) in which the hegemonic values are in contradiction to the ideal of "a new socialist man", disseminated in the local official discourse. Media products also contribute to the building of fences that delimit, with increasing emphasis, the classist differences in Cuba. Our research is conducted based on the theoretical contributions of Pierre Bourdieu (especially his concepts of habitus, capital and lifestyle), Stuart Hall (Encoding/decoding), Martín-Barbero (Theory of the Mediations), and Néstor García-Canclini (the sociocultural perspective of consumption). The corpus analyzed were telenovelas already broadcasted in Cuba. In-depth interviews and ethnographic work on the Island were also conducted over nine months of field research. As results, we identified that telenovelas, as already indicated earlier studies, do not contribute to the critical analysis of inequality, are adopted by the islanders as a way of achieving a "distance" from social reality and, especially today, reinforce a neoliberal hegemonic message (which is essentially meritocratic) that is (re) produced in the reflections and practices of agents on the Island (as in any other part of the world), despite of the local idiosyncrasies, which include, among other things, a supposed alignment with socialism six decades ago and a high cultural capital, well distributed among the population. With regard to increasing inequality (economic, priority), easily perceived in Cuba, it appears increasingly as "natural" to the Cubans and, regardless of their class condition, none of the respondents seems to know what their "real dimension" is, whether in fiction or in reality, or to have an idea about how - and if - it should - or can - be overcome, which also is translated into rather uncritical and similar readings about Brazilian soap operas. Finally, if it is a hard exercise to try to "classify" classes in Cuba, one can say that the "future" dream of each of the participants is very close to that which "democratically" spread throughout the world: that of consumption, expressed in demands for "more comfort", which means "more access to material and immaterial goods".

Keywords: Cuba. Telenovelas. Reception. Consumption. Hegemony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Primeiro Mapa metodológico das Mediações - 1987	63
Figura 2- Segundo Mapa Noturno	66
Figura 3- Porta da casa de um cuentapropista distribuidor de paquetes semanales	204

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Índice de audiência e gosto de telenovelas cubanas na Ilha.	44
Tabela 2 Índice de audiência e gosto de telenovelas brasileiras na Ilha.	44
Tabela 3 Resumo dos perfís.....	97
Tabela 4 Canais televisivos em Cuba.....	195

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDR	Comité de Defensa de la Revolución
CIPS	Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociales
CIS	Centro de Investigaciones Sociológicas
FAR	Fuerzas Armadas Revolucionarias
FMC	Federación de Las Mujeres Cubanas
ICIC	Instituto Cubano de Investigaciones Culturales
ICRT	Instituto Cubano de Rádio y Television
PCC	Partido Comunista de Cuba
UH	Universidad de Havana
UJC	Unión de Jóvenes Comunistas
ONEI	Oficina Nacional de Estadísticas e Información
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura
UO	Universidad de Oriente – Santiago de Cuba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 A PROPOSTA.....	33
1.2 CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS.....	34
1.3 ADENDO	36
2 O MAPA DA MINA	39
2.1 CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO	50
2.2 RECEPÇÃO E MEDIAÇÕES	59
2.3 HABITUS, CAMPO, CLASSE.....	70
2.4 CONSUMO.....	83
2.5 METODOLOGIA.....	89
3 ETERNA MAGIA	99
3.1 O DIREITO DE NASCER	101
3.2 CUBA-BRASIL-CUBA	107
3.3 TRANSNACIONALIZAÇÃO.....	116
4 SUAVE VENENO	123
4.1 SÍNTESE DAS ANÁLISES	127
5 MEU PEDACINHO DE CHÃO	137
5.1 “QUE MORIR POR LA PATRIA ES VIVIR”	142
5.2 CUBAMERICANOS.....	149
5.3 LLEGO EL COMANDANTE (Y MANDÓ PARAR).....	160
5.4 ADIÓS, LÊNIN!.....	170
6 MORDE E ASSOPRA	189
6.1 LOS PAQUETES	198
7 PÁGINAS DA VIDA	219
7.1 A DESIGUALDADE EM CUBA	219
7.2 “CUBA NO SERÁ JAMÁS UNA SOCIEDAD DE CONSUMO”.....	236
7.3 A DESIGUALDADE SOCIAL NAS TELENOVELAS	239
7.4 OS ENSINAMENTOS.....	243
7.5 NOVELA SOCIALISTA?	246
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
8.1 ÚLTIMOS SUSPIROS	256
REFERÊNCIAS	261
APÊNDICE A – INSTRUMENTO I	283
APÊNDICE B – INSTRUMENTO II	285
APÊNDICE C – INSTRUMENTO III	287
APÊNDICE D – INSTRUMENTO IV	289
APÊNDICE E – INSTRUMENTO V	290
APÊNDICE F – TERMINO DE CONSENTIMIENTO Y CONFIDENCIALIDAD	291
ANEXO A – PERFIS SINTÉTICOS DOS ENTREVISTADOS	292

1 INTRODUÇÃO

O caso dos latino-americanos com as telenovelas é longo, explícito e de bem-querer. Para confirmar isso, basta analisar a longevidade e a quantidade de oferta de folhetins eletrônicos na programação televisiva no Brasil, na Argentina, no México, etc. No mês de janeiro de 2018, mais de 300 títulos estavam sendo transmitidos no continente encontrado por Colombo, onde uma significativa parcela da população (ainda) divide suas noites entre “antes e depois” da exibição de capítulos das tramas. Lopes (2004, p. 18) fala de uma “integração sentimental” latino-americana constituída a partir do gênero. Rincón (2008, p. 50) destaca o caráter antropofágico do produto midiático mais bem-sucedido da (e na) América Latina:

el fenómeno más interesante radica en que la telenovela se ha venido comiendo a toda la otra televisión: para comprender la realidad hay que ir a ver la telenovela y no el noticiero, para reír ya no hay comedia sino que ésta ha sido absorbida por la telenovela, para hacer documental hay que usar el suspenso y tono popular de la telenovela, para producir *realities* hay que buscar la dilación y el tono melodramático de la telenovela [...]. Así, lo único que se hace en América Latina es telenovela, este formato y su marca melodramática integra en sí misma a los otros formatos; la telenovela vive de la antropofagia de formatos, de géneros, de ideas. Se come a todos los otros formatos y tonos de la televisión latinoamericana y lo hace a su antojo.

Se esse antropofagismo (e a possível espetacularização da vida dele decorrente) ou a integração sentimental (que sentimento é esse?) são benéficos à sociedade são questões em aberto. O que parece inquestionável é a relevância econômica, social e cultural das telenovelas, em razão delas: (a) ocuparem “lugar privilegiado en la esfera liminal de las prácticas interpretativas, entre la realidad y la fantasía, entre lo vivido y lo imaginario” (LOPES, 2008, p.36), (b) conjugarem ações pedagógicas tanto implícitas quanto deliberadas (LOPES, 2009, p. 32), (c) incorporarem “las contradictorias articulaciones que entrelazan las dinámicas culturales a las lógicas del mercado” (MARTÍN-BARBERO; MUÑOZ, 1992, p. 8), e (d) desempenharem “al igual que otros dispositivos ideológicos, la función de osmosis entre la corriente burguesa y el imaginario popular” (ALFARO, 2006, p. 448). Todas essas assertivas com relação ao gênero serviram para consolidar convicções a partir das quais esta tese foi pensada e elaborada: a de que as telenovelas são objetos privilegiados para investigar a (re)produção de relações de poder e dominação; e a

de que, para compreender o papel do mais bem-sucedido produto da indústria cultural latino-americana nessas relações, é imprescindível refletir sobre o vínculo, nem sempre óbvio, “entre as representações midiáticas da realidade [que nelas circulam] e seus momentos sócio-históricos de emergência, com um olhar especial voltado para o papel político-econômico dos enunciadores [...], sem perder de vista o momento da recepção e a dialética (no sentido de mútua determinação)” (SCHNEIDER, 2010, p. 2) entre produção e consumo.

Os cubanos não fogem à regra e, assim como os seus hermanos, fazem dos melodramas televisivos campeões de audiência. Na história desse gênero, ocupam também um papel de destaque: a Ilha foi “la cuna de artistas, productores y guionistas especialistas” (RAIMONDI, 2011, p. 3) pioneiros que contribuíram decisivamente para (con)formá-lo e difundi-lo para além-mar. O santiagueiro Felix Caignet, por exemplo, é o autor de *O direito de nascer*, o primeiro grande sucesso transnacional (inicialmente no rádio, depois na televisão) dentre os folhetins eletrônicos. Por motivos variados, a Ilha hoje não é mais uma relevante produtora ou exportadora de novelas ou de talentos a elas atrelados. Todavia, o apetite pelo gênero se mantém entre seus nativos. Quiçá tenha se intensificado nos últimos anos, em razão dos avanços tecnológicos que ampliam as vias de acesso a títulos manufaturados mundo afora.

Atualmente, na primeira interação entre um brasileiro e um morador da gigante das Antilhas, há probabilidade enorme de o diálogo incluir, por parte dos caribenhos, o emprego das palavras (não necessariamente nessa ordem) “samba”, “carnaval”, “futebol”, “Lula” e, é claro, “novelas”. Sobre este último termo, as conversas podem ser longas e, costumeiramente, incluem a pergunta sobre “qual foi a melhor de todos os tempos”. A resposta, se o visitante fica na dúvida, eles mesmos tratam de dar: *Escrava Isaura*. É este folhetim eletrônico, produzido pela rede Globo, em 1976, que, no fim das contas, viabiliza minha tese, um estudo sobre o consumo e a recepção de telenovelas brasileiras em Cuba.

Escrava Isaura foi a primeira trama comercializada pela gigante midiática tupiniquim com o governo do país caribenho, em 1984. Desde então, o produto televisivo, com “padrão Globo de qualidade”, não apenas conquistou como nunca mais deixou o horário nobre da televisão na Ilha. Como dizem em Cuba, ele “enganchó” o público. O próprio Fidel Castro, quando da transmissão de *Escrava Isaura*, teve de remarcar compromissos com os ministros de forma a não perderem a

visita da atriz Lucélia Santos (MATTELART; MATTELART, 1990, p. 13), protagonista da trama. Jornais cubanos da época trazem charges em que os foliões brincam o carnaval ao mesmo tempo em que seguram televisores para acompanhar a narrativa. Mais tarde, ao largo do Período Especial – de crise, inaugurado imediatamente após o fim da União Soviética –, em razão do racionamento de energia, pessoas ligavam para seus parentes e amigos em outras localidades e acompanhavam as narrativas pelo telefone ou pediam, por esta via, “sinopses” dos capítulos. Nas ruas das cidades cubanas, desde os anos de 1990, o bem-querer da população em relação às novelas brasileiras traduz-se, entre outras coisas, na presença dos Paladares (restaurantes familiares), nicho de comércio/serviço, cuja origem deve-se à personagem Raquel (Regina Duarte), uma self-made-woman capitalista, da novela Vale Tudo (GLOBO, 1988). Mais recentemente, os trejeitos da “periguete” Suellen, de Avenida Brasil (GLOBO, 2012), caíram nas graças das jovens caribenhas, e o seu estilo sensual de vestir, com calças colantes (obviamente chamadas pelo nome da personagem), era reproduzido por elas (KOGUT, 2013). Ainda, no cancionero popular, há uma música que alerta sobre a necessidade de fugir de Nazaré Tedesco, a vilã de Senhora do Destino, cujo nome também é empregado para fazer referência a gripes e resfriados (assim como o de outros vilões, entre eles, Carminha, de Avenida Brasil). Os cubanos registram de filhos a animais domésticos em homenagem a personagens das telenovelas: conheci o gato Romero Rômulo (referência a um dos protagonistas de Regras do Jogo, de 2016), por exemplo. O sucesso do produto *made in Brazil* fica evidente, ainda, nos rankings das maiores audiências na TV ilhota, onde frequentemente aparecem em primeiro lugar. Nas palavras de Tápia e Pérez (2013, p. 14), de modo particular, as novelas brasileiras são amplamente acolhidas pelo público que já conta com ricas tradição e experiência cultural associadas ao consumo delas, que servem inclusive como filtros por meio dos quais “los sujetos examinan, crítica y valorativamente, las restantes producciones”.

Mas se as telenovelas têm êxito retumbante em toda a América Latina (e não só nela, diga-se), por que realizar a investigação em Cuba? Os motivos são pessoais (sobre os quais falo mais adiante, nesta mesma introdução), acadêmicos e “históricos”.

Com relação aos atrelados à produção científica, justifico a opção em razão de ausências: a primeira, a de trabalhos brasileiros que versem sobre a inserção do

nosso produto cultural mais exitoso em países socialistas; a segunda, a de pesquisas recentes, em Cuba ou fora dela, sobre o teor ideológico de programas televisivos forâneos e suas implicações nas transformações em marcha na Ilha. Ademais, concordo com Mihelj (2014, p. 2) e sua defesa sobre a necessidade de estudos sobre a televisão em nações socialistas como “a key prerequisite for developing a truly global television history, and for revisiting some of the key debates about television as a cultural, political and economic formation”. Segundo a autora, essas investigações ajudam também a “inform our thinking about possible television futures”.

However misguided the ideological drivers of socialist television may have been, the project of socialist television was [ainda é, no caso Cubano], at its core, a project aimed at social mobilization and change, committed to advancing social equality and ensuring a high level of cultural sophistication and literacy across the population. Even though this project was part of a grand experiment that ultimately failed, we should acknowledge that its story is also a story of noble causes and (at least some) notable successes. From the point of view of thinking about the possible futures of television, the failures, successes and aims of socialist television should all serve as a reminder that television can and perhaps ought to be a tool in the service of several different visions of the good life and progress, not only those tied to ideas of never-ending economic growth, capital accumulation and consumer spending. (MIHELJ, 2014, p. 2)

Todavia, o fator determinante para eleger Cuba como palco de pesquisa é o seu oficialmente declarado alinhamento ao socialismo desde o triunfo da revolução popular liderada por Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Camilo Cienfuegos, no longínquo ano de 1959. Ainda mais, em razão da disposição (ou vontade?) da Ilha de manter o regime mesmo após a caída do bloco soviético e da corrida da quase totalidade dos antigos “países camaradas” em direção ao capitalismo. Essa singularidade ilhota explica a desproporcionalidade entre o reduzido tamanho do país (em território, em participação na economia mundial, em população, etc...) e as suas visibilidade e relevância globais bem como a atratividade que ele exerce sobre o público e pesquisadores internacionais (incluindo o que escreve estas linhas). Cuba converteu-se numa espécie de “Meca” para as esquerdas de todo o mundo, motivo de orgulho para os que lá residem, mas também de algumas “queixas” por parte dos ilhotas. Afinal, é fácil defender ou refutar o regime quando não se vive nele ou, ainda, depositar sobre os cubanos expectativas, anseios e responsabilidades

¹Na verdade, o anúncio oficial sobre o caráter socialista da revolução cubana só foi feito dois anos depois, em abril de 1961.

que não necessariamente correspondem aos seus desejos, necessidades e possibilidades.

Cuba dependia economicamente da URSS e dos seus aliados. A diluição do bloco teve, por isso, consequências brutais sobre a vida dos caribenhos e mergulhou-os, à força, em um Período Especial em Tempos de Paz, como definiu, eufemisticamente, Fidel. Inaugurado em 1991, ele representou o abalo de um projeto que caminhava relativamente bem em direção à promoção de um sensível nível de igualdade combinado a condições dignas de vida e crescentes possibilidades de realização pessoal combinada à coletiva – evidentemente não sem problemas, dentre os quais a centralização decisória e limitações à liberdade de expressão. Um de meus contatos em Cuba definiu assim aquele momento histórico: “fomos dormir morando numa Suíça tropical e acordamos num Haiti”. Em 1994, por exemplo, apenas 13% das indústrias cubanas estavam em funcionamento, em razão da falta de recursos (RUIZ, 2014). Nos três primeiros anos da década de 1990, o consumo pessoal declinou 33% (TOGOIRES, 2009). Chegou-se ao extremo de uma garrafa de azeite custar o mesmo que um salário mensal (RUIZ, 2014). Os relatos sobre as dificuldades vivenciadas (1993 é considerado aquele em que a nação chegou ao fundo do poço e, assim, deu um impulso para tentar voltar à tona) abundam: dão conta, por exemplo, do consumo de carne misturada a pedaços de tecido e de refeições cujo cardápio se resumia a um copo de água com açúcar; dos apagões elétricos que duravam de horas a dias; do desaparecimento de veículos automotores nas cidades e no campo por falta de combustíveis. O Período Especial(mente penoso) foi um golpe dos mais duros. Para muitos, levaria o socialismo cubano à lona. Mas, apesar de cambalear, ele continuou em pé. Gradualmente, Cuba recuperou algum fôlego, mas sem conseguir eliminar sequelas. E para continuar na luta, tratou de redefinir (e continua a fazê-lo...) táticas para alcançar seus objetivos estratégicos.

As mudanças necessárias e concentradas com mais ênfase no que diz respeito à política econômica não acontece(ra)m sem “custos”. Hoje, a gigante das Antilhas ainda pode vangloriar-se de sustentar exemplares desempenhos em áreas como saúde (em 2017, bateu seu recorde histórico ao reduzir a taxa de mortalidade infantil ao número de quatro para cada mil nascimentos, por exemplo), educação (o analfabetismo é residual) e segurança (em janeiro de 2018, foi premiada como “país más seguro para el turismo” na prestigiada Fitur, realizada em Madri), bem como de

seu internacionalismo (os cubanos não raramente são os primeiros a chegar e os últimos a sair de territórios assolados por crises humanitárias). Isso não é pouca coisa, tratando-se de uma nação cuja economia normalmente oscila entre estar no limite e no vermelho.

Porém, gargalos e deficiências nada insignificantes são evidentes: habitação, transporte, telecomunicações e indústria são algumas das áreas carentes de recuperação e/ou qualificação. Evidentemente, não se tratam de problemas exclusivos de Cuba. Mas eles fazem pensar sobre se a nação caribenha se reencaminha em direção a uma realidade “latino-americana”, se usarmos a expressão em um sentido negativo. Um dos principais motivos para se considerar essa possibilidade é a evidente ampliação da desigualdade social.

Desde o Período Especial, Cuba convive com uma “limitación relativa del consumo” (CAMACHO; WISE, 2013). Explicar o que isso significa é tarefa complexa, e envolve uma série de fatores internos e externos, macros e micros. Voltarei ao tema no capítulo Meu Pedacinho de chão. Por ora, interessa dizer que, na Ilha, encontrar alguns produtos e, principalmente, reunir condições de adquiri-los, podem ser uma tarefa árdua, à qual os locais dedicam significativos esforços e tempo, diariamente. Unanimidade entre os cubanos é o fato de os salários pagos pelo Estado estarem abaixo do razoável (o próprio Raul Castro já afirmou, em um de seus discursos, feito em 2013, que eles “no alcánzan”). Assim, para suprir as suas necessidades ou anseios, um número significativo de ilhéus recorre a inventos ou a soluções por la izquierda para resolver. Ruiz (2014) refere-se à consolidação de uma cultura del rebusque em Cuba, como resultante desse cenário. Ela se traduz em “una gama muy amplia de prácticas encaminadas a obtener ingresos complementarios que van desde la venta de objetos personales, reventas o trabajos circunstanciales, hasta pequeños fraudes y tácticas de apropiación” (RUIZ, 2014, p. 85). Em outras palavras, naturalizaram-se, no contexto ilhéu, recorrer a práticas variadas – muitas vezes “informais” ou “a-legais”, como gostam de definir – para lograr o acesso a produtos e serviços inacessíveis por outras vias. Um taxista (ilegal) disse-me que o problema de Cuba é o de que os ilhéus, da hora em que acordam a hora em que vão para a cama, praticam “irregularidades”. Apesar das declarações oficiais no sentido de condenar práticas informais, é evidente a ampla convivência estatal com essas atividades que respondem por um montante significativo da economia local – ou seja, configuram importante alternativa pela qual se torna viável

uma complementação de renda para quem comercializa os bens (materiais ou imateriais), assim como uma opção relevante para os ilhéus acessarem produtos e serviços interditados por outros caminhos. E essa lógica, como veremos, estende-se também ao campo midiático.

A situação ilhota e a superação das adversidades são ainda mais complexas em razão de o país ainda estar inserido em uma “micro e anacrônica Guerra Fria” com os Estados Unidos. Exagero? Hoje, o brasileiro que for comprar um computador da marca Dell, norte-americana, é obrigado a assinar um documento afirmando que não levará o equipamento à Ilha e/ou o deixará por lá. Ainda, em pleno 2017, meu irmão, professor universitário, ao ter um artigo aceito por uma revista científica internacional, teve de firmar uma declaração atestando não haver a participação de cubanos em sua elaboração. Some-se a isso a recente acusação norte-americana sobre um “ataque sonoro” contra seus representantes diplomáticos em Havana (seria episódio merecedor de converter-se em roteiro de comédia hollywoodiana se não fosse, no fim das contas, tão sério e triste, e com implicações práticas). No “confronto” entre os países e seus projetos, contemporaneamente, um ataque bélico por parte da mais poderosa nação do mundo parece pouco provável. As batalhas trasladaram a outros campos, articulados entre si: o econômico e o cultural-midiático. Quanto ao primeiro, os estadunidenses sustentam há quase seis décadas um bloqueio comercial contra a Ilha. O balanço mais recente dos reflexos dessa prática sobre a nação caribenha, publicado em 2017 pelo governo cubano, estima:

Los daños acumulados por el bloqueo durante casi seis décadas de aplicación alcanzan la cifra de **822 mil 280 millones de dólares**, tomando en cuenta la depreciación del dólar frente al valor del oro en el mercado internacional. A precios corrientes, el bloqueo ha provocado perjuicios cuantificables por más de **130 mil 178,6 millones de dólares**. En el período en que se enmarca este informe, el bloqueo ha causado pérdidas a Cuba en el orden de **4 mil 305,4 millones de dólares**. Para poner en perspectivas esta cifra, según estimaciones realizadas por el Ministerio de Economía y Planificación de Cuba, el país requiere entre 2 mil y 2 mil quinientos millones de dólares de inversión extranjera directa anual para alcanzar su desarrollo económico. En otras palabras, el costo del bloqueo anual representa para Cuba alrededor del doble de lo necesario para el desarrollo total de su economía. (CUBA VS BLOQUEO, 2017, p. 2-3, destaques dos autores).

Já a disputa por corações e mentes, simbólica, intensificou-se nos últimos anos em decorrência do processo de globalização/mundialização, da revolução tecnológica vivenciada com ênfase no final do século XX e do estabelecimento de um sistema de mídia comercial para promover os mercados globais (MCCHESENEY,

2008, p. 217), em que os players, majoritariamente, empenham-se em disseminar um “discurso puramente ideológico que trata de vender um modelo de vida que é um modelo de vida claramente ideológico” (RAMONET, 2003, p. 252), que sintetizo no termo “neoliberal”. O autor cubano Fernando Martínez Heredia (2017, p. 136), recentemente falecido, definiu que “la situación cubana actual es de una abierta batalla cultural entre el socialismo y el capitalismo. A favor del último, entre otros factores, estaría la sujeción progresiva a su cultura, la única que ha logrado universalizarse, y que hoy conserva un formidable poderío y numerosos atractivos”. Diz ainda: “la estrategia actual [...] contra Cuba nos deparará un buen número de ‘recursos suaves’, modernos ‘cazabobos’ en la guerra del siglo XXI” (HEREDIA, 2017). Na “batalha de ideias”, a comunicação midiática – e os produtos da indústria cultural veiculados –, portanto, é uma arma tão poderosa quanto mal distribuída.

Ainda, em 23 de janeiro de 2018, o Departamento de Estado dos EUA divulgou à imprensa a criação de uma “força tarefa”, integrada por representantes de órgãos oficiais e independentes, com o objetivo de “examinar os desafios tecnológicos e as oportunidades para expandir o acesso à internet e aos meios de comunicação independentes em Cuba”. Não se trata de uma pauta nova para os governos estadunidenses, mas torna ainda mais evidente a relevância conferida à comunicação na disputa entre projetos. Os estudos desenvolvidos ao longo das últimas décadas sobre as interferências da mídia em nossas vidas permitem negar a onipotência dos meios de comunicação (HALL, 2003; MORLEY, 1999; MARTÍN-BARBERO, 2004), mas, simultaneamente, é impossível ignorar sua onipresença e o seu potencial para atravessar e remodelar imaginários e identidades sociais, reforçar perspectivas hegemônicas ou contra-hegemônicas. O traço característico das mudanças no mundo de hoje é o da extensão da lógica midiática a todos os âmbitos de nossas vidas, tornando-a parte do tecido social (VERÓN, 1997 apud, LOPES, 2014, P. 76), ainda que com intensidades diferentes, de acordo com as idiosincrasias de cada contexto.

Em Cuba, desde 1961, a propriedade do setor de comunicações é 100% estatal, fato único no continente, assim como é a proibição, desde então, da veiculação de publicidade comercial na mídia massiva. De maneira alinhada ao que acontece na América Latina, na Ilha, “television’s prior hegemony as the cultural machine of the everyday may now face competition from other devices, but it continues to be a principal ‘programadora de la vida social’ [‘programmer of everyday

life']” (OROZCO; MILLER, 2016, p.105).

Pelo menos 95,5% dos lares cubanos têm aparelhos de televisão (BANCO MUNDIAL, 2013). E as pesquisas mais recentes, ainda que defasadas, porque são de 2009, indicam que assistir à programação é a principal prática cultural dos ilhotas: 94% deles o fazem diariamente (FLEITES et al., 2009). Em Havana e Santiago de Cuba, onde desenvolvi a pesquisa de campo, caminhar pelas ruas durante o “horário estelar” (20h às 22h) permite verificar uma ampla sintonia no canal Cubavisión, em que as novelas vão ao ar de segunda a sábado. E dentre meus entrevistados, todos confirmaram que é à telinha que dedicam, majoritariamente, seu tempo livre. Mas engana-se piamente quem imagina os ilhéus sendo bombardeados durante 24 horas por dia por uma programação interessada exclusivamente em “mantê-los na linha” (ideológica). Nos sete canais de televisão aberta existentes no país, abundam produtos forâneos, oriundos de diversas latitudes e longitudes. E os impactos disso não são nada insignificantes. Um dos fenômenos mais interessantes da última década na Ilha, diretamente vinculado à telinha, é a popularização do futebol a partir da transmissão diária, via Tele Rebelde (o canal esportivo) dos campeonatos espanhol, inglês, alemão e italiano. Em 2007, quando experienciei Cuba pela primeira vez, encontrar alguém dedicado ao esporte de origem bretã era missão quase impossível. Hoje, nas ruas e nas salas de estar, ele já disputa a preferência, especialmente entre os jovens, com o baseball, ainda considerado o esporte nacional. Evidentemente, a expansão futebolística não se traduz apenas no número de adeptos à modalidade, mas também no vestuário, nos penteados e nas aspirações de candidatos a novos “Messis” e “Neymares”.

No campo fílmico e dos seriados, são as produções norte-americanas que sobressaem em número, disparadamente. Já no das novelas, como tentei deixar claro no início, o predomínio ainda é brasileiro. O que interessa pontuar aqui é a disputa hegemônica em que esses programas se inserem. Sobre a telenovela brasileira, meu objeto de estudo, é evidente que elas carregam em suas narrativas um potencial “conflito de interesses” (o aprofundamento do tema poderá ser visto no capítulo intitulado Suave Veneno). Ronsini (2012), por exemplo, deixa às claras a predominância, nas tramas folhetinescas, de um conteúdo que reforça o discurso meritocrático neoliberal, caracterizado pela anulação e/ou naturalização das desigualdades sociais, pela negação a um tratamento crítico ao tema, bem como pelos estímulos ao individualismo e ao consumismo. Quem conhece a trajetória da

rede Globo e sua constante interferência nos destinos brasileiros não se espanta com essas constatações.

Contribui para sustentar a televisão como principal fonte de consumo midiático em Cuba a relativa dificuldade de “incremento tecnológico” vivenciado na Ilha, especialmente no que tange à rede mundial de computadores, cujo acesso ainda é restrito por questões estruturais e/ou financeiras (o custo ainda é impraticável para uma significativa parcela da população). Mas essa mesma limitação – associada à já citada cultura de rebusque – é a responsável pelo mais interessante fenômeno midiático da ilha, que é a consolidação de uma rede de distribuição de pacotes semanais, compilações de programas televisivos, filmes, músicas, revistas, etc., que circulam por meio de dispositivos de memória de dados (HDs externos e pendrives). Esse canal “informal” converteu-se em uma “internet off-line” e torna viável aos moradores divorciarem-se dos canais estatais de TV. Todavia, o casamento com os melodramas parece inabalável: títulos oriundos do Brasil, mas também de nações como Colômbia, Coreia, Argentina e, especialmente, Turquia – além de produções locais – são demandados e consumidos com voracidade. Há pessoas que dedicam noites e madrugadas a fazer maratonas para degustá-los. Essas transformações tecnológicas também se traduzem na reformulação dos cenários socioeconômico e sociocultural cubanos.

The growing material inequity between citizens in contemporary Cuba, and the social differentiation that result, is being mapped primarily through the new leisure practices made possible by media and communications technologies in a society where cash incomes are only a partial indicator of economic status, and determinants of social class have been transformed by socialism and subsequently by the Special Period. Consumption practices and the interaction and discussion that they provoke provide some of the most powerful and poignant experiences from which an understanding can develop of the difficulties with which Cubans and their government negotiate life and livelihood in the twenty-first century. (PERTIERRA, 2011, p.247-248).

Pertierra (nd, p.9) detectou, em sua pesquisa etnográfica na Ilha, e corroboro isso, que os programas de televisão mais populares (mesmo os consumidos via pacote) entre os caribenhos são aqueles em que as imagens do “desejável” abundavam: os televidentes prestam atenção nos bens de consumo, nas comidas, nas roupas e na decoração, nos estilos de vida. A aparente “contradição ideológica” do Estado cubano foi uma das principais motivadoras deste projeto. Como – ou porquê – existe a conivência do Estado com a circulação cada vez mais ampla, via canais oficiais ou não, de produtos midiáticos cujos conteúdos são alinhados (com

mais ou menos intensidade) à ideologia neoliberal? Essa não é uma questão exatamente nova. Mattelart e Mattelart (1990), referindo-se à chegada das novelas brasileiras à Ilha, em 1984, já sinalizavam a relevância do debate provocado pelo desembarque dos enlatados:

Is it possible to use the traditional form of the melodrama to conquer the audience's attention for left-wing themes? Is it possible to put a "foreign" ideological content into a form inherited from capitalism? To substitute a conformist content with a progressive one, an alienated content with a non-alienating one? (MATTELART; MATTELART, 1990, p. 94).

Trabalhei com algumas hipóteses: a primeira, de que há o entendimento, por parte dos reguladores de conteúdo em Cuba, sobre a impossibilidade de coibir essa circulação, de maneira que permiti-la ou realizá-la configura tanto uma possibilidade de ainda deter algum controle sobre o que se veicula como uma necessidade para manter a programação dos canais estatais (onde essas mensagens são, de alguma forma, “combatidas” por meio da exibição de outros programas alinhados ao discurso socialista e patriótico) capazes de competir pela preferência do público; a segunda, a de existir o entendimento, por parte do Estado, de que por meio de outras instituições socializadoras como a escola, por exemplo, ainda é possível neutralizar os efeitos/afetos em relação ao discurso neoliberal; e, a mais plausível e importante, a de que os discursos críticos ou antagônicos ao “socialista cubano”, sejam oriundos do exterior ou não, são cada vez menos adstringentes com o oficial, ou seja, em boa parte não ameaçam, mas ajudam a consolidar o “cambio da mentalidad” a que o governo cubano se refere, há anos, como necessário para o desenvolvimento do país.

1.1 A PROPOSTA

Neste projeto, a principal inquietação (o problema de pesquisa, portanto) a ser enfrentada é a seguinte: em que medida, em uma nação onde o socialismo se mantém (pelo menos oficialmente) como sistema e ambição, a apropriação das telenovelas brasileiras – que incorporam a ideologia meritocrática neoliberal (LITTLER, 2013) – reconfigura a cultura e (re)organiza estilos de vida?

O objetivo geral do trabalho, portanto, é compreender: a) como o consumo das telenovelas brasileiras afeta a (re)configuração das identidades na Ilha; e b) de que maneira a recepção das telenovelas brasileiras é atravessada pelas mediações

da socialidade, da ritualidade, da tecnicidade e da institucionalidade.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- a) Apurar como o consumo do produto midiático brasileiro interfere na (auto)identificação dos televidentes com sua condição de classe;
- b) Compreender os motivos que justificam a proximidade dos ilhéus aos melodramas televisivos tupiniquins e à alta demanda por eles;
- c) Identificar como os cubanos percebem as aproximações e os afastamentos entre a realidade social apresentada nas tramas e a que vivenciam, e se isso estimula a crítica tanto sobre os textos televisivos quanto sobre a sua realidade;
- d) Ponderar sobre se o discurso socialista (oficial) é hegemônico em âmbito local;
- e) Analisar as representações sobre as desigualdades sociais nas telenovelas e se elas reforçam o “sentimento meritocrático” e como os entrevistados o percebem e avaliam;
- f) Deslindar como os estilos de vida apresentados em novelas brasileiras se incorporam aos estilos de vida dos televidentes na Ilha.

Para buscar respostas e aproximar-me dos objetivos traçados, recorri às teorias: das Mediações, de Jesus Martín-Barbero (1999, 2004); Sociocultural do Consumo, de Néstor Garcia Canclini (1992, 2010); de Encoding/decoding, de Stuart Hall; e do *habitus*, dos campos e dos capitais, de Pierre Bourdieu. Os autores citados têm em comum uma aproximação crítica ao marxismo. Por caminhos diversos, propõem e/ou apropriam-se de (re)leituras da obra do filósofo alemão, mas buscam adaptá-la às condições da contemporaneidade. Ou seja, identificam as conformações e/ou embates classistas não exclusivamente a partir do âmbito das relações de produção, mas também dos da cultura e do consumo.

Apliquei uma metodologia múltipla e qualitativa. Recorri à etnografia crítica, à condução de entrevistas em profundidade, à análise de narrativas de telenovelas tupiniquins e às compilação e apreciação de dados secundários sobre o setor midiático em Cuba e no Brasil.

1.2 CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Estruturei a tese em oito capítulos. Em *O mapa da mina*, descrevo as teorias

que alicerçam o trabalho, discorro sobre a relevância da televisão e das telenovelas como objeto de estudos (em razão de seu caráter “pedagógico” e alta penetração nos lares cubanos) e apresento as ferramentas metodológicas adotadas, bem como um quadro-resumo com o perfil dos entrevistados.

Na sequência, em *Eterna Magia*, percorro a história do gênero midiático e verso sobre a “balança melodramática” entre Brasil e Cuba, debato especificidades do produto tupiniquim – exclusivamente o produzido pela rede Globo – e fatores que ajudam a compreender a sua capacidade de cruzar fronteiras sem, com o perdão do trocadilho, “*perder la ternura jamás*”.

Na sequência, em *Suave Veneno*, discuto como as narrativas das telenovelas, a despeito das marcas autorais, estão associadas aos interesses privados da indústria cultural (no caso, os da rede Globo), valendo-me, especialmente, da teoria de “Encoding/decoding” (HALL, 2003). Debrucei-me sobre três títulos recentemente veiculados pela televisão cubana, por intermédio do canal *Cubavisión: Avenida Brasil, Império e Rastros de Mentiras (Amor à vida, no Brasil)*. Inspirado pela Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1999), descrevo o cenário brasileiro no período em que elas foram escritas e transmitidas originalmente, numa tentativa de possibilitar compreender o entrecruzamento entre texto e contexto.

Em *Meu pedacinho de chão*, resgato um pouco da história de Cuba a partir das guerras pela independência travadas no século XIX e, em seguida, detalho aspectos que considero relevantes em relação ao período neocolonial instaurado na Ilha – sob domínio estadunidense – e evidencio como ele, especificamente, contribuiu de forma decisiva para dar origem ao processo revolucionário que culminou com a vitória dos guerrilheiros liderados por Fidel Castro, em 1959. Finalmente, descrevo traços do contexto cubano na atualidade. Não há como propor um trabalho sobre a apropriação de telenovelas em Cuba nacional sem abordar suas idiossincrasias, que incluem o monopólio estatal no campo da Comunicação e também o impressionante – e já citado – mercado “informal”, por onde circula grande volume de conteúdo audiovisual – aspectos tratados no capítulo seguinte, denominado *Morde e Assopra*. Nele, também discorro brevemente sobre como as novas tecnologias (mediação da tecnicidade) estão interferindo na produção e reprodução televisiva em Cuba, com a introdução de novos gêneros e maior “liberalidade” em relação a temas que, há algum tempo, possivelmente seriam vetados nos canais estatais.

No capítulo sete, *Páginas da Vida*, finalmente, as mediações da sociabilidade e da ritualidade vêm à luz com mais intensidade, a partir do material coletado na pesquisa de campo (o leitor perceberá que as entrevistas formais e as conversas informais permeiam todo o trabalho, mas o maior volume se concentra nesta sessão). Aqui, aparecem e os usos sociais das telenovelas, ou seja, como elas atravessam os estilos de vida dos participantes bem como as suas aspirações, frustrações e práticas.

Finalmente, nas *Considerações finais*, condenso, na medida do possível, o esforço de quatro anos de elucubrações, investigações, decepções, inquietações e esperanças.

1.3 ADENDO

Meu primeiro contato com o socialismo deu-se em 1988, quando residia na, então, ainda dividida Alemanha. Em uma das folgas de meu pai, fomos em família conhecer Berlim Oriental. Ainda que não seja um “homem de esquerda”, ele definiu aquele país como “uma nação onde faltam muitas coisas, mas todos têm o mínimo necessário para viver”. Dois anos depois, já de volta ao Brasil, meu irmão mais velho trouxe para casa *O pensamento vivo de Che Guevara*. Livrinho impresso em papel jornal, de uma coleção da Martins Fontes. Entregou-me e recomendou a leitura. Na sequência, vieram os “pensamentos vivos” de Lênin e Marx. Resultado: aos 12 anos de idade eu queria ser um revolucionário. Nada mais natural, então, do que almejar conhecer a Ilha caribenha, onde guerrilheiros derrubaram uma tirania e converteram aspirações igualitárias em práticas. O encontro imaginário, imagético e teórico com Cuba foi precoce. O real, no entanto, tardio.

Estive na Ilha pela primeira vez apenas em 2007. Outra, em 2009. Nessas oportunidades, conheci Havana, Santa Clara, Trinidad, Bayamo e Santiago. Fui bem-acolhido. Senti a enorme diferença de se viver sem a publicidade comercial. Acabei trapaceado uma vez. Desiludi-me com sinais de pobreza. Estranhei as parcas reclamações sobre falta de liberdade de expressão (em razão das “propagandas” que me diziam o contrário no Brasil). Espantei-me com o volume de queixas com relação às limitações de consumo. Tive meu “dia de Jesús Martín-Barbero” ao presenciar a vibração do público no cinema quando um seio nu surgiu no telão, enquanto para mim, aquilo era uma banalidade. Senti na prática o quanto

as telenovelas brasileiras são bem-quistas e demandadas, e como a TV ocupa uma parcela importante do tempo livre dos ilhéus. E foi desse conjunto de sensações e experiências que nasceu este projeto de pesquisa.

Hoje penso que essas passagens iniciais pela Ilha permitiram-me vê-la. E que as mais recentes, em 2016 e 2017, com uma duração total de nove meses, possibilitaram-me vivê-la. Em 2007 e 2009, transitei em áreas e acessei serviços e produtos mais “turísticos”. Já em 2016 e 2017, tive a oportunidade de imergir no cotidiano dos cubanos e participar das mais banais atividades, que incluem de encontrar ovos à venda a pegar uma *guagua* ou um *almendrón* para deslocamentos nas cidades. Evidentemente, também tive um contato mais profundo com residentes, suas satisfações e seus desencantos. Todas as experiências acumuladas foram fundamentais para tentar (e só isso!) fugir de preconceitos e estereótipos – positivos e negativos – que, normalmente, surgem em relatos sobre o país caribenho, reproduzidos em páginas de jornais e revistas, programas televisivos e, é claro, em trabalhos acadêmicos.

Minha estância em Cuba no ano de 2016 foi de três meses, em Havana, e com recursos próprios. Consegui permanecer por esse período em razão do auxílio do Instituto Cubano de Investigaciones Culturales Juan Marinello, que concordou “tutorar-me”. A segunda etapa do trabalho iniciou-se em setembro de 2017 e acabou em fevereiro deste ano. Ao longo dela, fixei-me em Santiago, com uma bolsa de doutorado-sanduíche concedida pela Capes e vinculada à Universidade do Oriente.

Antes de prosseguir, gostaria de dizer que algumas de minhas “boas intenções” de pesquisa – apresentadas quando da Banca de Qualificação –, por motivos variados (incluindo déficits meus) ficaram pelo caminho, e motivaram redirecionamentos. Obstáculos que encontrei incluíram meu fenótipo “gringo” (o que motivava desconfianças por parte de entrevistados sobre meus interesses de pesquisa, especialmente quando eu abordava algum tema mais “político”), a inviabilidade operacional e institucional para fazer uma *encuesta* de largo alcance e, também, alguma precaução de minha parte, afinal, uma das recomendações que recebi ao chegar a Cuba foi a de “não me meter em problemas”, seja lá o que isso signifique.

Busquei, ao longo das próximas páginas, descer do “muro acadêmico”. Possivelmente algumas de minhas leituras sobre teorias, práticas de pesquisa e realidades sociais desagradem por serem demasiadamente “radicais”, “pessimistas”.

Mas, paciência. Hoje, o discurso hegemônico acadêmico é de uma neutralidade enervante, em que nada é contundente, sempre há “resistências” e “escapes” capazes de alimentar expectativas emancipatórias quando, a meu ver, a realidade é muito menos empolgante. Um dos grandes paradoxos para o qual os “donos” do campo da Comunicação não encontram justificativas é o seguinte: se, como nunca antes, hoje temos canais por meio dos quais podemos ser, ademais de receptores ou consumidores, produtores de conteúdo, o que justifica o mundo ser cada vez mais, e não menos, desigual?

A despeito de minhas limitações – e dos limitantes que surgiram –, espero que as próximas páginas sejam, em primeiro lugar, uma agradável leitura; em segundo, uma reflexão que faça jus aos participantes do estudo; e, em terceiro, uma contribuição para o campo.

2 O MAPA DA MINA

O objetivo principal nesta seção é apresentar o alicerce teórico de minha investigação, composto: pelo modelo Encoding/Decoding, de Stuart Hall; pelas teorias das Mediações, de Jesús Martín-Barbero, e sociocultural do consumo, de Néstor García Canclini; e pelos conceitos de *habitus*, histerese, campos e capitais, de Pierre Bourdieu, de “hegemonia”, de Antonio Gramsci e ideologia, de John B. Thomson. A seleção e a articulação das proposições dos intelectuais (que nem sempre revelam harmonia entre si) levou em conta o fato de todos buscarem na “vida ordinária” os insumos para análise e compreensão sobre as relações de poder responsáveis pela conformação, transformação e/ou reprodução da ordem social. Ainda, com mais ou menos intensidade, eles dedicaram atenção ao papel – hoje quiçá decisório – da mídia nos processos de globalização econômica e de mundialização da cultura², aos quais estão atrelados um “reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las” (CANCLINI, 2010, p. 11), a projeção do consumo como “espaço no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades” (CANCLINI, 2010, p. 14), e a construção de uma “hegemonia neoliberal” em escala planetária.

Decisiva para a conformação desse cenário relativamente homogêneo no “ocidente” foi a revolução tecnológica vivenciada com mais ênfase a partir da segunda metade do século XX, necessária ao estabelecimento de um sistema de comunicação planetário, produtor de um fluxo crescente de discursos e imagens (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 1) que competem com aqueles emanados a partir de antigos lugares de “enunciação legítima” – a escola, a igreja, o Estado, os “intelectuais” etc. (COELHO, 2015; REGUILLO, 2007) – na nada novidadeira luta (de classes), em que o “poder de representação social”³ (SANTANA, 2009; REGUILLO,

²Renato Ortiz propôs a distinção entre “globalização econômica e técnica” e “mundialização da cultura” para contrapor-se a proposições que sugerem que os universos simbólicos expressariam a estrutura econômica e técnica do sistema global, este sim, unidimensional. Pretendia, com isso, corroborar a existência de um processo único, mas indicar como ele, ao mesmo tempo, se realiza de maneira diversificada e conflitiva no âmbito dos universos simbólicos. Para o autor, a unicidade postulada no plano econômico e tecnológico seria imprópria para se compreender a dimensão cultural. (ORTIZ, 2009, p. 245–246).

³ Moscovici (1984) define que “representaciones sociales son constructos cognitivos compartidos en la interacción cotidiana, que proveen a los individuos de un entendimiento de sentido común de sus experiencias en el mundo. Son un set de conceptos, afirmaciones y explicaciones que se originan en la vida diaria, en el curso de las comunicaciones interindividuales y cumplen en nuestra sociedad, la función de los mitos y sistemas de creencias de las sociedades tradicionales; puede decirse también que son la versión contemporánea del sentido común”.

2007) é recurso estratégico na “configuração de imaginários, condução de coletivos, comprometimento de vontades e produção de imperativos em nome dos quais se atua” (REGUILLO, 2007, p. 92).

El despliegue y alcance de los medios masivos de comunicación en la actualidad nos obliga a reflexionar sobre algunas de las funciones que cumplen en relación (funcional o disfuncional) con lo que puede ser definido como poder (mediático, económico o político) y las posibles resistencias. [...] Los medios han colonizado progresivamente la esfera cultural, aportando gran parte de las herramientas que utilizan los sujetos para construir la imagen de sus vidas, significados, prácticas y valores, de modo a edificar una imaginaria social situada espacial y temporalmente. Los medios proveen además realidades nuevas, conductas “socialmente aceptables” y, por oposición, establecen qué actitudes se vuelven una desviación socialmente desaprobada. Es decir, los medios no solo (in)forman sobre el mundo sino que lo dotan de sentido (Sánchez Roman, 2014). También, y a partir de las representaciones hechas por ellos, los medios se ocupan de organizar, amalgamar y homogeneizar lo que se representa, dando una coherencia y continuidad a los discursos que se proponen a fin de obtener el **consenso** de las audiencias y sectores de audiencias a los que se dirigen. (BOURDIEU, M. V., 2017, p. 100).

Diante do exposto até aqui, a opção pela televisão como objeto de estudo é uma obviedade. Ainda mais em se tratando de América Latina, onde o fato de ela seguir “el medio dominante del discurso y de la representación social en nuestra sociedad” (HALL, 2010, p. 175) é mais evidente do que em outras plagas.

En un análisis comparativo de dos puntos de vista clave sobre el fin de la televisión, el eurocéntrico y el latinoamericano, el investigador argentino Carlón (2012) concluye que, mientras la postura eurocentrista enfatiza el fin de la televisión, la visión latinoamericana destaca la posibilidad de una vida más larga para el medio televisivo, a pesar de que está cambiando su producción, distribución y consumo. La previa hegemonía de la televisión como la máquina cultural de la vida cotidiana puede estar ahora encarando la competencia de otros dispositivos, pero sigue siendo una protagonista “programadora de la vida social”. (OROZCO; MILLER, 2017, p. 120)

Para Martín-Barbero (2004, p. 114), na América Latina, como nenhuma outra mídia a TV convoca as pessoas, ao mesmo tempo em que, cada vez mais “o rosto de nossos países que aparece na TV é um rosto contrafeito e deformado pela trama dos interesses econômicos e políticos, que sustentam e emolduram essa mídia”. (A questão é: em algum momento, desde o advento do que chamamos de “indústria cultural”, isso foi diferente?). De acordo com o autor, é por este meio, principalmente, que se explicitam as contradições da modernidade latino-americana, posto que, se a imprensa impressa, por exemplo, é um espaço de opinião decisivo, ela ainda é meio inacessível econômica e culturalmente para um enorme número de pessoas. É por

isso, também, que por meio da “‘esfera pública electrónica’, que es la televisión” que pasan en buena medida posibilidades de democratización de las costumbres y la cultura política.” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 35).

A insistente prevalência televisiva em nossa região – mas não apenas nela, evidentemente – decorre de um conjunto de fatores, incluindo, como já citei *en passant*, déficits socioeconômicos e/ou socioculturais⁴ compartilhados (em maior ou menor grau) por todos os países nela situados. Ademais, o meio foi o escolhido, desde seu desembarque em terras latino-americanas, em 1950, por governos (civis ou militares) e/ou mercados como agente-chave para promover e legitimar projetos (profundamente ideológicos) de “modernidade”⁵, isto é, os **processos de construção e reformulação da hegemonia**. Dados coletados pela International Telecommunications Union (ITC) dão conta de haver aparelhos de TV na quase totalidade dos lares em países como Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Uruguai e Venezuela. Mesmo naqueles em que a “universalização” do acesso às pantalhas ainda não é realidade, trata-se do meio mais difundido entre a população. O avanço televisivo na América Latina, como se sabe, esteve historicamente vinculado a interesses privados e transnacionais e deu-se simultaneamente a uma crescente concentração do setor midiático sob comando de poucos agentes institucionais. Hoje, a descrição sobre o cenário latino-americano das comunicações demanda o uso das palavras **oligopólio** e/ou **monopólio**, mesmo que muitas constituições nacionais – como a brasileira, por exemplo – proibam as duas coisas. De forma geral, pode-se afirmar que “the media as a whole in Latin America has become an increasingly sophisticated mechanism of control, one that is less politicized and more oriented towards satisfying market needs within the ideological framework of liberal democracies in the region”.(LUGO-OCANDO, 2008, p. 2)

O termo monopólio, considerando seu significado *stricto*, aplica-se a uma

⁴ Pode-se citar como impulsionadores do consumo televisivo a precarização do trabalho, a defasagem salarial, a falta de equipamentos de lazer públicos, o analfabetismo total ou funcional, a brecha digital, os altos índices de violência registrados na ampla maioria dos países latino-americanos (“*la televisión atrae es porque la calle expulsa*”, segundo Martín-Brabero, 1996, p. 7) e limitações infraestruturais (energia elétrica, telecomunicações, etc.).

⁵ “Modernity needs to be understood as historically and geo-politically located even when it appears to be composed from a set of repertoire of signs: industrialization, urbanization, secularization, globalization, marketization and, most recently, the rise of consumerism. In each historical or geo-political instance, some parts of this repertoire may be more important than others. The precise manner in which societies have, in effect, selected and combined items from this repertoire is itself an important area for analysis.” (PERTIERRA; TURNER, p 2013, p.. 109)

única nação no continente: Cuba. Já oligopólio remete à característica do mercado televisivo nas (quase todas) nações, onde verifica-se, ainda, a prática de propriedade cruzada no setor de telecomunicações. Esse “fenômeno” foi potencializado pelo avanço das políticas neoliberais (que a própria mídia hegemônica incentivou) e da digitalização, que “atraiu players internacionais [...], intensificou transmissões e fluxos em tempo real, instituiu outras formas de expressão, conexão, intercâmbio e sociabilidade, sobretudo por meio da internet, e ampliou a concentração de segmentos complementares (rádio, televisão, internet, cinema, etc)” (MORAES, 2013). À guisa de exemplo: os quatro maiores conglomerados de mídia latino-americanos – Globo Brasil; Televisa do México; Cisneros da Venezuela; e Clarín da Argentina –, juntos, retêm 60% do faturamento total dos mercados latino-americanos. (MORAES, 2013). Tudo isso reforça que a televisão não é “an ‘empty’ object: it is both domestic furniture and a transmitter of specific cultural products in which class relations are at work” (SKEGGS; THUMIM; WOOD, 2008, p. 941).

Segundo Sinclair (2007),

although Latin American media are distinctively “Latin” in their contents, exemplified by the characteristic **telenovela**, they are very North “American” in their structure. Yet, while at certain stages the U.S. government and various U.S. corporations operating in Latin America have played a significant role in shaping the development of the media south of the border, it is important to appreciate the domestic dynamics and trends. Latin American media are unapologetically commercial in their purpose and organization. Most Latin American corporations operate in a regulatory environment in which governments provide a level of both freedom and protection to media entrepreneurs that could only be the envy of their U.S. counterparts. These circumstances have fostered the growth of entrenched quasi-monopolies or duopolies across print, broadcasting and other media in the major national markets—the wave of liberalization, deregulation and privatization under neoliberalism notwithstanding. The largest of these companies have used their domestic market strength as a basis for internationalization, especially within the region, but at that level they become subject to the vagaries of global finance and the strategies of U.S.-based global media corporations.

O destaque às telenovelas, dado por Sinclair, evidencia a importância deste gênero midiático, em específico, para os (governos, empresários e públicos) latino-americanos. Único manufaturado de nossas indústrias culturais com espaço expressivo no comércio exterior, elas ocupam os primeiros lugares nos *rankings* de

audiência em significativa parte dos países da região⁶. Costumam ser as estrelas do horário nobre, mas aparecem ao largo de todo o dia nas telinhas. No Brasil, por exemplo, o único período que elas deixam completamente “vago” a outras sortes de gêneros é o matinal.

Em Cuba, desde 1984, as produções brasileiras frequentemente deixam para trás as feitas na Ilha no que se refere à demanda (Tabelas 1 e 2). A perenidade e popularidade das telenovelas tupiniquins na Ilha foram o ponto de partida de meu projeto de pesquisa, uma vez que elas são “fonte de entretenimento, mas o reconhecimento e a relevância que a audiência imputa às narrativas revela o significado social, cultural e até mesmo a função política que pode ser atribuída a elas” (TUFTE, 2004, p. 297).

Combinando propiedades de tres tradiciones, la oral, la escrita y la visual, la telenovela ha devenido, se ha configurado como una de las manifestaciones más *sincreticas* y llamativas de la cultura en ese largo trayecto que va desde la más primitiva oralidad hasta los más modernos *mass media*; y toda acción y concepción actual relacionada con los *media*, la comunicación, las artes y espectáculos y, en general, el uso del tiempo en nuestras sociedades ha de tener en cuenta dicho fenómeno (ROJAS, 1995. p. 27 apud ALONSO, 1999).

As telenovelas são objeto profícuo para melhor entender como a comunicação e as indústrias culturais atuam na (re)organização das identidades coletivas e das formas de diferenciação simbólica e, assim, tensionam as fronteiras entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno, o próprio e o alheio (LOPES, 2004, p. 126). Ademais, a análise sobre (ou a partir) de um produto em contexto diferente que o de sua origem possibilita investigar como (e se) “a relação conflitiva e enriquecedora com os ‘outros’ permite elaborar estratégias de resistência ao que de dominação disfarçada existe na ideia de desenvolvimento e modernização” (LOPES, op. cit.), aspecto ainda mais candente quando se refere a Cuba, em razão da manutenção do seu “socialismo versão Caribe”. Ang (2010, p. 93), destaca estudos sobre a recepção de folhetins eletrônicos desenvolvidos em diferentes partes do planeta e o fato de eles demonstrarem como os mais populares convertem-se em “pontos cruciais para a articulação de culturas locais no mundo todo, reverberando no mundo da vida dos públicos nacionais enquanto lutam para aprender a lidar com os desafios culturais de uma modernidade capitalista

⁶ <https://www.kantaribopemedia.com/generos-america-latina/>

globalizada”.

Tabela 1 Índice de audiência e gosto de telenovelas cubanas na Ilha.

Telenovela	Ano	Audiência média	Gosto
Sin perder la ternura	1991	67	93
El naranjo del patio	1992	64	87
Magdalen	1992	67	81
Pasión y prejuicio	1992/1993	73	89
Cuando el agua regresa a la tierra	1993/1994	61	83
Las honradas	1994	51	87
El año que viene	1995	67	89
Sin perder la ternura	1996	65	87
Soy de batey	1995/1996	68	81
Tierra brava	1997	84	96
Si me pudieras querer	1999/2000	70	88
El eco de las piedras	1998	70	89
La outra cara	2000	74	93
Las huérfanas de la Obra Pia	2000/2001	68	94
Violetas de agua	2001	64	85
Doble juego	2002	76	93
Salir noche	2002/2003	72	89
El balcón de los helechos	2004	64	87
Destino prohibido	2004/2005	59	87
Al compás del son	2005	67	89
¡Oh!, La Habana	2007	68	85
Polvo em el viento	2008	69	84
Aquí estamos	2010	62	88

Fonte: TORRES, 2015, p. 469-470

Tabela 2 Índice de audiência e gosto de telenovelas brasileiras na Ilha.

Telenovela	Ano	Audiência média	Gosto
Mujeres de arena	1996	86	94
Doña Beija (verano)	1988/1989	84	nd
La próxima víctima	1997	84	91
Vale todo	1992/1993	82	97
Doña Beija (diciembre)	1988	81	nd
Amor com amor se paga	1991/1992	81	92
Felicidad	1994/1995	81	93
Señora del destino	2006/2007	76	94
Roque Santeiro	1990/1991	74	95
Amigas para siempre	1997/1998	73	85

El rey del ganado	1999	73	95
Acuarela del Brasil	2003/2004	72	93
Te odio, mi amor	1995	70	84
Mujeres apasionadas	2007/2009	69	92
Pacto de sangre	1991	68	89
La sucesora	1993	66	86

Fonte: TORRES, 2015, p. 469-470

Com relação às telenovelas brasileiras, Lopes (2009) refere-se a elas como “narrativas da nação”; como fonte de conhecimento e reconhecimento coletivo e individual; como ponto de partida e arena para embates, debates e acordos sobre demandas da cultura popular, interesses da indústria cultural, direitos dos cidadãos e deveres dos governos; como fenômeno midiático capaz de pautar as agendas nacionais e de inserir-se nos laços familiares, nos lares e nas mais prosaicas tomadas de atitude e decisão. Tudo isso ressalta, paralelamente, a relevância de analisarmos também os melodramas televisivos como “artefatos ideológicos”. Embora reconheçamos que os folhetins eletrônicos da Rede Globo trazem à tona elementos das culturas “subalternas” e/ou reivindicações dos grupos minoritários, não é possível olvidar de que se tratam de produtos comprometidos (desde a sua concepção) com recursos e interesses econômicos, com “projetos de mundo”. Conhecendo-se a trajetória da gigante midiática brasileira, o seu intermitente vínculo com grupos “privilegiados” e a sua (pelo menos tentativa de) ingerência sobre os rumos da nação Brasileira, é de se esperar encontrar em seus programas representações sobre como é ou deve (continuar a) ser o mundo: no caso da emissora, a predileção é que ele seja “cada vez mais neoliberal”.

Para Hamburger (1998), as telenovelas brasileiras a partir da década de 1970, especialmente, se caracterizam por tramas que se apresentam como espaço de dramatização da liberação dos costumes e do nascente mercado consumidor, como duas faces de um mesmo processo modernizante. Almeida (2013, p. 165) destaca a filiação dos folhetins a uma empresa comercial e o fato de eles reproduzirem e darem visibilidade a modos de vida que promovem uma sociedade de consumo.

Ao construir várias histórias com personagens que se entrecruzam, ela apresenta toda uma gama de relações sociais e de diferenciações entre personagens através dos bens de consumo que usam e com os quais eles

convivem nos cenários. Os personagens, para se diferenciar e permitir essa longa narrativa, são também mostrados em seus cotidianos, em casas repletas de bens de consumo ultramodernos, e se diferenciam por estilos, modas, jeitos de vestir, carros que possuem, lugares de lazer que frequentam. Ou seja, o próprio texto da novela, mesmo que não tenha um *merchandising*, mostra uma série de produtos, como usá-los e como as pessoas se diferenciam e se distinguem numa sociedade de consumo através desses bens. (ALMEIDA, 2007, p. 184-185).

Nas telenovelas, continua a autora, há mensagens recorrentes e socialmente incorporadas aos poucos, sendo aceitas num universo social mais amplo. Ela exemplifica: desde os anos 1980, as telenovelas mostraram mulheres independentes economicamente, com seu trabalho e carreira, que buscam o amor ativamente, sendo a experimentação (hetero)sexual parte desse processo. Ao longo dos anos, esses “valores”, associados às camadas urbanas de maior poder aquisitivo, especialmente de cidades grandes como Rio de Janeiro e São Paulo, espalharam-se pelo resto do país.

A caracterização dos estilos das personagens nas telenovelas pode ir muito além da questão de sua associação com a publicidade e a moda, ao ensinar aos espectadores de todo o país, de todas as camadas sociais, mesmo aquelas de baixo poder aquisitivo, como atuar numa sociedade de consumo. Os estilos mostram as diferenças entre as pessoas numa tal sociedade, ensinam os espectadores a “ler” as distinções sociais. Numa sociedade de consumo, o estilo do que é usado e vestido se associa a uma marca de individualidade, distinção e autonomia. (ALMEIDA, 2003, p.186).

Segundo Mírian Goldenberg (2011, p. 545), os corpos e os comportamentos mais imitados, em razão do seu “prestígio”, na cultura brasileira, por exemplo, “estão, sem dúvida alguma, nas telenovelas da Rede Globo”. Ademais, em 2008 e 2009, os pesquisadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) Eliana La Ferrara, Alberto Chong e Suzanne Duryea divulgaram estudos relacionando o incremento no acesso às telenovelas da emissora da família Marinho com o declínio nas taxas de natalidade e o aumento no índice de divórcios em municípios de todo o Brasil. Nos folhetins, relataram os pesquisadores, prevaleciam, entre as personagens mulheres, aquelas sem filhos e descoladas dos estereótipos de “boa dona de casa”. Os resultados apontaram:

the presence of the Globo signal leads to significantly lower fertility. This effect is stronger for women of low socioeconomic status, as measured by education or durable goods ownership. The effect is also stronger for women who are in the middle and late phases of their childbearing life, suggesting that television contributed more to stopping behavior than to delayed first births, consistently with demographic patterns documented for Brazil. Finally, suggestive evidence in the last part of the paper indicates that the results

may be interpreted not only in terms of exposure to television, but also of exposure to the particular reality portrayed by Brazilian novelas. (LA FERRARA; CHONG; DURYEA, 2008, p. 24)

We find that exposure to modern lifestyles as portrayed on TV, to emancipated women's roles and to a critique of traditional values was associated with increases in the share of separated and divorced women across Brazil's municipal areas. (LA FERRARA; CHONG; 2009 p. 14)

Recentemente, em 2015, no *Informe sobre el desarrollo mundial 2015*, (capítulo *Mente, sociedad y conducta*) publicado pelo Banco Mundial, defende-se que “la exposición a programas de ficción, como un drama en serie, puede modificar los modelos mentales” e as telenovelas como importante ferramenta para a educação/alfabetização financeira através do entretenimento. Segundo o informe, na África do Sul

mensajes sobre cuestiones financieras se incorporaron en una telenovela que trataba sobre un personaje muy irresponsable con sus finanzas. Las familias que miraron el programa durante dos meses mostraron menos probabilidades de realizar apuestas y de comprar bienes a través de un costoso plan de cuotas (Berg y Zia, 2013). Los miembros de los hogares se sintieron emocionalmente ligados a los personajes de la telenovela, por lo que se volvieron más receptivos a los mensajes financieros que si se los hubieran transmitido mediante programas convencionales de alfabetización financiera. El éxito de esta iniciativa se basó en el “pensamiento social”, esto es, en nuestra tendencia a identificarnos con otros y a aprender de ellos.(BANCO MUNDIAL, 2015, p. 4)

Porém, se as telenovelas podem ter (ou têm?) uma importante função “educativa”, em relação a alguns temas ela continua marcada pela omissão. Um deles, o das desigualdades sociais. Não é que ele esteja exatamente ausente das narrativas. Todos os produtos da rede Globo que analisei trazem seus núcleos pobre e rico. No entanto, se a educação para o consumo via folhetins parece ter funcionado muito bem, a linha pedagógica das telenovelas não agregam ao debate sobre a possibilidade/necessidade de transformação social. Piqueira (2015, p. 41), ao problematizar a construção de um “*brazilian way of life*” via folhetins eletrônicos, e referindo-se a *Cheias de Charme*, trama da rede Globo em que as personagens principais são empregadas domésticas que alcançam uma bem-sucedida carreira musical, comenta:

O sistema e a própria estrutura social que permeia as desigualdades no país não são questionadas, pois não se propõe uma nova sociabilidade na qual não há hierarquia de classes sociais entre os indivíduos, mas sim a possibilidade de troca de posições hierárquicas, na qual as empregadas de

hoje podem se tornar as “madames” de amanhã, e dessa forma concretizarem a justiça social, pois através do empreendedorismo elas seriam merecedoras de tal ascensão social.

Ronsini (2012) analisou cinco diferentes títulos produzidos pela rede Globo e externou conclusão semelhante: a) a narrativa da telenovela abre raramente espaço para codificações opositivas ao discurso de justificação do poder; b) a ideologia própria da telenovela é uma combinação da ideologia do desempenho com a ideologia explícita do personalismo; c) a narrativa da telenovela oculta a desigualdade ao explicar a mobilidade social ascendente exclusivamente pelo investimento e esforço no trabalho e pela competência; d) ao longo de sua história, a telenovela do horário nobre, no Brasil, raramente discutiu a desigualdade social de forma realista, sendo que sobressai é a ideia de uma harmonia entre classes.

Ou seja, assumir a não-passividade das audiências não significa desconsiderar as formas de poder que estão implícitas numa mídia que é hegemônica no país, e que (1) tem uma estrutura de empresa comercial, o que significa que tem por objetivos explícitos transformar espectadores em consumidores potenciais de uma vasta gama de produtos; (2) uma empresa cujo histórico associado ao governo militar e sua postura política de sempre ser “favorável” ao governo é explícita e percebida de modo consciente e crítico pelas audiências; e (3) cujas narrativas são construídas por pessoas advindas dos maiores centros urbanos, de camadas médias e altas, e que portanto promovem talvez de modo inconsciente e não planejado tanto a moral e os valores desse grupos urbanos, como seus padrões de consumo de bens e estilos. (ALMEIDA, 2013, p. 168).

Ao contrário do que possa parecer, a ideia aqui não é tratar a telenovela como perversa e/ou onipotente. Muito menos, retratar os receptores como “idiotas culturais” que simplesmente aceitam ou compram (física ou simbolicamente) o discurso emanado delas. Como bem diz Ang (2010, p. 86), a popularidade de um produto midiático sempre diz algo sobre os “verdadeiros desejos e aspirações do público, sentidos reais de conexão e identificação que simplesmente não podem ser ignorados e contestados, por exemplo, como falsas consciências ou como um simples efeito de *marketing*”.

O que isso tudo que “discuti” tem a ver com Cuba?

Telenovelas became inspirational to Cubans in many ways, as windows to an outside world as well as within its own borders. Even today, Brazilian serial dramas are still special favorite. Walking down the street of Havana, a discussion among locals about “last night’s story” can often be heard. Cubans appear to love the excitement, flamboyance, and sexuality of their

South American neighbors, which until recently, had been virtually absent from the homegrown fare. (MATELSKY, 2010, p. 189)

En Cuba, si quieres saber de qué se habla, tienes que ver la telenovela. Es más, puedes ir por una esquina y que un hombre te grite el nombre de un personaje. Si no estás al tanto, no sabes si te están ofendiendo o diciendo el piropo más lindo del mundo”, comentó Georgina Torriente, periodista que colabora con una radiodifusora. A diferencia de otros países, donde puede haber canales de televisión por cable que transmiten telenovelas todo el día, la población local apenas disfruta del espacio nocturno de una diaria, en el cual desde hace años alternan una nacional y otra extranjera, generalmente brasileña. [...] “La gente sigue esos programas. Muchas cosas de la vida cotidiana giran y se planifican alrededor de ellos”, dijo Torriente. “Muchos estudiosos de la telenovela afirman que los receptores establecen un diálogo entre lo que ven y lo que viven y, en ese sentido abordar temas como los que están apareciendo pueden ayudar a debatir en el interior de la familia”, opinó Isabel Moya. (ACOSTA, 2008)

Os impactos do produto brasileiro se fazem sentir em diferentes setores da vida na Ilha, a começar pelo próprio melodrama. Depois do desembarque de *Escrava Isaura* por lá, em 1984, os parâmetros para a produção foram chacoalhados e, em 1999, Maria Margarita Alonso relatou o fato de os cubanos ainda estarem à procura de uma “nova identidade” para as suas tramas. O crítico cubano Pedro de la Hoz destacou (ALONSO, 1999) que

Ahora todo el mundo piensa que las telenovelas son las brasileñas. Como son las únicas que se difunden en Cuba, con contadísimas excepciones, muchos las asumen inconscientemente como el único paradigma, es decir, confunden la tipología propia del género con la especificidad del lenguaje y el estilo de Globo (en Lara, 1998, p. 150).

Alencar (1997, p. 8), em visita à Ilha, identificou a introdução de características das telenovelas brasileiras nas produções locais: a temática nacionalista, as cenas externas e a presença do folhetim, mas longe dos dramalhões. Ainda, Mattelart e Mattelart (1998, p. 134) descreveram a exibição de *Escarva Isaura* como catalisadora de um verdadeiro debate público sobre a “política televisiva” na Ilha.

A novela *made in Brazil* também contribui para estimular discussões sobre temas que há até pouco tempo eram tabus no país caribenho, como a homossexualidade e a violência doméstica. Quando *Mulheres Apaixonadas* (GLOBO, 2003) foi ao ar, em 2008, a agência Inter Press Service⁷ fez matéria para destacar a relevância do folhetim nesse sentido. Uma das fontes da reportagem, o

⁷www.ipsnews.com.

professor Julio César González Pagés, da Universidade de Havana, disse que “las telenovelas en el mundo hispanoamericano y en particular en Cuba están ayudando a sugerir debates que por otras vías es imposible de convocar”. Ele louvou o fato de que “temas como el SIDA, la diversidad sexual y la marginalidad han sido reflejados con mayor vehemencia que otros destinados a la alta cultura.” (ACOSTA, 2008)

Embora os dados mais recentes sobre o consumo de televisão em Cuba sejam de 2009, e não contemplem as transformações ocasionadas pelo avanço do *paquete semanal* na Ilha (mais detalhes adiante), a simples observação sobre a rotina dos locais permite dizer que ela ainda é altamente demandada. A escassez de vias para conexão com a internet, combinada à parca presença de produtos eletrônicos no mercado ilhéu, ampliam também o *status* das pantalhas como “objetos de desejo”.

A antropóloga Anna Cristina Pertiera afirma que entre os entrevistados em sua pesquisa na Ilha,

(...) the most popular television programs among my informants are those in which images of “desirable” consumption abound. The clearest examples of these are imported television series and films, in which many Cuban viewers pay close attention to the consumer goods, foods, clothes and decorating styles presented. However even locally produced popular shows, such as evening *telenovelas* and youth oriented music shows, present characters, sets and costumes that include objects such as clothing or furniture that are critiqued and analysed quite actively by viewers in order to educate themselves about the latest styles or products. (PERTIERRA, nd, p. 9)

Por fim, resgato que o que pretendo, teórica e empiricamente, é – para retomar e sintetizar – analisar como o os cubanos apreendem as telenovelas brasileiras no seu contexto, e as implicações sociais e culturais do consumo desse produto midiático. Nessa tarefa é que os autores – Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini e Pierre Bourdieu, especialmente -, mencionados no início do capítulo, me auxiliarão.

2.1 CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO

Nas poucas páginas que compõe seu artigo *Encoding/decoding*, Stuart Hall propôs uma teoria para uma análise midiática alinhada à sua convicção de que “las explicaciones unilaterales siempre son una distorsión” (HALL, 2010, p. 144), e que ia de encontro às então prevaletentes perspectivas funcionalistas nos estudos de

comunicação. Para o jamaicano “a noção de conteúdo como mensagem pré-formada e fixa, que pode ser analisada em termos de transmissão do emissor para o receptor” era inconsistente, e, por isso, dever-se-ia considerar a “que o significado não é fixo, de que não existe uma lógica determinante global que nos permita decifrar o significado ou o sentido ideológico da mensagem contra alguma grade”, ou seja, “a noção de que o sentido sempre possui várias camadas, de que ele é sempre multirreferencial” (HALL, 2003, p. 354).

Sua proposta foi inspirada especialmente em leituras da obra de Marx, para quem:

superioridad del método dialéctico reside en su habilidad de trazar la “conexión interna” entre los distintos elementos en un modo de producción, en contraste con “meramente yuxtaponerlos” arbitraria y excéntricamente. El método que meramente coloca a los opuestos juntos de una manera externa, que asume que ya que son cosas vecinas deben estar por lo tanto relacionadas, pero que no puede pasar de oposiciones a contradicciones, es “dialéctico” sólo en su forma superficial. [...] Para Marx, el error consiste en llevar al pensamiento las mistificaciones que existen en las relaciones reales de la producción burguesa, donde la producción, la distribución y el consumo en efecto *aparecen* “fenómicamente” como “vecinos independientes, autónomos”, pero donde esta apariencia es falsa, una inversión ideológica. (HALL, 2010, p. 102-103)

Hall advoga, assim, pela necessidade de estudar-se um “circuito da comunicação”, assim como Marx sugeriria análise do “circuito do capital”, considerando a “articulação” entre as etapas produção, circulação, distribuição e consumo, em que cada uma delas mantém tanto uma interdependência em relação às demais, quanto distinções e modalidades específicas (suas próprias formas e condições de existência). Justamente em razão de suas idiosincrasias, cada um dos momentos “pode constituir sua própria ruptura ou interrupção da ‘passagem das formas’ de cuja continuidade o fluxo de produção efetiva (isto é, a reprodução) depende” (HALL, 2003, p. 387). É na ideia de “determinação relativa” que reside a força de sua teoria, ou seja, na “falta de garantias” que ela pressupõe em razão da possibilidade de cortes e/ou descontinuidades no processo comunicativo. Entre a mensagem (carregada de intenções) do emissor e a sua interpretação pelos receptores, há elementos capazes de minar as pretensões do “discurso significativo” incorporado aos produtos midiáticos, ou seja, fragilizar a ambição dos produtores de alcançarem uma decodificação “sem falhas” entre os receptores.

Em resumo, o “modelo” proposto em Encoding/Decoding

connects 'elements' or moments which are not identical, and which have a different position in the hierarchy of communication and an identifiable structure of their own. Hence, the flow between one point and another in the communication chain depends a) on two points (sender and receiver) which have their own internal structure (the structure of TV production, the structures of reception); which b) being different, and yet linked, therefore require c) specific mechanisms or forms to articulate them into a unity. That unity is necessarily d) a complex not a simple unity; that is, e) one where the articulations, **though they will tend to flow in a certain way, and to exhibit a certain logic, are neither closed nor finally determined.** (MORLEY, 2005, p. 128, destaques meus)

A “indeterminação” pode ser testada, empiricamente, no campo da recepção: os consumidores de mídia, a partir de seus repertórios e contextos, negociam os sentidos das mensagens, podendo inclusive invertê-los por completo. As leituras “surgem da família em que você foi criado, dos lugares em que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas” (HALL 2013), uma perspectiva que coaduna perfeitamente àquela que será defendida por Martín-Barbero (1992) posteriormente (à qual me dedicarei na sessão seguinte).

Diante da possibilidade de encontrar variações nas respostas, ele, por motivos analíticos propõe três categorias para classificar as decodificações por parte do televidente, que são: (a) uma *hegemônica-dominante*, na qual “telespectador se apropria do sentido conotado [...] de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada [...], caso ideal-típico de ‘comunicação perfeitamente transparente’” (HALL, 2003, p. 400); (b) uma *negociada*, caracterizada por uma “mistura de elementos de adaptação e oposição”, em que o receptor “reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significantes (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras — funciona com as exceções à regra (HALL, 2003, p. 401); (c) e uma opositiva, quando o telespectador “decodifica a mensagem de uma maneira globalmente contrária”, ou seja “destotaliza (sic.) a mensagem no código preferencial para retotalizá-la (sic.) dentro de algum referencial alternativo” (HALL, 2003, p. 402).

A “reafirmação da atividade do receptor frente às concepções positivistas dos estudos de audiência” (JACKS; WOTTRICH, 2016, p. 166) é a contribuição mais destacada da teoria de *Encoding/Decoding* de Hall no meio acadêmico. Isso se traduz no fato de muitos trabalhos se apropriarem apenas do segundo termo que a nomeia (decodificação), negligenciando as proposições do autor no que se refere “à posição **privilegiada** dos meios de comunicação no processo em razão de eles

deterem o controle dos aparatos de significação [...]” (JACKS; WOTTRICH, 2016, p. 166, destaque meu).

É na codificação que os signos parecem adquirir seu valor ideológico pleno parecem estar abertos à articulação com discursos e sentidos ideológicos mais amplos — no nível dos seus sentidos "associativos" (ou seja, no nível da conotação) — pois aqui os sentidos *não* são aparentemente fixados numa percepção natural (ou seja, eles não estão plenamente naturalizados) e a fluidez de seu sentido e associação pode ser mais completamente explorada e transformada. Portanto, **é no nível conotativo do signo que as ideologias alteram e transformam a significação**. Nesse nível, podemos ver mais claramente a intervenção ativa da ideologia dentro do discurso e sobre ele [...] (Hall, 2003, p. 395., destaque meu)

Hall considera que: (a) as “codificações dominantes” são características sempre presentes nas narrativas midiáticas, identificáveis por intermédio de uma cuidadosa análise dos textos (MORLEY, 2006, p. 11-12); e (b) que os atores envolvidos na confecção das narrativas (ou autores de telenovelas, no nosso caso), operam “com códigos próprios ´relativamente autônomos`” porém, ao mesmo tempo, consciente e/ou inconscientemente, “reproduzem (não sem contradições) a significação hegemônica” (HALL, 2003, p. 400).

Quanto à primeira afirmativa, em entrevista sobre sua teoria, Hall (2003) reforça a sua ideia de que, ao mesmo tempo em que admite leituras variadas por parte dos receptores, cada mensagem têm uma intenção original, que ele denomina “leitura/codificação dominante”. Ele exemplifica com uma obra de Shakespeare: quando o escritor a produziu, desejava passar uma mensagem específica, mas isso não impede que ela seja completamente distorcida ou descartada por parte do leitor.

Hall (2003) sinaliza que os textos midiáticos são “dominantes” não porque ignoram os receptores ou estejam blindados em relação a fatores externos, mas pela sua aptidão para (re)orientar acontecimentos de forma alinhada aos interesses de quem os codifica (que não necessariamente são os interesses do autor do texto, pesando sobre ele a carga institucional): tudo o que é novo, polêmico ou problemático, capaz de romper com o "senso comum", ou seja, de questionar o conhecimento "dado como certo" sobre as representações sociais, pode ser (re)alocado nos “domínios discursivos”, antes que "faça sentido" (HALL, 2003, p. 396). Aquilo que é “novo”, ou ameaçador”, é atribuído

a algum domínio dos "mapas existentes da realidade social problemática". Dizemos dominante e não "determinado", porque é sempre possível ordenar, classificar, atribuir e decodificar um acontecimento dentro de mais

de um "mapeamento". Mas dizemos "dominante" porque, de fato, existe um padrão de "leituras preferenciais", e ambos — dominante e determinado — **terem uma ordem institucional/política/ideológica impressa neles e ambos se institucionalizarem**. Os domínios dos "sentidos preferenciais" têm, embutida, toda a ordem social enquanto conjunto de significados, práticas e crenças: o conhecimento cotidiano das estruturas sociais, do modo como "as coisas funcionam para todos os propósitos práticos nesta cultura"; a ordem hierárquica do poder e dos interesses e a estrutura das legitimações, restrições e sanções. Por isso, para esclarecer um "mal-entendido" em relação ao nível conotativo, devemos nos referir (através de códigos) às ordenações da vida social, do poder político e econômico e da ideologia. Além disso, como esses mapas são "estruturados em dominância", mas não são fechados, o processo comunicativo não consiste na atribuição não-problemática de cada item visual à sua posição dentro de um conjunto de códigos pré-arranjados, mas sim em regras performativas — ou seja, regras de competência e uso, de lógica aplicada — que buscam ativamente reforçar ou pre-ferir um domínio semântico a outro e incluir e excluir itens dos conjuntos de sentido apropriados. (HALL, 2003, P. 397, destaque meu)

Na mesma entrevista já citada, Hall (2003), em certo momento, admite ter tratado a institucionalização da comunicação como algo demasiadamente unidimensional e diretamente relacionado à ideologia dominante. Esse posicionamento foi problematizado por Ronsini (2012), que parte da autocrítica do autor para defender que “a mídia não é apenas um aparelho ideológico do Estado ou das empresas, mas necessita atender a demandas da audiência” e que “abrange também codificações negociadas que contribuem para o consenso e não somente codificações dominantes” (RONSINI, 2012, p. 103). Concordo totalmente. Mas, entendo que Hall, ao longo da mesma entrevista em que cita esse seu “excesso”, sinaliza que seu pensamento vai nesta mesma direção:

O consumo ou a recepção da mensagem da televisão é, assim, também da mesma um "momento" do processo de produção no seu sentido mais amplo, embora este último seja "predominante" porque é "o ponto de partida para a concretização" da mensagem. Produção e recepção da mensagem televisiva não são, portanto, idênticas, mas estão relacionadas: são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo. (HALL, 2003, p. 390, destaque meu)

Hall manifesta seu desacordo com proposições que consideram que o polo da produção “determina toda e qualquer coisa”, e resgata, mais uma vez Marx, que “fala que o consumo determina a produção, assim como a produção determina o consumo” (HALL, 2003, p. 356). Quando o jamaicano (2003) é questionado sobre se “o discurso dominante é o do produtor”, ele responde que não pode concordar com aquela leitura, porque o escritor, roteirista, etc. da BBC, por exemplo, está submetido

às restrições impostas pelas empresas.

Como os profissionais da televisão são capazes de operar com códigos próprios "relativamente autónomos" e ao mesmo tempo agir de tal forma que reproduzem (não sem contradições) a significação hegemónica dos acontecimentos é uma questão complexa, que não pode ser melhor explicitada aqui. **Basta dizer que os profissionais estão ligados as elites decisórias não somente através da posição institucional das próprias emissoras enquanto "aparelho ideológico", mas também pela estrutura de acesso (ou seja, o recurso excessivo e sistemático a pessoas da elite e a sua "definição da situação" na televisão).** Podemos inclusive dizer que os códigos profissionais servem para reproduzir definições hegemónicas, especificamente por não inclinarem abertamente suas operações em uma direção dominante: **a reprodução ideológica, portanto, acontece aqui inadvertidamente, inconscientemente, "pelas costas dos homens".** Obviamente, conflitos, contradições e até mesmo mal-entendidos surgem regularmente entre as significações profissionais e dominantes e seus agenciamentos significativos. (HALL, 2003)

A teoria dos campos de Bourdieu (que será abordada mais adiante), e os pensamentos que ele desenvolve sobre "censura" a partir dela, entendendo, alinham-se bastante bem com os pensamentos de Hall e com o meu argumento até aqui:

Dito de outra maneira, o dizível num certo campo é o resultado daquilo que se poderia chamar de "dar forma": falar é dar formas. Com isso eu quero dizer que o discurso deve suas propriedades mais específicas, suas propriedades de forma, e não apenas o seu conteúdo, às condições que determinam o campo de recepção onde esta coisa a dizer será ouvida. **É por aí que se pode superar a oposição relativamente ingênua entre a análise interna e a análise externa das obras ou dos discursos[...]** Qualquer expressão é de certa maneira uma violência simbólica que só pode ser exercida por quem a exerce e só pode ser sofrida por quem a sofre devido ao fato de ser desconhecida como tal. E se ela é desconhecida como tal, é em parte porque é exercida pela mediação de um trabalho de eufemização. Ontem alguém evocava o problema da recepção (a propósito da eficácia da ideologia): **o que digo engloba tanto a produção quanto a recepção.** Quando, por exemplo, em *Éducation Sentimentale* Flaubert projetatoda sua "representação" da estrutura da classe dominante, ou, mais exatamente, a relação que ele mantém com sua posição na classe dominante, sob a forma da impossibilidade de ver esta classe de outra maneira, ele projeta algo que ele mesmo ignora, ou melhor, que ele nega e desconhece porque o trabalho de eufemização ao qual ele submete esta estrutura contribui para ocultá-la dele próprio, algo que também é desconhecido e negado pelos comentadores (porque eles são o produto das próprias estruturas que comandaram a produção da obra). (BOURDIEU, 1977, destaques meus).

Quando fala em *recepção*, Bourdieu não se refere somente a quem vai ver o produto midiático em casa. Mas também a todo o público inserido dentro do campo da produção, incluindo os "chefes". Logo, quando se escreve uma novela, pode-se/deve-se estar atento ao público, mas também à repercussão dentre quem detém

“poder”, o que por sua vez, não está dissociado da reação “popular”: os índices de audiência definem o que é bom e até onde vale a pena ou não acumular prejuízos ou menos lucros, o que não poucas vezes força mudanças nos personagens, nas histórias, etc. Como diz Bourdieu (1996, p. 226)., “a ação das obras sobre as obras (...) sempre se exerce tão somente e por intermédio dos autores cujas estratégias devem também sua orientação aos interesses associados à sua posição na estrutura do campo”

As relações de poder estabelecidas na esfera da produção não calam por completo a “voz” dos autores das telenovelas, a quem Maria Carmem Jacob de Souza (2004, p. 36) chama de “empresários morais”⁸. Mas, como sabemos, estabelecem diretrizes e limites no sentido de garantir uma unidade coerente nos discursos, que no fim, no caso das novelas manufaturadas pela emissora carioca, devem refletir o “padrão Globo”. As qualidades e singularidades dos escritores são reconhecidas pelo público, já familiarizado com traços distintivos, com o estilo de cada um deles (e neles está impresso o também o seu *habitus*, conceito que discrimino logo mais). Porém, basta recorrer a entrevistas com autores para ver que eles gozam menos autonomia do que querem fazer parecer. Os discursos dos teledramaturgos convergem no sentido de garantir que gozam total liberdade para criar, mas eles vão revelando gradualmente saberem bem dos seus limites. Por exemplo, numa entrevista à Revista Playboy, em 2013, Walcyr Carrasco (o autor de *amor à Vida*, a ser analisada logo mais), descreve que seu “trabalho é sentar e deixar a criatividade fluir”.

Quando fiz a novela Alma Gêmea, uma pesquisa mostrou que o público odiava a Cristina, a vilã interpretada por Flávia Alessandra. Mas as pessoas odiavam de dizer assim: “Quero que essa mulher morra ou não vou mais ver a novela”. Todo fim de semana, o diretor da novela, Jorge Fernando, pegava uma barca para ir a Paquetá [ilha do Rio de Janeiro]. Todo mundo na barca dizia: “Se não acontecer nada com a Cristina, vou parar de ver a novela”. Ele me contava isso, e eu argumentava: “**Jorge, a audiência está aumentando. Isso não é verdade**”.

João Emanuel Carneiro, falando à revista Época, da própria Globo, diz rezar para continuar a ser “um sucesso de público”, já que os profissionais como ele têm de lidar com o “imponderável”: “Só o Altíssimo pode nos ajudar!”, sugere, antes de comparar o comportamento do público ao de uma “criança birrenta” que precisa ser

⁸ Ela os define como “peritos e profissionais da produção simbólica, responsáveis pela formulação das representações sociais na cultura de consumo que fundamenta na contemporaneidade as sociedades capitalistas ocidentais” (Souza, 2004, p. 36)

“convencida”. O autor segue:

Olha, todas as novelas que fiz foram sucesso de audiência. Então, **eu não tive de lidar com um problema de ter de mudar a novela porque foi um fracasso.** [...] **Toda a imprensa diz que a Globo impõe questões para mim. Mas não tem nada disso.** Nem artístico, nem tema encomendado, nada. Nunca ouvi isso. O segredo do sucesso da TV Globo é esse. As pessoas têm liberdade para apresentar coisas. Há uma autoralidade que não há nas novelas americanas. **A pressão existe quando a novela vai ao ar. Basicamente tem de dar certo.** É isso, não é? É muito cruel, duro, porque é uma expectativa enorme em cima de uma pessoa. [...]

Para chegar ao fim do debate em relação à questão da relação autoria/instituição (que Hall afirmava claramente poder ser conflitiva), duas citações feitas por Benedito Ruy Barbosa, outro teledramaturgo, a respeito da sua *O rei do gado*, transmitida pela rede Globo entre 17 de junho de 1996 e 14 de fevereiro de 1997. A trama causou algum furor ao, à primeira vista, criar uma imagem positiva em relação ao Movimento dos Sem-Terra no Brasil. Todavia, as falas do próprio autor deixam transparecer que “não foi bem assim”. Vejamos:

Na entrevista dada ao Programa Roda Viva (TVE, 24.2.1997), perguntaram a Benedito Ruy Barbosa quem controlava o dono da novela, se a TV Globo não fazia um severo controle ideológico sobre o produto. Barbosa respondeu: “Você tem que seguir o **bom senso. Quando você recebe números do Ibope dizendo que a telenovela tem 68 milhões de telespectadores, pensará em termos de Brasil...**” Então é o público, insistem. “Não”, responde, “é o bom senso mesmo. **É evidente que se quisesse botar fogo no campo, não iam deixar eu fazer isso. A imprensa tem uma linha editorial. Você entende?**” (SOUZA, 2004, p.199, destaques meus)

Na [mesma] entrevista que deu ao Roda Viva (TVE, 24.2.1997), perguntaram sobre a polêmica criada pela questão da bandeira vermelha, já que ele dizia apoiar o Movimento dos Sem-Terra. Barbosa respondeu: “Uma coisa nada tinha a ver com a outra. A bandeira vermelha sugerida **era a de foice e martelo e não a dos Sem Terra. (...) O que tem a foice e o martelo a ver com esse movimento? O comunismo acabou e a gente tem que pensar de outra forma. (...) O assunto da reforma agrária tem que ser tratado tecnicamente. Ideologicamente não tem mais lugar. Você não pode misturar ideologia com reforma agrária**”. (SOUZA, 2004, p. 201, grifos meus)

Evidentemente, corro o risco de ser taxado de demasiadamente “descontente” com as telenovelas, revogando uma perspectiva mais benevolente em relação, por exemplo, ao inegável fato de elas, ao longo da história, trazerem temas e temáticas⁹

⁹Aqui recorro a uma sugestão metodológica de Motter e Jakubaszko (2007) para diferenciar os dois termos quando da análise das telenovelas. Para a autora, “uma telenovela pode trazer qualquer tema de interesse social, mas não necessariamente fará com que ele seja considerado como temática”. O termo Temática, portanto, é empregado quando “um tema ganha destaque dentro e fora da ficção, quando é bem articulado entre as dimensões social e melodramática da telenovela, desdobra-se,

relevantes, inclusive essa, sobre a questão do campo. O “problema ideológico” da telenovela não reside nas suas capacidades de agendamento, ou ainda, nas formas de apropriação dela por parte dos receptores. Mas no “*como*” é feito esse agendamento, ou, ainda, “*o que*” a trama possibilita ser “apropriado”. Em suma, no seu discurso “modernizante e regressivo”, uma característica do discurso neoliberal, segundo Hall (2017).

As leituras do jamaicano sobre o advento e êxito do thatcherismo na Inglaterra contribuem, a partir da sua aproximação a Gramsci e ao conceito de hegemonia, a pensar sobre como o discurso neoliberal é oxímoro. Para ele (2017, p. 12-13), equívoco recorrente da esquerda é pensar “que la derecha es siempre la misma: las mismas personas con los mismos intereses pensando las mismas ideas”.

En nuestra forma intelectual de ver las cosas, pensamos que ese mundo colapsará como resultado de una contradicción lógica: he ahí **la ilusión del intelectual, que la ideología debe ser coherente y cada una de sus partes debe ajustarse perfectamente, como una investigación filosófica**. De hecho, el propósito de lo que Gramsci llamaba una ideología orgánica (es decir, efectiva históricamente) es su capacidad de articular dentro de una misma configuración sujetos diferentes, identidades diferentes, proyectos diferentes, aspiraciones diferentes. No refleja, sino que construye una “unidad” desde la diferencia. (HALL, 2017, p. 16);

O autor continua: o thatcherismo foi um projeto para disputar com o modelo de bem-estar social do pós-guerra, dismantelá-lo e colocar outro (neoliberal) em seu lugar. E logrou isso “no sólo por el poder sino por la autoridad popular, por la hegemonía” (HALL, 2017, p. 14). Para alcançar o consenso, o discurso de Thatcher foi, ao mesmo tempo, regressivo e progressivo, ou, para usar outra expressão do autor, um projeto de “modernização regressiva”, perfeitamente alinhado à lei da modernização capitalista: “desarrollo desigual, desorganización organizada” (HALL, 2017, p. 15).

Qué naturaleza tiene esta ideología, que puede inscribir entre sí un rango vasto de posiciones e intereses distintos en ella, y parece representar una parte de todos, ¡incluso de buena parte de los lectores del presente texto! Porque, no nos digamos mentiras, una pequeña parte de todos nosotros está en algún lugar del proyecto thatcherista. Por supuesto, todos estamos comprometidos al cien por ciento. Pero, de vez en cuando, talvez en las mañanas de los sábados después de las protestas, vamos a Sainsbury's y somos una pequeña parte de ese sujeto thatcherista [...] La modernización

dando origem a uma multiplicidade de aspectos que são as várias faces e implicações do próprio tema, irradiadas de um ponto central que se conecta com diferentes ações e personagens dentro da narrativa e interfere decisivamente nos rumos da trama”.. (fonte do texto dessa citação)

regresiva británica es un proyecto histórico trascendental. Obtener el favor de la gente del común va hacia allí, no porque sean incautos o estúpidos, tampoco porque están engeguados por la falta de consciencia. Ya que el carácter político de nuestras ideas no puede garantizarse por nuestra posición de clase o por el “modo de producción”, existe la posibilidad de que **la derecha construya una política que interpele la experiencia de la gente, que se inserte en lo que Gramsci llamaba la necesariamente fragmentaria y contradictoria naturaleza del sentido común, que resuena con algunas de sus aspiraciones ordinarias y que, ante ciertas circunstancias, puede recuperarlos como sujetos subordinados en un proyecto histórico que hegemoniza lo que nosotros acostumbrábamos – erróneamente– a pensar como sus necesarios intereses de clase.** (HALL, 2017, p. 16-18, destaque meu).

É a partir das leituras que fiz dos textos de Hall, mas não só, que promoverei a análise das representações sobre a desigualdade nas telenovelas: elas não são uma questão somente de tecnicidade, mas, fundamentalmente, da institucionalidade, e da construção e interdição de discursos que, como sugerem Hall e Bourdieu, não acontecem apenas de forma “consciente” por parte dos escritores das tramas.

2.2 RECEPÇÃO E MEDIAÇÕES

Yo no fue buscar los efectos, sino los reconocimientos
Jesús Martín-Barbero

Apesar do sucesso desfrutado entre o público desde o seu nascer na América Latina, nos anos 1950, as telenovelas foram ignoradas e/ou maltratadas pela academia regional por pelo menos três décadas: nas raras vezes em que frequentavam páginas de dissertações e teses, eram tratadas como sinônimo de manipulação, evasão e alienação, como “mero reduto de sonhos e lágrimas, vazio de vontades, pleno de ilusões” (BORELLI, 2001, p. 29). A mudança nesse cenário começou a ser empreendida nos anos 1980 por investigadores inspirados em Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Stuart Hall e Raymond Williams (os dois últimos, raramente citados, diga-se), interessados na discussão sobre a cultura popular em meio a um emergente processo de globalização e em romper com a lógica de poder absoluto dos meios de comunicação (JACKS; RONSINI, 2014, p. 350): intelectuais como Jesús Martín-Barbero, Jorge González, Néstor García Canclini, Valerio Fuenzalida e Guillermo Orozco-Gómez, começaram a constituir – de maneira descentralizada – um grupo cujos interesses e análises convergiam (um novo campo, que passou a ser denominado de Estudos Culturais Latino-americanos).

Por meio de sua produção acadêmica – que veio apúblico de forma relativamente bem-sincronizada –, esses intelectuais questionavam a pertinência dos modelos teóricos importados para analisar as singularidades da “modernidade tardia” das nações latino-americanas, bem como advogavam a favor da “desideologização [...], principalmente na emergente corrente de estudos empíricos, onde se recupera o papel do sujeito nas suas múltiplas relações com os diferentes meios de comunicação” (ORZOCO GOMEZ apud ESCOSTEGUY; JACKS, 2007). Grosso modo, a partir de então, uma série de investigações desenvolvidas na América Latina passou a privilegiar as conexões entre comunicação e cultura, a empregar amplamente a etnografia como método e a adotar, como base teórica, um marxismo de corte gramsciano, desvinculando-se das “análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas” (LOPES, 1999, p.13).

O grande marco desse “movimento de giro do foco teórico do Hemisfério Norte para os problemas do Sul” (MARTINO, 2012, p. 79) apareceu em 1987, com o lançamento de *Dos meios às mediações*, de Jesús Martín-Barbero, obra em que o autor defende que, em lugar de focar os veículos de comunicação e suas condições específicas de produção ou mensagem, “era preciso pensar nas mediações, nos processos culturais, sociais e econômicos que enquadravam tanto a produção quanto a recepção das mensagens da mídia” (MARTINO, 2012, p. 79) .

A comunicação, segundo Martín-Barbero, assume o sentido de práticas sociais, onde o receptor é considerado produtor de sentidos e o cotidiano espaço primordial da pesquisa. De um modo geral, trata-se de ver a comunicação a partir da cultura e atravessar sua proposta de investigação de uma aproximação antropológica, pois o cotidiano tem valor histórico para compreender a sociedade (...) (RONSINI, 2014, p. 213).

O britânico David Morley, importante nome dos estudos de recepção, sintetizou da seguinte forma a colaboração do latino-americano, ao encontrar o filósofo hispano-colombiano: “Jesús, vos te adelantaste a lo que hicimos después en Inglaterra, y lo que hicimos fue meterle la cultura y lo popular al asunto de los medios” (in VELEZ et al., 2012, p. 26). Martín-Barbero pretendeu romper com o pensamento que colocava a comunicação como mera forma de dominação e a confundia com os meios na vida cotidiana das pessoas. “[...] yo parto de la idea de que los medios de comunicación (...) son un fenómeno cultural a través del cual la gente, mucha gente, cada vez más gente, vive la constitución del sentido de su vida”, descreveu o próprio Martín-Barbero (1995, p. 183).

Em *Dos meios às mediações*, o autor (1992, p.17) trata, portanto, de “mudar o lugar das perguntas, para tornar investigáveis os processos de constituição do massivo para além da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural”. Para ele, as relações entre comunicação e sociedade são multifacetadas e há a necessidade de problematizar esse vínculo, de entender os sujeitos como coadjuvantes nos processos de transformação e criatividade social, investigar as maneiras como as memórias, demandas, lutas e imaginários dos públicos não são apenas cooptados e/ou vilipendiados pela indústria cultural, mas também interpelam e pautam as produções midiáticas (LOPES; OROFINO, 2014, p. 368). As mediações¹⁰ barberianas configuram justamente os “lugares” de onde é possível compreender essa interação entre o espaço da produção e o da recepção: são as “densas, porém secretas, conexões dos processos de comunicação com as dinâmicas culturais e com os movimentos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p. 31). O conceito de mediações “não é o de que os meios medeiam, mas que os meios entram em relação: meios e sociedade, meios e vidas cotidianas, meios e movimentos sociais, meios e estruturas de produção. (...)” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p. 31.).

La mediación parece ser un proceso estructurante más complejo y difuso, diferente de la suma de sus componentes. La mediación no debe entenderse como un objeto de observación, sino como algo similar a la clase social, que nadie puede ver. La mediación se origina en varias fuentes: en la cultura, en la política, en la economía, en la clase social, en el género, en la edad, en la etnicidad, en los medios, en las condiciones situacionales y contextuales, en las instituciones y en los movimientos sociales. También se origina en la mente del sujeto, en sus emociones y en sus experiencias. Cada una de estas instancias es fuente de mediaciones y puede también mediar otras fuentes. Por ejemplo, las experiencias previas de los sujetos median los procesos cognoscitivos del sujeto y su televidencia, y al mismo tiempo el entendimiento del sujeto sobre éstas, o el sentido que provee a esas experiencias puede mediar por su televidencia. (OROZCO-GOMEZ, 1993, p. 34)

Os textos midiáticos, defende Martín-Barbero – e também seus pares –, não devem ser tratados como entidades isoladas, mas sempre como parte de uma prática compartilhada de fazer os significados envolverem a todos em uma determinada cultura (contexto). Os “usos sociais”, as apropriações feitas pelos

¹⁰Um dos desafios para a aplicação da Teoria de Martín-Barbero consiste na indefinição do termo “chave” de sua teoria: **mediações**. Decorre disso o fato de que “as análises acerca da teoria das mediações e da aplicação da noção de mediação em pesquisas empíricas revelam não só as ambiguidades do termo como seu potencial para pensar a relação das audiências com os meios” (RONSINI, 2012, p. 59).

receptores, são indissociáveis das suas situação sociocultural e experiências de vida. “O receptor-sujeito vai ressignificar o que ouve, vê ou lê, apropriar-se daquilo, a partir de sua cultura, do universo de sua classe, para incorporar ou não às suas práticas” (BACCEGA, 1998, p. 10). Por isso mesmo, pensar em comunicação a partir da teoria barberiana não se limita a refletir a partir e sobre o momento da televidência em si: **“a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa [...]”** (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 39, destaque meu).

O autor vê a modernidade latino-americana diretamente vinculada à expansão das indústrias culturais, uma vez que, por aqui, o eixo que conduz a ela não é o da cultura do livro, mas o do rádio, do cinema e da televisão (ESCOSTEGUY, 2001, p. 162). Isso explica a sua dedicação especial do autor, em seus primeiros trabalhos, aos estudos que tangem a televisão e a telenovela. Com relação à primeira, ele as compreende como espaço particularmente significativo de “reconversión económica, de preocupación política y de transformación cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2003). Já às telenovelas atribui a característica de serem as narrativas que melhor demonstram os cruzamentos entre memória e formato, entre lógicas da globalização e dinâmicas culturais locais, pois catalisam o desenvolvimento da indústria audiovisual latino-americana ao misturar avanços tecnológicos da mídia com arcaicas narrativas da vida cultural dos povos (MEIRELLES, 2009, p. 42).

[...] a telenovela fala menos a partir de seu texto que de seu intertexto que se formam nas leituras. Isso implica que a televisão é um meio não só no sentido instrumental – mediante os efeitos que produz – mas também no mais profundamente cultural da mediação entre a realidade e o desejo, entre o que vivemos e o que sonhamos.¹⁵⁰ (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 14)

Os folhetins eletrônicos não são apenas “entretenimento” na vida dos latino-americanos, mas também produtos econômica e politicamente relevantes. Por isso, “tomar la telenovela como un lugar en el que se manifiestan cambios importantes que atañen a la industria cultural de América Latina permite ‘tomar el pulso’, desde un producto concreto, a las relaciones entre cultura, comunicación y una sociedad [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p 6). Nas palavras de John (2014, p. 141)

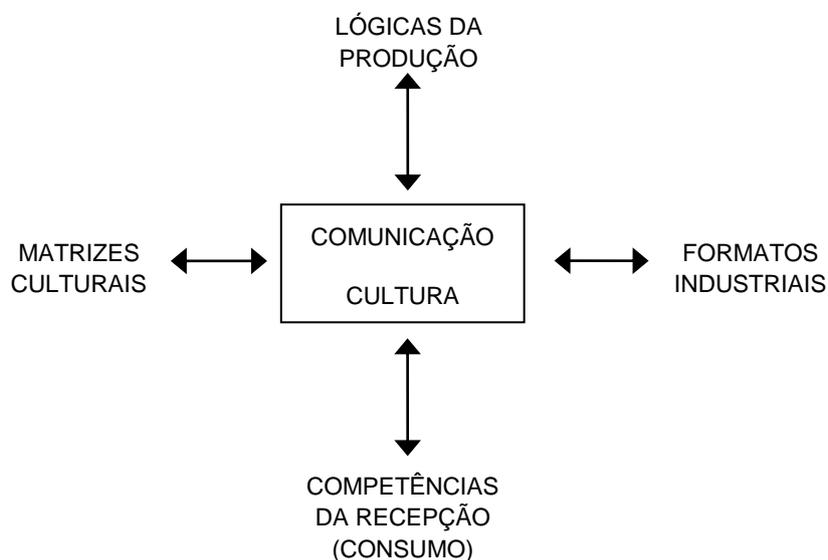
A telenovela também participa do processo como (os receptores) projetam suas metas, seus planos para o futuro. Não é uma negação de seu cotidiano, mas uma forma de reordená-lo, de lhe dar sentido, de encontrar

um sentido maior inclusive para o momento vivido, ou seja, quanto ao cumprimento da pena. A telenovela, seus temas e personagens permitem o encontro com suas vidas, as vividas e as desejadas e assim articula, possibilita a vivência de outros mundos, o estabelecimento, mentalmente concreto, de outros mundos possíveis

A teoria barberiana sugere a necessidade de buscar a superação dos impasses que emergem da “investigação fragmentada e, portanto, redutora do processo de comunicação em áreas autônomas de análise: da produção, da mensagem, do meio e da audiência” (LOPES, 2014). Nesse ponto, se aproxima de autores como Stuart Hall e Robert Johnson (e de Marx e sua ideia de “circuito do capital”), e, assim como eles, sugere um modelo que contempla a “integração dos diferentes elementos – produtores, textos e receptores – e momentos – produção, circulação e recepção/consumo – que configuram a totalidade do processo comunicativo” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 117). Martín-Barbero traduziu sua *Teoría das Mediações* em “mapas noturnos”, que ele não cessa de “renovar”. O que ele pretende, por meio de sucessivos esforços cartográficos não é criar um modelo um “método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa rígidos, mas sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias”(LOPES, 2018, p. 46).

O primeiro mapa começou a ser delineado por Martín-Barbero no início dos anos 1980, quando ele define três campos estratégicos para a pesquisa na América Latina (comunicação transnacional; novas tecnologias da comunicação e comunicação alternativa e popular), mas ainda sem lançar mão de sua proposição

Figura 1- Primeiro Mapa metodológico das Mediações - 1987



das “mediações”, e seria “consolidado” apenas em 1987. Nele (Figura 1), o autor já deixa evidente a sua proposta de adotarum “enfoque epistemológico da comunicação a partir da cultura ou o estudo das mediações culturais da comunicação” (Lopes, 2014, p.70) e apresenta, no centro, as mediações constitutivas da comunicação, cultura e política, que remetiam a dois eixos: um diacrônico (ou histórico), entre matrizes culturais e formatos industriais; e um sincrônico entre lógica da produção e competências da recepção ou consumo cultural.

Atento às transformações (especialmente às tecnológicas) em marcha, o autor, atualizou a sua proposta e lançou uma nova em 1998: nela, indicou considerar mais pertinente, em lugar de pensarmos em e a partir das “mediações culturais da comunicação”, como fez no seu primeiro mapa, considerar as “mediações comunicativas da cultura”. Tratou-se de, segundo ele,

reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se inverteia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação. É nesse novo deslocamento que se ancora uma possibilidade de desenvolvimento de pesquisa empírica que dá conta da integração entre o espaço da produção e da recepção, ao mesmo tempo em que não perde de vista o aspecto comunicacional. (apud ESCOSTEGUY, SIFUENTES, 2016, p. 4)

Martín-Barbero cartografou essa “atualização” e sugere a pertinência de considerarmos as mediações da socialidade, da ritualidade, da tecnicidade e, também, a da institucionalidade, e evidencia, assim, que sua teoria “ultrapassa a configuração de uma teoria da recepção” (LOPES, 2018, p. 54). A inserção da institucionalidade foi uma resposta do autor a uma má compreensão a respeito de sua teoria. O filósofo sempre defendeu a necessidade de analisar o (des)equilíbrio de forças existente na comunicação/mídia como forma de sustentar o viés crítico das investigações no campo. Porém, o “sucesso” e o emprego da Teoria das Mediações entre pesquisadores estavam sendo acompanhados pelo borrimento da intenção política de sua proposta.

No processo de construção e apropriação teórica do campo da comunicação da América Latina houve um tempo no qual a politização conduziu a fazer gravitar o campo todo sobre a questão da ideologia, convertendo-a no dispositivo totalizador dos discursos legítimos. Nos últimos anos os estudos de comunicação experimentam uma tentativa análoga ao transformar a relação comunicação/cultura em outra forma de

totalização. Na conformação dessa tendência estão pesando decisivamente as inércias ideológicas e as modas acadêmicas. Faz-se difícil para nós “viver” sem as seguranças que ofereciam os grandes paradigmas globalizadores, e a tentação continua sendo ainda forte de dissolver as tensões enunciadas nos conceitos convertendo em mero tema neutro e asséptico o que são conflitivas pistas de investigação e esforços de conexão com as contradições sociais. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 211)

Em simples palavras, para o filósofo, o deslocamento “dos meios às mediações” não sugere o esvaziamento da discussão sobre os poderes social, político e econômico dos primeiros (JACKS, 2017, p. 132), especialmente em razão de as evidências revelarem que eles são cada vez mais importantes “mediadores dos processos culturais contemporâneos”.

A inquietação de Jesús Martín-Barbero é compartilhada por um sensível número de pesquisadores vinculados aos Estudos Culturais (ECs) – incluindo este que vos escreve. Stuart Hall, por exemplo, revelava desconforto diante da “negação ao poder da mídia”, em muitas investigações, o que equivocadamente negaria a “premissa segundo a qual os textos devem ser estudados em sua conexão com as instituições, as classes e grupos, as nações, os gêneros, as raças, as práticas ideológicas” (GOMES, 2002, p. 43). Sumarizando: se os Estudos Culturais providenciaram teorias e evidências para a superação das perspectivas puramente estruturalistas e/ou funcionalistas, passou-se a perceber uma frequente culturalização radical, “que trata a ‘cultura’ não apenas como um forte aspecto de organização e comunicação social, mas como uma instância determinante” (AHMAD, 2002, p. 9). O resultado dessa postura acadêmica foi a confusão entre as ideias “recepção ativa” e “fetichismo do público” (KELLNER, 2001, p.56), casos em que é comum “minimizar excessivamente a propriedade dos meios [midiáticos] de exercer qualquer influência sobre as pessoas, diante de uma incrível capacidade destas últimas de múltiplas, criativas, e mui eficazes formas de resistência” (SCHNEIDER, 2010, p. 8). Para Martín-Barbero, a recepção midiática, como já dito, é um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, **se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas** (LOPES, 2014, p. 67).

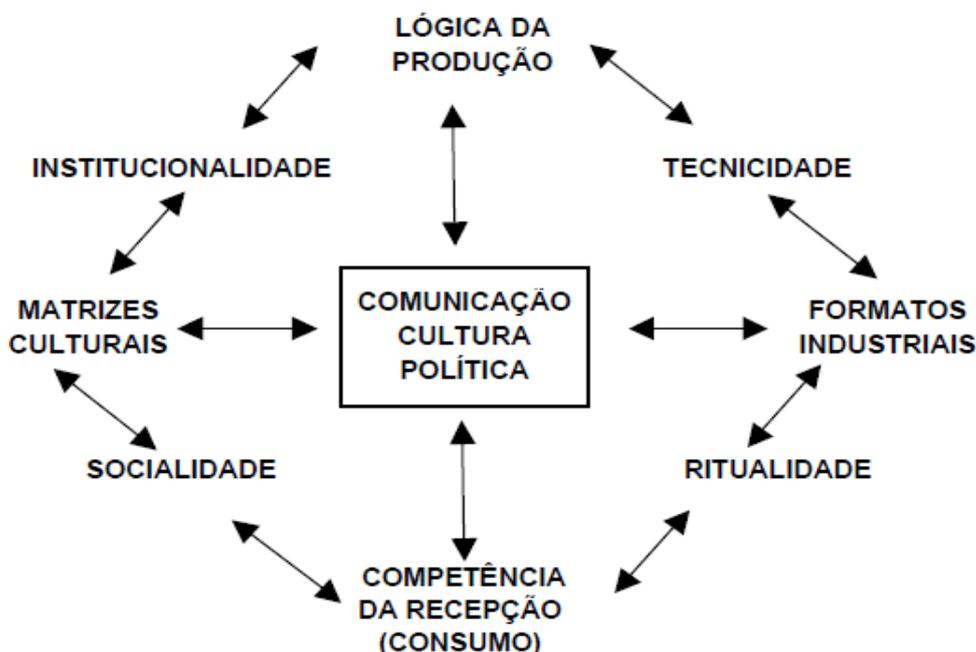
Em 2010 e 2014, Martín-Barbero volta a cartografar para inserir no seu mapa as “mutações contemporâneas” (LOPES, 2018, p. 56-58), especialmente as implicações do avanço da “competitividade tecnológica, “por onde passa hoje em grande medida a capacidade de inovar e de criar” (LOPES, 2018, p. 58), o que

configura um novo ecossistema comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2005). Vou dar-me ao “luxo” de não detalhar essas alterações por um simples motivo: eu ter optado por valer-me da segunda versão do “mapa noturno” (Figura 2). As principais razões para justificar essa escolha são a ainda mais “imprecisa imprecisão” na orientação do autor em suas “orientações” sobre o que são essas novas mediações e o fato de as novas versões (especialmente a mais recente) ainda não terem sido “levadas à prática” nas pesquisas de comunicação.

A segunda versão do mapa, ao contrário, já balizou uma série de pesquisas, revelando não apenas a sua vitalidade como, também, contribuindo para “definir”, na medida do possível, definir as suas abrangência e formas de coloca-las em operação na pesquisa. Ele se movimenta, como no anterior, sobre um eixo diacrônico – entre as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI) –, e outro sincrônico – entre as Lógicas de Produção (LP) e as competências de Recepção ou Consumo (RC).

A relação entre as matrizes culturais e a lógica da produção é mediada por diferentes regimes de **institucionalidade**, enquanto a relação entre as matrizes culturais e as competências da recepção é mediada por várias formas de **socialidade**. Entre a lógica da produção e os formatos industriais media a **tecnicidade** e entre os formatos e as competências da recepção media a **ritualidade** (LOPES, 2014, p. 72, destaques meus).

Figura 2- Segundo Mapa Noturno



A *Institucionalidade* dá “conta de maneira mais concreta e específica do âmbito dos meios, ou seja, dos discursos públicos, carregados de interesses e poderes contraditórios, mas que tendem à **homogeneidade**” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 123, destaque meu). Por seu intermédio podem ser pensadas as confluências entre os regime estatal (que, em princípio, concebe a comunicação como um serviço social) e de mercado (que converte “liberdade de expressão” em comércio), com os cidadãos.

Para o autor, a institucionalidade afeta a regulação dos discursos tanto do Estado quanto dos cidadãos. No primeiro caso, isso ocorre em nome da busca da estabilidade para a ordem constituída e, no segundo, para defender seus interesses e fazer-se reconhecer, reconstruindo o social permanentemente. Do ponto de vista da institucionalidade, a comunicação é uma questão de meios, de produção de discursos públicos, cuja hegemonia encontra-se paradoxalmente do lado dos interesses privados. (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 22).

A *institucionalidade* é uma mediação essencial por tanger a estrutura organizacional do setor de mídia, as políticas de comunicação, os vínculos dos veículos e programas com o sistema social, e o volume e tipo de conteúdo presentes nas pautas e programas disseminados, “das relações de poder dos grupos sociais, políticos e econômicos e suas tentativas, sucessos e fracassos na instância da produção dos meios”(FELIPPI, 2008, p. 20). Isso interfere decisivamente nos processos de recepção e de consumo. Como sugere Wortman (2007, p. 176), hoje é “imposible abordar lo que se muestra en la televisión [...] sin conocer la dimensión que ha adquirido lo comunicacional desde el punto de vista empresarial en la lógica del capitalismo actual y de sus formas nacionales, así como también es imposible dejar de lado la cuestión social al hacer referencia a estos nuevos intermediarios culturales”. Abordar a institucionalidade significa problematizar a questão da ideologia:

Different types of television organizations and production contexts have tendencies and predispositions to produce televisual texts with different polysemic and ideological patterns. Both the dominant ideology and polysemy theses fail to differentiate the various organizational processes from which different television texts are produced: Marxist perspective is inadequate when it mixes public and commercial television together as the ideological agent of the dominant groups. In Britain, those holding this instrumental view attack the BBC as elitist, undemocratic and pro-establishment. However, as Garnham (1993) — himself a political economist — has acknowledged: the fact that the BBC is noncommercial and protected to a significant extent from direct political control represents a real social democratic gain; while it is undoubtedly true that the BBC is controlled by the

dominant fraction, nevertheless the range and relative objectivity of its programmes represent a progressive contrast with the commercial media. (MA, 2005, p. 142)

A mediação da *socialidade*, por sua vez, diz respeito às relações cotidianas – ao pertencimento de classe e ao papel das instituições como o Estado, a família e a escola e, é claro, a mídia, na formação de matrizes de valores e das disposições dos indivíduos. Trata-se aqui, de realizar a imersão na vida dos receptores para conferir como os diferentes campos sociais (con)formam o *habitus* do televidente. Ou seja, a sociabilidade é concebida “na trama de relações que tecem os homens ao juntarem-se” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 17-18) e conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. É o lugar das práticas sociais onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente.

Já a ritualidade atravessa as diferentes formas como se dá a recepção de mídia por distintas audiências, bem como as leituras que fazem dos conteúdos. Para Orozco-Gómez (apud JACKS, 2008, p. 23), “la ritualidad abarca ciertas formas de acción que no solo se adoptan rutinariamente, sino que simplemente se repiten por los miembros de la audiencia. Larsen e Tufte (2001, p. 10) descrevem que os rituais transformam ações ordinárias,

como comer, hablar, ver la televisión, etc., en acciones que trascienden las particularidades de la situación y unen a los participantes en un orden social y cultural general que sobrepasa el tiempo y el espacio presentes”. Las acciones rituales se refieren a la integración de un orden social y cultural; también sostenemos que el papel de los medios de comunicación en las acciones rituales no siempre está conectado al contenido preciso del medio.

Todavia, como já adiantado, a ritualidade constitui “também gramáticas da ação – do olhar, do ouvir, do ler – que regulam a interação entre espaços e tempos, os quais conformam a mídia” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 232), o que daria aos emissores uma condição de tentar impor “regras aos jogos entre significação e situação” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 232), mas, isso não necessariamente se dá em razão de a significação da mensagem, por parte do receptor, poder ganhar um sentido diverso àquele pretendido originalmente. Martín-Barbero afirma, então, que a ritualidade remete tanto aos usos sociais da mídia por parte dos televidentes, como aos múltiplos trajetos de leitura, seguidos de acordo com os gostos, as condições de gênero, étnica, de educação, de hábitos familiares e convivência cultura letrada, oral ou audiovisual, etc. Ou seja, se na *socialidade* moldamos nosso *habitus*, a

ritualidade permite observá-lo “em ação”, nos modos de ver e ler os produtos midiáticos.

A *tecnicidade*, por sua “centralidade na organização social, [...] percorre o circuito (da comunicação) inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações [...]” (RONSINI, 2011, P. 86). Remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas e a um esforço para compreender a complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem), bem como aponta para os modos como a tecnologia molda a cultura e as práticas sociais (RONSINI, 2011, p. 9). Martín-Barbero salienta que essa mediação é “menos assunto de aparatos que de operadores perceptivos e destrezas discursivas”, e mais, no cenário contemporâneo, uma referência à mídia (e às tecnologias) como *conectora universal do global*, contribuindo decisivamente para um estremecimento de hierarquias e das identidades ao conformar um entorno de saberes difusos e descentrados,

Radicalizando la experiencia de desanclaje producida por la modernidad, la tecnología deslocaliza, los saberes, modificando tanto el estatuto cognitivo como institucional de las condiciones del saber y las figuras de la razón [...] lo que está conduciendo a un fuerte emborronamiento de las fronteras entre razón e imaginación, saber e información, naturaleza y arteificio, arte y ciencia, saber experto y experiencia profana. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 369)

A pesquisadora cubana Maria Margarita Alonso, em 1999, defendeu sua tese na Universidade de Havana em que propôs um modelo teórico-metodológico justamente para estudar a recepção das telenovelas na Ilha. A autora criou sua sugestão a partir dos resultados de investigações sobre o gênero midiático desenvolvidos entre 1978 e 1999 em Cuba. O trabalho permitiu a ela, entre outras coisas, identificar quais mediações interferiram de forma mais significativa nas apropriações dos textos dos folhetins entre o público caribenho. Nos interessa especialmente a seguinte conclusão da pesquisadora:

La influencia de la *posición social* sobre las lecturas de la telenovela no es, por supuesto, directa o mecánica: la apropiación del texto no se deriva nunca directa y linealmente de la posición de clase, sino que esa posición objetiva del sujeto condiciona a su vez la estructura de acceso del mismo a los diferentes discursos; esto es, tiene un efecto “sobre el repertorio de estrategias discursivas o decodificadoras de que disponen los diferentes sectores de una audiencia” (Morley, 1996:107). En tal sentido, la *posición social* puede ser entendida como mediación de mediaciones. (ALONSO, 1999, grifos da autora)

A afirmativa condiz perfeitamente com o pensamento de Jesús Martín-Barbero. Para o filósofo, classe não é uma diferença a mais, mas aquela que articula as demais a partir de seu interior, sendo capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 14). A condição de classe atravessa (ainda que inconscientemente) as formas de ver (observáveis etnograficamente) e de ler/usar o produto midiático (decifráveis etnograficamente).

¿Desde que espacios mira la gente la televisión: privados o públicos, la casa, el bar de la esquina, el club del barrio? Y ¿qué lugar ocupa la TV en la casa: central o marginal, preside la sala en que se hace la vida "social" o se refugia en el dormitorio, o se esconde en el armario de donde se saca solamente para ver algo muy especial? La lectura de la topografía posibilita el establecimiento de una topología simbólica configurada por los usos de clase. Del mismo modo es posible trazar una tipología social de los tiempos: desde la pantalla encendida todo el día hasta el encendido sólo para ver el noticiero o la serie de la BBC, puede observarse una gama de usos que no tiene que ver únicamente con la cantidad de tiempo dedicado sino con el tipo de tiempo, con el significado social de este tiempo y con el tipo de demanda que las diferentes clases le hacen a la televisión (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 9)

Daí a necessidade de uma discussão sobre nossa forma de abordar “classes” neste trabalho, o que exige, também, uma discussão sobre os conceitos de habitus, campos e histerese na teoria bourdiana.

2.3 HABITUS, CAMPO, CLASSE

Em 1965, sem conhecer a obra de Pierre Bourdieu, Ernesto Che Guevara escreveu um texto para o semanário *Marcha*, do Uruguai, que se tornou emblemático: “El socialismo y el hombre en Cuba”. Nele, o líder guerrilheiro descreve os obstáculos a serem superados para o triunfo final dos revolucionários sobre o capitalismo. Particularmente, eu já havia lido o texto na adolescência. Mas quando o resgatei, há poucos anos, já no doutorado, ele me encheu de convicção sobre a relevância do conceito de *habitus a la Bourdieu* para a análise da realidade cubana. Em seu artigo, Che diz ser necessário encontrar a fórmula para perpetuar na vida cotidiana a “atitude heroica dos barbudos”, ou seja, “a entrega total à causa revolucionária”. Para isso, sinaliza, não seria suficiente tirar a Ilha “oficialmente” do capitalismo: era necessário, também, sacar o capitalismo dos cubanos.

Las leyes del capitalismo, invisibles para el común de las gentes y ciegas, **actúan sobre el individuo sin que este se percate**. Sólo ve la amplitud de un horizonte que aparece infinito.[...] De todos modos, se muestra el camino con escollos que, aparentemente, un individuo con las cualidades

necesarias puede superar para llegar a la meta. El premio se avizora en la lejanía; el camino es solitario. Además, es una carrera de lobos: solamente se puede llegar sobre el fracaso de otros. [...] **Las taras del pasado se trasladan al presente en la conciencia individual y hay que hacer un trabajo continuo para erradicarlas. El proceso es doble, por un lado actúa la sociedad con su educación directa e indirecta, por otro, el individuo se somete a un proceso consciente de autoeducación. La nueva sociedad en formación tiene que competir muy duramente con el pasado.** Esto se hace sentir no sólo en la conciencia individual, en la que **pesan los residuos de una educación sistemáticamente orientada al aislamiento del individuo, sino también por el carácter mismo de este período de transición con persistencia de las relaciones mercantiles.** [...] Se corre el peligro de que los árboles impidan ver el bosque. Persiguiendo la quimera de realizar el socialismo con la ayuda de las armas melladas que nos legara el capitalismo (la mercancía como célula económica, la rentabilidad, el interés material individual como palanca, etcétera), se puede llegar a un callejón sin salida. Y se arriba allí tras recorrer una larga distancia en la que los caminos se entrecruzan muchas veces y es difícil percibir el momento en que se equivocó la ruta. Entretanto, la base económica adaptada ha hecho su trabajo de zapa sobre el desarrollo de la conciencia. **Para construir el comunismo, simultáneamente con la base material hay que hacer al hombre nuevo. De allí que sea tan importante elegir correctamente el instrumento de movilización de las masas. Ese instrumento debe ser de índole moral, fundamentalmente, sin olvidar una correcta utilización del estímulo material, sobre todo de naturaleza social.** Como ya dije, en momentos de peligro extremo es fácil potenciar los estímulos morales; para mantener su vigencia, es necesario el desarrollo de una conciencia en la que los valores adquieran categorías nuevas. [...]. **El capitalismo recurre a la fuerza, pero, además, educa a la gente en el sistema.** (GUEVARA, 2015, *passim*, destaques meus)

Che vislumbrava o advento de um novo homem, agora “socialista”, por meio de um processo gradual e pedagógico. Quando remete ao incremento das recompensas “morais” sobre as “materiais”, está, em outras palavras, sugerindo um profundo cambio de “mentalidade e espírito”, a internalização de um novo *habitus*.

A teoria bourdiana do *habitus* começou a tomar forma entre 1959 e 1961, a partir de suas experiências e coletas de dados empíricos “num mundo exótico e distante – a Cabília da Argélia colonial – e num outro mais próximo e mais familiar – a sua própria aldeia de infância, no sudoeste da França” (WACQUANT, 2006, p. 14). Ainda aprendiz de etnógrafo/sociólogo, Bourdieu “desenvolveu suas preocupações e noções centrais num esforço para descrever as forças dinâmicas que dilaceravam a estrutura social e mental da aldeia comunitária na qual cresceu, e que confluíam na violenta transformação da sociedade de castas da Argélia colônia” (WACQUANT, 2006, p. 16). Para Wacquant (2006), o olhar sobre os primeiros trabalhos de Bourdieu serve para acabar de vez com a imagem caricatural dele como “teórico da reprodução”: neles, o sociólogo trata justamente das mutações (do *habitus*), por exemplo, na Argélia, em consequência do avanço da mercantilização e do

assentamento forçado de milhões de pessoas imposto pelo exército francês, que inseriam a população local “nas fraturas da história, numa sociedade mergulhada em contradições e marcada pela ambiguidade, instabilidade e angústia” (WACQUANT, 2006, p. 15).

O *habitus* é a categoria mediadora, transcendendo a fronteira entre o objetivo e o subjetivo, que permitiu a Bourdieu captar e descrever o agitado mundo duplo da Argélia colonial em desagregação. Nesse mundo conturbado, as estruturas sociais e mentais não só estavam funcionando mal umas em relação às outras, como formavam, elas próprias, uma mistura variada de tradição enraizada e de imposição colonial, com as estratégias dos autóctones predispostos a oscilar entre dois princípios antinômicos, a saber, por um lado a lógica da honra, parentesco e solidariedade de grupo e, por outro, a pressão dos interesses individuais, relações de mercado e ganhos materiais. (WACQUANT, 2016, p. 17).

O *habitus* refere-se à incorporação da estrutura social a partir da experiência, que, por sua vez, é plasmada pelas condições objetivas desfrutadas por um indivíduo ao longo da vida, de acordo com seus recursos e posição no espaço social. Para Bourdieu, o agente inculca o que apr(e)ende primeiro na família, e o *habitus* ali adquirido está no princípio da recepção e da assimilação da mensagem escolar; essa, por sua vez, está no princípio de recepção e do grau de incorporação das experiências ulteriores em qualquer área da vida. “O *habitus* é um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído” (BOURDIEU, 2004, p. 158).

As diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas, tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira linguagem. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e, sobretudo, as maneiras, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como signos distintivos. (BOURDIEU, 2013, p. 22)

O *habitus* é demarcado por – e demarcador de – uma “identidade inconsciente”, manifesta no *estilo de vida*, retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, apud ORTIZ, 1983, p. 80-81).

O *habitus* fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação,

vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (**assim podemos falar de um habitus masculino, de um habitus nacional, de um habitus burguês, etc.**); individualização porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o habitus opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” guiando ações que assumem o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objetivamente “orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro” (Bourdieu 1980/1990: 256). (WACQUANT, 2007, p. 67)

Wacquant (2007) dedicou um objetivo artigo para defender (as proposições de) Bourdieu em relação às críticas de autores sobre o “determinismo” da teoria do *habitus*. Faz, para isso, um resgate genealógico do termo, até chegar ao pensamento do sociólogo francês e, por fim, sintetiza “incompreensões recorrentes” em relação ao seu trabalho. Segundo ele, a teoria bourdiana deixa claro que:

- **O *habitus* nunca é a réplica de uma única estrutura social**, pois é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas que grava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa.
- **Não é necessariamente coerente e unificado**, revela graus variados de integração e tensão, de acordo com a compatibilidade e o caráter das situações sociais que o produziram ao longo do tempo: universos irregulares tendem a produzir sistemas de disposições divididos entre si, que geram linhas de ação irregulares e por vezes incoerentes.
- **O conceito não reduz sua aplicabilidade à análise da coesão e da perpetuação, mas, também, da crise e da mudança, posto que não necessariamente está em conformidade com o contexto em que evolui.** Bourdieu (1980/1990: 62-63) avisa-nos de que deveremos “evitar universalizar inconscientemente o modelo da relação quase-circular da quase-perfeita reprodução que é apenas completamente válido no caso e que as condições de produção do *habitus* são idênticas ou homólogas das suas condições de funcionamento”. O fato de o *habitus* poder “falhar” e de ter “momentos críticos de perplexidade e discrepância” (Bourdieu 1997/2000: 191) quando é incapaz de gerar

práticas conformes ao meio constitui um dos principais impulsionadores de mudança econômica e inovação social [...]

- **O *habitus* não é autossuficiente para a geração da ação:** opera como uma mola que necessita de um gatilho externo e não pode, portanto, ser considerado isoladamente **dos mundos sociais particulares**, ou “campos”, no interior dos quais evolui. (WACQUANT, 2007, passim)

Recorri ao pensamento de Bourdieu em razão de sua teoria transcender especificidades locais e temporais. Ele abre possibilidades para, por exemplo, refletir sobre as mudanças em curso no *habitus* nacional, socialista e/ou individual dos cubanos. Os temas da pátria, da *cubanidad*¹¹, são recorrentes e altamente valorizados na Ilha em consequência de seu processo histórico, e foram novamente postos em evidência como “bandeira de luta e união” especialmente quando o país imergiu no “Período Especial”, cujos efeitos, entendo, também foram profundos para uma “reformulação” do *habitus* – se a partir de 1959, ele caminhava em direção a ser *socialista*, a partir dos anos 1990, as condições devida enfrentadas pelos cubanos, combinada aos avanços da tecnologia e da comunicação (e, em consequência, de seu atravessamento no processo de socialização dos ilhotas), ele sofre um “revés”, intensificando o seu “regresso” ao *capitalista*.

Se é verdade que o *habitus* “tende a reproducir las condiciones objetivas que lo engendraron, un nuevo contexto, la apertura de posibilidades históricas diferentes, permiten reorganizar las disposiciones adquiridas y producir prácticas transformadoras” (CANCLINI, 1984, p.35). E o atual cenário ilhéu está sofrendo profundas mudanças – voluntárias ou não – movidas por fatores como as dificuldades econômicas e os *Lineamentos* definidos pelo Estado na tentativa de superá-los, mas, também, a ampliação de acesso a novas tecnologias e conteúdos, obviamente (especialmente por parte de uma geração que nasceu já após o fim do bloco soviético, experimentou tempos dos mais difíceis, e não têm uma “ligação orgânica” com o socialismo cubano). Em meio a essas transformações lentas, porém nada tranquilas, um “declínio do *habitus*” é consequência esperada – e relevante objeto de análise.

¹¹“La cubanidad es cómo nos comportamos, cómo hablamos, cómo sentimos, qué música nos gusta, qué arte nos gusta, es decir, la argamasa de lo cubano” (BARNET, 2017)

Também para dar conta desse processo de transformação, Bourdieu formulou o conceito de *hysteresis*, termo que colhe da Física e trata “do fenômeno no qual a resposta de um certo sistema se atrasa em relação ao estímulo externo” (BURAWOY, 2010, p. 70).

Kuipers (2013) trabalha a ascensão e posterior fragilização do *habitus* nacional – ainda que vincule o conceito preferencialmente a Norbert Elias – na Holanda. Em seu texto, a autora não apenas aborda as condições favoráveis para a conformação de um *habitus* nacional – “stable boundaries, a durable political system and a shared cultural identity” (KUIPERS, op. cit) – como também relaciona seu declínio à globalização/mundialização.

The concept of national habitus allows us to investigate the processes contributing to the development of national similarities within countries, not only in institutions and physical surroundings, but also in people's behaviour. Moreover, it allows us to go beyond understandings of national differences purely in terms of institutional structures or national 'value orientations'. (KUIPERS, 2013, p. 18).

A autora abordou quatro processos que, na Holanda foram centrais no sentido de permitir a formação de *habitus* nacional (que, entendo, podem ser analisados para testar a validade do conceito para qualquer contexto):

1. Incremento de interdependência: a consolidação de cada vez mais amplas unidades sociais (da vila para a região, da região para o Estado-Nação) promoveu a “tomada de consciência” das pessoas em relação aos seus pares em nível nacional, estimulando a adaptação e a identificação mútuas, o que se deu também entre pessoas de diferentes classes e grupos de status dentro do país. Na Holanda, segundo Kuipers, a difusão de uma língua única, com a gradativa eliminação de dialetos, especialmente nas regiões fronteiriças, também foi importante para uma unificação do “nacional”. No caso cubano, o “isolamento” geográfico, também pode ser entendido como um facilitador do processo de integração.
2. Incremento na densidade das redes de relacionamento: simultaneamente ao processo de “incremento na interdependência”, a proliferação de instituições de âmbito nacional (educação, assistência, seguridade social e mídia) e seu espraiamento, conecta e “molda” pessoas. Nesse ponto, a educação sobressai em razão de implicar a transferência sistemática de normas e práticas dentro de um quadro nacional. A escola não apenas “(re)produce

social difference and inequality, as generations of sociologists have shown— education also produces social similarity”. (KUIPERS, 2013, p. 23)

3. A difusão vertical de padrões, gostos e práticas: a força motriz por trás desse processo é, normalmente, a emulação dos hábitos das pessoas de alto *status*, e comportamentos desviantes ou “gostos equivocados podem ser dolorosos e podem levar a exclusão e sanções. No caso cubano, o período neocolonial foi marcado pela “imitação prestigiosa” de costumes estadunidenses, acessíveis apenas para as camadas de renda média e alta, alijando boa parte da população. O triunfo da revolução, em razão do envolvimento popular, acabou invertendo de alguma forma esse processo, que normalmente ocorre “de cima para baixo”. Em outras palavras, a valorização da cultura popular local favoreceu/facilitou a difusão de padrões e gostos, estimulada pelo envolvimento coletivo com o processo de reconstrução do país, onde o consumo exacerbado e o dispêndio desnecessário, por exemplo, passaram a ser “condenáveis” sob a ótica da nova ética socialista. A estatização integral do setor educacional, da mídia, etc., favoreceu a adaptação aos – e “imitação” dos – novos valores e contribuíram para o “país tornar-se cada vez mais parecido”.
4. Desenvolvimento do sentimento do “nós” (“we-feeling”): a ativação desse processo pode dar-se de várias maneiras. Se na Holanda, como descreve Kuipers, o nacionalismo foi “implementado de cima para baixo, por meio de “ofensivas civilizatórias”, em Cuba, desde o século XIX, especialmente, ele cresceu entre todas as camadas sociais (dos latifundiários aos escravos), interessados em desvencilharem-se das travas colocadas pela Coroa Espanhola e, depois, do domínio norte-americano, que teve efeitos semelhantes. “National sentiment unites large groups of people who can never all know each other personally. Mass media provide the symbols, stories and rituals to bind them. Nationalism reached its pinnacle with the advent of mass media, from newspapers to television” (KUIPERS, 2013, p. 24). A mídia como forma de mobilização em torno da ideia de “nação” foi elemento crucial durante todo o processo revolucionário encabeçado por Fidel Castro, bem como após a vitória dos guerrilheiros.

A partir desses processos, segundo a autora, na Holanda formatou-se um

habitus nacional, que, no entanto, apresenta sinais de regressão, atribuídos às mudanças substanciais ocorridas nas últimas décadas, vinculadas à globalização econômica e mundialização da cultura. O primeiro reflexo foi uma continuidade do “processo de interdependência”, porém agora com característica “transnacional”.

Increasing globalization entails growing interdependence on a transnational level and growing awareness of, and mutual adaptation to, people across the border. This process diminishes national dependencies. Institutions become less bound to national boundaries: they are incorporated into international networks and are competing more and more with transnational institutions. As a result, the impact of connectedness and dependencies on the national level becomes less pronounced and, thus, the second process, the intensification of national dependencies, decreases. (Ibid., 2013, p. 25)

De qualquer maneira, segundo a autora, instituições nacionais remanescem como referências, *gatekeepers*, pontos de orientação para conexões internacionais, convertendo, não poucas vezes, aquilo que é “global” em algo bastante particular. Ainda assim, a penetração de coisas, práticas, ideias, pessoas e padrões de outros países, torna o nacional cada vez menos central nos processos de formação de *habitus*: a difusão vertical tradicional agora compete com muitos outros modos, mídias etc. Isso levou a uma “democratização de gostos e estilos”, em que “things the elite previously avoided, things that they even tried to abolish and eradicate, became bon ton. Blue jeans, football, accented speech, popular culture, women wearing trousers—suddenly everything was possible” (KUIPERS., 2013, p. 26). Paralelamente, disseminaram-se em velocidade acelerada pelo ocidente ideias de “igualitarismo” e “individualização”, sempre com “particularidades nacionais” mas caracterizadas por paradoxos:

“Being yourself” as a norm; spontaneity as commandment; social pressure to be ‘loose’; individual authenticity as collective ideal; the obligation to be free; self-actualization as imperative [...]. Egalitarianism is not the same as equality. The informal, egalitarian ethos has not ended inequality but rather obfuscated it. [...] Hence, similarities between social groups are diminishing, resulting in a growing distance and avoidance between higher and lower social strata. Informal, egalitarian codes lead to subtle forms of exclusion. Even when, in principle, all tastes are of equal worth and everyone is informal not all informalities are equal. [...] Thus, social boundaries often stay intact. [...] The nation-state, with all its paternalism and hierarchy, brought about mutual adaptation between social strata. Identification increased, because people tend to like whom they are like. Thus, the nation-state promoted social solidarity, responsibility and emancipatory endeavours. Inversely, growing difference and diversity leads to growing distance. (ibid., p. 27)

Ainda, o “we-feeling”, naturalmente é enfraquecido, e isso traduz-se, inclusive, no enfraquecimento dos símbolos, histórias e rituais nacionais, que perdem sua “autodefinição”. “Here, [...] unselfconscious habits are pushed into consciousness, requiring explication”. (KUIPERS, 2013, p. 28)

The simple, but powerful, mechanism of vertical diffusion competes more and more with various other forms of transfer—in various directions, in various ways and through various media. Both through media use and through travel and migration, people increasingly find their standards and role models abroad, which means they can choose from a much wider variety. Although there is much speculation and postmodern theorization about this topic, **thorough and preferably comparative research on new forms of socialization and cultural transfer is surprisingly rare.** [...] In the past, national similarity and identification has often gone hand in hand with growing equality and a redistribution of income and resources (Mennell, 2007; de Swaan, 1988). The growing inequalities suggest that the reverse is also true. (KUIPERS, 2013, p. 30)

O crescimento das desigualdades podem passar pela emergência e valorização de novos “capitais” (bourdianamente falando, como veremos abaixo) na contemporaneidade: entre eles o “cosmopolita”. Kuipers. refere-se à crescente divisão entre “cosmopolitas” e “locais”, a que fazem menção autores como Hannerz (1990) e Lizardo (2005), sendo que o primeiro grupo “is becoming most similar across countries and that has become furthest removed from the ‘national *habitus*’. This, indeed, appears to be a new elite, tapping new power resources” (KUIPERS, 2013, p. 31).

Apesar de a linha de raciocínio e argumentação de Kuipers referir-se a uma nação europeia, sua contribuição me parece pertinente ao meu trabalho. E, ainda, indica a possibilidade de, nesse processo de “complexificação do *habitus* nacional”, problematizar o tema das classes sociais, ao qual Bourdieu dedicou atenção (e foi um dos principais motivadores deste projeto de pesquisa). Para o francês, negar a existência de classes, “é, em última análise, negar a existência de diferenças e de princípios de diferenciação” (BOURDIEU, 2013, p. 26).

O conceito pode ter sido (estrategicamente) esquecido em textos e análises sobre a contemporaneidade sob o pretexto de obsolescência, mas as evidências empíricas (constatadas facilmente, bastando, para isso, abrir um jornal ou escancarar as janelas de casa) não deixam dúvidas sobre sua permanência como “força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje” (MURDOCK, 2009, p. 33). “É fácil ‘pensar que a classe não importa` se você permanece relativamente

‘não-afetado por privações e exclusões que ela causa’” lembra Skeggs (1997, p. 7 apud MURDOCK, 2009, p.33).

In short, social class hasn't dissipated or dissolved under neoliberal conditions. On the contrary, classificatory struggles have intensified. Inequality remains a matter of class, even when it is not explicitly understood as such by those who perceive or indeed experience inequality. As Jodi Dean reminds us: [t]he power of organized capital may well account for why few [...] think in terms of 'proletariat' and 'bourgeoisie.' But it does not prevent us from recognizing class, work, division, inequality, and privilege (although it certainly tries), all of which are visible, tangible, unavoidable. (DEAN, 2012: 74) Further, in the same movement through which neoliberalism decomposes class relations, new class relations are composed, not least in struggles against the inequalities that neoliberalism effects. This is why class struggle remains an essential point of orientation for sociology, if it is to grasp the problems of inequality today. (TYLER, 2015, p. 496-498).

Em razão de sua orientação socialista, em Cuba, o tema das classes ainda é sensível. Quando apresentei, a distância, meu projeto de pesquisa a acadêmicos da Ilha, uma das sugestões recebidas foi a de suprimir o termo “classe” do texto. Em discurso no dia 24 de fevereiro de 2008, quando assumiu o cargo de presidente do Conselho de Estado da República de Cuba, em lugar de seu irmão Fidel, Raúl Castro afirmou não haver motivos para temer as discrepâncias na sociedade ilhota em razão de ali não existirem “contradicciones antagónicas, porque no lo son las clases sociales que la forman” (CASTRO, 2008). A afirmação é equivocada, obviamente. E a teoria bourdiana fornece elementos teóricos e práticos para desconstruí-la.

Em uma palestra na antiga República Democrática Alemã, ao ser questionado sobre a aplicabilidade de suas proposições em nações como aquela, vinculadas ao bloco soviético, Bourdieu (2013, p. 30-31) respondeu afirmativamente. Segundo ele, para identificar as classes bastaria

examinar quais são os princípios de diferenciação característicos dessa sociedade (o que implica em admitir que, contrariamente ao mito da "sociedade sem classes", isto é, sem diferenças, tais princípios existem [...]); ou, de modo mais simples, se, no caso da RDA, encontramos todos os princípios de diferenciação (e apenas esses) encontrados no caso francês, e dotados do mesmo peso relativo. Vemos, desde logo, que uma das grandes diferenças entre os dois espaços e entre os princípios de diferenciação que os definem está no fato de que o capital econômico – a propriedade privada dos meios de produção - se encontra oficialmente (e, em grande parte, realmente) fora do jogo (ainda que uma forma de acesso as vantagens oferecidas alhures pelo capital econômico possa ser assegurada por outras vias). O peso relativo do capital cultural (que

podemos supor ser altamente valorizado tanto na tradição alemã quanto na francesa ou na japonesa), portanto, aumenta.

Salmenniemi (2012, p. 4), referindo-se à União Soviética, salienta a negação da existência de classes pelos líderes do antigo gigante comunista como tentativa de confirmar a superação do antagonismo “burgueses versus proletários”, relacionado à concepção marxista ortodoxa. Mas, segundo a autora, as desigualdades eram facilmente percebidas, entre outras coisas, pela facilidade de acesso a bens de consumo. A diferença em relação aos países capitalistas, segundo Salmenniemi, residia no fato de o capital econômico não ocupar necessariamente papel central para definição das posições dos agentes na sociedade: “class divisions and distinctions were primarily drawn by mobilising social, political and cultural capitals” (detalharei o significado dos capitais adiante). Salmenniemi (2012, p. 5) descreve que

The creation of political capital was tied to the political and bureaucratic elite, nomenklatura. Position in the nomenklatura ensured a privileged access to a number of goods and services, out of reach for ordinary people, such as trips abroad, better housing and health services, and western consumer goods. Thus, instead of the means of production it was the means of distribution that were central for producing classed (dis)advantage. [...] Social capital was also central in Soviet society in another form. Throughout its existence, the Soviet state privileged heavy industry, resulting in a chronic shortage of consumer goods and services. [...] This disparity between demand and supply in consumer goods was solved by relying on blat networks as a ‘Soviet citizen’s survival kit’ (Fitzpatrick 2005: 182). Blat relations were instrumental in obtaining information, exchanging goods and services and finding a way around formal bureaucratic procedures. [...] Cultural capital also played a key role in making class differences in Soviet society. The ideology of kul’turnost’ served as a central element in marking class habitus. Kul’turnost’ encompassed a broad set of values and practices, including, amongst other things, personal hygiene and proper dress, avoidance of cursing and coarse language, familiarity with the Soviet cultural canon, education and broad knowledge, cultured patterns of consumption, and virtues such as modesty and moral purity.

A abordagem bourdiana de classes, segundo Wacquant (2013, p. 87-88), é marcadamente relacional. Para Bourdieu, a base para a heterogeneidade e a desigualdade sociais consiste de relações, “de redes de laços materiais e simbólicos, que constituem o objeto adequado da análise social” (WACQUANT, 2013, p. 87-88). Uma segunda característica da teoria bourdiana é o fato de ela ser sintética (WACQUANT, 2013, p. 88) por entretecer tradições teóricas percebidas não raramente como antagônicas e/ou incompatíveis: o sociólogo assenta classe em relações materiais de poder, como Marx, mas articula essa premissa aos

ensinamentos sobre representações coletivas de Durkheim e à preocupação com a autonomia das formas culturais e a potência do status como distinções sociais percebidas de Weber. Essa “hibridação” serve ao propósito de Bourdieu de apresentar uma via para ultrapassar, como já referido anteriormente, a dicotomia entre análises objetivistas e subjetivistas da sociedade, incapazes, segundo ele, de isoladamente permitirem à Sociologia alcançar a sua tarefa de “descubrir las estructuras más profundamente enterradas de los diversos mundos sociales que constituyen el universo social, así como los ´mecanismos` que tienden a asegurar su reproducción o transformación” (BOURDIEU; WACQUANT, 2012, p.30). Daí o autor definir sua contribuição teórico-analítica como “construtivismo estruturalista” ou “estruturalismo construtivista”. Classes, na teoria bourdiana, são

a process of making social classifications, struggles over these classifications and their legitimacy, and the institutional consequences and lived experiences brought about by these classifying practices. Class is thus not merely an economic category, but also deeply symbolic, cultural and emotional. Class is not something static or given, but performative, constantly produced and reproduced, with real material, political and economic consequences (Skeggs, 2004). (SALMENIEMI, 2012, p. 3).

A contribuição de sociólogo francês proporciona condições para o “desmascaramento sistemático da `ideologia da igualdade de oportunidades” (SOUZA, 2012, p. 43) ao desvelar as formas opacas e distorcidas em que a luta de classes e entre frações delas se desenrola (SOUZA, 2012, p. 43). Bourdieu tira o foco das análises das disputas pelo poder e da exploração do campo econômico, exclusivamente, para dedicar-se também a decifrar como a dominação simbólica cumpre papel tão ou mais importante no sentido de definir potencialidades e possibilidades de movimentos no espaço social. “Contra uma ciência etnocêntrica, que tende a ´creditar universalmente os agentes da aptidão à conduta econômica racional`, ele reivindica a necessidade de uma análise das condições econômicas e culturais do acesso a essa aptidão” (RAUD, 2007, p. 206).

Para Bourdieu, o entendimento adequado sobre classes exige uma análise da relação entre as posições sociais dos agentes (sua localização no espaço social e nos campos), as suas disposições (*habitus*) e as suas tomadas de posição (escolhas feitas pelos atores nos domínios da prática, como na música, no esporte ou, é claro, na televidência.). Na teoria do autor, o espaço social (ES) – realidade invisível, que não podemos mostrar nem tocar, mas onde organizam-se as nossas práticas e

representações (BOURDIEU, 2013, p. 19) – é formado por múltiplos campos (econômico, cultural, social, simbólico) aos quais correspondem diferentes espécies de poder (os capitais). A localização de um agente nesse universo (e nos microcosmos que o constituem) define-se de acordo com o volume e estrutura dos capitais Econômico, Cultural e Social detidos por ele, “que originam um capital simbólico, isto é, prestígio que cada fração de classe terá no meio social” (RONSINI, 2012, p. 32).

Assim, os estratos são definidos, em primeiro lugar, pela quantidade ou volume de capital possuído, em segundo por sua composição, e em terceiro lugar pela constituição e peso variáveis de suas propriedades ao longo do tempo (MURDOCK, 2009, p. 39).

Power and dominance derive not only from possession of material resources but also from possession of cultural and social resources. Moreover, through the concept of symbolic capital, in addition to capturing the importance of general signs of social recognition, he is drawing attention to the fact that the value of any form of capital depends, in part, upon social recognition. Capital is valuable because we, collectively and sometimes in spite of ourselves, value it. (CROSSLEY, 2010, p. 88)

Assim, para determinar uma classe social é preciso considerar, de forma simultânea, os diversos ativos detidos por cada ator e analisá-los sempre em relação ao “portfólio de capitais” dos demais. Bourdieu fez isso empiricamente utilizando-se da técnica estatística de Análise de Correspondência Múltipla, que permite condensar num único diagrama as informações relativas às diferentes propriedades dos agentes investigados. Na representação gráfica os atores são pontos no espaço cartografado e as distâncias entre cada um desses pontos equivalem às suas “distâncias” ou “proximidades” sociais no mundo vivido. Os “pingos” mais próximos no diagrama, portanto, compartilham condições similares de vida/interesses (*habitus*) e, por isso, também tendem a ter mais objetivos, ações, oportunidades e restrições semelhantes, configurando “classes teóricas”. Bourdieu tenta, sempre, distanciar a sua perspectiva das substantivistas que trabalham com a ideia de classes reais. Ou seja, classes só existem no papel e apresentam apenas um “potencial” para virem a se tornar “classes-para-si”.

Cada pessoa traz em si uma coletividade individualizada que revela muito sobre a sua posição social, já que “a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe” (BOURDIEU,

1983, p. 80). É por isso que Bourdieu encontra no consumo instrumentos para desenvolver suas pesquisas e teoria. Para ele, o “gosto” (por uma obra de arte ou mesmo por um tipo de comida) é “registro que corresponde às disposições ‘espontâneas’ das classes sociais” (SCHNEIDER, 2015, p. 296).

Essentially, cultural classification systems reflect the socio-economic division of the class system (cf. Fowler, 1997: 48–49). The division of labour manifests itself in the division of culture: economic forms of social segregation go hand in hand with cultural forms of social classification. The instrumentalisation of culture as both a target and a vehicle of legitimacy is due to the fact that ‘art and cultural consumption are predisposed, consciously and deliberately or not, to fulfil a social function of legitimating social differences’ (Bourdieu, 1984 [1979]: 7). Since cultural forms do not constitute invariant and natural categories, they can be efficiently integrated into the social construction of structural differences between human subjects. In other words, inasmuch as cultural forms are socially constructed, their contingency can be efficiently functionalised by the contingency of the class system of a given society. The spatiotemporally determined contingency of social domination is symptomatic of the relative arbitrariness of social classification. (SUSEN, 2011, p.182)

Bourdieu, possivelmente por razões cronológicas, não deu grande atenção ao papel da comunicação de massa na conformação do *habitus* (e dos estilos de vida, conseqüentemente). Há de se considerar a necessidade de esse posicionamento não ser o mais apropriado para o cenário hodierno. O acesso à mídia, à indústria cultural desde o berço e de forma relativamente constante é fato cada vez mais recorrente e favorecido pela multiplicação de plataformas e formatos para o consumo. E “a transgressão de fronteiras nacionais [pela ficção televisiva] é também a transgressão de universos simbólicos” (LOPES, 2004). As telenovelas tupiniquins oferecem, nos seus capítulos, a possibilidade de contato com elementos de uma cultura mundializada, de uma cultura internacional-popular, hoje caracterizada, como nunca, pelo forte apelo ao consumo.

Eis aqui um outro motivo claro para a mobilização da teoria de Bourdieu para o nosso estudo. O autor colocou o consumo, seja ele material ou simbólico, em posição-chave para um melhor entendimento sobre as relações de poder. Não à toa, é uma das referências a que recorre Néstor García Canclini, para desenvolver a sua Teoria Sociocultural do Consumo, a que passo a dedicar atenção agora.

2.4 CONSUMO

O consumo oferece-se como “uma ‘janela` para o entendimento de múltiplos

processos culturais” (BARBOSA, 2004, p. 11) e, hoje, configura um fato social que atravessa a cena contemporânea de forma inapelável. Isso o coloca em lugar primordial como estruturador dos valores e práticas que regulam relações sociais, que constroem identidades e definem mapas culturais (ROCHA, 2005, p. 124). O consumo

Dá ao sujeito o sentido de pertencimento, permitindo-lhe traçar a arquitetura de suas várias identidades. [...] O consumo é mescla de manipulação e liberdade de compras, de impulso e reflexão, de comportamento condicionado e uso social dos objetos e símbolos da sociedade de consumo (BACCEGA, 2010, p. 65).

A posição nevrálgica do tema – e suas consequências práticas – na sociedade contemporânea foi conquistada graças à revolução tecnológica vivenciada especialmente no século XX, que tornou viável o estabelecimento de “um sistema de mídia comercial para promover os mercados globais e encorajar os valores de consumo” (MCCHESNEY, 2008, p. 217).

Esses meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Foram estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer os direitos. Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não fornecem: serviços, justiça, reparações ou simples atenção (CANCLINI, 2010, p. 38).

Não nos parece exagerada a afirmativa de Silverstone (1999, p. 150) sobre o consumo ser “a única atividade essencial pela qual nos envolvemos, diariamente, com a cultura de nossos tempos”. Da mesma forma, acreditamos que ele é preciso quando o define como “atividade que absolutamente não é confinada pela decisão ou pelo ato de compra” e tampouco “singular”. Silverstone continua:

Consumimos sem cessar, e por nossa capacidade de fazê-lo contribuimos para reproduzirmos e afetamos consideravelmente a textura da experiência. Nisso **recebemos auxílio da mídia**. Com efeito, **consumo e mediação são, em inúmeros aspectos, fundamentalmente interdependentes. Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia**. A mídia, não é exagero dizer, nos consome. E, como já opinei e continuarei a argumentar, o consumo é, ele mesmo, uma forma de mediação, à medida que os valores e significados dados de objetos e serviços são traduzidos nas linguagens do privado, do pessoal e do particular. (SILVERSTONE, 1999, p. 50.).

Para lidar com a complexidade desse “fato social” em qualquer cenário a contribuição do García Canclini é das mais ricas. No desenvolvimento de seu raciocínio, o argentino (1992, p. 33) descarta as concepções “*naturalista das necessidades*” e “*instrumentalista dos bens*”: em relação à primeira, pondera não existir “una naturaleza humana inmutable, no podemos hablar de necesidades naturales, ni siquiera para referimos a esas necesidades básicas que parecen universales: comer, beber, dormir, tener relaciones sexuales” (CANCLINI, 1992, p. 33). Alonso corrobora essa leitura:

la estructura social la que determina el orden de prioridad de las necesidades, de tal manera que históricamente han sido desdeñadas las más elementales necesidades biológicas para grandes masas de individuos y, por el contrario, han funcionado mecanismos políticos y han sido satisfechos los más refinados caprichos para elites más o menos numerosas. Además si las necesidades fundamentales (o biológicas, o primarias, o llámeselas como se quiera) solo pueden satisfacerse a través de un mecanismo social, por ejemplo, el mercado, dejan de tener cualquier autonomía biológica para convertirse inmediatamente en necesidades sociales o, como bien dice André Gorz, en necesidades mediatizadas por lo social (ALONSO, 1986, p.27)

A respeito da concepção “*instrumentalista dos bens*”, Canclini (1992, p. 34) destaca a necessidade de se considerar as evidências de o valor de troca sobrepor-se ao valor de uso nos dias atuais.

Assim, o que ele tenta elaborar é uma **teoria sociocultural do consumo**. As pedras de toque de sua proposta são as seguintes:

O consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado (CANCLINI, 2010, p. 60)

“Consumo cultural es el conjunto de procesos de apropiación y usos de productos en los que el valor simbólico prevalece sobre los valores de uso y de cambio, o donde al menos estos últimos se configuran subordinados a la dimensión simbólica” (CANCLINI, 1992, p. 37).

Com isso em mente, e em linha com o que já citamos antes a respeito das intenções dos pesquisadores latino-americanos vinculados aos Estudos Culturais, ele pretende deixar para trás concepções derivadas do racionalismo e do mecanicismo economicista, e incorporar às análises “a complexidade da vida cotidiana, o espaço da criatividade do sujeito e a possibilidade interativa na relação

com os meios de comunicação, dando a ênfase à dimensão simbólica do processo de consumo” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2007). Sua posição é muito próxima à de Martín-Barbero, para quem

[...] o consumo não é apenas uma reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se esgota na posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação que provêm de diferentes competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 231 apud GOMES, 2004, p. 210).

García Canclini sugere um modelo para a análise sociocultural do consumo. Sua proposta é interdisciplinar e baseia-se na articulação de seis perspectivas teóricas sobre o tema:

- 1) consumo como lugar de reprodução da força de trabalho e expansão do capital: o consumo é momento do ciclo de produção e reprodução social, e nele se completa o processo iniciado com a manufatura dos bens. Ou seja, é nele que se realiza a expansão do capital – via lucro – e se reproduz a força de trabalho. Nessa perspectiva, não é a demanda que suscita a oferta, nem as necessidades que determinam a produção e distribuição dos bens, mas os grupos mercantis hegemônicos – incluindo os midiáticos, por meio de suas estratégias. (MARQUES, 2016, p. 5).
- 2) consumo como o lugar onde as classes e os grupos competem pela apropriação do produto social (que retifica o enfoque unilateral do primeiro modelo): entende-se o consumo como “lugar de conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva em relação à distribuição e à apropriação dos bens” (CASTELLS apud CANCLINI, 2010, p. 61-62). A perspectiva rompe com a ideia de o consumo ser espaço de decisões unilaterais. Atualmente, aos produtores e emissores não basta seduzir os consumidores/receptores, mas também justificar-se racionalmente. No campo do consumo, trava-se a disputa por “um capital simbólico común” e “por las maneras en que el consumo las incorpora a la reproducción social” (CANCLINI, 1984, p. 1).
- 3) consumo como lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos: O diálogo com Bourdieu aparece aqui claramente. O argumento é o

de que em sociedades “democráticas”, cujo funcionamento baseia-se na premissa de que todos nascemos iguais, o consumo é via importante para comunicar diferenças sociais, que se produzem cada vez mais não pelos objetos que se possui, mas pela forma com que eles são usados. Numa síntese bem bourdiana,

há uma coerência entre os lugares onde os membros de uma classe e até de uma fração de classe se alimentam, estudam, habitam, passam as férias, naquilo que lêem e desfrutam, em como se informam e no que transmitem aos outros. Essa coerência emerge quando a visão socioantropológica busca compreender em conjunto a tais cenários. A lógica que rege a apropriação dos bens enquanto objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam. (CANCLINI, 2010, p. 56)

O consumo serve, portanto, como uma forma de delimitar fronteiras entre grupos, classes, subculturas....

As maneiras mais nítidas de evidenciar diferenças sociais e classificar alguém como mais ou menos elegante, como possuidor de *status* social alto ou baixo, maior ou menor poder econômico ou estilo elitizado ou popular passam não só por identificar os modos de consumo de bens materiais como roupa ou automóvel, mas, também, por conhecer como é realizado o consumo de divertimentos, de viagens ou a ocupação do tempo de lazer. (ROCHA, BARROS, CARAM, 2009, p. 32)

- 4) consumo como sistema de integração e comunicação: se o consumo serve para distinguir, também serve para “construir pontes”, como sugerem Mary Douglas e Baron Isherwood (2006, p. 36). É a elas que se refere o próximo método. Como sinaliza Ronsini (2012, p.28), “as relações entre classes sociais não podem ser resumidas aos mecanismos de distinção ou oposição. As relações sociais são também constituídas de estratégias e/ou táticas de comunicação, de aproximação. Os mecanismos de distinção ocorrem simultaneamente aos mecanismos de identificação”. A integração, no entanto, depende da familiaridade com os códigos valorativos (aí voltamos ao papel da mídia como difusora dos mesmos). É somente por meio do compartilhamento de bens simbólicos e de uma avaliação (re)conhecida deles que um “estilo de vida” pode se consolidar. Para usar palavras de Bourdieu (2013, p. 23) “uma diferença, uma propriedade distintiva, só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente pertinente, se ela é percebida por

alguém capaz de estabelecer a diferença”, o que depende, obviamente, da coletivização, do compartilhamento de códigos. Para Canclini (2010, p. 56)

se os membros de uma sociedade não compartilhassem os sentidos dos bens, se estes só fossem compreensíveis à elite ou à maioria que os utiliza, não serviriam como instrumentos de diferenciação. Um carro importado ou um computador com novas funções distinguem os seus poucos proprietários na medida que quem não pode possuí-los conhece o seu significado sociocultural. Inversamente, um artesanato ou uma festa indígena cujo sentido mítico é propriedade dos que pertencem à etnia que os gerou - se tomam elementos de distinção ou discriminação na medida que outros setores da mesma sociedade se interessam por elas e entendem em algum nível seu significado. Logo, devemos admitir que no consumo se constrói parte da *racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade*.

- 5) consumo como cenário de objetivação dos desejos: “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (CANCLINI, 2010, p. 59). O autor sugere a necessidade de problematizar esse tema em razão de ele ser um dos principais impulsionadores inclusive das indústrias e, especialmente, da publicidade. Aqui se argumenta que o consumo é o cenário para a consumação do desejo: consumo como fruto do desejo e que não pode ser satisfeito pelas instituições. Rocha (1995, p. 154) ressalta a relevância dos meios de comunicação de massa como operadores que gerenciam “a distribuição de valores (sensualidade, saber, poder, bom gosto, cultura, sofisticação, beleza e tantos outros” que ajudam a posicionar “grupos e objetos no interior da ordem social”. O sistema da mídia, afirma, recorta os produtos sob a forma de desejo, oferecendo significados para além de sua forma de utilitária (ROCHA, 2000, p. 22): “quando se compra determinado bem, o suporte material é embebido em simbolismo, fazendo com que cada e toda a coisa tenha um significado cultural e público que é socialmente sustentado pelas narrativas midiáticas e publicitárias” (ROCHA, 2009, p. 39).
- 6) consumo como processo ritual: rituais “sirven para contener el curso de los significados. Los rituales son convenciones que sacan a la luz las definiciones públicas (...) Vivir sin rituales es tanto como vivir sin significados precisos y quizá también sin recuerdos.” (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2006, p. 80). O modelo ajuda a compreender, por exemplo, como o desejo é controlado por meio de acordos coletivos, num “jogo simbólico complexo”.

Os rituais eficazes são os que utilizam objetos materiais para estabelecer o sentido e as práticas que os preservam. Quanto mais custosos sejam esses bens, mais forte será o investimento afetivo e a ritualização que fixa os significados a eles associados. Por isso, eles definem muitos dos bens que são consumidos como "acessórios rituais", e veem o consumo como um processo ritual cuja função primária consiste em "dar sentido ao fluxo rudimentar dos acontecimentos" (CANCLINI, 2010, p. 58-59).

Diante do exposto, entendo uma análise sobre o consumo de forma geral, e das telenovelas em particular, em Cuba, como fértil para compreender os modos como estão sendo produzidas as relações de continuidade, ruptura e hibridação entre o local e o global, entre o tradicional e o ultramoderno, um dos mais desafiadores e instigantes caminhos para se repensar identidade e cidadania (CANCLINI, 2010, p. 138). Isso permite-nos problematizar “el curso del desarrollo y involucimiento de las nuevas dialécticas de la cultura global” (HALL, 2010, p. 501). Como pondera Alonso (20065, p. 51), não refletir sobre o consumo contribui para a “perda de controle” sobre o que há de positivo nele para a construção ou destruição de redes e vínculos equitativos de socialidade no (e entre os) grupos humanos.

Una sociedad sin consumo es imposible, pero una sociedad centrada sólo en el consumo mercantil corre el peligro de convertirse en simulacro, de degradar y desgastar sus formas de solidaridad hasta convertirse en un simple agregado de egoísmos excluyentes. Es por esto que la reflexión ciudadana, la participación de los actores sociales y la educación - formal e informal - para el consumo, se convierten en un aspecto ineludible para una sociedad que ha hecho de esta actividad su santo y seña vital, y debe conjurar con esta política del consumo, los riesgos (morales, sociales, económicos y hasta medioambientales o para la salud) de que la sociedad esté al servicio del consumo y no el consumo al servicio de la sociedad, como debe ser en el ideal de cualquier comunidad democrática. (ALONSO, 2007, p. 28)

2.5 METODOLOGIA

Na preparação e ao longo do trabalho de campo, sempre tive em mente levar a cabo uma etnografia crítica, descrita por Carspecken (1996) como forma de ativismo social cujos princípios norteadores incluem os compromissos de desvelar desigualdades sociais e de oferecer elementos teórico-práticos capazes de contribuir para a transformação social. Gérin-Lajoie (2009, p. 16) define que este método “se preocupa com questões que enfatizam a relação dialética existente entre as condicionantes estruturais que limitam os indivíduos, por um lado, e a capacidade

destes se realizarem não obstante aquelas, por outro” (GÉRIN-LAJOIE, 2009, p. 16).

A adoção da etnografia tem uma vantagem importante: permitir “testar a adequação de conceitos preestabelecidos por disciplinas já sedimentadas à experiência de contextos diferentes e particulares” (RONSINI, 2007, P. 77). No meu trabalho, essa qualidade evidenciou-se de maneira contundente, a ponto de eu ver tanto cair algumas hipóteses que havia formulado com relação às classes sociais em Cuba, como a necessidade de reorientar o emprego de teorias. Falando mais especificamente de sua aplicação no campo de estudos da mídia, o

objetivo principal de la Etnografía Crítica (Ang, 1993; Morley, 1996) es, sin embargo, arribar a un conocimiento mucho más profundo e historizado, en el que la actividad de la audiencia se vincule, ante todo, a estructuras y procesos político sociales. La actividad interpretativa de los lectores no es un objeto de investigación aislado ni aislable sino integrado a una red de prácticas y relaciones culturales en producción. (ALONSO, 1999)

Ademais, eu a selecionei em razão de entender que ela permite perseguir uma “descrição densa” sobre os contextos micro e macrosocial em que estão inseridos os agentes investigados, e, assim, melhor compreender também como as diferentes mediações afetam as relações estabelecidas por eles com as telenovelas. Trata-se, portanto, de realizar um estudo não apenas sobre “meios de comunicação”, mas a respeito de relações estabelecidas com eles e a partir deles (RONSINI, 2007).

Segundo Guber (2011, p. 22), se comparado com outros procedimentos adotados por pesquisadores na área de Ciências Sociais, o trabalho etnográfico caracteriza-se por uma “falta de sistematicidade”, mas isso revela a lógica própria que adquiriu identidade como técnica para obter informações: a observação participante OP). Ela consiste

precisamente en la inespecificidad de las actividades que comprende: integrar un equipo de fútbol, residir con la población, tomar mate y conversar, hacer las compras, bailar, cocinar, ser objeto de burla, confidencia, declaraciones amorosas y agresiones, asistir a una clase en la escuela o a una reunión del partido político. En rigor, su ambigüedad es, más que un déficit, su cualidad distintiva. (GUBER, 2001, P. 55-56)

A OP “involves both the direct participation of the researcher in the event she or he is studying, and reflective observation of what is going on” (MACHADO-

BORGES, 2007, p. 7). Como é bastante comum entre os que adotam a técnica da Observação Participante, tive como hábito a confecção de um caderno de campo, para registrar detalhes relevantes, inclusive em momentos nos quais eu “formalmente” não estava desenvolvendo a pesquisa.

Ao longo do trabalho, busquei sempre que possível visitar os lares de minhas fontes, posto que a esfera doméstica é “*locus* para a captação da experiência dos sujeitos com suas trajetórias familiares e individuais que são, concomitantemente, espaciais, temporais (memória), profissionais, educacionais e culturais” (RONSINI, 2003, p. 46) e, mais do que isso, pretendia acompanhá-los no momento de consumo das telenovelas. No entanto, isso não ocorreu em todos os casos, por duas principais razões: a pedido deles, que justificaram não poder receber-me por motivos variados, incluindo, especialmente, as dinâmicas familiares (parentes enfermos, filho alcoólatra, falta de espaço adequado e isolado para a conversa, etc.) especialmente no período da noite, quando as novelas são exibidas na televisão cubana; além disso, alguns dos participantes não têm seguem mais horários regulares para assistir às tramas, em razão de privilegiarem o consumo “informal”, viabilizado por intermédio da aquisição dos *paquetes semanales* (detalhes à página XX), o que em alguns casos é feito quando já estão preparando-se para dormir. O fato de eu ser um “estranho nos ninhos” de meus entrevistados, também interferiu diretamente nas dinâmicas dos lares, já que eles preparavam-se para receber-me. Nos casos em que os participantes preferiam interagir fora de suas residências, ou eles se dirigiam àquela onde eu estava morando, ou a de algum amigo, que normalmente também acabou sendo entrevistado – ou participando espontaneamente das conversas. A grande circulação de pessoas nas maior parte do conjunto das residências que visitei transformaram alguns dos momentos de interações em pequenos “grupos focais espontâneos”: quem passava pelo ambiente e interessava-se pelo tema, acabava parando e dando seus pitacos a respeito. Se por um lado essa interferência enriquecia as conversas (e também me permitiu captar mais fontes/leituras), por outro ocasionou, não poucas vezes, um desvio de foco nos diálogos ou, ainda, alguma autocensura por parte do interlocutor “principal”, especialmente quando surgiam perguntas a respeito da própria família e/ou vinculadas ao contexto político cubano – casos em que ele buscava por olhares de aprovação (ou reprovação) dos demais presentes enquanto formulava as suas respostas.

Com relação à impossibilidade de ver novela junto com as minhas fontes no

horário “nobre” da televisão, tentei contornar a dificuldade formatando dois capítulos, de uma hora cada, das novelas *Avenida Brasil* e *Rastros de Mentiras (Amor à Vida)*, cujas narrativas foram objetos de análise no capítulo *Suave Veneno*. Minhas edições reuniram alguns fragmentos dos início, meio e fim das tramas, que avaliei sendo os mais pertinentes aos objetivos do trabalho. Os casos em que foi possível assistir aos “meus capítulos” junto com os entrevistados revelaram a alta pertinência do procedimento, já que ele ativou memórias e sentimentos em relação aos dois títulos citados, mas também o estabelecimento de vínculos com outros mais antigos. Ao ver os atores na telinha, era comum tecerem comentários sobre várias telenovelas protagonizadas por eles. Por outro lado, ficou muito claro o quanto devo ter “perdido” de conteúdo para análises quando os contatos se resumiram, fundamentalmente, àqueles mantidos durante a realização de entrevistas, ferramenta à qual também recorri.

Elaborei cinco roteiros/instrumentos para conduzi-las (com os temas “Socioeconômico”, “Trajetória de vida”, “Valores, aspirações e Cuba”, “Consumos” e “Telenovelas”). Optei, pelo modelo semi-aberto, em que se

parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessavam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS apud. DUARTE; BARROS, 2005, P. 66).

Todas elas foram gravadas com consentimento das fontes e, posteriormente, durante sua audição, transcrevi os trechos mais relevantes para a pesquisa. Nos contatos com meus entrevistados, coletei também, por meio de questionário, informações a respeito das condições de habitação, recursos tecnológicos disponíveis na casa e consumo cultural. Para além das entrevistas, enriqueceram sobremaneira a tese as conversas informais que sustentei com professores e pesquisadores cubanos, com vizinhos, amigos que conquistei, etc. Dessa forma, apesar de serem 15 as principais fontes – o que foi fundamental em razão de eu estar interessado nas leituras sobre as narrativas das tramas, difíceis de captar em interações que não estavam dedicadas especialmente à investigação –, ao longo de todas as páginas da tese aparecem muitos mais “personagens”. Essa estratégia foi importante também no sentido de minimizar as chances de cometer o equívoco de considerar regra aquilo que é exceção. Minhas análises consideram essas vivências

e intercâmbios, portanto, e as anotações que fui fazendo em meus cadernos de campo ao longo dos meses em que estive em Cuba.

A seleção dos principais informantes foi feita aleatoriamente num primeiro momento, e de maneira mais focada na segunda etapa do trabalho. No primeiro período de pesquisa, desenvolvido entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017, permaneci no Cerro, um dos 15 municípios que integram a província de Havana. Com 10,2 km² e 124 mil moradores, ele foi um dos principais redutos industriais do Estado durante o século XX, mas gradualmente seu perfil mudou para um mais residencial. Minha permanência na região metropolitana foi motivada pelo vínculo que estabeleci com o Instituto Cubano de Investigações Culturais Juan Marinello, o que viabilizou um visto para três meses, bem como o acesso a bibliotecas e pesquisadores de outros centros de pesquisa. Em princípio, optei por empregar o método da bola de neve, uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, para a minha fonte inicial solicitei novas indicações, e assim sucessivamente. Isso, muito rapidamente revelou fragilidades, em razão da proximidade entre os informantes e de a seleção do próximo entrevistado incluir, por parte deles, o uso do critério “ser ou não ser revolucionário”. Felizmente, minhas vizinhas resolveram inserir-se no processo e conseguiram conduzir-me a participantes com perfis mais “heterogêneos”. De qualquer maneira, as entrevistas ficaram concentradas nas redondezas do Consejo Popular Palatino, que abrange uma área de 2,8 km² onde concentram-se 12,3 mil pessoas e 4,6 mil habitações, de acordo com dados da Oficina Nacional de Estatísticas de Cuba e da Dirección Municipal do Cerro. Ali, registrou-se um processo de crescimento urbanístico e residencial gigantesco nos últimos anos e, isso acarretou na diversificação de perfis dos moradores. Casas de boa qualidade e amplas ganharam a companhia de prédios “soviéticos” pré-fabricados na antiga URSS. O fluxo de veículos no Palatino é baixo, o que permite caminhar pelas ruas, e, nos finais de tarde, alguns jovens ocupam as vias para jogar futebol. Porém, ao contrário do que acontece em outras regiões da Província (como no município Centro Havana) não é muito comum encontrar os moradores sentados em frente às suas habitações, nas calçadas, para compartilhar o tempo com os vizinhos.

Já em 2018, o trabalho de campo aconteceu em Santiago de Cuba, segunda maior cidade cubana, com pouco mais de 500 mil habitantes, com a ajuda de professores da Universidade do Oriente. Assim, a seleção de fontes foi mais

direcionada. A maior parte delas vive na área de abrangência do Consejo Poular Los Maceo, e outras duas noveleiras residiam no reparto San Pablo, um “assentamento precário”. O primeiro núcleo, situado nas cercanias da estação rodoviária da cidade, é reconhecido como bairro popular, onde residem 24,8 mil pessoas em uma área de 0,6 km², com predominância de idosos. As ruas são asfaltadas e as casas, que somam nada menos do que 6,9 mil unidades, estão literalmente coladas umas às outras: mais de 5 mil desses imóveis são classificados como “danificados”, segundo informações fornecidas por Viviana Andrial, presidenta do CP, e pelo menos 480 apresentam interiores em estado construtivo muito ruim. Um número significativo de moradias sofreu modificações pelos moradores para comportarem mais dormitórios e atenderem à demanda das famílias em crescimento. A população ocupa bastante as ruas, especialmente nos finais de semana, quando crianças brincam à vontade e muitos moradores encontram-se para jogar conversa fora ou disputar partidas de dominó e África. Os residentes do CP Los Maceo que participaram da pesquisa não gozavam as melhores condições de habitação e nem alto poder aquisitivo, mas tampouco integravam uma camada “miserável”.

San Pablo, por sua vez, é categorizado como um “assentamento precário”¹². As ruas, em sua maioria, não são asfaltadas, e o transporte público não alcança o interior da comunidade. A iluminação pública é pouca, e muitas das 374 casas, onde vivem aproximadamente 1 mil pessoas, são feitas com materiais “alternativos”, incluindo placas de metal e pedaços de madeira. Segundo dados da Dirección Provincial de Planificación Física de Santiago de Cuba, em 2013 apenas duas residências do reparto apresentavam “bom estado técnico de construção”, enquanto em outras 39 ele era regular e, nas demais 333, “ruim”. Muitas habitações remetem às favelas brasileiras ou cidades do interior profundo do país. Ainda, 19 imóveis não contam com abastecimento de água. Já a energia elétrica chega a 322 lares por meio de tendederas que, em bom português, são “gatos” puxados diretamente de postes, enquanto as outras 38 estão em situação regular, com medição de consumo feita via contadores.

¹² Seguindo Massó Soler (apud Moya, 2013, p. 67), os assentamentos são “comunidades suburbanas que presenten una especial configuración físico-espacial: persistencia de viviendas de construcción rústica y deplorable, desorden arquitectónico, ausencia de infraestructuras técnicas y sociales, redes de alcantarillado, alumbrado público, calles pavimentadas, caracterizándose por situaciones de carencia y deterioro de las condiciones de vida, el desagrado físico visual de las construcciones y elevada vulnerabilidad social. Dichos asentamientos devienen en los principales puntos de escala de las inmigraciones internas ilegales, con posibilidades de admitir elementos antisociales, y generan en sus pobladores efectos sociales y conductas adaptativas a diversos niveles de complejidad”.

Minhas entrevistadas, no entanto, gozavam boas condições de moradia: uma vive em uma casa construída em alvenaria, e outra em um apartamento localizado numa posição limítrofe do bairro e que, possivelmente, não está computado no levantamento oficial referente às moradias de San Pablo. No bairro “sobresale la ausencia de supermercados, panadería/dulcería, consultorios médicos, escuelas primarias, casa de abuelos, punto gas licuado, centro agente, servicios de teléfono o correo, ni agromercados” (MOYA, 2013, p. 69), sendo que seus moradores precisam deslocar-se dali para trabalhar.

A dificuldade de classificar classes em Cuba se revelou praticamente intransponível ao longo do trabalho. Minha intenção em utilizar a teoria bourdiana derivou-se justamente do fato de eu entender ser ela capaz de permitir superar essa dificuldade. No entanto, a impossibilidade (prática e “política”) de eu conduzir um levantamento quantitativo amplo, como inicialmente propus, revelou ser ele indispensável para seguir as proposições de francês em um cenário como o cubano.

As idiosincrasias locais fazem do “levantamento” dos capitais econômico, cultural e social em microescala uma tarefa inútil no sentido de definir uma “identidade classista”. Por exemplo, utilizar as informações sobre rendas passadas por minhas fontes rapidamente revelou-se frágil, posto que, com ou sem intenção, eles não computavam ingressos “informais” – e não raramente inconstantes – provenientes, especialmente, de remessas de dinheiro feitas por parentes ou amigos seus no exterior. Eu acabava descobrindo isso ao acaso, em conversas informais, quando, de repente, alguém citava receber 50 dólares mensais de um primo ou tio, quantia que, sozinha, superava a dos salários declarados. Ademais, a mobilidade social em Cuba, nesse momento, pode acontecer de forma bastante abrupta: quem for recrutado pelo governo para cumprir missão no exterior pode dar um salto gigantesco em direção ao topo da pirâmide econômica, posto que isso pode dar condições para a aquisição de novos imóveis, equipamentos e utensílios domésticos ou, ainda, para a abertura de um negócio por *cuentapropia*.

Com relação ao Capital Cultural, embora existam diferenças, obviamente, elas são muito menos significativas do que as registradas em outras nações em desenvolvimento, como o Brasil, por exemplo, onde frequentar uma casa em uma favela torna quase certo o fato de que uma entrevista com seus habitantes vai revelar uma série de privações, incluindo a aos estudos formais. Os cubanos, por sua vez, derrubam essa “certeza” em razão da universalização de um sistema de

ensino com qualidade bastante homogênea. O que vai determinar, no fim das contas, a possibilidade de um acúmulo distintivo desse recurso são as condições financeiras e, em alguma medida, o seu capital social, que pode facilitar acessos e sucessos na vida. Ademais, neste momento histórico, Cuba vivencia uma “desvalorização” do capital cultural objetificado em diplomas. Algumas profissões perderam muito de seu status em consequência da queda dos salários a elas atrelados. Ou seja, além da possibilidade de uma vantajosa conversão de capital cultural em econômico, foi afetada a vinculação entre ele e o prestígio que confere.

Na minha busca por algum referencial para auxiliar-me nessa classificação, ainda que infelizmente arbitrária, deparei-me com o trabalho do norte-americano Richard E. Feinberg (2013), em que ele discute a emergência de uma “classe média” na Ilha, especialmente a partir das reformas econômicas introduzidas desde os anos 1990. O autor depara-se com a reconhecida escassez de dados para, por exemplo, buscar uma classificação por meio de indicadores econômicos – incluindo o de renda. Segundo ele, o governo cubano reporta

only an aggregated gross national income (GNI) per capita of \$5,539 (2011) or \$15 per day (\$5,539 divided by 365 days). In light of the relatively equal distribution of income and wealth in Cuba (where public sector wage differentials are very compressed and income-earning assets are few), by this measure a large number of Cubans would pass the \$10-13 threshold and rank as middle class. (FEINBERG, 2013, p. 40)

No entanto, a contribuição mais interessante do autor dá-se quando ele foge dos indicadores econômicos para sugerir a existência de uma classe média na Ilha a partir da análise sobre “certain social achievements or values, such as educational attainment; women’s participation in the labor force; indices of economic security; and consumption baskets or aspirations” (FEINBERG, 2013, p. 41), em linha com as descrições feitas pelo Banco Mundial (BM).

- O BM sinaliza que a classe média latinoamericana acumula, em média 10,4 anos de estudos.
- Também é característica deste estrato social, na AL, a participação de 2/3 das mulheres no mercado de trabalho, contribuindo para a economia doméstica. Embora em Cuba ela seja um pouco inferior (60%), a Ilha aparece com destaque no “Gender Inequality Index` of the United Nations Development Program (UNDP), virtually tied for best performance in the Latin American and Caribbean region with Barbados and Costa Rica.” (FEINBERG, 2013, p. 41)

- Também é “classe média”, na região, uma taxa de fertilidade “baixa”.
- Ainda, a classe média latino americana caracteriza-se por ser proprietária de imóveis e por contar com a cobertura da seguridade social.

Finalmente, segundo o autor, “define” a classe média o acesso a bens de consumo, o que no caso cubano, como veremos, é um fator de ambição como de frustração, em razão das limitações para acessá-los. Isso, no entanto, não inibe o fato de que “many Cubans display the middle class trait of aspiring to consume”:

Even if they cannot afford them, a surprising number of Cubans are aware of global brands, ranging from Nike shoes to Nestlé ice cream. A common motivation for emigrating is the desire to experience the middle-class lifestyle associated with the consumer society. [...] Upwardly mobile Cubans “offer an optimistic narrative, feel they are better off than their parents and will further improve their situations”⁵⁶ —perceptions and aspirations so characteristic of the middle classes worldwide.(FEINBERG, 2013, pp. 42–43)

De maneira geral, todos os meus entrevistados compartilham os “traços de classe média”, razão pela qual me sinto confortável para “alocá-los” nela. O que percebi, no entanto, é a possibilidade de localizar pelo menos duas frações dentro deste estrato, que aqui denominarei de “alta” e “baixa”. A principal distinção entre elas refere-se ao último item citado por Feinberg, que é o consumo: enquanto para o que eu chamo de classe média alta a aquisição de bens não é apenas uma aspiração, mas uma vontade passível de ser consolidada em razão de seus maiores ingressos (traduzidos no mobiliário das casas, nos equipamentos eletrônicos, etc.), para a classe média baixa ele permanece mais como um desejo, cuja materialização pode nunca acontecer ou, então, demanda um amplo planejamento (e tempo) para ser lograda.

Ainda com relação às fontes, abaixo apresento uma tabela resumo com os seus perfis, ampliados no Anexo I deste trabalho.

Tabela 3 Resumo dos perfís

Nome	Idade	Profissão	Estado civil	Local de Residência	Filhos	Habitantes na casa
Adelia	69	Professora aposentada	Casada	CP Palatino - Cerro (Havana)	2	3
Amalia	29	Dentista	Solteira	San Pablo (Santiago)	-	3

Arlindo	53	Cabeleireiro (cuentapropista)	União não oficial (homoafetiva)	CP Los Maceo - San Fermin (Santiago)	-	2
Alexander	62	Engenheiro mecânico	Casado (2º casamento)	CP Palatino - Cerro (Havana)	3	5
Anita	71	Dentista aposentada	Casada	CP Palatino - Cerro (Havana)	1	2
Dulcília	70	Economista/Bibliotecarista aposentada	Casada	Ilhas Canárias (Espanha)	2	2
Débora	50	Dona de casa	Viúva	CP Los Maceo - San Fermin (Santiago)	2	2
Marta e Rita	52 e 25	Médica e Jornalista	Casada e solteira	CP Los Maceo - San Fermin (Santiago)	2 e 0	5
Marisa e Cláudia	49 e 19	Enfermeira// estudante de medicina	Divorciada e solteira	CP Palatino - Cerro (Havana)	1 e 0	2
Sílvia	55	Professora de Educação Física (com especialização na área)	Casada	CP Palatino - Cerro (Havana)	2	6
Yurisleide	43	Bióloga / especialista em saúde e segurança no trabalho	União estável (3ª)	San Pablo (Santiago)	2	5
Raimunda e Mônica	46 e 19	Ex-atleta/prof. de Educação Física// estudante de Medicina	Divorciada e solteira	CP Palatino - Cerro (Havana)	1	2
Roberto	53	Mecânico	Casado	CP Palatino - Cerro (Havana)	2	4
Yanca	32	Psicóloga (mas atua em uma loja estatal, parte de contabilidade)	Casada	CP Los Maceo - San Fermin (Santiago)	2	6

3 ETERNA MAGIA

Pienso que la telenovela es algo de lo cual nos tendríamos que sentir orgullosos los latinoamericanos, es una de las expresiones culturales más grandes que ha hecho nuestro continente (...) es tan importante el impacto que la telenovela tiene, que se ha convertido en un paradigma de elemento cohesionador y unificador de los latinoamericanos.

José Ignacio Cabrujas

Em 25 de maio de 2016, mais de 380 telenovelas¹³ eram transmitidas em pelo menos 20 países do continente americano. Produções brasileiras, especificamente, estavam em exibição na Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, El Salvador, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. As da Rede Globo eram ampla maioria: *Império*, *O Rei do Gado*, *Geração Brasil*, *O caminho das Índias*, *Boogie Oogie*, *Avenida Brasil*, *Sete Vidas*, *Terra Nostra*, *Joia Rara*, *Para sempre*, *Celebridade*, *Em Família*, *Flor do Caribe*, *Fina Estampa*, *Uga Uga*, *O Clone*, *Cheias de charme* e *Cordel Encantado*. Mas também a Record (*Escrava Isaura* e *Os Dez Mandamentos*) e o SBT (*Carrossel*) encontraram espaços nos mercados vizinhos.

A capacidade de “melodramas em fragmentos” cruzarem fronteiras, evidentemente, não é uma novidade.

Since it was invented, that is to say nearly 200 years ago, fiction in serial form has gone back and forth between the continents, first migrating from Europe to America, then coming back into many European countries through the import of American and Latin American television series and serials. (BUONANNO, 2010, p. 108).

Na América Latina (AL), os melodramas midiáticos frequentam com destaque as pautas de comércio internacional de produtos culturais há muito. Já a partir dos anos 1940, textos migravam de uma nação a outra e eram (re)produzidos integralmente e/ou adaptados para atender aos anseios e gostos específicos de aficionados no gênero. Se inicialmente as tramas em circulação na AL seguiam uma fórmula estadunidense¹⁴, gradualmente, nos povos ao sul dos EUA, elas ganharam

¹³ Argentina, 15 telenovelas; Bolívia, 23; Chile, 17; Colômbia, 21; Costa Rica, 15; Cuba, 3; Equador, 39; Estados Unidos, 30; El Salvador, 24; Guatemala, 9; Honduras, 24; México, 16; Nicarágua, 23; Panamá, 13; Paraguai, 18; Peru, 19; Porto Rico, 17; República Dominicana, 27; Uruguai, 12; e Venezuela, 13. Fonte: my.tv.

¹⁴A fórmula estadunidense é a *soap opera*, que, dentre outras coisas, se distingue da telenovela por ser escrita para ser “infinita”, ou seja, ser mantida no ar enquanto houver audiência suficiente para atrair patrocinadores, enquanto as segundas são redigidas já prevendo-se um “ponto final” para a

novas conformações e, hoje, pode-se afirmar que os folhetins eletrônicos constituem um dos “pocos productos culturales originales de América Latina, aunque tiene, como ya se ha indicado, matrices culturales históricas provenientes de otras latitudes” (ALFARO, 2006, p.447)¹⁵.

Nas décadas de 1950 e 1960, além dos *scripts*, circularam com intensidade, entre os países do continente, profissionais especializados em adaptar as tramas para serem exibidas nos emergentes, mas rapidamente espriados, televisores, onde alcançaram o mesmo êxito experimentado anteriormente no âmbito da radiodifusão. E, a partir dos anos 1970, graças aos avanços tecnológicos (que ampliaram a possibilidade de gravação dos programas), começaram a ser comercializados para além-fronteiras também os títulos prontos, os “enlatados” (STRAUBHAAR, 2004). A longevidade dos folhetins (sonoros ou televisivos) e das transações contribuíram, portanto, para o compartilhamento e assimilação de códigos presentes nas obras do gênero¹⁶ bem como para consolidá-lo como “paradigma ficcional da América Latina” (ALENCAR, 2010).

Cuba e Brasil têm destaque no campo da teledramaturgia latino-americana. A Ilha, atualmente, menos pela produção de conteúdo e mais pelo pioneirismo. Já a terra descoberta por Cabral sobressai em razão da qualidade percebida nas tramas (especialmente das produzidas pela Rede Globo) e pela inovação que promoveram ao “incluir la realidad social en las telenovelas” (AZORÍN, 2015, p. 19) e criar, assim, um bem-sucedido estilo próprio (re)conhecido como “realista” (LOPES, 2009), distanciando-se do modelo “sentimentalista” que caracteriza, grosso modo, a produção de nações como a mexicana. Nas próximas páginas, recupero um pouco da trajetória da teledramaturgia em Cuba e no Brasil. E apresento algumas das mais citadas hipóteses formuladas por teóricos para justificar o êxito transnacional do gênero.

história, que pode alongar-se de 120 a 300 capítulos. Ademais, nas telenovelas “os protagonistas são, geralmente, um casal, enfatizando o *star system*, enquanto que na versão norte-americana os protagonistas são uma família ou uma comunidade inteira. Conflito de classes e mobilidade social também são apresentados mais comumente nas produções latino-americanas” (MAZZIOTTI; FREY-VOR, 1996, p. 48)

¹⁵“La telenovela es heredera de muchas manifestaciones culturales, siendo el folletín, el melodrama, el teatro de plaza y el radio teatro los que más han contribuido con sus matrices de sentido y de estructura a su configuración”. (ALFARO, 2006, p. 447)

¹⁶“Genres may be defined as patterns/forms/styles/structures which transcend individual films, and which supervise both the construction by the film maker and their reading by the audience” (RYALL, 1975, apud. BARKER, 2000, p. 74).

3.1 O DIREITO DE NASCER

Da fábrica *Partagas*, sediada num antigo prédio situado às costas do Capitólio cubano, saem alguns dos mais valiosos charutos do mundo, comercializados sob marcas como *Cohiba*, *Montecristo* e *Romeu y Julieta*¹⁷. Num dos espaços da fábrica, ocupado por dezenas de profissionais que desempenham a pouco entusiasmante tarefa de enrolar as folhas de fumo, há um pequeno palco. Sobre ele, está uma mesa e, em cima dela, um microfone, ferramenta de trabalho dos “leitores de tabaco”. Eles são responsáveis por dar voz a jornais diários e romances para desfrute (ou não) dos trabalhadores. A prática de leitura nas fábricas de charutos e afins, viva ainda hoje, foi inaugurada no século XIX em Cuba – e, em 2012, declarada patrimônio cultural daquela nação. Já naquele momento, o “potencial social” da ficção para enfrentar – e promover o enfrentamento de – problemas concretos vividos no cotidiano cubano, muitos deles atribuídos ao colonialismo espanhol, se desvelou.

La lectura en las tabaquerías se introdujo en La Habana el año de 1865 en la fábrica El Fígaro. La iniciativa fue impulsada por el político liberal Nicolás Azcárate, quien tenía relación con el líder obrero asturiano Saturnino Martínez, que aprendió en Cuba el oficio de tabaquero y llevó la lectura a las fábricas con el objetivo de aliviar las largas y aburridas jornadas de los torcedores. Resultó que estos conocimientos fueron dejando poso ideológico y convirtieron al sector tabaquero en un colectivo aguerrido y proclive a las ideas de la independencia. José Martí recibió el apoyo incondicional de los tabaqueros de Tampa en su lucha contra España. La mesa de lectura de cada tabaquería fue «tribuna avanzada de la libertad», aseguró el Héroe Nacional de Cuba. El activismo llegó al punto de que, por miedo, llegaron a censurarse libros «contaminadores» y hasta el oficio del lector de tabaquería fue vetado en ocasiones, la primera de ellas por mandato del Capitán General Francisco Lersundi y Ormachea (1867-1869). [...] En la época de la colonia pesaban las inercias y pretendieron imponerse sesudos tratados sobre la historia de España. Sin embargo, en algunas fábricas con administraciones y sindicatos más abiertos entraban las obras de Dostoievski, Víctor Hugo o Balzac hasta llegar a Pérez-Galdós y Zola y se empezó a catalizar la conciencia social del gremio tabaquero. (VICENT, 2012)

Há quem identifique, na prática de leitura nas tabacarias, a origem das radionovelas (Félix Caignet, um dos principais escritores da história do gênero e sobre quem falo algumas páginas adiante, afirmava ter se inspirado nela para produzir seus textos, por exemplo), populares em Cuba já nos anos 1930, o que se

¹⁷ Conta-se que os nomes *Romeu y Julieta* e *Montecristo* surgiram justamente em razão da leitura das duas obras durante a fabricação dos charutos

deve, em muito, à precocidade da gigante das Antilhas no campo das comunicações: em 1922, a Ilha foi pioneira na consolidação de um estação pública de rádio na América Latina (PÉREZ, 2008, p. 117), e essa pujança (que depois se repetiria no que diz respeito à televisão) decorre da proximidade histórica e geográfica da nação caribenha com os Estados Unidos, de onde chegavam os investimentos, anunciantes e tecnologias necessários para introdução e expansão do meio.

Os primeiros folhetins sonoros difundidos em Cuba eram, fundamentalmente, adaptações de argumentos norte-americanos ou versões de clássicos da literatura universal (especialmente europeia). Já as pioneiras obras escritas especialmente para o rádio e o público cubanos estrearam na nos anos 1930, momento em que se consolidaram como “queridinhas” entre os ouvintes e passaram a ter horários fixos para a sua difusão. A RHC, Cadena Azul¹⁸, por exemplo, durante 1941, criou o espaço *La novela del aire*, que promoveu o advento de “una hornada de escritores de aventuras heroicas y novelas románticas, sentimentales, melodramáticas y folletinescas”, de acordo com Mayre Cue Sierra (2010). De acordo com a autora, o

sistema radiofónico habanero forjó un nuevo modelo narrativo, [...] un estilo probado en las audiencias que aunque incorporó y fusionó diversas influencias, logró una formula propia con un acento cultural a lo latino que se apartó del anglosajón. Este proceso se estructuró entre 1937 y 1948, y devino vasto proceso creativo productivo donde, por más de una década, diversos autores (...) configuraron un nuevo tipo de narración electrónica. (SIERRA, 2010).

Dentre os redatores que trataram de se especializar no ofício de escrever histórias para as rádios despontou Félix Benjamín Caignet Salomón, nascido na província de Santiago de Cuba, em 31 de março de 1892. Sua obra *O Direito de Nascer* é o apontada como a mais relevante dentre as produzidas em meio ao “processo criativo” citado acima, e acabou por constituir-se na primeira radionovela de alcance transnacional. O texto foi ao ar, primeiramente, em 1948, via emissora CMQ¹⁹, e deu força ao advento de um cenário em que se “articulaba toda una red transnacional, como prueban las retransmisiones radiales o televisivas en Iberoamérica. Se trataba, como han señalado Carlos Monsiváis y Román Gubern, de

¹⁸ RHC era a sigla da *Rádio Havana Cuba – Cadena Azul*.

¹⁹ A ironia é o fato de o argumento da trama ter sido rejeitado pela RHC, rádio que, ao longo dos anos 1940, levou ao ar outros textos do autor, como *El precio de una vida*, sua primeira novela romântico-sentimental, em 1944.

una socialización transnacional del dolor y el sufrimiento” (ROJAS, 2014, p. 15).

O triunfo da obra de Caignet (apud MATELSKI, 2010, p. 188), segundo o próprio autor, deveu-se ao fato de ele falar de problemas sociais utilizando metáforas e de “to take advantage of popular emotion to show something moral, something good”, sem esquecer que, segundo o próprio escritor, havia “que hacer llorar al oyente una lágrima en cada final” (IZAGUIRRE, 2009). *O direito de nascer* gozou uma longa trajetória de sucesso na América Latina e, hoje, é “considerado o relato de ficção midiática de maior circulação no século passado”, segundo Sierra (2015), motivando uma monumental estratégia de mercado e *merchandising* ao ganhar versões “radiofónicas, cinematográficas, teatrales, fotonovelas y hasta postales”.

Entre 1952-1960, de acordo com a mesma autora, Cuba desempenhou novamente um papel de protagonista na consolidação e popularização das tramas melodramáticas, em razão dos investimentos feitos por empresários donos dos meios de comunicação massiva para repetir o sucesso das novelas agora na televisão. O escritor Mario Barral López foi destaque nesse processo e, durante um único semestre de 1952, redigiu cinco diferentes textos escritos especialmente para o programa *La novela en televisión*, na CMQ TV (Canal 6). Foi o primeiro teledramaturgo da América Latina a sugerir e adotar o “formato episódico de frequência máxima” (SIERRA, 2015) de novelas na televisão, isto é, seus textos ocupavam espaço diário na grade de programação.

En menos de un decenio de televisión comercial, en el competitivo sistema audiovisual habanero, la mayoría de sus televisoras experimentaron sucesivamente la diversificación de las fuentes de estos relatos: a los originales televisivos se sumaron argumentos exitosos provenientes del teatro, la literatura, la poesía, el cine y la radionovela nacionales donde la historia de amor central se desarrollaba en ambientes geográficos, sociales e históricos variados y aparecían múltiples problemáticas sociales. (SIERRA, 2015).

Foi apenas em 1958 que o já citado texto de Caignet, *O direito de nascer*, chegou à televisão cubana. Para autores como Rincón (2017), foi este o momento em que nasceu, de fato, a telenovela: “es un título que vale porque tiene millones de verdad; [...] significaba el derecho de existir el público de los pobres en esa Latinoamérica exclusoria, clasista y racista [...] al comienzo del siglo XX”. A trama, apesar de toda a sua qualidade melodramática, tinha também conotação política em razão do cenário ilhota, onde estava instaurado o regime ditatorial de Fulgêncio

Batista (outras nações do continente viviam condições similares). Segundo Rojas (2011, p. 138-141),

El tema central [...], la legitimidad, lograba resonancias políticas bastante explícitas, ya que una buena parte de la trama transcurría durante los estudios universitarios del joven Limonta, quien, contrapuesto al magnata despiadado, Rafael del Junco, funcionaba, en buena medida, como símbolo de la generación revolucionaria cubana. [...] *El derecho de nacer* rearticuló tópicos centrales de la cultura caribeña y latinoamericana, como la legitimidad, la orfandad o el incesto, que atravesaban toda la tradición literaria de la isla [...]. El legitimismo filial y sexual de la obra de Félix B. Cagnet actuó sobre una esfera pública marcada por el estado de excepción y la ilegitimidad de la dictadura, viabilizando la constitución de sujetos políticos que trascendían el nihilismo republicano a través de nuevos discursos y prácticas revolucionarios. El público de radioescuchas y televidentes de *El derecho de nacer* era, también, el conjunto de espectadores que se identificaba con el drama de la Revolución.

Cagnet foi um defensor do processo revolucionário cubano. Muitos outros agentes envolvidos com a mídia ilhota, incluindo, é claro, os escritores de telenovelas, se engajaram no sentido de questionar o governo de Batista e lançaram mão de seus roteiros para se manifestar.

En 1957, la escritora Delia Fiallo en su novela *Cuando se quiere al enemigo*—estrenada en el habitual *Miércoles de amor Palmolive*—, en el parlamento del oficial de la resistencia francesa que interpretaba el actor Alberto González Rubio difundió en directo, “al aire”, fragmentos del testamento político de José Antonio Echevarría. Cuando el actor se enteró y protestó, ella respondió: “A ti no te van a matar porque eres familia de un jefe de la Marina”. La telenovela *Historia de tres hermanas*, de Mercedes Antón, difundida en el Canal 6 durante la etapa más cruenta del conflicto nacional, tenía entre sus protagonistas a la actriz Maritza Rosales, quien interpretaba exitosamente el personaje de Reyna Milanés. Lo que los televidentes no sabían era que la artista era una temeraria combatiente clandestina, apresada en más de una ocasión. En la última, el propio Ventura Novo registra su casa y le amenaza: “En la próxima, ni tu Reyna Milanés te salva la vida”. Las anécdotas que evidencian el arriesgado compromiso de artistas, especialistas, técnicos, personal administrativo y obreros de la radio y la televisión en esta coyuntura, fueron muchas. (SIERRA, 2010).

Todavía, se o melodrama, de alguma forma, pode ter agido em favor da crítica ao poder ditatorial batistiano, o triunfo da revolução em Cuba, no ano seguinte, teve impactos significativos – e pouco positivos – sobre o desenrolar da teledramaturgia na Ilha. Com a chegada dos barbudos da Sierra Maestra ao comando da nação, as telenovelas “among all the programs borrowed from or influenced by US radio and television, [...] became synonymous with US imperialism and its dominance in Cuba and across Latin America” (RIVERO, 2014, p. 54). O gênero sofre, por isso, uma

“interdição” e ocorre amplo êxodo de escritores, técnicos e autores inconformados com a radicalização do projeto revolucionário. Na hora de escolherem seus novos “lares”, privilegiaram países do continente americano como destino, estabelecendo-se em Buenos Aires, Cidade do México, Miami, São Paulo, etc. Nas novas plagas, passaram a formar e integrar centros de produção de textos novelescos, vendidos a diferentes países. Rivero (2009, p. 213) destaca também o papel dos executivos de mídia cubanos que partiram para o exílio para a consolidação da indústria televisiva na região. Dentre eles, Diego Cisneros (fundador da *Venevision*, na Venezuela), Goar Mestre (que em conjunto com a estadunidense CBS lançou um canal comercial na Argentina) e Gaspar Pumarejo (que trabalhou como produtor no Peru e em Porto Rico).

A partir da estatização do setor de telecomunicações em Cuba, concluída em 1961, os meios massivos foram empregados prioritariamente para a divulgação das ideias do novo governo. Assim passaram a ser produzidas e/ou veiculadas, em lugar das novelas melodramáticas, versões de clássicos da literatura (cubana e universal) e tramas originais que refletiam a nova conjuntura, com “un marcado énfasis educativo, formativo y cultural” (SIERRA, 2010, p.7). Privilegiou-se um estilo de folhetim “pró-social”, com orientação político-ideológica (SIERRA, 2014), mais próximo do realismo socialista²⁰, especialmente a partir de 1967. Isso se traduziu, em Cuba, na consolidação do programa *Horizontes*, a cargo da escritora/roteirista Aleida Amaya. Nele, as tradicionais histórias de amor deram lugar a “escenarios, temáticas, personajes y protagonismo colectivo enfatizando el acercamiento a la realidad de los procesos que tenían lugar en los sectores poblacionales y laborales mayoritarios” (SIERRA, 2010).

Para la radio y la telenovela, se estableció “un super objetivo: conseguir, a través de un espectáculo válido, y de eficacia probada, que el público se dé cuenta de los cambios que operan en la nación” (Cuartas en Bianchi 1998, 20). El espacio *Horizontes* -que se mantendría al aire durante aproximadamente veinte años, desde la década de 1960 y hasta la década del 80- sería indicativo de los nuevos modos de concebir el género: una suerte de híbrido entre el melodrama y el realismo socialista. Conocidas popularmente como “novelas de sindicato”, en clara alusión a los temas

²⁰A designação diz respeito ao estilo artístico estimulado especialmente pelo regime socialista soviético. Teatro, literatura e artes visuais deveriam ter um compromisso primeiro com a educação e formação das massas para o socialismo em construção. O “realismo socialista”, portanto, refere-se a “uma arte ‘proletária e progressista’, empenhada politicamente, envolvida com os temas nacionais e com as questões do povo [...]” (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo403/realismo-socialista>)

obreros y campesinos que pretendían representar, *Horizontes* se caracterizó por su interés en ilustrar la lucha de líderes obreros, por la descripción de los nuevos escenarios y conflictos sociales que debían enfrentarse en la construcción cotidiana de la sociedad socialista. (AMAYA, 2016, p. 72).

Segundo Sierra (2010), foram necessárias “décadas, sudor y lágrimas para comprender que la revalorización de lo realizado en los períodos previos, constituye también nuestra historia, tradición y patrimonio”. Entre 1967 e 1983, apenas uma “telenovela sentimental” foi veiculada na televisão cubana: a mexicana *Gotita de Gente*, “producto de muy baja calidad que sin mayor resonancia se emitió en la sesión vespertina” (SIERRA, 2013). O marco decisivo para a “retomada melodramática” em Cuba foi a exibição, primeiro, da série brasileira *Malu Mulher* (*Una mujer llamada Malu*, em Cuba) e, especialmente, da veiculação, na sequência, da também tupiniquim *A Escrava Isaura* (GLOBO, 1976). Ademais de recolocar os cubanos em contato com o gênero do qual foram criadores, a exibição dos referidos programas em um contexto em que se havia mobilizado “energies and attitudes around work, production, the acquisition of fundamental goods and services for all (education, health, family planning) within an ideological framework dominated by the idea of preserving the revolution against external aggression” (MATTELART; MATTELART, 1990, p. 93), ressuscitou, segundo Mattelart e Mattelart (1990), “perguntas impossíveis de serem resolvidas”, como a sobre se “é possível inserir em uma forma herdada do capitalismo um conteúdo ‘ideológico’ que lhe é estranho, isto é, substituir um conteúdo conformista por um conteúdo progressista, um conteúdo ‘alienante’ por um “‘desalienante’?”. Os títulos brasileiros serviram como catalisadores de um debate público em relação às “qualidades revolucionárias” (ou não) do melodrama. Assim, os produtos da rede Globo mudaram os rumos da teledramaturgia cubana em razão de sua ampla aceitação popular, que serviu de estímulo para que o próprio Instituto Cubano de Radio y Televisión (ICRT) voltasse a dar atenção e recursos para a confecção de obras do gênero.

La esclava Isaura, fue otro cantar. Ella enfrenta a las nuevas generaciones de cubanos con un gran éxito de la historia de la telenovela latinoamericana cuyos escenarios, temas y contextos sociales eran muy similares al fenómeno de la esclavitud negra también sufrida por los cubanos. En suma, deslumbra a nuestros televidentes con su arsenal de recursos y códigos dramáticos, comunicativos y audiovisuales provenientes del melodrama, el romanticismo y el folletín, abandonados por nuestra novelística audiovisual durante más de dos decenios. (SIERRA, 2014).

Fue la explosión de un público que quería verse reflejado, que quería verse motivado... Yo estaba en el campismo cuando pusieron **La Esclava** y la gente se movía dos kilómetros para verla a otro campismo donde había televisor. Había gente de todo tipo, desde el más culto hasta el más sencillo. Fue una conmoción nacional, había que vivirla. (Bulit, en Lara, 1998, p. 155 apud ALONSO, 1999).

[...] el fenómeno popular desatado por la exhibición de *La Esclava Isaura*, a mediados de los ochenta, podría en evidencia el desgaste estético de la fórmula de los *Horizontes* nacionales. “Fidel Castro preguntó si nosotros no podíamos hacer algo parecido, que detuviera al país en el horario de la transmisión”, rememora una realizadora cubana (González Grau 2009). La respuesta de la televisión cubana fue precisamente un melodrama de época: *Sol de Batey*, que con guion de Dora Alonso y bajo la dirección de Roberto Garriga, retomaría nuevamente la fórmula más tradicional del melodrama cubano, pues se trataba de la adaptación de una radionovela original transmitida en Cuba en 1950. (AMAYA, 2016, p. 72).

Fowler (apud Rivero, 2011, p. 52) destaca a fidelidade contínua dos cubanos em relação à telenovela, apesar do hiato no contato como melodrama a *la latinoamericana*, como sendo a confirmação de uma bonita história de “resistência cultural”. A exibição dos citados folhetins da rede Globo, além da retomada da produção local em linha com as características originárias do gênero, representaram também o marco inicial de um período – ainda vigente – em que, “sin lugar a dudas **la novela brasileña es la que se ha adueñado del gusto del cubano**”. (TORRES, 2015, p. 474, destaque meu).

3.2 CUBA-BRASIL-CUBA

Em novembro de 1984, como parte do pacote promocional de *A Escrava Isaura*, a Globo promoveu a visita de parte do elenco da trama a Cuba.

Encontrou [Angela Leal] “toda Cuba no aeroporto. (...) Alguns detalhes chamaram a atenção: em cada casa, ao lado da foto de Fidel Castro, um pôster da escrava Isaura (Lucélia Santos); gripe virou “Leôncio” (personagem do Rubens [de Falco]); saia com nome de “Carmem” (papel da Angela). Segundo os cubanos, só há uma definição para tanto sucesso da novela: “A escrava nos escravizou”. Só para vocês terem uma ideia, lá a novela ia ao ar às onze da noite, e os operários usavam o despertador: acordavam no horário, assistiam e voltavam a dormir. Como a aceitação foi grande, tiveram que a exibir também às 18h”. (ANGEL, 1984, p. 6).

A adaptação do romance de Bernardo Guimarães – feita por Gilberto Braga, e dirigida por Herval Rossano e Milton Gonçalves, em 1976,²¹ provocou um tremendo

²¹ O texto original romance foi bastante alterado, segundo Gilberto Braga, em razão de seu teor anti-abolicionista. Por exemplo, a história na telenovela se passa nos anos 80 do século XIX, enquanto no texto seminal remetia a 1840. A mudança de década teve como objetivo aproximar a trama do momento da abolição da escravatura no Brasil, deflagrada em 1888. (O GLOBO, 1985, capa).

alvoroço na Ilha, e representou uma inversão definitiva na balança comercial melodramática entre os dois países. Em verdade, hoje, já não há intercâmbio deste tipo de programa entre eles, mas uma relação unidirecional: o Brasil exporta para a Ilha.

A origem da relação novelística entre as duas nações remonta aos anos 1940: a primeira obra cubana divulgada no Brasil, via Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, foi *Em busca da felicidade* (1941), numa versão adaptada do texto do cubano Leon Blanco. Dez anos mais tarde, ainda no dial, os brasileiros ouviram *O Direito de Nascer*, transmitida ao longo de 20 meses – razão pela qual ela a trama passou a ser renomeada pelo público como “*O direito de encher*” (ESQUENAZI, 2014). A comoção provocada pela trama de Cagnet motivou milhares de ouvintes, especialmente mulheres, a enviarem roupas, sapatos e outros acessórios à emissora para compor o enxoval da personagem Agostinho Limonta, rapazinho que seria criado clandestinamente por uma mãe adotiva negra. A Rádio Nacional foi obrigada, ainda, a criar uma saída alternativa de seus estúdios para a passagem dos intérpretes dos vilões, costumeiramente ameaçados por ouvintes que se aglomerava na praça Mauá, no centro da capital fluminense, para acompanhar as transmissões (ESQUENAZI, 2014).

A telenovela, por sua vez, apareceu no Brasil logo após o início das operações da primeira emissora nacional, a Tupi, fundada em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, pertencente ao empresário Assis Chateaubriand. Em dezembro de 1951, foi ao ar *Sua Vida me Pertence*²², com apenas 15 capítulos, transmitida duas vezes por semana e com duração de poucos 20 minutinhos por episódio. Novela diária, por aqui, só em julho de 1963, pela TV Excelsior: *2-5499 Ocupado* (texto do argentino Alberto Migré, adaptado por Ducli Santucci) foi ao ar.

O patrocínio era da Colgate-Palmolive, que já sustentava os folhetins em outros países e acabou se transformando na maior incentivadora para o gênero ser produzido em São Paulo. [...] A história de uma detenta que diariamente recebe ligações de um homem que está apaixonado por sua voz e que, por saber que ele é muito poderoso, não pode revelar sua condição e muito menos que vive num presídio conquistou rapidamente o telespectador e de imediato apontou para os diretores da Excelsior que esse era um produto que ainda teria muito a crescer e renderia excelentes lucros para a emissora. “Ali começou o sucesso das novelas, porque todo

²² A novela era exibida às 20h, e foi ao ar de 21 de dezembro de 1951 a 8 de fevereiro de 1952, tendo sido escrita e dirigida por Wálter Forster.

mundo se deu conta da força de uma boa história ser apresentada todas as noites”, diz Lolita Rodrigues. “Foi um sucesso tão grande que eu fiquei até atônito com essa coisa”, resume Tarcísio Meira em uma frase o impacto do novo produto sobre o público. (RICCO; VANUCCI, 2017, p. 3420).

Todavia, o primeiro grande êxito nas telinhas brasileiras deveu-se, outra vez, ao texto de Caignet, *O direito de nascer*. Para poder usar a obra, a TV Rio enviou uma mala de dinheiro, por meio da atriz Dercy Gonçalves, ao escritor cubano, e a produção do folhetim envolveu uma curiosa parceria entre a TV Rio, ligada à Record, e a TV Tupi de São Paulo (RICCO; VANUCCI, 2017).

O canal carioca não tinha condições nem estrutura de assumir um projeto tão grande como o planejado e, por isso, o único caminho era apostar numa produção externa. O projeto foi levado a São Paulo, para Cassiano Gabus Mendes, que abriu mão de exibi-la através da Tupi Rio, mas garantiu sua distribuição para outras sete emissoras de Assis Chateaubriand nas principais capitais do país. (RICCO; VANUCCI, 2017, p. 3790-3793).

“Desde o início, no dia 7 de dezembro de 1964, até aquele 13 de agosto de 1965, os telespectadores se emocionaram com a história adaptada no Brasil por Thalma de Oliveira e Teixeira filho”. *O Direito de Nascer*, com capítulos de 30 minutos e exibida às 21h30, conquistou a liderança em seu horário, assim como alavancou os programas que entravam no ar antes e depois de sua exibição (RICCO; VANUCCI, 2017, p. 1119-1122). A reação do público ao último capítulo da novela consagrou o gênero e eliminou qualquer suspeita sobre a sua aceitação. Na capital fluminense, por exemplo, garantiu 99,75% de audiência à TV Rio.

São muitas as curiosidades sobre *O Direito de Nascer*, sendo a mais conhecida o fenômeno em que se transformou a exibição do último capítulo ao vivo direto do Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, no dia 13 de agosto de 1965. Naquela sexta-feira, a cidade parou, primeiro com um desfile dos artistas em carros por algumas avenidas, e, depois, durante a encenação do desfecho para uma plateia imensa. No dia seguinte, foi a vez do Rio de Janeiro. Um Maracanãzinho lotado com fãs histéricos que gritavam os nomes das personagens e disputavam a tapa a oportunidade de um autógrafa com as estrelas comprovou que a novela foi um grande marco na história da televisão brasileira. “A consagração”, pontua Boni, o homem que resolveu investir na trama e consolidou definitivamente a telenovela como o principal produto da indústria de entretenimento para a TV em nosso país. (RICCO; VANUCCI, 2017, p. 3809)

A partir de *O direito de nascer*, as principais emissoras de São Paulo passaram a dedicar volumosos recursos ao gênero, “mobilizando escritores, atores e diretores, que começaram a dar os contornos de uma produção diferente daquela

corrente nos países hispano-americanos e nos Estados Unidos” (MELO, 2010, p. 163-164). Segundo Meirelles (2009, p. 36), teleteatros e outros programas “concorrentes” foram sacados das grades de programação e a telenovela passou figurar soberana no horário nobre, inaugurando a sua era – ainda vigente – de hegemonia.

O advento do regime militar, em 1964, a partir do golpe de Estado em 1º de abril daquele ano, teve implicações importantes para a sequência da história da televisão e da telenovela no Brasil. Os novos mandatários investiram na ideia de promover a integração nacional (e a legitimação do regime por intermédio dessa tecnologia), e isso representou uma ampla carga de recursos destinado à ampliação de alcance de sinal. Assim alavancaram a televidência tupiniquim movimentos como a criação da Embratel (ao assegurar a possibilidade de ampla abrangência de sinal televisivo), bem como a mudança sociodemográfica do país (com um crescimento vertiginoso da população urbana) e o arrocho salarial que inibia o consumo cultural fora dos lares, ou seja, “the popular demand for television also increased because of its relative ease expensiveness as a leisure time option” (STRAUBHAAAR, 1981, p. 200). Com isso, a Tv se converteu em um sonho de consumo dos brasileiros e, também, em sinônimo de status para a classe média nacional, o que se traduziu num vertiginoso crescimento no número de aparelhos nos lares tupiniquins: se em 1960, dez anos após a inauguração da TV, apenas em 4,6% dos domicílios brasileiros eles estavam presentes, em 1970 já figuravam em 22,8% dos lares, e, em 1980, em 56,1% (HAMBURGER, 2005). O avanço das pantalhas se coaduna, ainda, com o processo de crescente industrialização e o desenvolvimento do mercado de consumo – especialmente a partir dos anos 1970, com o “milagre brasileiro”. A TV, especialmente por meio das novelas, “capta, expressa e alimenta as angústias e ambivalências que caracterizaram essas mudanças, se constituindo em veículo privilegiado da imaginação nacional, capaz de propiciar a expressão de dramas privados em termos públicos e dramas públicos em termos privados” (HAMBURGER, 1998, p. 458).

Em 1968, foi ao ar a trama que mudou os rumos do gênero tupiniquim: *Beto Rockfeller*, com o “primeiro arquétipo real da novela brasileira” (MATTELART; MATTELART, 1998, p. 30). Inspirada em romance de Bráulio Pedroso, sua realização foi uma iniciativa do diretor-artístico da TV Tupi, Cassiano Gabus Mendes, como resposta à queda de audiência registrada pela emissora. A trama apartava-se

do modelo clássico melodramático, prevalente naquele momento, e segundo Piquiera (2015, p. 33), a meta era, com ela, conquistar

um público novo, formado principalmente por jovens e homens adultos, lembrando que a telenovela era um programa geralmente voltado para o público feminino. Apesar de, em parte, manter um pouco dessa categoria, Beto Rockfeller rompeu com tal paradigma ao tentar conquistar um público massivo, mais condizente às estratégias de uma empresa moderna de televisão, na qual se tenta conquistar amplas faixas do público telespectador levando-se em conta às diferenças culturais entre eles. Dessa forma, torna-se possível atrair mais patrocinadores para o gênero, não se restringindo à indústria de cosméticos. Para a concretização de tais objetivos, Gabus Mendes contratou um autor de teatro, avesso às práticas até então comuns na teledramaturgia, capaz de escrever uma história que chamasse a atenção tanto dos homens que preferiam ver os seriados de ação norte-americanos e os jovens que curtiam o rock'n roll dos Beatles (cujas músicas faziam parte da trilha sonora), criando identificação com telespectadores até então distantes da telenovela.

O personagem principal, que emprestava seu nome à narrativa, destoava do perfil que os brasileiros estavam habituados a encontrar nos folhetins televisivos: era “de origem modesta, habitante da cidade, sujeito a erros, cheio de dúvidas, inseguro, buscando estima, pondo em prática todos os seus recursos e astúcia para subir na escala social” (MATTELART; MATTELART, 1998, p. 30). Beto Rockfeller queria dar-se bem na vida da maneira mais fácil possível. “Essa foi a ideia: criar um personagem que, além de sua densidade dramática e aventuras pessoais, vivesse os assuntos e temas de cada dia, envolvendo personagens e fatos da vida real”, descreveu a revista *Veja* (1969a, p. 60). As inovações em *Beto Rockfeller*, dirigida por Lima Duarte, abrangeram outros aspectos, incluindo o uso de linguajar despojado e atuações no mesmo sentido. A trama inseria-se no contexto das classes médias baixas e do proletariado brasileiros, de maneira que o público passou a se reconhecer nelas com mais intensidade.

Quando Beto apareceu, [...] foi saudado como o salvador da novela brasileira. A censura conseguiu prejudicar muito a carreira desse herói sem muita pose de herói, moderou suas expressões, maneirou seus gestos, proibiu algumas de suas conquistas. Apesar disso, ele chegou à sua última noite como campeão do horário (32,5% na despedida) e com a novidade do final infeliz (VEJA, 1969b, p. 78).

Para Lopes (2009, p. 25), o produto da Tupi foi o ponto de partida para a construção da telenovela brasileira como “recurso comunicativo” ao abordar o cotidiano das grandes cidades bem como ao empregar o humor inteligente, a ambiguidade dos personagens e, principalmente, “um repertório de referências

compartilhado” pelos televidentes do país. Segundo a autora, Beto Rockefeller “sintonizou as ansiedades liberalizantes de um público jovem, masculino e feminino, recém-chegado à metrópole e em busca de instrução e integração nos polos de modernização”. No que se refere às mudanças no gênero, o folhetim da Tupi representou o advento da perspectiva de que cada trama deveria trazer um assunto que a diferenciasse de suas antecessoras e “capaz de ‘provocar’ o interesse, o comentário, o debate de telespectadores e de outras mídias, o consumo de produtos a ela relacionados, como livros, discos, roupas etc.” (LOPES, 2009, p. 25). Ademais, ajudou a quebrar preconceitos ao provar ser possível fazer algo bom na TV ao combinar linguagem direcionada para a massa com problemas nacionais, o que motivou a migração de um bom número de escritores de teatro (setor bastante pressionado pela censura militar) às emissoras. (RICCO, VANUCCI, 2017, p. 4414).

Apesar de *Beto Rockefeller* ser marco fundamental do “abrasileiramento” das tramas, evento tão ou mais importante para o futuro delas deu-se três anos antes de sua exibição, com a fundação da rede Globo, em abril de 1965. Desde seus primeiros momentos, a emissora da família Marinho – cujo nascimento e ampliação foram viabilizados pela ilegal participação da estadunidense Time-Life –, investiu na produção das telenovelas, a começar por *Ilusões Perdidas* (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003, p. 3). A Globo contratou, quando de sua fundação, a exilada cubana Glória Magadan²³, responsável, naquele momento, pela produção dos folhetins patrocinados pela Colgate-Palmolive na América do Sul – e que atuara como assistente de Cagnet. Ela comandou o núcleo de telenovelas e levou a emissora a conquistar uma expressiva audiência no “horário nobre” (entre 20h30 e 22 horas) no Rio de Janeiro, com títulos como *Eu Compro essa Mulher* (1966), baseada em *O conde de Montecristo*, de Alexandre Dumas, e *O Sheik de Agadir* (1966), inspirada em *Taras Bulba*, de Nikolai Gogol (PIQUEIRA, 2015, p. 31-32). Tratavam-se de tramas “água com açúcar”, adaptadas de textos estrangeiros e com cenários também além-fronteiras.

Estimulada (ou pressionada) pelo sucesso de *Beto Rockefeller* e à medida que assumia a liderança da indústria de televisão nacional, a Globo tratou de fazer alterações na sua linha de novelas, decidindo ambientá-las no país, “substituindo o

²³Em setembro de 1961, dois anos após a Revolução Cubana, Glória Magadan declarou-se exilada e mudou-se para Miami, onde passou a chefiar toda a programação da multinacional Colgate-Palmolive para a América Latina e o Canadá. Também trabalhou na Venezuela e, em 1964, mudou-se para o Brasil. Fonte: Memória Globo.

universo ficcional de castelos, masmorras e calabouços por imagens de um Rio de Janeiro luminoso, de casas de campo em Petrópolis e autódromos movimentados pelo sucesso do piloto Emerson Fittipaldi, que então despontava nas pistas” (DICIONÁRIO DA GLOBO, 2003, p. 19). Também apostou em tramas mais modernas e ágeis. O primeiro título a incorporar essas novas orientações foi *Véu de Noiva*, de Janette Clair, em 1969 (NETO, 1997, p. 251). Ademais, a emissora tratou de enriquecer o produto por meio do emprego das possibilidades técnicas ensejadas pelo videoteipe: produzir cenas fora dos estúdios, aproximando mais ainda o telespectador do seu referencial paisagístico” (MELO, 2010, p. 165).

A opção por narrativas que se passam em espaços significativos do Brasil contemporâneo atende à expectativa de realizadores, autores, atores e diretores provenientes do cinema e do teatro dos anos 1950-60, envolvidos com diversas proposições de realização dos ideais nacionais e populares. Nesse registro, se opunham ao que identificavam com a ação deletéria do imperialismo norte-americano, a quem interessaria manter o subdesenvolvimento e a pobreza na América Latina (Ridenti, 2000). O nacionalismo dos autores, inspirado no programa do Partido Comunista Brasileiro, encontrou eco no nacionalismo dos militares (Gomes, 1998). A novela que se estabelece em 1970, a partir de experiências realizadas em 1968 na Tupi e em 1969 já na Globo, sob a direção de Daniel Filho, a quem José Bonifácio Sobrinho encarregou de realizar “o seu cineminha em casa” (Daniel Filho, 2001), lança mão de referências cinematográficas: a temporalidade contemporânea e a filmagem, ainda que parcial, fora dos estúdios, em locações conhecidas, produz algum frescor. Mas as narrativas nessa época eram dramaticamente pesadas. (HAMBURGER, 2001, p. 68-69).

A rede Globo aproveitou a conjuntura – e o fato de ser “a preferida dos militares”²⁴ – para prosperar, e, já a partir dos anos 1970, caracterizados por intensa interferência política e econômica do regime nas emissoras, segundo Hamburger (2005), passou a exercer praticamente o monopólio no setor. Destacou-se, já em seus primeiros momentos, por um movimento de “profissionalização” das atividades, o que incluía a realização de, até então, inéditas pesquisas com a audiência. Com 10 milhões de entrevistas ao ano junto aos telespectadores (VEJA, 1976) e

²⁴Segundo Hamburger (1998), é sabido que a rede Globo foi a maior beneficiária das políticas militares, e dentre os fatores que contribuíram para a sua rápida expansão estiveram as “relações amistosas com o regime”, mas também a sua sintonia com o incremento do mercado de consumo e preocupação da emissora com marketing e propaganda, e a qualidade de um grupo de criadores, ironicamente de esquerda, que migraram do cinema e do teatro para a gigante carioca.

medições de acesso à programação, ela reuniu condições para controlar as vendas de anúncios vinculadas aos programas, invertendo uma lógica até então vigente, em que eram grandes empresas, como a Colgate-Palmolive, que definiam o produto a ser patrocinado e, portanto, produzido. “The Globo knows its audience very well as any agency or advertiser, and the TV Globo programmers (...) integrate their information to their program planning, tailoring programs to the audience that is most likely to watching in a giving hour” (STRAUBHAAR, 1981, p. 191-192)”, razão pela qual passou a variar o perfil das telenovelas de acordo com o público nos diferentes horários de emissão.

Em 1976, a revista *Veja* estampou na capa a manchete *TV Globo: a Hollywood brasileira*. Apesar de o texto fazer uma radiografia da emissora como um todo, deu-se mais relevância ao tema das novelas:

A Globo não inventou a telenovela. De seus estúdios, porém, partiu a contribuição decisiva para a sua transformação em um gênero paracinematográfico, de dimensões hollywoodianas, mas tipicamente brasileiro na linguagem, na temática, e no alucinado ritmo de produção. Somadas, suas quatro telenovelas equivalem a um filme de longa metragem por noite. Um mercado de trabalho que a maioria dos artistas brasileiros preza e abençoa: dá-lhes fama, ou na pior das hipóteses, pagamento em dia. Pode, portanto, a Globo ostentar e manter o mais fabuloso elenco de astros e estrelas jamais reunidos por uma central de produção artística. (VEJA, 1976, p. 82).

Durante os anos 1970 e 1980, a novela brasileira (da rede Globo) surpreendeu por sua capacidade como produto comercial ao atrair telespectadores de diferentes classes sociais, gênero e gerações em todo o território nacional (HAMBURGER, 2011, p. 75). Com o passar do tempo, intensificou a hibridação entre os traços marcantes do melodrama e as temáticas sociais e políticas, convertendo o produto, cada vez mais, em representante da identidade cultural brasileira (LOPES, 2008; NICOLOSI, 2009).

Sobressaiu, desde cedo, também, a virtude técnica da gigante emissora carioca, a ponto de consolidar-se a expressão “padrão Globo”, empregada para designar “un conjunto de factores que van desde el carácter técnico e industrial de la producción, hasta el nivel estético y artístico, pasando por el cuidado del texto” (OBITEL, 2007). Essas características refletem o alto investimento da empresa no gênero – incluindo a manutenção de elenco fixo, a Central Globo de Produção (conhecida como Projac), gravações e treinamento no exterior e cuidados com

figurino, cenografia, qualidade de imagem e trilha sonora (LOPES et al., 2011, p. 171). A qualidade percebida impactou positivamente tanto para a adoção das telenovelas pelo público brasileiro como, posteriormente, para a aceitação internacional das produções *made in Brazil*.

As vendas dos folhetins da Rede Globo para o exterior foram inauguradas em 1973, com *O Bem-Amado* – o primeiro título em cores feito pela companhia. O *boom* nos negócios internacionais, no entanto, ficaria para a década seguinte, quando a empresa criou um Departamento de Comercialização Internacional. A chegada de *Escrava Isaura* a Cuba, por exemplo, coincidiu com esse momento. Em 1985, o jornal *O Globo* publicou matéria de página inteira destacando o êxito alcançado em plagas distantes com títulos como *Dancin' Days*. No mesmo ano, a revista *Veja* (1985, p. 116-117) destacou como as telenovelas globais contribuíam para mudar a imagem do Brasil no exterior. Naquele momento, na França, no Centro Pompidou, acontecia uma mostra sobre os folhetins eletrônicos tupiniquins. O escritor italiano Alberto Moravia, entrevistado na matéria (que abriu um espaço para falar da popularidade do produto também na “Velha Bota”), ressaltou o fato de as novelas serem “uma arte popular aplicada aos modernos meios de comunicação, que não perde o brilho da origem”.

Mesmo diante das dificuldades linguísticas e da hegemonia da emissora mexicana Televisa em toda a América Latina, a TV Globo conseguiu pôr em curso seu processo de internacionalização. De acordo com Mattelart (1998), em 1983, os únicos países da Europa que não haviam comprado produções brasileiras eram a União Soviética e a Albânia. Quatro anos depois, os valores ganhos com a venda do programa para outros países foram orçados em 15 a 20 milhões de dólares. (SILVA, 2015, p. 58).

José Marques de Melo (1988, p.52) aponta três importantes elementos que justificariam a popularidade das telenovelas da brasileira rede Globo no mercado internacional: o uso da linguagem coloquial; a escolha dos personagens de classe média (com a qual a maioria dos telespectadores se identifica ou simplesmente por constituir um padrão socioeconômico desejável); e a presença do mito da ascensão social, que refletiria o desejo de grande parte do público, especialmente em países em desenvolvimento. Jesús Martín-Barbero (2004, p. 39) acrescenta aos ingredientes da receita de sucesso a já mencionada “cotidianização da narrativa”. Seja como for, a exportação de novelas brasileiras demonstrou a possibilidade de (pelo menos pensar em uma possibilidade de) “reversão dos fluxos transnacionais

de informação e cultura” (HAMBUGER, 2011, p. 76).

3.3 TRANSNACIONALIZAÇÃO

Sabe-se que as telenovelas são pensadas para atender prioritariamente aos mercados internos e atrair a maior audiência possível. Nas nações capitalistas, isso é crucial para conquistar anunciantes e, dessa forma, ampliar os lucros e sustentar a confecção dos folhetins eletrônicos em fluxo contínuo. Daí ser válido supor que elas estão potencialmente carregadas de temas e temáticas relacionadas a uma cultura específica – em tempo e espaço também específicos. Como explicar, assim, o êxito transnacional dos folhetins eletrônicos? Dentre os conceitos/hipóteses aventados para compreender esse fenômeno, figuram recorrentemente, em trabalhos acadêmicos, os de “proximidade cultural”, (STRAUBHAAR, 2004) e “descontos culturais”, (HOSKINS; MIRUS, 1988).

While [...] cultural proximity encourages the consumption of domestic products, cultural discount (Hoskin and Mirus 1988) reduces the consumption of foreign products. The two principles or criteria of choice in fact operate in the same direction. Since programmes rooted in a different culture lend themselves less well to activating mechanisms of recognition and identification, they are less attractive for a local audience: their value is reduced compared to local programmes. This reduction in value is the cultural discount. (BUONANNO, 2010, p. 96)

Questão é que, em um mundo marcado pela interconexão, o “cultural discount” deixa de ser um empecilho, para se converter em virtude: a inserção generalizada na “modernidade-mundo” torna temas e gêneros “familiares” a pessoas de qualquer canto do globo. Daí as duas características parecerem, cada vez mais, complementares e presentes, por exemplo, nas telenovelas.

Segundo Straubhaar (2004), os públicos de fato costumam privilegiar produções realizadas dentro de seus próprios países ao consumirem televisão. No entanto, por carências técnicas e/ou de recursos, ou mesmo por simples “opção”, há canais que veiculam novelas forâneas que acabam por conquistar amplo afeto e a preferência por parte de quem se senta em frente à pantalha. Essa capacidade de atração, segundo Straubhaar, deriva da “proximidade cultural” da trama em relação a quem a assiste, ou seja, explica-se pelo fato de os televidentes sentirem prazer em identificarem-se nas narrativas (BUONANNO, 2007).

Cultural proximity is based to large degree in language. However, besides language, there are other levels of similarity or proximity, based in cultural elements per se: dress, ethnic types, gestures, body language, definitions of humor, ideas about story pacing, music traditions, religious elements, etc. (LA PASTINA; STRAUBHAAR, 2005, p. 274)

No caso das telenovelas brasileiras, o obstáculo da língua – somos o único povo no continente Americano a falar português – é superado (e/ou superável) em razão, em primeiro lugar, das “semelhanças” nos idiomas, o que favorece ao trabalho de dublagem. Some-se a isso, o fato de um conjunto de outras afinidades com as demais nações latino-americanas suprirem esse “déficit” idiomático, incluindo a “proximidade histórica”, posto que, com nossos *hermanos*, compartilhamos similitudes relativas a legados coloniais, movimentos pela independência, lutas contra a hegemonia estrangeira e desafios para o desenvolvimento. (WILKINSON, 1995, apud LA PASTINA; STRAUBHAAR, 2005).

La Pastina e Straubhaar (2005, p. 272) ponderam, inspirados por Iwabuchi, ser necessário levar em consideração que a “proximidade cultural” não deve ser entendida como “essência”, mas como um fenômeno “mutável” e em relação dialética com outras forças. Daí destacarem a validade de pensarmos também, por exemplo, na “proximidade de gênero”, ou seja, alguns tipos/formatos de programas têm mais possibilidade de obter êxito fora de seus contextos originais. No caso cubano, o fato de as raízes das telenovelas estarem encravadas em seu solo, por exemplo, parece ter contribuído – e continuar agindo nesse sentido – para o sucesso das tramas tupiniquins na Ilha desde o seu desembarque por lá. Aliás, como aventei antes, significaram uma “retomada”, um ‘reencontro” com o gênero depois de duas décadas de escasso – para não dizer nulo – contato com ele. Obviamente, a aceitação dos folhetins eletrônicos, pode decorrer, ainda, do fato de eles serem construídos sobre “oral structures, formulas and archetypes that can be shared by cultures. The underlying structure of melodrama has offshoots in almost all parts of world, so melodrama can reach past cultural differences”. (LA PASTINA; STRAUBHAAR, 2005, p. 275)

Outra possível explicação para o bem-querer generalizado em relação às tramas é a “proximidade temática” (LA PASTINA; STRAUBHAAR, 2005), ou seja, o fato de abordarem assuntos comuns e atrativos a diferentes povos. Em nações em desenvolvimento, segundo os autores, a atenção dispensada à ascensão social e às diferenças classistas configuram, para as telenovelas brasileiras, um “diferencial”.

Tufte (2004, p. 301) ratifica esse argumento ao afirmar que

parte significativa da popularidade das telenovelas (no Brasil, no caso) está **em fazer o sonho de ascensão social se tornar verdade**: uma narrativa dramática com conflito social muito frequentemente leva a personagem principal a uma mobilidade social. As telenovelas também refletem uma característica central na América Latina em geral: a polarização de classes e conflito social, em alguns casos, estimulando a ação social entre os espectadores.

Straubhaar (2007, p. 202) faz menção ao fato de que pesquisas feitas no Leste Europeu identificaram que televidentes de lá percebiam muitas temáticas das telenovelas latino-americanas como pertinentes às suas realidades, incluindo os de “commonalities of rural, regional pasts that appeal both to rural people and those who have migrated to cities [...], images of city life, and adjustment to city life, economic change, [...], industrial work [...] and hopeful images of middle-class life that people aspire to obtain”. (STRAUBHAAR, 2007, p. 202). Na mesma obra (p. 203), ele menciona ainda a “proximidade de valores” como trunfo para despertar a empatia em relação a um folhetim televisivo. Muitas culturas compartilham, por exemplo, o apego à fé católica bem como ideologias relacionadas ao trabalho e à já mencionada “escalada social”: “for example, the Japanese soap *Oshin*, successful in many countries, showed a hard-working, survivor heroine”, e por isso acabou bem aceita em diferentes partes do planeta (STRAUBHAAR, 2007, p. 203).

Finalmente, há de se considerar também o papel que o “capital cultural” (Bourdieu) interfere nas predileções do público por algum tipo de programa. O acúmulo desse recurso vincula-se diretamente à escola e à família, bem como às redes de relacionamentos e afetos que promovem, cada vez mais, à própria mídia, que ajuda a construir

meanings for three other principle bases of cultural capital that we wish to add to the discussion: ethnicity, age, and gender. Although ethnicity, age, and gender are in some ways physical characteristics, the meaning assigned to those characteristics is socially constructed (Lorber & Farrell, 1991) and becomes part of the cultural capital used by people in making media choices. (STRAUBHAAR, 2007, p. 205)

O outro conceito/hipótese que mencionei anteriormente como profícuo para compreender a disseminação e popularidade das telenovelas, o de “cultural discount”, foi cunhado por Hoskins e Mirus (1988) ao discutirem as razões para o predomínio dos “enlatados” estadunidenses ao redor do globo. As conclusões dos

autores de alguma forma corroboram a noção de “proximidade cultural”, posto que a premissa deles é a de que um

particular programme rooted in one culture, and thus attractive in that environment, will have a diminished appeal elsewhere as viewers find it **difficult to identify with the style, values, beliefs, institutions and behavioural patterns of the material in question. Included in the cultural discount are reductions in appreciation due to dubbing or subtitling.**(HOSKINS; MIRUS, 1988, p. 500, destaques meus).

O que faria dos produtos estadunidenses atrativos mundialmente, portanto, seria o fato deles apresentarem um baixo índice de “desconto cultural”, o que, por sua vez, estaria relacionado ao modelo de exploração do setor televisivo nos EUA, do tipo “free’ to the viewer-consumer by a broadcaster who sells an audience to an advertiser” (HOSKINS; MIRUS, 1988, p. 505): os programas são pensados e produzidos de maneira a atrair o mais variado perfil de público para captar a maior quantidade de recursos junto aos anunciantes. “The consequence is programming designed for the lowest common denominator. This skill in discerning mass appeal material coupled with marketing know-how and established distribution channels now constitutes a firmly embedded competitive advantage for US producers”. (HOSKINS; MIRUS, 1988, p. 506).

Dentre outros argumentos empregados pelos autores (que incluem da capacidade de negociação de preços das indústrias culturais norte-americanas em razão de sua escala de produção e do fato de muitos produtos se “pagarem internamente” – como acontece também com as telenovelas brasileiras), destaco o de que os produtos estadunidenses são demandados amplamente, porque “they provide escapist/fantasy entertainment often not provided, or not provided in sufficient quantities to satisfy viewers' demands, by domestic producers”. (HOSKINS; MIRUS, 1988, p. 508). Nesse caso, podemos pensar que a “distância cultural” também pode representar um importante fator de atração – o que, ao meu ver, se aplica a Cuba. Em países onde registra-se menor capacidade para investimentos (estatais ou privados) na indústria cultural, a prioridade, segundo os autores, é destinar recursos para atrações que “they consider people *ought* to watch; this typically involves substantial doses of domestic informational programming. Even the domestic drama that is provided tends to be more 'realistic'”. (HOSKINS; MIRUS, 1988, p. 508). Assim, os produtos forâneos serviriam tanto para preencher lacunas na grade de programação – em razão de diminuta produção local –, ao mesmo

tempo em que atrairiam por trazerem conteúdos capazes de proporcionar aos televidentes “distanciarem-se”, ainda que imaginariamente, de seu dia a dia – o que, como sabemos, é o objetivo de muitos que recorrem às telinhas depois de um dia de estudos e/ou trabalho.

O que aparentemente está em marcha na contemporaneidade é que “descobriu-se” que reduzir o desconto cultural é mais viável em razão do processo de mundialização, e, também, potencialmente mais lucrativo para as emissoras – especialmente para aquelas com capacidade e interesse em vender seus produtos ao exterior. Ou seja, vivemos um momento em que as referências – de estilo, boa vida, justiça, “modernidade”, etc. – são cada vez mais (re)conhecidas e (com)partilhadas pelas audiências. Assim, as grandes emissoras produtoras de telenovelas na América Latina tratam de, simultaneamente, atender aos anseios de públicos internos e externos, e logram isso ao promover o “modelo de vida universalizado”. Os “descontos culturais” estão sendo extirpados, de uma vez só, portanto, não apenas dos produtos midiáticos, mas da “vida ordinária”, fora das telas, com a consolidação de padrões de “sucesso”, “comportamentos”, etc. Segundo Lopes (2004), a internacionalização dos folhetins eletrônicos parece responder a esse movimento de progressiva neutralização das características de uma latino-americanidade “em um gênero que a lógica do mercado mundial pretende converter em transnacional no momento de sua produção” (LOPES, 2004). Martín-Barbero reforça essa perspectiva e aponta que “a telenovela está ficando cada dia mais barata econômica e culturalmente, reduzida a um receituário rentável de fórmulas de narrativas e de estereótipos folclóricos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 27). Para ele (2004, p. 42-43), nos países latino-americanos a globalização “paralisa e fratura a solidariedade regional” em prol da “inserção excludente” de nossos países nos macrogrupos – e macromercados – do Norte, do Pacífico e da Europa. Motivadas por interesses privados, as emissoras, portanto, estariam a desativar, nas telenovelas, fontes “primárias” de reconhecimento dos latinos, apagando identidades localizadas, numa tradução do triunfo da experiência do mercado em “rentabilizar a diferença cultural para renovar narrativas desgastadas, conectando-as a outras sensibilidades cuja vitalidade é semantizada (...) na ardilosa oferta de uma **cultura da indiferença** – que é uma outra face da fragmentação cultural que produz a globalização” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 43).

Retornarei ao tema da transnacionalização mais adiante, quando abordar as

motivações dos participantes da pesquisa para verem telenovelas. Antecipo que as razões apresentadas corroboram meu entendimento de que tanto a ideia de “proximidades múltiplas”, como a de “descontos culturais”, são válidas para compreender o status de “rainha do horário nobre” conquistado pelas telenovelas brasileiras há mais de três décadas no país caribenho.

4 SUAVE VENENO

Meu objetivo, neste capítulo, é analisar as codificações relativas às desigualdades sociais e identidades de classes em narrativas de telenovelas da Rede Globo. Selecionei três títulos melodramáticos – *Avenida Brasil*, *Rastros de Mentiras* (título da versão internacional, em espanhol, de *Amor à vida*) e *Império* – e, ainda, a conteúdos produzidos pela emissora relacionados a eles (veiculados no site da rede Globo e em órgãos de imprensa cubanos).

A eleição das referidas novelas para análise considerou que: a) são produções recentes, permitindo melhor problematizar a questão da hegemonia neoliberal e representações das desigualdades sociais e identidades na contemporaneidade; b) já foram transmitidas pela televisão estatal cubana, além de terem circulado via *paquetes semanales*; c) são tramas de diferentes autores e com enquadramentos melodramáticos variados. Com relação a *Avenida Brasil*, pesou na escolha, ainda, o amplo sucesso alcançado por ela no País de origem e no exterior (é a mais vendida para outras nações em toda a história da rede Globo) mas, decisivamente, a sua suposta (e somente isso) “originalidade” ao conferir, na narrativa, protagonismo “quantitativo” às classes menos abastadas e/ou ascendentes.

Assisti todos os capítulos das tramas em suas versões internacionais, dubladas em espanhol, disponíveis em plataformas como *Tune.pk* e *Dailymotion*, graças ao trabalho de fãs. A necessidade de analisar os textos a partir de suas variantes direcionadas ao mercado exterior decorre do fato de eles serem reeditados pela rede Globo para erradicar as “brasilidades excessivas” e ações de *merchandising* (comercial e social) (ORTIZ, 1996). Essa iniciativa, no entanto, não foi suficiente para preencher uma lacuna: identificar se – e em que momentos específicos – as narrativas sofreram novas alterações por parte do governo cubano, prática conhecida pelo público ilhéu ainda que, aparentemente, cada vez menos levada a cabo (volto a isso no capítulo *Morde e assopra*).

A opção por debruçar-me sobre as narrativas decorre do fato de meu alinhamento à proposição de Hall de que os textos contêm uma “leitura dominante” “which can (and indeed, must) be identified by careful analysis of the text itself” (Hall 1994). “If Hall is right, then textual analysis still has a much more important place in audience work than many subsequent scholars have recognized” (MORLEY, 2006, p.

11-12). O que se percebe hoje, no entanto, é um frequente abandono, em estudos sobre mídia, dessa prática, com a priorização das apreciações sobre a esfera da recepção de forma “isolada” (mais: negligencia-se qualquer resgate sobre “as relações de produção” envolvidas nas telenovelas). O resultado, não raras vezes, é a não-problematização sobre a regulação das esferas do pessoal e do privado pela própria mídia e sobre como as suas narrativas e as lógicas culturais agem sobre os consumidores (ESCOSTEGUY, 2009, p. 4). Como diz Murdock (1990, p. 203-204)

El análisis de textos juega un papel central en la investigación crítica, no como sustituto del análisis de la actividad del auditorio, sino como una manera de alertarnos hacia su multidimensionalidad. Las respuestas no se pueden "leer" directamente a partir de los textos. Pero, de la misma manera, un análisis que opere con una visión subdesarrollada de lo que es el texto seguramente va a simplificar más de la cuenta la complejidad de las reacciones posibles.

Suprimir a análise textual, portanto, pode corresponder a negar-se à crítica sobre uma inquestionável característica dos textos televisivos: a de que, por serem emitidos por meio de instituições (privadas, essencialmente) e direcionados a outros agentes com a potencialidade de regular significados, são sensíveis às estruturas de poder na sociedade (MA, 2001, p. 161). Neste trabalho, as narrativas são entendidas como “a unified and structured ‘address’ equivalent to a micro unit of ideology” (MA, 2001, p. 162).

Television is by nature polysemic and ideologically diversified. The medium is semiotically ‘excessive’. However, textual polysemies and ideological diversity are not so excessive as to allow random and limitless televisual meanings for any given televisual text; instead, they have shapes and forms with different degrees of closure. (MA, 2001, p. 131, grifos meus)

A análise das telenovelas que promovo a seguir parte da convicção de que elas cumprem papel fundamental para, por meio de suas narrativas, (re)produzir e fortalecer “fronteiras simbólicas”, ou seja, distinções (de e entre classe) que podem ser expressas por meio de interdições normativas, atitudes ou práticas, ou ainda, padrões de gosto (LAMONT; PENDERGRASS; PACHUCKI, 2015, p. 850). Mais importante do que isso, no entanto, interessa-me averiguar se elas ajudam a construir também posições críticas a respeito das desigualdades sociais, amplamente reconhecidas no Brasil por todas as classes sociais como sendo um dos principais “problemas nacionais” (REIS, 2000; REIS, MOORE, 2005; LÓPEZ;

SILVA; 2015).

Destarte, gostaria de esclarecer o que busco, prioritariamente, nas codificações, ou seja, as categorias de análise que emprego. Faço isso, tomando como base outros trabalhos produzidos a respeito dos melodramas televisivos brasileiros, mas, especialmente, as reflexões de Littler (2013, 2017) a respeito da meritocracia, entendida por ela como “a key ideological means by which plutocracy – or government by a wealthy elite - perpetuates itself through neoliberal culture. [...] Meritocratic discourse [...] is currently being actively mobilized by members of a plutocracy to extend their own interests and power” (LITTLER, 2013, p. 53).

Para a autora, a meritocracia, ideia-força do neoliberalismo, apresenta cinco “problemas” (que motivam práticas e reforçam visões de mundo) articulados entre si, à medida que naturalizam e legitimam a desigualdade. São essas dificuldades do pensamento hegemônico contemporâneo, elencados por ela, que considerarei para constituir minhas categorias. São elas:

Individualismo

O discurso meritocrático, de acordo com Littler, oferece “a ladder system of social mobility, promoting a socially corrosive ethic of competitive self-interest which both legitimises inequality and damages community ‘by requiring people to be in permanent state of competition whith each other’” (LITTLER, 2017).

As Raymond Williams argued in 1963, the ladder is a perfect symbol of the bourgeois idea of society, because while it undoubtedly offers the opportunity to climb, it is a device which can only be used individually; you go up the ladder alone’. Such an ‘alternative to solidarity’, pointed out Williams, has dazzled many working-class leaders, and is objectionable in two respects: it weakens community and the task of common betterment and ‘sweetens the poison of hierarchy’ by offering growth through merit rather than money or birth, whilst retaining a commitment to the very notion of hierarchy itself (LITTLER, 2013, p. 54).

Estamos, portanto, todos, em uma eterna disputa pelo melhor lugar ao sol, mas conquistá-lo é um problema individual(izado). Nas telenovelas, essa perspectiva estaria refletida em como os personagens buscam resolver seus problemas (sociais) e na ausência (ou descrédito) da mobilização coletiva como via para superá-los.

A desigualdade inata

Além disso, Littler defende que o talento e a inteligência são tratados, na meritocracia, como inatos. Portanto, não são todos os que podem – ou devem? –

prosperar. Para haver o “topo”, é preciso que alguns fiquem para trás, na “base” da pirâmide social. Assim, a fortuna ou fracasso dos agentes relacionam-se diretamente às suas aptidões naturais. Nas tramas, busco identificar quais são as de ricos e pobres, e como elas são elemento chave, ou não, para lograr ascender socialmente.

O gosto de classe

Outro aspecto latente do discurso meritocrático, segundo a autora, é que ele defende os valores da classe média alta como um “benchmarking” social: são eles os que devem ser (per)seguidos. Avançar na vida pressupõe enquadrar-se a padrões específicos de ação e pensamento. “The language of meritocracy is about moving ‘upwards’ in financial and class terms, but whilst this may entail, for example, being better fed, it does not mean existing in a ‘better’ or ‘happier’ culture” (LITTLER, 2013, p. 55). Ou, ainda, “discourses of meritocracy, however, assume that all movement must happen upwards, and in the process contributes to the positioning of working-class cultures as the ‘underclass’, as abject zones and lives to flee from. As Imogen Tyler has shown powerfully in her recent book *Revolting Subjects*, this is a tendency that has exacerbated under neoliberalism” (LITTLER, 2013, p. 54).

Com relação a este ponto, em linha com o que já investigaram outros autores, dentre os quais destaco Ronsini (2012), interessa-me verificar quais são os valores, comportamentos, etc. das distintas classes sociais, e as representações (positivas e/ou negativas) dadas pelos autores das tramas a estereótipos de classe. Estudos anteriores (RONSINI, 2012) sugerem que classes mais altas são retratadas como possuidoras de comportamentos hipercorretivos (racionais, modernos), enquanto os menos favorecidos são representados como espontâneos, irracionais, etc. (comportamento hipocorretivo).

O trabalho

Ademais, o discurso neoliberal endossa um “hierarchical ranking of professions and status [...]”. Certain professions are positioned at the ‘top’, but why they are there - and whether they should be there - tends to be less discussed” (LITTLER, 2013, p. 54). Pouco se questiona ou debate as razões pelas quais um enfermeiro ou um veterinário, por exemplo, recebe menos (financeira e/ou simbolicamente) do que um cantor famoso. Da mesma forma, parece natural a diferença salarial entre um médico e um varredor de rua. E há outra especificidade

nesse cenário: “entrepreneurialism and celebrity rags-to-riches tales become highlighted, or rendered ‘luminous’, to borrow Angela McRobbie’s term; they become publicly visible opportunities to ‘escape’ an otherwise entrenched position of social subordination” (LITTLER, 2013, p. 55).

Basicamente, procurei nos enredos quais são as profissões desempenhadas por representantes das elites e quais são as a que se dedicam os de classes populares.

Esforço

Finalmente, mas não menos importante, para os meritocráticos o segredo para o sucesso na sociedade hodierna é “esforçar-se”: é a dedicação que ativa o talento e a inteligência inatos a que nos referimos antes, e, é claro, é ela (ou, ao contrário, a falta de empenho) que, no fim das contas, define a posição dos agentes no espaço social. Em outras palavras, o discurso meritocrático obscurece “economic and social inequalities and the role it plays in curtailing social equality” (LITTLER, 2013, p. 55).

Aqui, o que procurei identificar e interpretar, é como – e se – o esforço dos personagens se traduz em sua condição de ascensão social, e de que forma essa dedicação permite a eles avançarem na hierarquia social.

4.1 SÍNTESE DAS ANÁLISES

Não farei uma descrição detalhada de cenas e capítulos, mas uma síntese de minhas análises, em razão das repetição de estrutura, tipos de personagens, ambientes ficcionais, etc. nas tramas. Um *spoiler*: minhas conclusões estão perfeitamente alinhadas às obtidas por Ronsini (2012) e Piqueira (2013) em seus exercícios de análise similares. Dentre as formuladas pelos pesquisadores, destaco as seguintes: as telenovelas não discutem a desigualdade social de forma realista e, mesmo nas tramas em que as comunidades carentes são protagonistas, sobressai a ideia de uma harmonia entre classes (RONSINI, 2012, p. 186); o empreendedorismo é apresentado como uma forma de obter justiça social (PIQUEIRA, 2015, p. 41) pelas próprias mãos; as telenovelas desenvolvem argumentos que se contrapõem à ideologia meritocrática, sem, de fato, contestá-la. Como os referidos trabalhos antecederam o meu, e não trataram dos mesmos títulos, fica evidente que, a

despeito de toda a comoção (provocada especialmente por *Avenida Brasil*), o “alçar as classes populares ao protagonismo nos folhetins” não significou nenhum tipo de avanço crítico no debate sobre a colocação do Brasil como 10º país mais desigual do mundo, temática realmente “interditada” nas “novelas de intervenção” da rede Globo, como denomina Hamburger (2005). É de fazer corar.

Falando em cores, e sem me aprofundar no tema, vale o destaque para a manutenção do padrão “europeu” do povo de nossos “bairros populares” ficcionais, onde negros e pardos são gente rara de se ver. Durante a exibição de *Amor à vida* a coisa ficou tão às claras que o autor foi obrigado a parir uma nova personagem negra (e médica, para não dar margem para outro tipo de demanda...).

A “desigualdade sem problemas” da teledramaturgia da rede Globo está enquadrada mesmo cenograficamente: nos subúrbios da Globo, o saneamento básico é 100% e tem água na torneira para todo mundo, e até para os extremamente pobres há um lixão limpinho, como o de *Avenida Brasil*, em que dá pra fazer festinha de casamento e ainda tomar um café na “modesta, mas acolhedora” casa da mamãe Lucinda, colada às montanhas de dejetos que não cheiram (sem falar nos ricos transitando com seus carrões, sem vergonha ou medo, nem de assalto e nem de ratazanas).

Enfim, as representações de classe e suas “disputas” nas novelas continuam conduzindo a um “mundo infantilizado [...] que depois vai ser duplicado na política e na forma comercial, “novelizada” e sensacionalista como a política é tratada entre nós (SOUZA, 2009, p. 390). As classes baixas seguem como pitorescas e “desajustadas”, e as comunidades pobres como núcleos onde se pode viver interessantes “experiências antropológicas”, como disse a personagem Pilar, de *Avenida Brasil*, ante sua iminente e forçada migração da Zona Sul para a Zona Norte do Rio. Recentemente, o que fez parecer que as novelas “estavam diferentes” foi estressar o discurso nada original (mas agora legitimado por muitos “especialistas” no “mundo real” e “cheios de estatísticas”, no Jornal Nacional que antecede as tramas) de que pobre tem “orgulho de ser pobre”. Permanecem, contudo, nas representações, os estereótipos e, assim, as fronteiras de classe nas tramas são (con)firmadas especialmente por intermédio das “práticas de cultura” dos personagens, ou seja, as ações inseridas na rotina diária dos indivíduos e grupos ficcionais, que explicitam seu modo de ser e fazer, e permitem “categorizá-los”.

[...] as práticas de cultura podem se enquadrar nas ações mais prosaicas como, por exemplo, as maneiras de se alimentar, de se vestir ou arrumar o interior das casas; nas escolhas mais extraordinárias, como as relativas à participação em uma associação política, religiosa ou artística ou uma opção de lazer ou turismo ou, mesmo, comportamentos relativos à escolha de um livro para ler, bem como a tendência por uma expressão estética. Lembra-se também toda sorte de ações, ora conscientes ora inconscientes, que se expressa em um movimento corporal quase instintivo, o andar, o sentar, o falar, o gesticular com as mãos e até mesmo a ação de fazer um sinal da cruz em frente a uma igreja ou beijar uma *mesusá* ao sair ou entrar em casa. (SETTON, 2010, p. 21).

Ou seja, se mantêm nas novelas as representações de um estilo de vida burguês – que exhibe sua condição social através de um “luxo sóbrio”, por estar totalmente seguro de sua própria legitimidade – *versus* o “consumo ostensivo” e a “excentricidade” dos novos ricos (ou emergentes, se preferirem) (BOURDIEU; DELSAUT, 2008, p. 178). Em *Avenida Brasil*, a narrativa cria uma “elite de subúrbio”, mas não foi dessa vez que o pobre saiu da sua indigência cultural na ficção. A “nova classe média” surge estereotipada, brega e cafona, sem o capital simbólico necessário para flunar por outros campos. Em contraposição a esses “emergentes” (estou considerando o emprego pejorativo do termo), apresentam-se “os elegantes [...] que esbanjam charme de forma minimalista, evitando as aberrações e abominando a ostentação” (MEMÓRIA GLOBO, 2008, p. 228). Os integrantes das classes mais altas se vestem de forma sóbria, têm comportamento menos sexualizado, são discretos no andar e no falar, exalam “boas maneiras” e relações de poder que envolvem dinheiro, sendo essas as principais características dos que detêm não apenas o capital econômico, mas também o simbólico (BOURDIEU, DELSAUT, 2008).

Em linhas gerais, a conclusão de Drumond sobre *Avenida Brasil* se estende a todas as tramas analisadas:

não se percebe, na teleconstrução dessa periferia, um espaço de multiplicidade e divergência (confronto de vozes sociais), mas, sim, um campo de uma pseudodiversidade que dissimula as relações de força colocadas em cena pela novela. Esse processo relaciona-se, em parte, às verticalidades da atividade autoral e oligopólio do audiovisual no Brasil, sobretudo no campo televisivo. Diante desse cenário de concentração dos meios, a mídia hegemônica acaba por revelar uma estrutura simbólica na qual as classes sociais são consideradas “fundamentos últimos das significações que elas mesmas produzem e consomem, *segundo uma hierarquia de legitimidades dominada pela cultura da classe dominante*”. (MICELI, 2005, p.160, [...]) (DRUMOND, 2014, p. 172).

A *la Thatcher*, nas telenovelas analisadas “essa tal de sociedade não existe.

Existem os indivíduos e as suas famílias”. Nas tramas, não existem projetos ou problemas coletivos. Todos são solucionáveis sem a necessidade de extrapolar os limites doméstico, familiar e/ou individual. O sofrimento dos pobres – e a maldade dos vilões – não derivam da violência (simbólica e/ou material) estrutural e estruturante (até porque nas tramas, ela nem é “tão grandes assim”), mas de traumas da infância, no casamento, etc. (em *Avenida Brasil*, isso abunda), que, claro, também tiveram origem em algum outro lugar misterioso, difícil de encontrar, mas particularizado.

A “organização coletiva” parecia que ia dar o ar de sua graça em *Império*. Primeiro para solucionar o problema do incêndio do camelódromo. O lugar pegou fogo porque o irmão de Cristina foi curar a dor de cotovelo com cachaça, acabou dormindo e deu no que deu (incluindo duas mortes, motivo pelo qual o beerrão foi para a cadeia). O estabelecimento acaba reerguido pelos lojistas, mas a solução para os problemas foi um empréstimo obtido por Cristina (personalismo!) junto à sua madrasta recém-descoberta, Maria Marta, esposa do comendador José Alfredo. Também em *Império*, há uma aparição, sem pé nem cabeça, de um “Movimento dos Sem Teto” (em evidência nos noticiários à época), que ocupa uma antiga e gigantesca casa no bairro de Santa Teresa. O ensinamento da novela foi bastante claro: “demandas, ainda que legítimas, só podem/devem ser supridas por meios já legitimados”. Os moradores do bairro pobre saem em defesa do dono do casarão “que faz muito pela comunidade” e “não merecia aquilo” (o dono é Toninho, o presidente da escola de samba). A representação do líder dos Sem Teto como um “comunista de boutique”, que vive bem, tem carro importado e joga a sua “causa” para o alto enquanto guarda um pedaço de diamante no bolso e grita “acabou a invasão!” é a cereja do bolo-mensagem. Aliás, não se trata de uma representação nada original. Guarda enorme semelhança com a cena de invasão dos Sem Terra à fazenda do latifundiário Bruno Mezenga em *O Rei do Gado*, em que os jagunços defendem o chefe que, no alto de sua sabedoria, ilumina os manifestantes revelando que eles são massa de manobra nas mãos de líderes do movimento.

Pode-se identificar um discurso (aparentemente) contraditório (lembrando que essa qualidade é inerente ao discurso neoliberal) com relação à defesa do mérito como via de “escape” para as camadas mais baixas: o esforço – e o espírito empreendedor – como forma de ativar o talento e o elevador social está presente (vide Bruno, Palhaço, Vicente, etc.), mas não é suficiente, e caminha de mãos dadas

com o fatalismo e o personalismo. As trajetórias das personagens que conseguem “subir na vida” traduzem com precisão a leitura que a elite brasileira faz a respeito do “povão”: não importa o quanto o pobre lute, a probabilidade de ele vencer é baixíssima (LÓPEZ E SILVA, 2015). Assim, não basta suar, é preciso ser, também, “abençoado”: Tufão ascende graças ao seu talento natural, o Comendador José Alfredo por sorte, Cristina por herança, Tetê por meio do casamento, Nina via adoção, Monalisa graças ao ex-noivo e sócio capitalista, etc.. Isso, porém, não enfraquece o discurso meritocrático. Quiçá o reforce, porque a novela “apresenta” um outro ingrediente que, em verdade, é o que dá liga entre o esforço e a “benção”: a moral (dos ricos)! Quem não a tem, pode até subir. Mas vai levar o tombo. A elite tupiniquim refere-se ao “povo” brasileiro “as ‘others’ through symbolic boundaries between agency/rationality versus passivity/irrationality” (LÓPEZ E SILVA, 2015, p. 170). Triunfar na telenovela exige enquadramento, uma “imitação prestigiosa” ainda que mínima, em relação aos “bem-sucedidos no capitalismo” e à sua moral, o que exige comedimento, planejamento, racionalidade, discricção, etc. Jessé Souza (2010, p. 395) reforça que, no Brasil, “o princípio da ‘dignidade’ do agente racional capaz de autocontrole é a base tanto da institucionalização quanto da reprodução cotidiana do mercado competitivo e do Estado centralizado”. Em artigo sobre como pessoas das “tradicionais” e “nova” classes médias percebem sua posição social, Salata e Scalon (2015, p. 384) dão indicativos sobre o grau de incorporação dessa “moral dos ricos” entre os mais abonados: enquanto seus entrevistados “emergentes” encontravam dificuldades para se auto-alocarem em algum estrato e recorriam quase exclusivamente à dimensão econômica para fazê-lo, os da “classe média tradicional”

percebiam e definiam a classe média não apenas através de uma dimensão econômica, mas também por meio das dimensões cultural e moral (Lamont, 1992). Educação privada, plano de saúde, universidade, acesso a lazer, etc. – indicadores de uma situação econômica “confortável” – eram, sim, citados por eles, mas também eram lembrados indicadores de “nível cultural” (ir ao teatro, cinema, etc.) e de certas atitudes morais, que desprezam gastos vistos como desnecessários e excessivos – como eletrodomésticos, carros, etc. –, em prol de gastos com plano de saúde, educação e outros vistos como mais importantes por essas pessoas. (SALATA; SCALON, 2015, p. 384).

Ninho, de *Amor à vida*, não queria gravatas, mas viver no mundo, na rua, livre e “sem responsabilidades”, como cita o site da rede Globo. Vira um criminoso ávido

por dinheiro. Cadinho, por outro lado, é gente boa (embora a certa altura revele ter dinheiro escondido na Suíça, o que não é só aceito, mas apoiado por Muricy, mãe de Tufão), mas paga caro por não conseguir afastar-se das suas indisciplinadas raízes populares: mulherengo, exibicionista, inconveniente, viu sua fortuna, acumulada no mercado financeiro, ir embora de um golpe só. Severo e Magnólia, de *Império*, também experimentam ascensão seguida de queda: eram engraçados, trambiqueiros, oportunistas, mas, sobretudo, “nova classe média”. Gastaram a pequena fortuna alcançada num cambalacho sem dó e nem piedade (mais ela do que ele... essas mulheres e seus hormônios...). Esbanjadores, resolveram ostentar com carro importado conversível, móveis caros e cafonas, etc.. Mas esqueceram do bendito Plano de Saúde (SUS, nem pensar!). Quando Severo é hospitalizado com Alzheimer, descobre-se esse grave delito moral. Felizmente, o comendador José Alfredo pagou as contas.

Grosso modo, as novelas analisadas souberam capitalizar as transformações (econômicas, mais do que sociais) em marcha no Brasil desde o início dos anos 2000: o protagonismo alcançado pelos pobres como consumidores nas ruas e shoppings brasileiros, valeu uma promoção ao papel principal. Os autores trabalharam as narrativas tendo em conta, consciente ou inconscientemente, um outro atributo valorizado pelo discurso meritocrático: a aspiração. Quem não aspira é comunista. E as novelas foram muito competentes nesse sentido. Sem descartar aquela velha é boa opção de casar ricos com pobres, os autores levaram às telinhas o “aspiracional possível”, como definiu Renato Meirelles (2012), sócio diretor do instituto de pesquisa Data Popular, numa entrevista sobre Avenida Brasil: é aquela vontade que “está ao alcance das mãos. O espectador vê a novela e pensa, 'se eu trabalhar um pouco, eu consigo ter um bar como o do Silas, ou um salão como o da Monalisa. O Tufão enriqueceu, mas olha, ficou no bairro dele”.

Esse discurso sobre a permanência dos pobres nos seus bairros é forte nos textos avaliados, especialmente Avenida Brasil, mas não só. Os suburbanos manifestam um tremendo “orgulho de não ir a lugar nenhum”. Em Avenida Brasil, quase ninguém sai do Divino, e quem se aventura a sair “ao inferno à procura de luz”, volta. Em *Império*, Cristina, a filha agora rica do comendador, casa-se, mas não dispensa Santa Tereza. Em *Amor à vida*, Bruno é incentivado pela mãe a deixar o bairro pobre em razão das “más influências”, mas o rapaz diz que não pretende arredar pé. Isso está em harmonia com outra representação (nem tão novidadeira)

dos pobres (ou pelo menos daqueles que “valem a pena”, ou seja, os mocinhos) como detentores de uma “essência nobre”, de uma “bondade autêntica”, um “sentido de família e comunidade” a ser compartilhado com os mais abonados. São os pobres os capazes de ensinar às elites decadentes “aquilo que é importante de verdade”, que o poder do dinheiro é nada diante do amor, da união e da simplicidade. E estão sempre com as portas e os braços abertos para receber quem se deu mal na vida. O rico Félix, de *Amor à vida*, joga a vilania no lixo e renasce como um “homem bom” depois de uma jornada de herói pela pobreza, com direito a vender hot dogs na rua, e diz para a sua mãe ter aprendido que “é preciso pouco para ser feliz”. Cadinho, que de empresário virou lavador de carros no Divino, faz o mesmo “discurso” às três esposas peruas que, no final da história, aprenderam a lição e decidiram unir-se a ele subúrbio até que a morte os separe. Os produtos da rede Globo analisados traduzem na ficção aquela perspectiva de Francisco de Oliveira, de o Brasil estar vivendo um momento estranho, de uma “hegemonia às avessas”, em que os “de baixo” dirigem usando o programa “dos de cima” (BRAGA, 2011). Os dominantes consentem em ser “conduzidos” pelos “dominados”, que eles tentem romper o apartheid social, à condição de que não “se metam com os ricos”, “mantenham distância”. Nosso ex-presidente traduziu bem esse cenário ao dizer que não entendia o motivo de os banqueiros não o apoiarem, já que nunca haviam ganho tanto dinheiro quanto no seu governo...

Os textos das tramas convertem “necessidade em virtude”, como dizia Pierre Bourdieu. Mas, evidentemente, na ficção não aparece que esse processo é ativado pela violência simbólica a que as camadas populares estão submetidas e que serve de insumo para, a partir um cálculo inconsciente, saberem até onde é prudente seguir, ou seja, “a recusar o recusado e a amar o inevitável” (BOURDIEU, 1977). A “nova classe média”, emergentes, suburbanos, etc., não ficam onde estão por “orgulho”, como os discursos da moda pregam. Permanecem imóveis em razão de um “instinto de preservação” desenvolvido a golpes preconceito e/ou indiferença. Ao mesmo tempo, no seu microcosmos reproduzem aquilo que aprenderam “na escola da vida” sobre “distinção”: que julgados como inferiores pelas elites, a forma de ganharem *status* é permanecer entre os seus companheiros (de classe social), onde conseguem fazer sentir e reconhecer a sua “prosperidade”.

In this new national political and economic context, material achievements (be it a brand piece of garment or the renovation of one's home) are only meaningful in terms of local realities. To be a "social emergent" brings distinction and prestige within one's own community. It is thus about a distinction that occurs inside a class rather than between classes. After all, as the national economy grows along with consumption, other forms of keeping the distance between the social classes also emerge. But our informants do not feel victimized by the Brazilian elite's prejudice against them; they are people who are proud of their achievements and who are not interested in accessing highbrow circuits of material or symbolic goods. In other words, to purchase branded shoes and exhibit them in school or around the neighborhood is a dream to be fulfilled; to attend restaurants, theatres, and cinemas is not. This is therefore a particular process of social mobility: one driven by the increasing purchasing power of a significant share of the Brazilian population, but one that does not necessarily jeopardize Brazil's class structures. (OLIVEN; PINHEIRO-MACHADO, 2009 p. 64).

A teledramaturgia da rede Globo, não só agora, mas sempre, nega-se a levar uma "grande política" para a ficção (para buscar um termo gramsciano, sempre com o risco de ser considerado "superficial" fazê-lo), ou seja, não existem projetos de mundo alternativos representados. Isso, por si, só, já esvazia bastante qualquer tentativa de negar que o texto das tramas, apesar das sempre encontradas "brechas", não tenha um sentido dominante identificável. Nos melodramas eletrônicos, assim como no País, especialmente a partir do final dos anos 1990, ingressamos, nas palavras de Coutinho (2010), numa época de hegemonia da "pequena política", que Gramsci definia como aquela que "compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política" (GRAMSCI, apud COUTINHO, 2010, p. 29). Para o pequeno sardo, ela é sinônimo de política do dia a dia, de corredor, de intrigas, e que é "grande política" querer fazer tudo converter-se em "pequena política". Os dois conceitos, segundo Coutinho (2011), apareceram nos textos de Gramsci inicialmente para fazer referência a um drama escrito por Enrico Corradini, desafeto seu, que vale a pena reproduzir para estimular reflexões posteriores

O prefácio de Corradini deve ser interessante também do ponto de vista teórico, para a redação desta rubrica sobre o brescianismo, já que Corradini parece distinguir entre "pequena política" e "grande política" nas "teses" contidas nas obras de arte. Naturalmente, para Corradini, já que sua obra é de "grande política", não lhe poderia ser dirigida a acusação de "politicagem" no terreno artístico. Mas a questão é outra: trata-se de ver se, nas obras de arte, há intromissão de elementos extra-artísticos, sejam estes de alta ou de baixa qualidade, isto é, se se trata de "arte" ou de oratória visando a finalidades práticas. E toda a obra de Corradini é deste tipo: não

arte, mas sim má política, isto é, simples retórica ideológica. (GRAMSCI, 2002, p. 166)

O protagonismo das classes populares nas telenovelas está longe de carregar consigo – ou representar um incremento no – tratamento crítico em relação às desigualdades sociais que marcam o Brasil (e boa parte do globo), como adiantei no primeiro parágrafo desta subseção. Em linha com o que prega a cartilha pós-moderna e neoliberal, as diferenças (entre ricos e pobres) abundam nos capítulos analisados, mas a desigualdade (entre eles) é tratada como um elemento natural do cenário. É motivo de riso e/ou orgulho. As telenovelas analisadas, portanto, são, de fato, narrativas da nação, mas por isso mesmo contribuem para sustentar (porque legitimam ou banalizam) fronteiras simbólicas e materiais ao apresentarem os condenados como juízes, como os mais afortunados em razão de suas inatas alegria e bondade, e capazes, sim, de “vencer na vida” se “batalharem”, contarem com alguma ajuda (divina, familiar ou amorosa) e seguir as regras do bom capitalista. As elites, por outro lado, são, nas novelas, representadas majoritariamente como condenadas a conviver em meio a uma “rica tristeza”, com suas fortunas vazias de calor humano e cheias de solidão, preocupações, traições, inveja e descontentamentos. O casamento interclassista, ainda presente nas novelas, hoje não é um caminho para os pobres subirem na vida, mas uma oportunidade para os ricos acumularem novas “competências”, sem é claro, desfazerem-se de seus “valores” (materiais ou imateriais).

Para amarrar os argumentos, uma reflexão de Fernando Martínez Heredia. Ela nada tem a ver com telenovelas. Mas cai “como uma luva”:

La idea de que los pobres carecen de virtudes personales, son individuos que fracasaron, tienden a la maldad, tienen lo que merecen, o que son “malos” por naturaleza, en realidad es hermana de la idea de que los pobres son esencialmente “buenos”, se quieren mucho entre sí, constituyen una reserva social de comunidades urbanas con una hermosa cultura y son capaces de enseñarles bondad a los ricos. Ambas ideas pertenecen a la cultura burguesa. La gama de respuestas que produce esta lógica está compuesta por la marginación, la caridad, la represión, la indiferencia, la buena conciencia, él sálvese quien pueda, la cooptación, el melodrama oportuno, la exclusión, la ceguera y el olvido. (HEREDIA, 2017, p. 187-188).

5 MEU PEDACINHO DE CHÃO

Na bela *Calle Enramadas*, a principal rua de comércio em Santiago de Cuba, está o pequeno mercado *La lucha*. Já em Havana, no Paseo Simón Bolívar, um estabelecimento dedicado à venda de frangos assados é o *Es lo que hay*. Unidos, os dois nomes descrevem, de forma abrangente, a sociedade de consumo ilhota. Em Cuba, a partir dos anos 1990, “la lucha” para adquirir “lo que hay” não apenas se intensificou como se tornou mais desigual e complexa. Assim, como em qualquer outra parte do planeta, o consumo é espaço privilegiado “para pensar” (CANCLINI, 1999, 2010) o cenário contemporâneo, sem olvidar de ele é uma “categoria histórico-social, producida en el marco de unas relaciones sociales determinadas que dan lugar a un padrón específico” (HERNÁNDEZ, apud HERNANDEZ et al. 2006, p. 65). A idiosincrasia cubana, no que diz respeito ao tema, deve-se, inicialmente, à sua (saudável) teimosia em manter um projeto de desenvolvimento alternativo ao capitalismo.

Al margen de las diferencias nacionales puntuales, cuando uno observa a la sociedad capitalista y la socialista, puede encontrar un modelo en la aspiración de consumo, hasta como echo político, en el papel que se le asigna al consumo dentro del orden social. En el capitalismo, el consumo es incluso un factor impulsor de dinámicas sociales, y también una finalidad. El socialismo, al menos como modelo, aspiró a todo lo contrario; más bien se produjo una demonización del consumo; incluso trató de proclamarse como una sociedad de productores; es decir, consumir era prácticamente pecaminoso y, por lo tanto, había que consumir solo lo imprescindible. Se encuentran una serie de diferencias en los rasgos del modelo de consumo, en lo que representa, en una y otra sociedad. Por ejemplo, en el capitalismo, al ser criterio de organización de la sociedad, es estratificado y asimétrico, lo que no se ve como defecto, sino como expresión de una relación de poder; es prácticamente central, no está preocupado por la racionalidad, sino todo lo contrario. En una gran medida, depende de los ingresos, y esto se ve como positivo. (TOGORES, apud. HERNANDEZ et al. 2006, p. 68)

Em Cuba, essa “diferença de prioridades de acordo com o tipo de sociedade” ficou evidente após o triunfo revolucionário, em 1959. Em 26 de setembro daquele ano, o editor do jornal *Diario de la Marina*, José Ignacio Rivero, questionava a decisão dos novos mandatários de controlar as importações de produtos estadunidenses por ela poder levar à ruína a classe média e destruir a “civilização” cubana construída até ali. Ele argumentava que em Cuba não se produziam “automóviles, máquinas de escribir, motores a diesel, cámaras fotográficas, lavadoras eléctricas, refrigeradores, equipos de aire condicionado, aparatos de rádio

y televisión” que, apesar de não serem indispensáveis, “marcan el alto nivel individual y colectivo de una nación” (apud PÉREZ JR, 2016, p. 546). A reação de Fidel foi imediata:

Y si medimos el grado de civilización de una nación por la cantidad de desempleados? Y si medimos el grado de civilización de una nación por la cantidad de tuberculosos? Y si medimos el grado de civilización de una nación por la cantidad de niños con parásitos, que es 95%? Y si medimos el nivel real por la cantidad de analfabetos y del índice de mortalidad infantil en los campos? [...] Pues se tendría que decirse que somos un país bárbaro, un país incivilizado, pues el país que está pensando en el lujo de los radios, refrigeradores, televisores, etc., con miles de niños tuberculosos, con una nación con calles sin pavimentar, con ciudades sin suministro de agua, con un alto índice de parasitismo, anemia y desempleo, es un país bárbaro. (CASTRO apud PÉREZ JR, 2016, p. 546-547)

Pode-se dizer que houve um engajamento espontâneo da população da Ilha em torno do projeto civilizatório que Fidel e seus companheiros propuseram. Gramsci afirmava que uma classe, antes já de chegar ao poder, pode ser ‘dirigente’ (e deve sê-lo), e que quando está no poder se torna dominante, mas pode continuar a ser também ‘dirigente’. Ou seja, que seria possível conquistar uma ‘hegemonia política’ mesmo antes da chegada ao comando, e que não se deve contar apenas com ele – e com a força material que ele confere – para exercer a direção (hegemonia política). Entendo que foi isso o que o Movimento 26 de Julho, ou mais amplamente, os guerrilheiros comandados por Castro, lograram. A luta dos combatentes tinha pauta: o *Programa de Moncada*. Fidel o detalhou em 1953, no discurso *La historia me absolverá*, proferido durante o seu julgamento pelo ataque ao quartel de mesmo nome. Ele continha “cinco leis revolucionarias”, cuja divulgação estava prevista para acontecer via rádio, para toda Cuba, depois da ação contra a caserna. Mas, diante do fracasso no intento, o *Programa de Moncada* chegou à população de maneira clandestina, enquanto Castro estava preso na Isla de la Juventud.

As “leis revolucionárias” previam: devolver ao povo a soberania nacional com o resgate da Constituição de 1940 (detalhes abaixo); conceder a propriedade da terra aos colonos, arrendatários, etc., que ocupassem “parcelas de cinco o menos caballerías de tierra, indemnizando el Estado a sus anteriores propietarios a base de la renta que devengarían por dichas parcelas en un promedio de diez años” (CASTRO, 2007, p. 38); outorgar aos operários e empregados o direito a 35% sobre todo o patrimônio de grandes empresas (industriais, mercantis, mineradoras e

centrais açucareiras); dar a todos os trabalhadores rurais o direito a participar de 55% do rendimento proveniente da cana-de-açúcar e cota mínima de 40 mil arrobas a todos aqueles que estivessem na atividade há mais de três anos; confiscar todos os bens dos de estelionatários – bem como de seus sucessores e herdeiros – de todos os governos por meio de julgamento por parte de tribunais especiais com plenos poderes para acessar a todas as fontes de investigação, de intervir em empresas anônimas registradas no país ou que nele operavam, além de demandar aos governos estrangeiros extradição de pessoas e apreensão de bens provenientes de malfeitos. (CASTRO, 2007, p. 35–37). Ele também previa uma política cubana de solidariedade em relação aos povos democráticos do continente americano e o combate à política das tiranias sangrentas.

Evidentemente, não foram apenas as contundentes palavras de Fidel a razão pelas quais os cubanos se sentiram impelidos a apoiar as causas dos guerrilheiros e a lutar ao lado deles: a história de Cuba e as condições materiais e imateriais vividas na Ilha à época é que conferiram a elas pertinência e capacidade de mobilizar. Os combatentes, ao longo de todo o processo, que culminou com a fuga do ditador Fulgencio Batista para os Estados Unidos, conquistaram a confiança da população com seu compromisso, aguerrimento e desprendimento, ou seja, com “echos, más que palabras”. Em outubro de 1958, antes mesmo do triunfo estar assegurado, Raul Castro, irmão de Fidel, organizou, no pé da Sierra Maestra, o "Primeiro Congresso Camponês em Armas" e proclamou, diante de uma multidão de pequenos agricultores, a reforma agrária das zonas em poder dos combatentes. Poucos meses depois, seria assinada a lei que estendia os seus efeitos a todo o país.

"Para dar exemplo" — contou-me Ramón, o risonho irmão mais velho de Fidel e Raul — "a primeira fazenda expropriada foi a do nosso pai, que era bem grande". Até então, 64% das terras cultiváveis do país estavam nas mãos de latifundiários e das multinacionais americanas que exploravam o cultivo e a industrialização de açúcar, de tabaco e de cítricos: a Bay Nipe Company tinha 49.826 hectares, a Atlantic Sugar Co. 250 mil hectares e a American Sugar, 143 mil hectares. E um consórcio de 12 empresas norte-americanas, lideradas pela Cuban Fruit Co. chegou a possuir 1,2 milhão de hectares de terras em Cuba — cifra que se torna especialmente significativa quando se sabe que o país tem uma área total de apenas 114 mil quilômetros quadrados, o equivalente, por exemplo, à área do Estado do Piauí. (MORAIS, 1976, p. 95)

“Nosotros vimos los beneficios materiales de la Revolución comenzando a tomar forma. Todo lo que Fidel había prometido era como un sueño maravilloso

convirtiéndose en realidad. Podía verlo con mis propios ojos [...] al final de 1959 éramos bastante prósperos” (HERRERA apud PÉREZ JR., 2016, p. 546). Em 1961, Cuba tornar-se-ia o primeiro país da América Latina a ser declarado como “livre de analfabetismo”, resultado de um processo de letramento que envolveu todo o país. Conversar com pessoas como Anita, entrevistadas durante a minha pesquisa de campo, que com seus 13 ou 14 anos de idade voluntariamente deixaram o conforto de suas casas e foram até os mais remotos rincões da Ilha para ensinar a ler e escrever, permite ter uma noção do que isso representou em termos de orgulho e engajamento. O fato de 500 mil ilhotas terem se apresentado, também de forma espontânea, para lutar ao lado dos angolanos nos anos 1970, contribui para compreender o afeto que o projeto socialista despertou entre os cubanos a partir de 1959. Os feitos revolucionários fortaleceram o nacionalismo – ao mesmo tempo internacionalista, o que está sintetizado na célebre frase do herói José Martí, “*Pátria es humanidad*” –, que, ao contrário do que aconteceu na enorme maioria das plagas latino-americanas, não foi construído de cima para baixo.

Ele cresceu não a partir da dominação econômica, social e política dos estratos conservadores frequentemente aliados aos controles externos e à própria repressão antinacionalista, mas da confluência de várias forças sociais divergentes, empenhadas na liberação nacional, no combate ao governo colonial e à dominação espanhola ou nas lutas contra o imperialismo e a dominação estadunidense. Embora os intelectuais tivessem um papel enorme na formulação política dos vários projetos nacionalistas sucessivos, eles não passavam de porta-vozes (e, por vezes de líderes) de sentimentos e ideais nacionalistas profundos, sofridos e exaltados, compartilhados de forma vertical pelos setores mobilizados pela militância nacionalista. Ocorre assim um desenvolvimento do nacionalismo de baixo para cima, sob uma constante fermentação política radical-nacional que oscilava nos momentos de maior tensão econômica, social e política. [...] Ele foi paralisado ou neutralizado pela ordem social colonial e, por pouco mais de meio século, pela ordem social neocolonial. O que não impediu que ele crescesse, amadurecesse e acabasse por exprimir um corte vertical de uma sociedade lançada com todo o vigor na aspiração de tornar-se uma nação-livre, independente, senhora de seu destino histórico e de sua soberania política. Em suma, um nacionalismo puro, de apóstolos (lembrem-se da representação normal e do culto a José Martí), que se insurgia contra a capitulação negociada dos estratos dominantes da burguesia e contra a intromissão sistemática do imperialismo. (FERNANDES, 2007, p. 94-95)

Por isso, quando em 1961 Fidel declarou que a Revolução Cubana era a “Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes” e que por ela os cubanos estavam “dispuestos a dar la vida”, suas palavras fizeram sentido para a enorme maioria da população – e continuaram

fazendo ao longo das décadas que se seguiram, conforme eram anunciados e, especialmente, eram percebidos os avanços socioeconômicos e socioculturais do país.

El cubano ganó mucho en autoestima y orgullo nacional en todo este proceso. La erradicación del analfabetismo, la elevación del nivel general de instrucción de la población, la profesionalización de los elementos provenientes de las capas humildes e incultas, el acceso universal a la salud pública, el posicionamiento del país en la arena internacional contribuyeron a ello; pero, sobre todo, influyó el participar y el estar en un proceso que se presentaba victorioso, después de una experiencia histórica de perdedores (RUIZ, 2016, p. 191).

Gramsci alertava para o fato de a hegemonia caracterizar-se por “um equilíbrio instável construído sobre alianças e a geração de consenso das classes ou grupos subordinados, cujas instabilidades são os constantes focos de lutas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 85). Assim, “the recreation of hegemony during a period of crisis involves struggle and contestation on many different levels, but outcomes, while never fixed, are tied to the ability of the hegemonic to continue shaping and directing people’s thoughts and actions” (FERNANDES, 2006, p. 323). Com o fim do bloco soviético, no início dos anos 1990, as proposições de Gramsci passaram a ser mais pertinentes do que nunca. A ponto de uma enormidade de “analistas internacionais”, diante da lancinante crise em que o país foi imergido –o denominado (por Fidel Castro) “Período Especial en Tiempo de Paz”, eufemismo para emergência econômica nacional (MESA-LAGO, 1993) –, acreditarem ser uma questão de (pouco) tempo para o socialismo cubano tornar-se nada mais do que páginas em livros de história. Essa previsão foi potencializada pelo fato de “a queda da esquerda” ocorrer de forma concomitante ao avanço que o discurso neoliberal – e suas promessas de “prosperidade” por meio do mercado e do consumo – experimentava naquele momento. As transformações em nível mundial faziam o mantra de que “there is no alternative” ao capitalismo, em sua forma contemporânea, parecer verdade. Mas, aparentemente, os especialistas estavam equivocados (pelo menos em relação ao quesito “tempo”). Para entender o motivo disso, ou seja, para avançar na discussão, é preciso voltar no tempo.

5.1 “QUE MORIR POR LA PATRIA ES VIVIR”²⁵

Os cubanos foram às armas mais de uma de uma vez para livrarem-se do controle externo sobre seu destino: inicialmente, guerrearam para desvencilhar-se da colônia espanhola e, no século XX, para negar submissão aos Estados Unidos. Segundo Wilson (2012), as frustrações causadas pela irregularidade da disponibilidade alimentar na contemporaneidade, por exemplo, muitas vezes são amenizadas e superadas, consciente ou inconscientemente, por meio do resgate da ideia do “projeto revolucionário”, em marcha, não sem solavancos, desde 1959. Para a autora, a economia moral – construída a partir do socialismo e do nacionalismo cubanos – é tão importante hoje quanto foi no século XIX, quando a primeira luta pela soberania social política e econômica de grandes proporções teve início.

O povo cubano [...] teve um passado conflituoso e violento, e essa tradição entrincheirada não desapareceu completamente no século XXI. A Revolução pode ter trazido paz social para a ilha após 500 anos, mas isso não aconteceu sem custos. Quando Castro evoca a escolha garibaldiana *Patria o Muerte* ao final dos seus discursos, não está usando as palavras como retórica romântica. Para ele, e para o seu povo, elas têm uma relevância sentida em profundidade, que ecoa ao longo dos séculos. (GOTT, 2006, p. 23)

A primeira grande luta pela independência de Cuba inaugurou-se em 1868 e foi comandada por representantes da sacarocracia local. A relação dos produtores de cana de açúcar com a Espanha manteve-se relativamente estável durante boa parte do século XIX, em razão de acordos e concessões da coroa para atender aos interesses da oligarquia ilhota. Apesar disso, houve na primeira metade dos 1800, o aparecimento de um movimento anexionista na colônia. A ideia era permitir aos EUA incorporarem a Ilha, proposta apoiada pelos sulistas norte-americanos interessados na expansão e manutenção de um sistema produtivo baseado na mão de obra escrava. Esse intuito (abordado até por Karl Marx, em escrito de 1861) enfraqueceu em 1865 com a vitória dos estados do Norte na Guerra da Secessão (mas não se dissipou completamente). Coincidiram com esse abrandamento, uma forte crise no setor açucareiro mundial e a revogação de vários benefícios dos espanhóis aos produtores cubanos. Foi a faísca necessária para acender o fogo independentista no

²⁵ O verso que abre este subcapítulo foi extraído de *La Bayamesa*, hino nacional de Cuba, composto em 1867, por Perucho Figueredo.

orientes cubano (MAO JR., 2007). Na pequena cidade de Bayamo, Carlos Manuel de Céspedes soltou o *Grito de Yara* e conclamou os interessados em desvencilhar-se das restrições impostas pela coroa. “Repentinamente, em 1868, uns poucos homens determinados tomaram Bayamo e Camaguey” (GOTT, 2006, p. 90) e, então, irradiou-se o embate, hoje conhecido como *Guerra dos Dez Anos*. Aos poucos, diversos setores da sociedade cubana aderiram ao movimento (MAO JR., 2007, p. 92).

A Guerra arrastou atrás de si os camponeses, artesãos, escravos, e despertou o patriotismo fervoroso dos estudantes, profissionais, intelectuais e do povo cubano em geral, cujo sentimento nacional se fez realidade concreta e irreversível no próprio fragor da luta contra o domínio da Espanha (CASTRO apud. MAO JR, 2007, p. 92)

Se por um lado os revolucionários eram altamente carentes de armamentos e munições, por outro, os espanhóis não conseguiam derrotá-los de maneira incisiva, o que motivou a metrópole a lançar mão de propostas comerciais com o intuito de promover cisões entre os rebelados. Os europeus tiveram êxito. Em 1878, o *Pacto de Zanjón* foi assinado em troca de reformas.

Ao terminar o movimento revolucionário de 1868, a ala radical da classe latifundiária cubana caiu liquidada pela morte de seus elementos mais decididos na luta armada e pela ruína econômica. Em Cuba não voltou a existir um grupo latifundiário tão revolucionário como aquele que encabeçou a sublevação de 1868. Pelo contrário, a classe latifundiária como tal se tornou colonialista, reacionária ou anexionista, ou seja, conservadora (LE RIVEREND, 1997, p. 60).

A segunda investida contundente contra a metrópole aconteceria em 1895, e teve como um de seus mentores aquele que é o maior herói pátrio cubano: José Martí. A derrota na *Guerra dos Dez Anos* alterou significativamente a correlação de classes na Ilha e, conseqüentemente, a ideologia do movimento pela independência, com o advento de uma segunda geração de desejosos pela emancipação (MAO JR., 2007). Com apenas 16 anos de idade, em 1869, Martí já fora encarcerado em razão de suas ideias anticolonialistas. Foi condenado há seis anos, mas a pena, meses mais tarde, comutada por um desterro à Isla de Pinos (atual Isla de la Juventud) e, em 1871, ele acabou deportado à Espanha. Fora de Cuba, acompanhou a *Guerra dos Dez Anos* e passou a redigir textos a favor da causa emancipatória. Estudou a condição espanhola e dedicou-se à crítica literária e ao jornalismo. Em 1879, regressou a Havana, mas acabou novamente deportado em razão de seu

envolvimento na *Guerra Chiquita*²⁶. De lá foi a Nova York, depois a Caracas e, finalmente, retornou à *Big Apple* em 1881, tendo fixado sua base por lá até 1895. Nas suas andanças, Martí reconheceu a manutenção de traços do período colonial nas nações latino-americanas, marcadas, ainda, pela parca modernização, perpetuação de privilégios da classe branca latifundiária e pela exclusão, por exemplo, dos indígenas. Deu-se conta do crescente interesse dos Estados Unidos em interferir na vida dos países situados ao Sul de suas fronteiras. Depois de uma impressão inicial favorável sobre a – então ainda emergente – potência norte-americana, Martí gradualmente mudou de opinião e, em 1887, descreveu os EUA como uma república caracterizada pelo “culto demasiado da riqueza”, que caíra “sem nenhum dos obstáculos da tradição, na desigualdade, na injustiça e na violência dos países monárquicos”. Assumiu postura crítica também diante do emergente “darwinismo social” que despontava, cuja premissa era distinguir civilização (o modelo europeu) e barbárie (os latino-americanos). “Para Martí, as causas da incapacidade das repúblicas latino-americanas deviam ser explicadas por razões de natureza histórica, rechaçando explicações racistas” (MAO JR., 2007, p. 109). Em 1892, o apóstolo (como é costumeiramente chamado na Ilha) fundou o Partido Revolucionário Cubano, explicitando sua descrença no espontaneísmo, e cujo estatuto previa, em seu primeiro artigo, a conquista absoluta da independência de Cuba e o fomento e auxílio à libertação de Porto Rico (MAO JR., 2007, p. 123). Fundamental para Martí era inserir as camadas menos favorecidas – índios, negros e brancos marginalizados – na luta pela liberdade, e ele trabalhou com afinco nesse sentido. Ademais, ele tratou de reunir veteranas lideranças da *Guerra dos Dez Anos*, como Máximo Gómez e Antônio Maceo.

Martí formuló el ideal nacional popular, creó el partido, organizó el inicio de la guerra revolucionaria, unió a las generaciones involucradas y proveyó un cuerpo de ideas eficaz y a la vez muy trascendente; se convirtió en el símbolo de la patria y del proyecto republicano. Maceo fue el líder popular de la guerra, paradigma de las virtudes revolucionarias y símbolo de la cubanía y de la unidad forjada entre las razas. Máximo Gómez, jefe indiscutido del Ejército y reconocido como genio militar, impuso sus cualidades y su radicalidad, y fue la mayor personalidad del país desde 1898 hasta su muerte. Los tres fueron líderes nacionales y populares (HEREDIA, 2007, p. 3)

²⁶ A Guerra Chiquita foi um levantamento armado que durou poucos meses, entre 1879 e 1880, encabeçado por generais da Guerra dos Dez anos inconformados com o acordo de paz e suas consequências políticas e econômicas.

A investida efetiva pela independência foi iniciada em abril de 1895. Martí caiu em combate em maio do mesmo ano. Poucas horas antes de ser abatido, deixou registrado em uma carta o seu anseio de conseguir, além de derrotar os espanhóis, frear as investidas estadunidenses sobre territórios da América: “Vivi no monstro e lhe conheço as entranhas”, escreveu. O temor tinha fundamentos concretos: “by 1890 the US had the fourth largest navy in the world, was the second industrial power in the world, its capitals were vigorously seeking investment outlets and sources of raw materials” (DOMINGUEZ, 2010, p. 12). Quando iniciada a guerra pela libertação ilhota, a elite latifundiária cubana não se incorporou ao movimento. Já as massas de camponeses, a pequena burguesia emergente, os tabaqueiros, os escravos recém-libertos e a incipiente classe operária, sim (MAO JR. 2007, p. 134). De 1896 até o fim do embate, mais de 80 mil espanhóis e pelo menos 300 mil cubanos perderam a vida em um momento em que a população na Ilha pouco superava os 1,5 milhão de almas.

Em fevereiro de 1898, momento em que as forças independentistas estavam próximas da vitória, o governo norte-americano interferiu no conflito, tirando o triunfo das mãos dos cubanos. A justificativa para a entrada dos EUA na guerra foi o afundamento do navio *Maine*, em 15 de fevereiro daquele ano. De bandeira estadunidense e ancorado em Havana, ele soçobrou após explosão que matou 260 marinheiros. Os EUA alegaram ter havido uma sabotagem por parte da Espanha, e declararam guerra àquela nação (AYERBE, 2004, p. 23). Mesmo no Brasil, o jornal *O Estado de S. Paulo* questionou a “dedução” dos ianques e os interesses por trás dela:

Estamos convencidos de que a explosão do *Maine* será explicada por qualquer causa diferente dessa fantasia que dominou uma parte considerável do povo dos Estados Unidos. E se o ódio à Espanha tiver cegado os norte-americanos a ponto de a julgarem pela explosão, será forçoso reconhecer que os protestos de neutralidade e as intenções pacíficas até agora manifestadas encobriam o propósito de forjar um *casus belli* e o desejo de estabelecer a necessidade de intervir em Cuba. Se assim for, o caso do *Maine* é um pretexto para a intervenção e os Estados Unidos encontram nessa triste catástrofe o que procuram há muito tempo alguns dos seus mais ardentes parlamentares. É uma oportunidade para anexar Cuba pela conquista. Não sabemos se o governo de Washington se prestará a esta aventura, que, já hoje, uma grande parte da opinião pública americana reclama, não com fim de ajudar os cubanos a adquirirem a sua independência, mas com o objetivo único de tirar à Espanha a grande Antilha. A sorte de Cuba, devastada e arruinada pelas revoluções, é sair de um para outro jugo. Talvez que politicamente os Estados Unidos lhe deem a independência; mas, economicamente, a colônia espanhola, nessa hipótese

ainda duvidosa, apenas passaria à colônia norte-americana. (*O Estado de S. Paulo*, 1898, p. 1)²⁷.

Assim, cuba libertou-se da coroa espanhola sem conquistar sua independência. Em 12 de agosto de 1898, a Espanha assinou o armistício com os EUA, em Washington. Quatro meses mais tarde, em Paris, um tratado pôs fim ao domínio dos europeus sobre o território cubano. O reflexo dessa interferência sobre os destinos da nação caribenha foi gigantesco. Os norte-americanos permaneceram com seu exército na Ilha até 1902, sob o pretexto de a estarem protegendo. Durante esse período, a economia insular tornou-se cada vez mais dependente dos Estados Unidos, reflexo de uma crescente política desnacionalizadora do setor açucareiro e do aprofundamento de uma estrutura econômica baseada em alguns poucos produtos de exportação, destinados justamente ao mercado dos neocolonizadores (MAO JR, 2007, p. 147). Para assegurar o controle sobre a Ilha, Washington envidou esforços para interferir no âmbito político. Não detalharei a sucessão de pequenos golpes que marcaram, por exemplo, os pleitos em Cuba a partir de então, mas foram uma constante as manobras no sentido de preservar no poder o que Le Riverend (1997) definiu como “falsos governos cubanos”.

Os governos corruptos e as intervenções ianques que se sucederam nas primeiras décadas da república neocolonizada, cumpriram a missão de entregar ao amo estrangeiro as riquezas do país. As melhores terras agrícolas, as Centrais Açucareiras mais importantes, as reservas mineiras, as indústrias básicas, as ferrovias, os bancos, os serviços públicos e o comércio exterior passaram ao férreo controle do capital monopolista dos Estados Unidos. (CASTRO, 1982, p. 13).

A diferença entre o colonial e o neocolonial está no ato de, no último, a dominação ser indireta e descentralizada. O que envolve um terrível exercício permanente de submissão induzida, de lealdades compradas, de corrupção política e de alienação moral. As classes possuidoras nativas se “voltam pra fora” e, por aí, lideram a “americanização de Cuba” e perdem todas as oportunidades de usar o anti-imperialismo sequer como arma de autodefesa econômica, cultural e política. Ao mesmo tempo grassa nessas classes um particularismo selvagem, quase de sobrevivência e certamente de compensação, pelo qual elas se divorciam da realidade nacional do mundo em que vivem, tornando-se assim títeres do poder central, dos centros efetivos de decisão e dos “chefes nativos salvadores”. (FERNANDES, 2007, p. 80).

Evidentemente, isso não se passou sem que aparecessem focos de resistência e contestação. Um dos momentos marcantes das tentativas dos cubanos

²⁷ O texto original do jornal, usando a forma de escrita á época.

retomarem as rédeas de sua história foi a *Revolução de 1930*, para derrubar o ditador Gerardo Machado (denominado de *Asno com garras* pelo poeta e comunista Rubén Martínez Villena), que ascendera ao poder em 1925. No referido movimento, no entanto, “nunca existió la unificación política del campo revolucionario en un grado significativo, ni la de sus instrumentos, y ninguno de sus líderes desempeñó papeles decisivos. Los hechos más influyentes fueron acciones colectivas populares” (HEREDIA, 2007). Em agosto de 1933, pressionado pelas greves e agitações populares, o presidente recebeu dos EUA a ordem de para tomar providências sob pena de intervenção direta. A violenta repressão ordenada pelo mandatário só fez acirrar os ânimos e, em 12 de agosto, seguindo ordens do embaixador estadunidense, Machado renunciou. Pouco depois, em 4 de setembro, estudantes e militares cubanos tiraram do poder seu sucessor, Carlos Céspedes, e foi instaurado um governo provisório, com cinco governantes. Em 10 de setembro, assumiu o posto Ramón Grau San Martín. Dois nomes importantes passaram a integrar o seu “Gobierno de los cien días”: António Guiterras, jovem representante das esquerdas e considerado o fundador do comunismo em Cuba; e Fulgêncio Batista, a voz do exército que rapidamente converteu-se também em procurador dos setores da direita. Em curto espaço de tempo foram promovidas reformas relevantes e demandadas pela população, incluindo a nacionalização da Companhia Cubana de Eletricidade (o país, à época, tinha a tarifa mais cara do mundo) e a obrigatoriedade de 50% de mão de obra local em todas as empresas instaladas no país. Também foi decidido não pagar aos EUA os empréstimos feitos pelo governo Machado. Reduziram-se, ainda, preços de alimentos de primeira necessidade, criou-se uma rede de seguro social e foi reconhecido o direito à sindicalização. O governo Grau enfrentou levantes patrocinados pelos Estados Unidos e por grupos oposicionistas de dentro da Ilha. Antevendo problemas, em janeiro de 1934, Guiterras²⁸ sugeriu a saída de Batista do cargo. Mas não houve tempo suficiente para que a providência fosse tomada. No dia 15 daquele mês, o militar comandou um golpe e conduziu o general Carlos Mendieta à presidência. Ele simplesmente transferiu a obediência das forças armadas de Grau (que estavam sob seu

²⁸A la caída de aquel gobierno, Guiterras declaró desde la clandestinidad: “Actualmente estoy en la oposición y lucharé por el establecimiento de un Gobierno donde los derechos de los Obreros y Campesinos estén por encima de los deseos de lucro de los Capitalistas Nacionales y extranjeros.” (HEREDIA, 2017). Guiterras acabou assassinado em 1935, pelas forças do governo, ao ser traído por um de seus companheiros. Naquele momento, ele preparava-se para sair do país com a intenção de organizar a derrubada de Batista e regressar para fazê-lo.

comando) para o novo governante, apoiado pelos EUA, que trataram de legitimar o novo governo abolindo a Emenda Platt²⁹ (GOTT, 2006, P. 165). Mendieta também durou pouco no cargo, e em dezembro de 1935 foi substituído provisoriamente por Jose Agripino Barnet. Em 1936, houve eleições nas quais foram candidatos apenas “fantasmas do passado” (GOTT, 2006, p. 167), e Manuel Mariano Gómez foi o escolhido. Sofreu impeachment sete meses depois de assumir, e seu vice Federico Laredo Brú foi conduzido ao posto. Em 1939, aconteceram eleições para a assembleia nacional, que redigiu a primeira Constituição desde 1902, entre fevereiro e agosto de 1940.

Apesar de não ocupar o cargo máximo oficialmente, Fulgêncio Batista era quem comandava a nação – seguindo ditames estadunidenses. O general foi a “figura política mais importante no século XX em Cuba, com exceção de Fidel Castro” (GOTT, 2006, p., 165) e teve papel decisivo na sucessão dos sete diferentes governos civis entre 1934 e 1940, até, finalmente, candidatar-se a presidente. Eleito, desfrutou considerável popularidade em seu mandato, e inaugurou o período curto de tempo em que vigorou uma democracia, regida pela nova constituição que orgulhava os cubanos (GOTT, 2006). A referida carta magna, promulgada em 1940, foi considerada uma das mais avançadas para a época, e entendida como um passo decisivo de Cuba em direção à “modernidade”. O referido texto estabelecia direito a férias, limitava a jornada de trabalho a 8 horas, estabelecia indenização por acidentes, liberdade de associação e direito a voto a adultos com mais de 20 anos (finalmente estendido às mulheres). Ademais,

proscribió el latifundio y promovió la reversión de las tierras a los cubanos; reconoció la función social de la propiedad y la intervención estatal en la economía; el dominio exclusivo de la República sobre el subsuelo y recogió las principales demandas del movimiento sindical; estableció la creación de importantes instituciones como el Banco Nacional, el Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales y el Tribunal de Cuentas. Estas instituciones sólo comenzaron a funcionar a partir del último gobierno de los tres que existieron bajo la Constitución antes de que fuera abolida de un manotazo con el golpe de estado de 1952. La ley de Reforma Agraria y otras leyes

²⁹ The Platt Amendment, an amendment to a U.S. army appropriations bill, established the terms under which the United States would end its military occupation of Cuba (which had begun in 1898 during the Spanish-American War) and “leave the government and control of the island of Cuba to its people.” While the amendment was named after Senator Orville Platt of Connecticut, it was drafted largely by Secretary of War, Elihu Root. The Platt Amendment laid down eight conditions to which the Cuban Government had to agree before the withdrawal of U.S. forces and the transfer of sovereignty would begin. (United States Department of State Archive - <https://2001-2009.state.gov/r/pa/ho/time/ip/86557.htm>).

que hubieran materializado el carácter progresista de la Constitución del 40 nunca fueron aprobadas. (QUESADA, 2010).

Do texto avançado, pouco foi posto em prática durante os governos de Batista (1940-1944), Grau San-Martín (1944-1948) e Prío Socarrás (1948-1952) que, nas palavras de Le Riverend (1997, p. 94), se caracterizaram por um alto grau de corrupção, por uma especulação sem freio com a fome do povo durante a Segunda Guerra Mundial, pela demagogia e pela repressão aos movimentos populares. Diante deste quadro, militares – especialmente oficiais de patentes inferiores – começaram a movimentar-se e, em 1952, patrocinaram um novo golpe de Estado. Antes de efetivá-lo, sondaram o general Batista sobre seu apoio à ação. Inicialmente receoso em acompanhar os insurgentes – porque pretendia ser candidato novamente -, ele optou por unir-se aos golpistas em razão da possibilidade de não vencer o pleito (GOTT, 2006, p. 169). Em 10 de março de 1952, quatro meses antes das novas eleições presidenciais, portanto, com a ação dos militares, o presidente Prío pediu asilo na embaixada mexicana, e, “depois de uma tentativa superficial de preservar as minúcias constitucionais, o general se autoneomeou chefe de Estado, dando início ao seu governo ditatorial” (GOTT, 2006, p. 170). Foi o passo definitivo para Batista entrar para a história, sete anos mais tarde, como o golpista que fugiu para os Estados Unidos quando os guerrilheiros liderados por Castro já se preparavam para avançar sobre Havana. A vitória dos barbudos se deve a uma série de fatores, mas, dentre eles, destacam-se as contradições entre a promoção de um “american way of life” – que incluía a promessa de uma “democracia representativa” e a “liberdade de imprensa” – pelos governos e mídia cubanos, e a falta de avanços econômicos, políticos e sociais que permitissem acessá-lo. Nesse cenário, além de perpetuarem-se os preconceitos –de classe e de cor-, cresceram os ressentimentos que, futuramente, seriam os catalisadores da revolta contra os neocolonialistas.

5.2 CUBAMERICANOS

O período neocolonial significou uma intensificação das relações entre EUA e Cuba, inauguradas já em décadas anteriores, com uma ampliação da “interferência” não apenas econômica, mas, sobretudo, cultural do primeiro país sobre o segundo.

A migração de norte-americanos a Cuba incrementou-se ao largo do século XIX “en la medida en que se fortalecen y diversifican los lazos económicos y los

intereses de los Estados Unidos en y con la Isla” (SUÑOL, 1996, p. 45), e ampliou-se nas primeiras décadas do século XX. Junto com os estrangeiros, que dominavam quase todos os setores da vida econômica, inclusive o mais rentável deles, o do açúcar, chegavam também igrejas – boa parte delas protestantes – escolas, e até modalidades esportivas. “Prácticamente no quedó ninguna compañía norteamericana sin realizar inversiones de capital en la cultura religiosa, en tanto la religiosidad organizada e institucionalizada contribuía al ordenamiento y al controle social al actuar sobre los sujetos en el plano ético-moral” (SUÑOL, 1996, p. 51). Os colégios estadunidenses, por sua vez, focavam fortemente a formação de futuros técnicos e empregados para as empresas, e os alunos mais destacados, não raramente, eram enviados para avançar nos estudos e/ou especializarem-se nos EUA.

Las investigaciones históricas han reconstruido las estrategias de la dominación norteamericana en Cuba, implementadas desde principios de siglo, consistentes básicamente en la idea de ilustrar a las élites cubanas e inculcarles una concepción etnocentrista, que partía de la estricta superioridad del «modelo anglo», y de que, por consiguiente, los valores en él contenidos constituían las claves de cualquier modernidad posible. Durante los primeros veinte años del siglo quedaron establecidas las bases de ese proceso, que no haría sino profundizarse y adquiriría dimensiones dramáticas en el período posterior a la Segunda Guerra Mundial. Desde la primera intervención militar norteamericana (1899-1902), uno de los sectores priorizados en esa empresa **ideocultural**, dada su importancia para la reproducción de la dominación, fue justamente el sistema de enseñanza, que se caracterizó por el uso masivo del inglés y de libros de texto norteamericanos, incluso para la enseñanza de la Historia de Cuba. (GONZÁLEZ, 1996, p. 62, destaque meu)

O neocolonialismo, além de exploratório, tinha aspirações de ser “civilizatório”. Heredia (2010, p. 200) afirma que a construção racial e o racismo em Cuba ingressaram em nova fase. O amplo envolvimento dos não-brancos nos conflitos pela independência promoveu o estabelecimento de alianças inter-raciais e a corrente ideológica predominante era “mambi”, ou seja, antirracista e igualitarista. Inclusive a ordem legal e o sistema político favoreciam, à primeira vista, a afirmação de plena cidadania a todos: negros e mestiços recorreram a todos os meios alcançáveis para ascender socialmente (educação, trabalho, associação, participação política). Porém, segundo o mesmo autor, o racismo persistiu em razão dele estar inculcado na consciência cultural coletiva (e assim, tendia a reproduzir-se), bem como por não ter havido uma mudança na base do sistema social, o que

favoreceu seu uso para obter vantagens na exploração e dominação por parte dos brancos. O sistema republicano burguês neocolonial foi liberal na política e conservador no social, e isso representou o gradual enfraquecimento da ideologia *mambisa* em razão da disseminação das crenças na civilização e no progresso, que incluíam a teoria de “superioridade racial branca” e estimulavam a “instrução, a ‘solvência econômica’ e as ideias e costumes europeus como indicadores de superioridade ou mérito (HEREDIA, 2010, p. 201).

A persistência do colonialismo mental e as crenças associadas a ele durante a Primeira República deram certo peso ao aspecto racista da influência norte-americana, em uma época em que se fortalecia o racismo mais aberto e excludente nos Estados Unidos. [...] Por isso, sua classe dominante (cubana), ao se adequar ao “racismo civilizatório”, subordinou-se à ideologia colonialista e passou por um retrocesso em relação ao que a consciência social cubana já tinha vivido. [...] nos momentos de desconfiança ou crise, até os seus superiores podiam ser vistos como um tipo de “brancos sujos” (ibid., p. 202-203)

Uma das manifestações mais claras disso foi o massacre dos integrantes do Partido Independiente de Color, fundado em 1908, inspirado nas ideias de José Martí e defensores de uma “una República con todos y para el bien de todos”. Entre maio e junho de 1912, eles conduziram um protesto armado contra os maus tratos a que eram submetidos negros e mestiços pelas classes mais abastadas e pelo governo do militar e político José Miguel Gómez. As estimativas do embate dão conta de que as forças oficiais perderam de 12 a 15 soldados – oito deles negros, assassinados pelos seus próprios companheiros de corporação –, enquanto entre os revoltosos perderam a vida entre 2 e 6 mil pessoas. O racismo neocolonialista estava evidente também no “desinteresse” dos neocolonizadores em mesclar-se com os locais, o que Suñol vincula ao fato de eles chegarem contaminados pela filosofia cultural do “destino manifesto”³⁰. (SUÑOL, 1996, p. 48).

Todavia, o que mais me interessa, neste momento do trabalho, é explorar como as presença e interferências dos norte-americanos atravessavam a mentalidade da população, especialmente entre a burguesia cubana. A hegemonia estadunidense conduziu os ilhéus a um cenário onde eles “habitaban un mundo de forma prestadas, de estruturas que eran importadas e impuestas, y que definían

³⁰Segundo essa teoria, os EUA são o extrato superior da civilização ocidental branca, europeia e anglo-saxã, e, como tal, predestinados por Deus a assumir a liderança da espécie humana. Em suma, é na idéia de Destino Manifesto que o racismo, o imperialismo e o messianismo se encontram como elemento formador da identidade nacional americana (FERES JR., 1999, 184)

posibilidades y moldeaban propósitos” e que tinha como argumento central “la posibilidad de acceso; la cultura de mercado se presentaba como muy democrática” e “estos supuestos influenciaron a los cubanos de todas las clases, en todas las provincias por igual; de cualquier sexo y edad” (PÉREZ JR. 2016, p. 383). A busca por construir uma “civilização” e alcançar o progresso era cada vez mais sinônimo de ingresso na moderna cultura do consumo (PÉREZ JR., 2016).

Como escribe Hugh Thomas, «la clase media alta cubana era imitativa y copiaba fácilmente los modos de conducta norteamericanos. Todos los cubanos ricos tenían dinero en los Estados Unidos. La mayoría había sido educada allí, y miraba hacia los Estados Unidos como su garante social. Muchos eran en realidad más norteamericanos que caribeños». (GONZÁLEZ, 1996, p. 63).

Uma das primeiras evidências nesse sentido foi a rápida introdução e proliferação de veículos automotores norte-americanos no cotidiano Ilhéu: adquirir um tornou-se uma obsessão. Os primeiros carros chegaram ainda 1899. Na virada dos anos 1910 para os 1920, mais de 150 marcas podiam ser vistas transitando pelas ruas cubanas e, em 1925, já registrava-se mais de 7 mil unidades só da Ford (PÉREZ JR., 2016, p. 373). Em razão da limitação de espaço – e do foco deste trabalho – me interessa salientar que, “el progreso llegó a Cuba bajo la forma de lo norte-americano” (PÉREZ JR., 1996, p. 5) e o “*american way of life*” tornou-se uma ambição para os ilhéus, especialmente, mas não só, para a minoria integrante das classes médias e altas. Em 1956, o Departamento do Comércio dos Estados Unidos definia os membros da classe trabalhadora cubana como “críticos ao capitalismo e altamente nacionalistas” (PÉREZ JR., 2016, p. 384), mas relatava, simultaneamente, que revelavam tendências a buscar altos níveis de vida e de lazer semelhante aos norte-americanos. E isso era associado diretamente à aquisição de bens e à imitação de práticas, incluindo as viagens ao país quase-vizinho.

Los cubanos no podían evitar contemplar asombrados los prodigiosos logros de la cultura material norteamericana, muchos de los cuales ya estaban transformando la forma en que vivían en su propio país. La Spanish-American Light and Power Company of New York iluminaba las noches de La Habana con lámparas de gas, para admiración de los habaneros. Los norteamericanos edificaron los ferrocarriles que vinculaban las ciudades, construyeron las redes eléctricas y los sistemas de telégrafos y teléfonos. En resumen, los cubanos conocieron íntimamente a los Estados Unidos. Estaban familiarizados con su historia, su política, sus modos. Pero la familiaridad también creaba ambivalencia. (PÉREZ JR., 2016, p. 384)

Um dos principais meios pelos quais a ideologia norte-americana espalhou-se entre os cubanos foi, como ainda acontece hoje, o das telecomunicações. Já em 1916, Havana registrava a média de cinco telefones para cada 100 habitantes, três vezes mais do que em Madrid, capital da sua antiga metrópole. O estar “em dia” com as novidades fazia com que, ao mesmo tempo em que Cuba tinha suas riquezas drenadas, aumentasse a sensação da Ilha estar caminhando em direção a um futuro próspero e *pari passu* com seu quase-vizinho ao norte.

No caso do cinema, com a primeira Guerra Mundial e a retração da produção europeia no setor, os filmes *made in USA* predominavam nas salas de projeção e, nas palavras de Pérez Jr. (2016, p. 319), “servieron para confirmar el lugar de Cuba tenía a la vanguardia de la civilización. Siempre parecía que Cuba era de los primeros países a asumir y ostentar la modernidad [...]”. O atravessamento das obras no cotidiano tornava-se tangível, por exemplo, nos modos de vestir e remodelavam “gostos”. Ainda na década de 1920, a exaltação às mulheres curvilíneas deu lugar à associação desse fenótipo ao “atraso y la indolência” (PÉREZ JR., 2016, p. 332), por exemplo. Sucessivas modas foram lançadas, produtos divulgados (e incorporados ao dia a dia dos cubanos, de cosméticos a móveis) e isso intensificou-se com a inauguração da primeira estação de rádio pública, em 1922, a PWX. Em 1930, “in addition to the proliferation of loudspeakers installed in public spaces, which filled the streets with sound and encouraged listening in groups, domestic sets, ever cheaper and easier to use, became a necessary appliance in middle-class households” (BRONFMAN, 2012, p.42). No ano de 1933, já operavam em Cuba 62 emissoras e, em 1958, elas somavam 160. As programações eram majoritariamente patrocinadas por corporações norte-americanas, como no caso das radionovelas, transmitidas em horários/programas como *La novela FAB* e *La Novela Palmolive*. Segundo González (1988, p. 110-111), por meio do gênero, e de títulos como *O direito de nascer*, “el mito norteamericano de la prosperidad al alcance de todos, o al menos el confort, ‘usted también puede tener um Buick’³¹, fue diseminada en una sociedad supuestamente abierta a todas las posibilidades”.

A televisão também chegou de forma precoce, se levarmos em conta o

³¹*Buick* Motor Division, é uma marca de automóveis de luxo da fabricante americana General Motors (GM).

cenário mundial em 1950³². A inauguração, em 24 de outubro daquele ano, da Unión Radio-Televisión, do empresário Gaspar Pumajero (que a vendeu um ano mais tarde), foi acelerada simplesmente porque ele desejava ser o pioneiro no país, mesmo sem ter uma programação estável, e com isso, deixar para trás Goar Mestre, outro capitalista do ramo, formado em Yale, que, poucos meses mais tarde lançaria a sua CMQ-TV (SARDUY, 2010, p. 3) – esta já bem mais estruturada e planejada, uma vez que seu dono havia visitado Emilio Azacárte, fundador da mexicana Televisa, e a NBC, nos Estados Unidos, para conhecer as experiências que se levavam a cabo naqueles países (em 1953 ele e seu irmão Abel, fundariam outro canal, o CMBF, que em 1957 encamparia também a Televisión Nacional S.A.). A tecnologia televisiva chegava dos EUA, especialmente da RCA Victor e da Dumont (TORRES, 2015). As vendas de aparelhos dispararam assim que a novidade desembarcou em Cuba. Em 1951, mais de 25 mil deles foram importados e quatro anos mais tarde, a estimativa era de que pelo menos 150 mil ilhéus os tinham. Ao longo da década, o total chegou a 400 mil – estatística conservadora, já que, segundo Pérez Jr. (2016), calcula-se que 30% dos televisores não eram computados nas estatísticas oficiais por serem importados por pessoas que viajavam a Miami. Em 1952, a revista *Time* relatou a disseminação de pantalhas na Ilha e o hábito dos cubanos de acompanhar os eventos em marcha no país (no caso, as tensões envolvendo Fulgêncio Batista) via telinha. Os canais em operação também cresceram em número e passaram gradualmente a alcançar cidades do interior cubano. Ainda nos anos 1950, a CMQ-TV (Canal 6), além da Capital, podia ser vista em Matanzas, Santa Clara, Camaguey, Holguín e Santiago; o Telemundo (canal 2, fundado em 1953) tinha estações em Havana, Cárdenas, Santa Clara, Jatibonico, Camaguey, Las Tunas e Santiago; a Unión Rádio Televisión Nacional (canal 4) estava na capital, Holguín e Santiago; e a RHC Cadena Azul (Canal 11) transmitia a Havana, Matanzas, Santa Clara, Ciego de Àvila, Camaguey e Santiago. Em 1957, surgiu também o primeiro canal em cores, outra vez obra do pioneiro Pumajero. E já em 1958, “Cuban radio and television companies were exporting tapes and scripts to more than ten Latin American countries”. (CASTRO, apud PÉREZ, 2008, p. 117).

A despeito dos grandes avanços quali e quantitativos, há de se destacar, que no citado ano de 1953, 53,57% dos lares tinham rádio, enquanto a televisão estava

³² Ou seja, 11 anos após o primeiro canal comercial com programação regular ter entrado no ar nos Estados Unidos – na Europa, isso ocorrera em 1936, com a BBC.

presente em apenas 4,54% deles – e boa parte concentrava-se em Havana. No campo, a penetração do rádio – a maioria à pilha, em razão do não abastecimento de energia elétrica – era de apenas 35% e a da televisão residual – 0,26% (TORRES, 2015). Os dados

demuestran que la tenencia de un televisor en 1953 y años posteriores seguía siendo bastante inaccesible, y aunque se daban las facilidades de pago, con alguna excepción, solamente la clase media hacia arriba las familias podían darse el lujo de disfrutar de sus artistas preferidos, que ya conocían por la enorme penetración de la radio, cuya popularidad nunca fue sustituida (TORRES, 2015, p. 71)

Nos primeiros anos da TV em Cuba, sua programação tinha forte presença de atrações provenientes dos Estados Unidos – especialmente os de aventura, policiais e filmes, preferencialmente dublados em razão da alta taxa de analfabetismo (TORRES, 2015, p. 51) –, e, além disso, os produtores cubanos, não raras vezes, seguiam os modelos exitosos na nação ao norte.

Segundo Pérez Jr., o USIS (United States Information Service) atuava com o propósito de interferir em conteúdos e formatos de programação. Tratava, por exemplo, de minar a “mídia comunista”, como o jornal *Hoy*, vinculado ao Partido Socialista Popular. No início dos anos 1950, o Serviço de Informação aproximou-se de empresas para dissuadi-las de veicular suas propagandas no citado veículo, com o propósito de inviabilizá-lo financeiramente (PÉREZ JR, 2016, p. 373). Em outro episódio, a norte-americana U.S. Rubber foi chamada à embaixada e advertida sobre a necessidade de interromper o patrocínio a um programa musical da CMQ TV, porque o maestro da orquestra era um conhecido comunista, que acabou despedido.

Com a proliferação das mídias, desenvolveu-se também um forte setor publicitário – em 1935, a Ilha já contava com a Associação de Anunciantes de Cuba –, cujo *boom*, seguindo o que ocorria no cenário mundial, deu-se especialmente nos anos 1950, segundo Moreno (2008), em artigo com o sugestivo título *La dominación anunciada: Publicidad comercial y fantasía norteamericana en Cuba (1948-1958)*. Para o autor, a atividade desse setor refletia a dependência cubana em relação à economia estadunidense e também contribuiu no “proceso de consolidación de un imaginario cultural dominado por los símbolos norteamericanos”.

Los contactos a esta escala con los norteamericanos, por períodos tan sostenidos, ejercieron aún más influencia sobre las actitudes y el comportamiento cubanos en formas más o menos visibles. La radio, y especialmente las películas y más tarde la televisión, las tiras cómicas, las revistas y los periódicos, influyeron en las preferencias cubanas desde la forma de educar a los niños hasta las modas, desde la planificación familiar hasta las vacaciones familiares, desde las dietas hasta el baile, las convenciones sociales y el último grito en los espectáculos, la belleza y el sex appeal, hasta las formas de cortejar y recrearse. Los cubanos se mantenían al tanto de los últimos estilos en los Estados Unidos. Los desfiles de modas norteamericanos eran especialmente populares en La Habana, y hacían presentaciones previas para los clientes locales en los estilos más novedosos en vestuario de noche, informal y deportivo. Los cubanos tampoco hacían concesiones al trópico: las pieles eran los artículos que más se vendían en los desfiles de modas (PÉREZ JR., 1996, p. 7)

Contudo, como antecipei, o fim do curto período democrático imposto pelo golpe militar de 1952, deixaria mais claro para os ilhéus o fato de que eles eram menos parecidos com os estadunidenses do que imaginavam. E mais: que os vizinhos ao norte não apenas sabiam muito bem disso, como eram atraídos e estavam interessados pelo “exótico” do país caribenho, e não pelas suas “virtudes de coirmão”.

Las mayores consecuencias del golpe militar e, en realidad, su más profunda significación, fue que destruyó la autoestima colectiva y minó algunas de los más preciados supuestos de la forma en que se veían a sí mismos los cubanos. La celebrada Constitución de 1940 fue echa a un lado, irreverentemente, por una vulgar revuelta de barracas, que solo unos meses antes se consideraba inimaginable. Los cubanos siempre expresaban que Cuba era diferente de los otros países latinoamericanos; y reclamaban, con todo derecho, su lugar al lado del selecto grupo de las democracias constitucionales liberales del mundo, pues gozaba de legalidad constitucional, elecciones libres, libertad e palabra y libertad de prensa. [...] John Dorshner y Roberto Fabricio describían a los cubanos que se unieron a la oposición (a Batista): “Por un sentido de vergüenza, un ambiguo sentimiento, de que antes podían ufanarse de sus equipos de aire acondicionado y televisores, lo que parecía ponerlos casi en paridad con los americanos, y ahora tenían como gobierno un ruin dictador militar más merecedor de una antigua república bananera” que de un país que aspiraba hacer parte del mundo moderno” [...] El enajenamiento se amplió se profundizó en la medida que la resistencia al gobierno de Batista se amplió y la represión aumentó. Para incredulidad e indignación [...] los Estados Unidos apoyaban abiertamente a Batista. [...] El uso de armas y municiones, aeroplanos y artillería, tanques, bombas y equipos de los Estados Unidos contra la oposición aumentaba la ira pública (PÉREZ JR., 2016, p. 510)

Em outras palavras, os cubanos ampliavam seus desgosto e desconfiança ante uma nação que pregava a sua “modernidade democrática” como modelo, mas a negava, agora de forma mais explícita na Ilha, ao apoiar uma ditadura militar. Isso contribui para colocar em xeque, de forma crescente (sempre houve alas da

sociedade cubana incomodadas com a interferências dos EUA nos destinos do país) o imaginário social que os próprios norte-americanos ajudaram a construir após o fim da colonização espanhola. O agravamento das condições de vida e trabalho potencializaram a inquietação. Segundo Pérez Jr. (2016, p. 515), estima-se que entre 600 mil e 800 mil cubanos – 1/3 da força laboral do país – passaram a amargar o desemprego ou o subemprego nos anos 1950. Enquanto aumentavam os alugueis e os preços, o poder aquisitivo das famílias declinava brutalmente, com o aparecimento de um grupo significativo de devedores. Não era incomum pessoas serem obrigadas a devolver seus aparelhos televisivos comprados a prestações que se tornaram impagáveis. O mesmo autor relata que o problema econômico era significativo, mas vinha acompanhado de outro, talvez mais importante: os cubanos não davam “tanta importancia al nivel de bienestar alcanzado como al que aspiraban” (PÉREZ JR., 2016, p. 522). Boa parte dos ilhéus das classes alta e média havia assumido o estilo de vida norte-americano como próprio, e, de repente, deparou-se com um cenário que negava qualquer possibilidade de acesso ao “*american way of live*”. Discursos oficiais sobre uma possível prosperidade cubana sucumbiam em um cenário, onde os ilhéus se viam cada vez mais pressionados e com dificuldades de sobrevivência “debido a la escasez de productos de primera necesidad” (PÉREZ JR., 2016, p. 525). Outros detalhes nada insignificantes faziam crescer uma antipatia em relação aos estadunidenses, como a frequente prática das empresas remunerarem melhor aos estrangeiros. Um dos movimentos observados foi um amplo fluxo migratório de cubanos em direção aos EUA. Filas se formavam na porta da embaixada daquele país: “jóvenes cubanos [...] sin futuro y sin esperanzas en un país rico y prometedor. Jóvenes que suplican un puesto de freigaplatos frente a los rasgacielos que alli, en el mismo Malecón, han sido levantados con el dinero robado del pueblo”, descrevia Augustín Tamargo, em 1957, na revista Bohemia. Também o turismo “contribuyó a despertar sentimientos nacionalistas ante las manifestaciones de prepotencia y ofensa a la dignidad nacional, e hizo emerger el factor de la resistencia, tan importante en la conciencia cubana”. (GONZÁLEZ, 1996, p. 63)

O intenso trânsito de cubanos entre sua terra natal e o vizinho rico extravasa a sensação de que os dois países eram muito desiguais, e isso acabava suscitando questionamentos sobre como e em que direção caminhavam as relações entre as nações. Em Miami, principal destino dos ilhéus (até hoje, diga-se), o acesso à praia

era liberado a todos, o que não acontecia em Cuba, onde os turistas eram os privilegiados. A cidade estadunidense era asseada, não faltava água, os bordéis e os cassinos comandados por mafiosos estavam ausentes (e haviam migrado para Cuba), e era fácil identificar que por lá havia uma preocupação com a oferta de serviços públicos de maior qualidade.

En Miami no hay limosneros que intercepten el passo al peaton con las manos extendidas [...] Aquí (em Havana) se sufre el espectáculo de una familia tirada en la calle, con niños durmiendo sobre el pavimento y mujeres jóvenes ofreciendo la desolación de su miseria. (BOEHMIA, 1934).

A presença dos estadunidenses para passarem suas férias na Ilha deixou de ser um “orgulho” cubano para converter-se em um tema de críticas constantes.

La Habana se convirtió en el lugar para que los norteamericanos se divirtieran e hicieran todo lo que no hacían —o no podían hacer— en casa, en un sitio para burlar abiertamente a la moral y los tabúes sexuales que conformaban el carácter de la vida pública norteamericana. Este era un tipo particular de turismo, organizado principalmente alrededor del vicio comercializado. Los bienes y servicios que los norteamericanos prohibían en los Estados Unidos eran estimulados en Cuba: las bebidas alcohólicas, el juego, la prostitución y las drogas. Eran los años de la Ley Seca, y los norteamericanos iban a Cuba, en enjambres, para poder tomar. Los bares se multiplicaron prodigiosamente en La Habana hasta superar los siete mil; la prostitución y las drogas —el opio, la heroína y la morfina— eran solo algo más difíciles de obtener que el ron, el whisky y la ginebra. Cuba se convirtió en un lugar exótico de promiscuidad y libertinaje, donde lo ilegal estaba permitido; un lugar, como dijo en 1923 un entusiasmado viajero, donde «la conciencia se toma unas vacaciones». (PÉREZ JR., 1996, p. 6).

Gradualmente, portanto, as discrepâncias fizeram renascer o nacionalismo cubano. Segundo Heredia (2010, p. 205):

[...] depois de Cuba se tornar o primeiro país da América que passou da condição de colônia à independência não diretamente, [...] que a submeteu a uma relação neocolonial, a classe subordinada a essa relação, mas dominante em Cuba, conseguiu finalmente sê-lo na economia, na política e na reprodução ideológica. Mas não conseguiu apropriar-se da construção do nacional e dos seus símbolos, nem conduzir o nacionalismo. As classes populares os tinham como seus, eram um aspecto decisivo de suas identidade e sua memória histórica, e influenciavam significativamente seus comportamentos políticos e sociais.

Mesmo entre os mais abastados, a emulação do estilo de vida estadunidense não significava uma aceitação plena dele, surgindo um misto de admiração e insatisfações, como relata Pérez Jr. (1996, p. 8), resultado da péssima “distribuição do bem-estar” na Ilha, especialmente nos campos da vida onde se enfrentavam

ainda mais dificuldades: “la desnutrición, la pobreza y el analfabetismo eran atributos reconocidos en la condición cubana” (PÉREZ JR., 2016, p. 389). A expansão dos sindicatos do crime organizado e o espraiamento da prostituição (em Havana, especialmente) era outro motivo de vergonha. Cuba passou a ser conhecida como “la zona de tolerancia del Caribe” ou, ainda, como o “Bordel del nuevo mundo” (PÉREZ JR, 1996, p. 8).

Estas circunstancias condujeron al surgimiento entre los cubanos de su propia versión de la familiaridad con los norteamericanos, y resultó en una relación de amor-odio con un pueblo con quien a los cubanos les resultaba difícil vivir, aunque no dejaban de comprender la dificultad mayor de vivir sin él. Paulatinamente, muchos comenzaron a poner en tela de juicio las suposiciones y la realidad cotidiana de su mundo, aun cuando disfrutaran de sus beneficios; su desesperanza aumentaba y se sentían cada vez más predispuestos a romper con el orden establecido (ibid., p. 9)

Na síntese de Rivero (2015), “by the late 1950s the utopian ideals of democracy and economic abundance that defined the 1940s had collapsed”. Os descontentamentos e as dificuldades crescentes refletiam a inflexibilidade ianque para sustentar o modelo “neocolonialista” a qualquer preço e a passividade da burguesia local fez de Cuba um país incapaz de “inserir-se na nova ordem mundial”. Ou seja, ironicamente, era a própria atuação dos EUA que “sufocava as potencialidades de expansão da ordem social competitiva (a qual requeria uma ‘revolução dentro da ordem’ temida e bloqueada sobretudo a partir de fora)” (FERNANDES, 2007, p. 102). Criou-se, nas palavras de Fernandes (2007), um círculo vicioso, pois a burguesia ilhota carecia do desenvolvimento capitalista para reforçar a sua posição, mas como sua maior autonomia relativa constituía um pré-requisito para a cubanização do desenvolvimento capitalista, que sempre foi interdita pelos EUA.

Segundo Pérez Jr. (2016, p. 557), muitos cubanos haviam se “americanizado” em maior ou menor grau, mas de uma maneira que nem os estadunidenses previram: “adquirieron los suficientes valores, métodos y expectativas que les permitieron identificar y articular lo que estaba mal en el capitalismo dependiente, de manera tal que desafiaron, en sus propios términos, las premisas de la hegemonía de los Estados Unidos en Cuba”. É por isso que uma parte da elite cubana passou a simpatizar com o movimento revolucionário liderado por Castro antes de seu triunfo: eles mostraram-se nacionalistas quando da emergência da “incertidumbre social y la inseguridad económica” (PÉREZ JR., 2016, p. 557), que

sinalizavam que o preço a ser pago pelos seus privilégios, ou seja, a supremacia e a ingerência dos EUA, tornava-se cada vez mais difícil de suportar.

O resultado, segundo Florestan Fernandes (2007), foi o deslocamento da órbita do movimento nacionalista para fora do campo das “forças da ordem”. Em outras palavras, para o grupo formado por proletários rurais e urbanos, pequenos burgueses e integrantes das classes médias que, dentre outras coisas, alimentavam-se das frustrações acumuladas nos movimentos emancipatórios anteriores, conformou-se um nacionalismo em torno do qual se mobilizavam os setores radicais das várias camadas sociais da população. E eles decidiram juntar-se aos guerrilheiros comandados por Castro para dar um basta à intromissão dos EUA na Ilha.

As constantes intervenções estadunidenses em Cuba, bem como os sucessivos governos ditatoriais apoiados ou até mesmo impostos pelo governo dos EUA, acrescidos do fato de a classe dominante cubana ter capitulado por preservar seus interesses econômicos, acabaram por determinar a correlação de classes do movimento nacional cubano, que passou a basear-se num nacionalismo militante extremado, crescentemente de caráter anti-imperialista, que cresceu nas mãos dos jovens radicais, de certos estratos de classes médias e da pequena burguesia e, principalmente, do proletariado rural e urbano. O conteúdo de classe da revolução viria de baixo para cima. (MAO JR. 2007, p. 17)

5.3 LLEGO EL COMANDANTE (Y MANDÓ PARAR)

Fidel Castro preparava-se para lançar sua candidatura a deputado pelo PPC(O) quando Batista ascendeu ao poder pela segunda vez, agora encabeçando uma ditadura em que partidos políticos e organizações sociais de trabalhadores foram fechados, limitou-se a liberdade de expressão e houve o estabelecimento da censura aos meios de comunicação. Ele cria, então, junto com Abel Santamaria, uma estrutura clandestina com o objetivo de ampliar a resistência ao governo via luta armada. Em menos de um ano, reuniram mais de 1,5 mil pessoas de todas as partes do país, em mais de 150 células. Em 26 de julho de 1953, Fidel liderou o primeiro grande ato bélico contra Fulgêncio Batista: o assalto ao quartel de Moncada, em Santiago de Cuba. Além do apelo histórico – já que outros movimentos de libertação haviam sido iniciados naquela região do país – a escolha pela cidade e a seleção do alvo tiveram fundamentação prática: o objetivo era surrupiar as armas dos militares para suprir o movimento. A ação acabou mal. No

ato, morreram oito combatentes e cinco ficaram feridos. Um significativo número de participantes caiu nas mãos das autoridades e acabou preso. Mais de 70 foram executados.

O regime de Batista promoveu um julgamento coletivo para os envolvidos, com ampla atenção da mídia cubana. Como os advogados de defesa não puderam acessar os autos do processo, Fidel, formado em Direito, assumiu a tarefa de falar em nome de todos. Transformou o julgamento em ato político e colocou o regime de Batista sob constrangimento ao acusar, em suas falas, as arbitrariedades e ilegalidades cometidas pelo mandatário. Denunciou as torturas e mortes dos seus companheiros. “Sua atuação no tribunal causou mais danos ao regime do que a fracassada tentativa de assalto ao quartel” (MAO JR., 2007, p. 244).

Durante o período do julgamento, várias tentativas de matar o líder insurgente foram pensadas (LOPEZ, 1988), mas não levadas adiante em razão da possível repercussão negativa. A medida para calar Fidel foi estabelecer um julgamento à parte, só para ele. As sessões aconteceram a portas fechadas, sem público ou imprensa, na sala de um hospital. Foi para defender-se que ele escreveu o discurso *A história me absolverá*, cujo trecho final é este:

Termino mi defensa, no lo haré como hacen siempre todos los letrados, pidiendo la libertad del defendido; no puedo pedirla cuando mis compañeros están sufriendo ya en Isla de Pinos ignominiosa prisión. Enviadme junto a ellos a compartir su suerte, es inconcebible que los hombres honrados estén muertos o presos en una república donde está de presidente un criminal y un ladrón. A los señores magistrados, mi sincera gratitud por haberme permitido expresarme libremente, sin mezquinas coacciones; no os guardo rencor, reconozco que en ciertos aspectos habéis sido humanos y sé que el presidente de este tribunal, hombre de limpia vida, no puede disimular su repugnancia por el estado de cosas reinantes que lo obliga a dictar un fallo injusto. Queda todavía a la Audiencia un problema más grave; ahí están las causas iniciadas por los setenta asesinatos, es decir, la mayor masacre que hemos conocido; los culpables siguen libres con un arma en la mano que es amenaza perenne para la vida de los ciudadanos; si no cae sobre ellos todo el peso de la ley, por cobardía o porque se lo impidan, y no renuncien en pleno todos los magistrados, me apiado de vuestras honras y compadezco la mancha sin precedentes que caerá sobre el Poder Judicial. En cuanto a mí, sé que la cárcel será dura como no la ha sido nunca para nadie, preñada de amenazas, de ruín y cobarde ensañamiento, pero no la temo, como no temo la furia del tirano miserable que arrancó la vida a setenta hermanos míos. Condenadme, no importa. La historia me absolverá. (CASTRO, 2007, p. 89-90)

Castro foi condenado a 15 anos de reclusão e enviado ao presídio na Isla de Pinos (hoje Isla de la Juventud), onde estavam seus companheiros do ataque ao Quartel de Moncada. Fidel tratou de mantê-los unidos e motivados. Criou rotinas de

exercícios físicos e a *Academia Ideologica Abel Santamaria* para aprimorar a formação política dos membros do agora denominado *Movimiento 26 de Julio*. A partir de 1954, permaneceu 14 meses na solitária em razão de uma manifestação durante visita de Fulgêncio Batista. Nesse período, reescreveu, a partir da memória, o discurso que proferira em seu julgamento. Remetia-o, de forma clandestina e aos pedaços, para fora do cárcere. Companheiros e companheiras seus, gradualmente libertos da prisão, reuniram os fragmentos e reconstruíram o texto integralmente. Passaram a reproduzi-lo por toda Cuba. A ação foi impactante, ainda mais em razão de Fulgêncio Batista ter sido reconduzido ao cargo de presidente em uma eleição sem opositores.

Cresceu um movimento pela anistia aos presos, inclusive na imprensa internacional. Pressionado, Batista mandou ao congresso um projeto de lei para libertá-los, sancionado em 6 de maio de 1956, numa homenagem ao dia das mães. Fidel saiu da cadeia com um discurso pacifista e passou a ocupar, sempre que possível, espaços na mídia para transmitir suas mensagens. Logo foi cerceado – foram proibidas suas manifestações em rádios, palestras, comícios e jornais – e ameaçado de morte. Optou por mudar-se para o México para articular a revolução: “de viagens como esta, a gente não retorna, ou retorna com a tirania decapitada aos nossos pés”, escreveu em um de seus últimos artigos antes de deixar Cuba.

O *Movimiento 26 de Julho* passou a construir uma rede internacional em Cuba, no México e nos Estados Unidos. Na Ilha, os integrantes tratavam de difundir as ideias do grupo. Nos Estados Unidos, havia uma força tarefa para arrecadar os fundos necessários para a empreitada revolucionária. E no México, ficavam as lideranças do movimento (é neste período que Che Guevara se une à causa). Em 25 de novembro de 1956, com 82 pessoas à bordo, saiu do México em direção a Cuba a precária embarcação *Granma*. A ideia era atracar na Ilha em 30 de novembro, data escolhida para iniciar, de forma coordenada, levantes organizados pelos membros do *26 de Julho* que permaneciam em Cuba. As péssimas condições do barco e as buscas por um dos guerrilheiros que caiu no mar resultaram em atraso de cinco dias. O desembarque aconteceu a uma milha do local previsto. O *Granma* encalhou longe da praia, obrigando os revolucionários a descerem com os equipamentos e cumprirem o resto do percurso à nado e à pé. Três dias depois do desembarque, deu-se o primeiro combate com as tropas de Batista, na localidade de *Alegría del Pio*. Houve uma completa dispersão dos revolucionários. Sobreviveram à

emboscada apenas 15. Fidel seguiu com dois dos seus homens e eles permaneceram isolados durante 13 dias. Até que encontraram, na casa de um camponês, Raul Castro, acompanhado de mais quatro rebeldes. “O grupo de Raul tinha cinco fuzis e munição, ficando Fidel de tal maneira entusiasmado com o crescimento de seu exército para oito homens e sete armas, que proclamou em seu estilo mais dramático: ‘agora vencemos a guerra... os dias de tirania estão contados’” (SZULC, 1987, p. 28-29). Ele estava certo. Em janeiro de 1959, Fidel Castro chegou a Havana e os guerrilheiros assumiram o poder em Cuba.

Na Ilha, os veículos de comunicação, os documentos oficiais, quando citam ou trazem data, sempre a complementam com a expressão “ano (seja qual for) da revolução”. De fato, a história da nação pode ser dividida, como já visto, entre antes e depois de 1959. A ruptura definitiva com o modelo neocolonial apresentava-se mais do que como possibilidade: era indispensável para, por um lado, os revolucionários terem condições de executar aquilo que prometeram, e, por outro, encontrar uma via capaz de levar o país em direção ao seu desenvolvimento. Uma análise profunda sobre o cenário pode ser encontrada no livro do brasileiro Florestan Fernandes (2007). Mas há de se dizer que a radicalização do movimento, após o seu triunfo, deve-se, e muito, à falta de visão estratégica norte-americana e à inoperância das classes dominantes ilhotas (ou da incredulidade delas em relação à capacidade dos barbudos de comandarem o país).

Las reformas comenzaron de inmediato y ganaron fuerzas. En enero de 1959, el gobierno provisional redujo los precios de las medicinas, entre 15% y 20%. Las tarifas postales se rebajaron. La Cuban Telephon Company fue intervenida y se redujeron sus tarifas; las de la Cuban Electricity Company se rebajaron en 30%. La Ley de Reforma Urbana decretó una reducción de 50% en alquileres de \$ 100 o menos, una rebaja de 40% entre \$ 100 y \$ 200, y una reducción de 30% en los que excedían los \$ 200 mensuales. El salario mínimo se incrementó en la agricultura, la industria y el comercio. Se revisaron los códigos tributarios. Más de 200 impuestos se redujeron, en particular los que recaían directamente en los hogares de las clases media y trabajadora. Las nuevas leyes amenazaban a los ricos que evadían el pago de impuestos. De los 30 000 miembros de los exclusivos clubes sociales de La Habana solo 5 000 se registraban para el pago de impuestos: “Nos estamos encaminando hacia la verdadera justicia fiscal – anunciaba el ministro de Hacienda Rufo López-Fresquet –, donde los impuestos tienen que ser pagados por quienes cuentan con una mayor capacidad económica, por los que tienen posibilidad de consumir artículos de lujo y reciben ingresos de actividades no económicas o de actividades que no conducen al desarrollo del país (PÉREZ JR., 2016, p. 544).

As transformações apareciam também nas práticas banais do cotidiano, e o

consumo foi uma das vias para reorientar a “nacionalidade”, o que incluiu a obrigatoriedade do uso de espanhol nos embalagens e rótulos de produtos. Mesmo as marcas estadunidenses entenderam o recado. Nos jornais cubanos publicados logo após o triunfo da revolução que consultei na Biblioteca Nacional José Martí, abundam anúncios de empresas como a Coca-Cola que, além de exaltar a revolução, destacava que seus refrescos levavam matéria-prima colhida na Ilha. No campo da moda, “el algodón reemplazó el dacrón como tejido favortio” e estilistas ressaltavam que suas novas coleções eram pensadas para o uso no verão quente da Ilha e não mais imitavam os “modelos americanos”. O dia de Ação de Graças foi suspenso e no Natal reavivaram-se tradições espanholas. O Dia dos Reis, em 6 de janeiro, voltou a ser entendido como “a mais importante” das festividades. Até figura do Papai Noel começou a desaparecer, e quando surgia, normalmente tinha a barba pintada de preto para remeter aos guerrilheiros.

La política y la cultura se acercaron y ganaron una mayor lógica. La revolución no hubiera podido avanzar sin confrontar la definición de la identidad nacional; el discurso revolucionario utilizó la reivindicación de la autodefinition, lo cual solo podría acelerar y ampliar el alcanza del cambio. La afirmación de lo cubano parecía requerir nuevas formas, libres de trazas y tendencias originadas en Estados Unidos (PÉREZ JR., 2016, P. 555)

O entusiasmo com a vitória dos barbudos motivou a adesão de vários setores sociais, mas principalmente das massas despossuídas, que ganhavam em autoestima e dignidade (RUIZ, 2016). Evidentemente, o processo de transformação não se deu sem um intenso embate de interesses classistas. Segundo Gonzalez (1996), eles provocavam inclusive divisões entre famílias. Ir-se para os Estados Unidos, por exemplo, “constituía una definición tácita, una toma de partido frente al conflicto definitivo de aquellos años”, e não foram poucos os que optaram por atravessar o estreito da Flórida: pelo menos 250 mil pessoas saíram, embora muitos com a certeza de que voltariam logo que “as coisas voltassem ao normal”. Se este movimento representou algumas dificuldades em razão de terem evadido muitos profissionais qualificados, também abriu mais espaço para a conformação e consolidação do novo projeto que estava sendo desenhado para o futuro cubano.

La burguesía, casi en su totalidad, y una gran parte de las elites intelectuales y capas medias económicas, técnicas y profesionales emigraron con la convicción del pronto regreso. Tal éxodo le da un sello particular, único y quizás irrepitible, al proceso cubano. La revolución quedó

con una base popular amplísima, muy comprometida y protagónica, involucrada en procesos de una intensidad tremenda. Todo ello, tuvo implicaciones sociológicas diversas. Por un lado, situó la resistencia y la base social fundamental de la contrarrevolución fuera del país, reforzando de este modo el sentimiento patriótico con la noción de estar aquí, ahora, viviendo la revolución. Por otro, generó un vacío que propició una intensa movilidad social en la que elementos de las capas populares, muchas veces con deficiente calificación, debieron asumir en sus manos la dirección de complejos procesos de gestión social. La creación de una intelectualidad nueva de origen popular fue otra de las consecuencias y resultados de ese proceso. (RUIZ, 2016, p. 188-189)

A partir de 1959 e até 1963, desenrolou-se um processo nacionalizador, para romper as bases materiais e sociais em que se sustentava a dominação imperialista (MAO JR., 2007, p. 17). No caso específico da mídia, nos dois primeiros anos de governo revolucionário, Fidel Castro e seus apoiadores conviveram com veículos de comunicação privados, apesar de não serem raros os ataques midiáticos diretos aos novos líderes, muitas vezes por meio da reprodução de conteúdos originados alémmar. Boa parte das empresas de comunicação em Cuba fazia coro no sentido de alertar sobre a “comunistização” do país, atacar as expropriações (especialmente a reforma agrária) e denunciar os fuzilamentos ordenados pelo governo revolucionário. Nesse período, Fidel costumava requisitar espaços televisivos para promover debates com jornalistas, muitos deles conhecidos inimigos da Revolução (MORAIS, 1976, p. 73), bem como para conclamar o público nacional:

Very soon Castro discovered the importance of television and used it to exhaustion (three, four, six, seven-hour, two-day speeches) to talk to his people: ‘One of the characteristics of the young Cuban Revolution was the intense and appropriate use of television as an instrument of communication and mobilization’ (Díaz Castañón 2004: 116). (PÉREZ, 2008, p. 126)

A pauta, quando das aparições de Castro ou seus companheiros, sempre tangia os destinos social, político e econômico de Cuba. Os programas podiam entrar pela madrugada. Tinham duração indefinida. O cenário mudou radicalmente, só em abril de 1961, quando Fidel proclamou o caráter socialista da Revolução cubana.

Menos de uma semana depois, todos os jornais, estações de rádio e de televisão tinham sido abandonados por seus proprietários, que não eram tantos — os meios de comunicação em Cuba pertenciam a algumas poucas famílias ligadas à indústria açucareira. [...] A fuga dos proprietários foi imediatamente seguida pela tomada dos meios de comunicação por jornalistas, gráficos e radialistas, e pela estatização das empresas. Os jornais considerados fascistas, como o "Diário da Marinha", foram fechados.

Os outros apenas mudaram a linha editorial e continuaram com o mesmo nome, as mesmas características gráficas. (MORAIS, 1976, p. 73)

Ante la radicalización del proceso revolucionario, la oligarquía mediática optó por huir del país y facilitó que en un corto periodo de tiempo la prensa pasara a manos del poder revolucionario, con lo cual cambiaron significativamente las concepciones esenciales de lo que significaba la profesión. Al respecto, Fidel Castro (en Marrero, 2003, p. 149) afirmó: “Periodismo no quiere decir empresa, sino periodismo, porque empresa quiere decir negocio y periodismo quiere decir esfuerzo intelectual, quiere decir pensamiento”. (GARCÍA, 2014, p. 8–9)

Desde então, todos os veículos e canais de telecomunicações permanecem sob o controle do Estado. Ainda em 1961, o governo castrista determinou o fim da publicidade comercial no país e, em 1962, “media production was centralized under a state institute (first *Instituto Cubano de Radiodifusión* and later renamed *Instituto Cubano de Radio y Televisión* or ICRT)” (PERTIERRA, nd). Os parâmetros fundamentais que balizam o funcionamento do setor de comunicação em Cuba hoje foram descritos na Constituição de 1976. O artigo 53 da carta magna garante “a los ciudadanos libertad de palabra y prensa conforme a los fines de la sociedad socialista” e que os meios de Comunicação “son de propiedad estatal o social y no pueden ser objeto, en ningún caso, de propiedad privada, lo que asegura su uso al servicio exclusivo del pueblo trabajador y del interés de la sociedad”. O grande problema reside no fato de que quem define o interesse social são os membros do Partido Comunista cubano.

Com relação à estatização, a desapropriação das terras de latifúndios improdutivos (com ressarcimento, diga-se) estressou o descompasso entre os objetivos da revolução e a política dos vizinhos estadunidenses (AYERBE, 2004, p. 61). Em 12 de junho de 1959, os EUA externaram oficialmente sua “preocupação” com a decisão e iniciaram as retaliações econômicas a Cuba. A partir de 1960, Washington pressionou as empresas norte-americanas para que elas não mais vendessem combustíveis aos caribenhos e, assim, forçou a Ilha a recorrer ao fornecimento soviético. Em abril daquele ano, já chegavam as 300 mil primeiras toneladas de petróleo bruto a serem pagas com açúcar. Os cubanos requisitaram o processamento às refinarias existentes na Ilha – pertencentes à Shell, Standard Oil e Texaco – e, diante da negativa ordenada a partir de Washington, os cubanos confiscaram o patrimônio das companhias norte-americanas (GOTT, 2006, p. 211). Os EUA também reduziram, em julho de 1960, sua cota de importação do açúcar cubano em 95% (AYERBE, 2004, p. 62): no dia 6 de agosto de 1960, em resposta à

manobra, Fidel Castro nacionalizou, sem indenização, toda a indústria açucareira do país (MORAIS, 1976, p. 96). Em outubro, Eisenhower decreta embargo parcial à Ilha e, em 3 de janeiro de 1961, os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba.

Fidel, então, firmou um acordo com a URSS para a venda de cota de sacarose. Em 15 de abril do mesmo ano, aviões norte-americanos bombardearam aeroportos cubanos. No dia seguinte, na esquina de las calles 23 y 12, em Vedado, Havana, “a escasos metros del Cemiério Colón y ante la gigantesca manifestación del Pueblo concentrada durante el entierro de las víctimas del bombardeo mercenario (...) Fidel proclamó el carácter socialista de la Revolución” (PUENTES, 2008, p. 28). A reação dos EUA foi imediata: 24 horas depois, aproximadamente 1,5 mil mercenários treinados pela CIA,

divididos em sete batalhões de duzentos homens cada um e distribuídos em cinco embarcações, chegava à Playa de Girón. Antes, uns aviões haviam lançado dezenas de paraquedistas para a tomada de uma cabeça-de-praia. E em alto mar, a uns cinco quilômetros, a bordo de navios de guerra norte-americanos, e entre eles um porta-aviões [o USS Essex], oficiais da CIA supervisionavam diretamente a missão (...) Mas em menos de 72 horas nós os derrotamos depois de uma batalha encarniçada em que tivemos mais de 150 mortos. Uma batalha com 68 horas consecutivas de combate – não houve trégua nem um segundo - diante da esquadra norte-americana, que foi como se deu o combate. Nós os derrotamos e fizemos 1200 prisioneiros. (...) E, veja só, nós libertamos o exército mercenário de Girón inteiro. (CASTRO apud RAMONET, 2006, p. 248)

Com a proclamação do caráter socialista da revolução, teve continuidade a “fuga em massa dos milionários para Miami: os dois bairros mais elegantes de Havana (...) ficaram desertos da noite para o dia” (MORAIS, 1976, p. 50). Ela representou também um crescente isolamento da Ilha no continente americano. Em 1962, por pressões dos Estados Unidos, o país foi expulso da Organização dos Estados Americanos (OEA) – e ele jamais voltou a ocupar espaço nela. Apenas o México se manteve ao lado dos cubanos quando John Kennedy decretou o embargo total do comércio entre os EUA e a Ilha. Com limitações estruturais e marcas indeléveis de improvisação e amadorismo que frustraram as metas iniciais de crescimento (AYERBE, 2004, p. 66), bem como pressionado (ironicamente) pela melhoria na condição de vida dos cubanos, o governo castrista foi cada vez mais

obrigado a buscar novos fornecedores externos³³ e, com isso, a aproximação com a União Soviética intensificou-se. Em 1963 e 1964, Castro foi a Moscou a convite de Krushev, este último interessado em estreitar as relações com o país caribenho e reestabelecer a confiança abalada em razão da crise dos mísseis nucleares, em 1962. Na segunda vez em que esteve com o líder soviético, e depois de dez dias de negociação, o cubano firmou acordo que previa a compra do açúcar produzido na Ilha pelos “camaradas” em quantidades crescentes e a preços fixos até 1970 (GOTT, 2006, p. 239-240). Em 1968, o regime cubano abraçou de vez a URSS – para surpresa de muitos simpatizantes da revolução, em razão dos eventos desenrolados, no mesmo ano em Praga.

A parceria trouxe alento e desenvolvimento em várias áreas. Entre 1958 e 1975: a geração de eletricidade no país passou de 2.250 milhões de quilowatt/hora para 6.500 milhões; o refino de petróleo praticamente duplicou, alcançando 5,9 milhões de toneladas; a produção de lubrificantes cresceu 20 vezes (para 134 mil toneladas); a superfície de terra cultivada dobrou; a produção de cítricos cresceu nove vezes; a de ovos seis; a de fertilizantes quase dez; o número de tratores em uso avançou seis vezes (eram 54 mil equipamentos em 1975); a produção de massas cresceu cinco vezes; a de alimentos para crianças 10; a de sorvetes, oito; a de cerveja duplicou; a construção de novas estradas foi 1,7 vezes maior do que a registrada entre 1898 e 1959; a indústria básica cresceu sua produção em 1,9 vez; a pesca teve incremento de 600%; e o intercâmbio comercial foi ampliado 2,9 vezes. (PUENTES, 2008, p. 31).

Mas uma das vitórias que os combatentes da Sierra Maestra não conseguiram lograr – até hoje, diga-se – foi a de concretizar a ideia de variar a atividade econômica e, especialmente, de desenvolver setores estratégicos para garantir autossuficiência em relação, pelo menos, a produtos básicos. Esforços de diversificação previstos/almejados nos primeiros anos da revolução foram abandonados em razão das limitações materiais e acabou sendo priorizado um modelo de “acumulação primitiva socialista”, com a expectativa de desenvolvimento

³³ Che Guevara – crítico constante do modelo soviético, diga-se – esteve à frente da economia cubana de 1959 a 1965. Ficou conhecido pelo seu amplo voluntarismo, mas também pelo desconhecimento técnico sobre o tema. Seu primeiro plano quadrienal foi um fracasso, admitido por ele mesmo, que taxou de “ridícula” (CASTAÑEDA, 1997, p. 260) a sua ambição de uma taxa de crescimento de 15% ao ano para um país com uma economia baseada na monocultura. Seu esforço para diversificar as atividades agrícolas, com vistas, entre outras coisas, a tornar autossuficiente o mercado interno, teve como efeito colateral a queda na produção de açúcar, principal produto cubano, e isso comprometeu fortemente as possibilidades de arrecadação e de investimentos no período.

de uma economia agrária centralizada e, como consequência, a acumulação de recursos para uma rápida industrialização pesada. Nas palavras de Santos (2017, p. 95), a “relação comparativamente favorável com os soviéticos [...] elidiu o enfrentamento de dimensões estruturais do legado colonial”.

O jornalista e escritor brasileiro Fernando Morais esteve em Cuba para colher informações que originaram o livro *A Ilha* em 1976, e relatou, naquele momento, a ainda alta dependência cubana em relação ao açúcar. Detalhou os apertos vivido pelo povo ilhéu em 1964 em razão do abrupto despencar do preço da *commodity* no mercado mundial. Mas, naquele período específico da viagem, Cuba curtia uma fase de bonança em razão da subida na cotação. Um dos objetivos alardeados pelo governo local era aproveitar o cenário favorável para a “realização do sonho (...) acalentado desde o tempo em que Che Guevara era o Ministro da Indústria e Comércio: a industrialização” (MORAIS, 1976, p. 102).

A partir de 1972, Cuba passou a receber ajuda técnica e fundos do Comecon — o "mercado comum" do bloco socialista — organismo ao qual o país se agregou naquele ano. E a União Soviética investiu em Cuba, entre 1973/75, 300 milhões de rublos — aí não estão incluídas as despesas militares, de valor nunca divulgado pelos dois países. A prevalecerem estáveis os atuais preços do açúcar, é de se esperar que Cuba possa ensaiar os primeiros passos de seu processo de industrialização. (MORAIS, 1976, p. 102)

Como se sabe, a indústria em Cuba ficou, realmente, só no ensaio, ainda que no período de 1980 a 1985 tenha crescido em setores como os da produção de máquinas, eletrônica, material de construção, têxtil, farmacêutico e biotecnologia (PUENTES, 2008, p. 36). De qualquer forma, entre 1975 e 1985, o PIB na Ilha cresceu à média de 4,1% ao ano, bem acima da registrada por outros países da América Latina (1,2%). Já na segunda metade da década dos 1980,

la producción se hacía a un elevado costo por el grado de ineficiencia, no solo por la atrasada tecnología y baja calidad de la materia prima, sino por falta de control y exigencia en el proceso productivo en detrimento de la calidad; los obreros se sobrecumplían normas obsoletas; había irracionalidad en el uso de la fuerza del trabajo; plantillas infladas y burocratismo, junto a un equilibrio entre el salario medio y la productividad del trabajo, entre otros males en el entorno laboral y en la sociedad” (PUENTES, 2008, p. 39).

O Estado tratou, então, de “revisar o socialismo cubano”. Dentre as resoluções, descritas no informe do *IV Congresso del Partido*, previa-se a ruptura

com a prática de planificação burocrática, o fim da “distribuição irracional” de recursos e o cessar da manutenção da mentalidade importadora (PUENTES, 2008). Mudanças começaram a ser postas em prática, como a elaboração de um programa para exploração do potencial turístico, especialmente. Mas o pico de euforia e reformas terminou junto com o campo soviético. A queda do muro de Berlim, em 1989, foi o prenúncio do fim. Os problemas que viriam começaram a ficar ainda mais palpáveis a partir da visita do presidente soviético, Gorbachev, à Ilha, no citado ano. O mandatário da potência socialista comunicou o fim dos subsídios a Cuba, bem como mudanças nos contratos de compra de açúcar, que agora considerariam os preços praticados no mercado mundial. A crise econômica acentuou-se também em razão do início do declínio do envio de petróleo soviético (só na comparação 1989/1990, a redução foi de cerca de 25%). O grau de dependência em relação à URSS – de quem Cuba comprava 63% dos víveres e 80% da maquinaria, e para quem vendia 63% do açúcar, 95% dos cítricos e 73% do níquel (GOTT, 2006, p. 32) – deixou a Ilha à mingua quando ruiu a União Soviética em 1991. Inaugurava-se um período especialmente difícil.

5.4 ADIÓS, LÊNIN!

Em Cuba, ao contrário dos antigos países “aliados”, o governo optou por manter o regime socialista, ou pelo menos, como disse Fidel à época, “não perder o que havia sido conquistado”. O súbito desaparecimento dos principais parceiros comerciais teve impacto fulminante sobre a vida da nação caribenha. Simultaneamente à mudança no cenário internacional, houve a substancial queda no preço do açúcar e no níquel e a subida no custo dos alimentos de maneira geral no mercado planetário (o incremento no valor por tonelada chegou a 23 dólares). Inaugurou-se, assim, já em agosto de 1990, um cenário marcado pela falta de insumos e bens em diversos setores, do qual Cuba nunca mais conseguiu sair completamente. “El año de 1993, el peor del Periodo Especial, el Producto Interno Bruto decreció en 14,9%. Desde 1989, inicio de la crisis, a 1993, el descenso fue de 34,8%; las importaciones representaron casi el doble de las exportaciones (...)” (PUENTES, 2008, p. 42). Nas ruas, a aspereza do cenário estava traduzida na substituição de carros e caminhonetes por veículos de tração animal, e na circulação de mais de meio milhão de bicicletas em Havana (um presente chinês). No campo,

houve a substituição dos 30 mil tratores em operação por 300 mil juntas de bois (GOTT, 2004, p. 323).

O momento de crise representou uma retomada significativa do apelo ao nacionalismo como forma de manter a população engajada e unida. Até mesmo a Constituição de 1976 sofreu modificações nesse sentido. Em 1992, no *Congreso del Partido Comunista de Cuba*, o artigo 5º da carta magna manteve o Partido Comunista de Cuba como “la fuerza dirigente superior de la sociedad y el Estado, que organiza y orienta los esfuerzos comunes hacia los altos fines de la construcción del socialismo y el avance hacia la sociedad comunista” (Constitución, 1976: 9). Porém, o definiu, então, como “vanguardia organizada de la nación cubana” e não mais como “vanguardia organizada marxista-leninista de la clase obrera”. “La Constitución insinuaba un desplazamiento compensatorio de la doctrina jurídica del marxismo-leninismo al acervo nacionalista de la revolución cubana” (ROJAS, 2003, p.81)

En la Cuba solitaria y desconectada del mundo que sobrevivió a la caída del comunismo, el éxtasis de la excepcionalidad alcanzó sus máximas cotas. Fue ése el momento preciso para que regresaran al primer plano los intelectuales nacionalistas, fueran católicos —Cintio Vitier—, o fueran guevaristas —Fernando Martínez Heredia y otros miembros de la revista *Pensamiento Crítico*—, defenestrados en épocas pro soviéticas. Unos y otros se dieron a la tarea de refrendar la fortaleza de la identidad nacional y el itinerario exclusivo de la historia cubana, así como de amalgamar los criterios de Identidad, Insularidad, Patria y Revolución. Se trató de un ejercicio de fortificación cultural, que asumió la misión de oponerse al mundo global, postcomunista y multipolar que se levantaba, amenazante, al otro lado del mar. (NUEZ, 2017, p. 28–29)

O período especial foi principalmente marcado por um problema de “oferta”.

El sistema productivo se deterioró profundamente poniendo en entredicho su capacidad para sostener los beneficios sociales alcanzados. Este deterioro se produjo tanto por los factores materiales de la producción, tecnologías y suministros de materias primas, como por los factores humanos. De este modo, por ejemplo, para el año 1994 solo el 13 % de la industria del país funcionaba según Marquetti Dodarse (1997; 63). La crisis fue, sobre todo, una crisis de la oferta, que trajo aparejado un deterioro del salario real hasta niveles que frisaban en lo absurdo. En los años 93 y 94 un litro de aceite de soya se llegó a cambiar en el mercado negro por un mes de trabajo. La economía informal fue adquiriendo un espacio significativo y visible en la vida del cubano.(RUIZ, 2016, p. 193)

Quem viveu aquele momento histórico sempre tem alguma história para contar sobre os arranjos para levar a vida, e a questão da alimentação é uma das principais pautas. Anita, por exemplo, reivindica a construção de um monumento

nacional aos “ovos”, porque segundo ela, Cuba não teria sobrevivido às agruras dos anos 1990 sem eles. Jair me contou também dos “inventos” para aproveitar ao máximo tudo o que havia à disposição: casca de banana era transformada em uma série de outros produtos, inclusive em “carne moída”; a camada da mandioca mais rente à casca, normalmente descartada, era frita e vendida como *chicharrón*. Marta me contou que certa vez descobriram um restaurante vendendo ratos (fritos) como sendo galinha. Mas a mais “famosa” das histórias é a sobre a comercialização de “frazada de piso empanada” (pano de chão à milanesa) como bife (ninguém soube me dizer como esse processo mágico acontecia, mas encontrei a receita na internet...). O transporte público praticamente desapareceu pela falta de combustíveis, e não poucas vezes era preciso caminhar vários quilômetros para conseguir chegar às escolas e universidades. A economia de energia também limitava o acesso a esse insumo a algumas horas do dia e mesmo a iluminação pública era precária –a salvação para jovens estudantes fazerem suas tarefas à noite era encontrar algum poste aceso nas ruas, para iluminar livros e ideias.

O que me interessa sobremaneira, no que diz respeito ao período especial, é o fato de que ele representou não apenas a imersão de Cuba em um momento de profunda crise econômica, mas os efeitos que ele teve sobre o projeto socialista e sobre os imaginários e práticas sociais na Ilha.

La crisis económica se conjugo con la crisis del modelo del socialismo real. Fue también **una crisis ideo valorativa**. Las expectativas de futuro, el modo de estructurar los proyectos de vida, la jerarquía de valores desde la que se organizaba el hacer y el estar debieron reestructurarse en medio de una situación de profundas carencias materiales. El sistema productivo se deterioró profundamente poniendo en entredicho su capacidad para sostener los beneficios sociales alcanzados (RUIZ, 2016, p. 193, destaque meu)

The collapse of the Soviet Union and the ensuing economic crisis have revealed the contradictions between lived reality and dominant socialist values, which Antoni Kapcia (2000) describes as collectivism or the communal solidarity of the Cuban people, egalitarianism as the ideal of a community undivided by class or social distinction, and work as voluntary labor necessary to overcome the nation’s dependency. In contemporary Cuba, individualism has become more marked, the introduction of a dollar economy has given rise to growing inequalities in Cuban society, and work is no longer remunerative.(FERNANDES, 2006, p. 305)

Alonso (1999) afirma que “a crise económica de los últimos años ha provocado también transformaciones sociales de cierta magnitud, tales como

reestructuración de valores e incremento de actitudes individualistas”. Essa perspectiva foi corroborada por todos os meus entrevistados, que afirmam perceber uma retração no sentido de solidariedade, por exemplo, ainda que considerem ela, apesar de seu enfraquecimento, um diferencial cubano.

Pérez (2008, p. 7) destaca que hoje, ainda em razão de um cenário de recuperação econômica, surgiram estratégias de sobrevivência que não eram comuns no período pós-revolução e o advento de novos grupos sociais. O autor indica a necessidade de avanços nos estudos para dar conta dessas transformações em que desponta uma “luta de interesses” que, segundo ele, pode ser entendida como uma “luta de classes” (PÉREZ, 2008, p. 2).

Essa nova realidade cubana, facilmente perceptível, decorre da reorientação da economia para sair do sufoco, empreendida desde os anos 1990 na Ilha. Embora o governo relutasse em aceitar a necessidade de reformas quanto aos mecanismos de mercado, a estratégia adotada acabou por incluí-las. A decisão de investir pesadamente na exploração do potencial turístico de Cuba mostrou-se acertada, sendo que o setor continua, até o momento, como um dos carros-chefe da economia ilhota. Em 2017, o país registrou a entrada de aproximadamente 4,3 milhões de turistas – se considerarmos que o Brasil, em seu gigantismo, recebeu 6,5 milhões (recorde) no mesmo período, pode-se ter uma ideia do que isso representa para os caribenhos. Além disso, optou-se por uma estratégia que incluiu a abertura parcial da economia ao capital estrangeiro – mediante a associação do Estado com empresas de origem forânea – e a ampliação na autorização para o trabalho autônomo (BRITO, 2013, p. 272) em mais de uma centena de atividades. Já no final de 1995, 200 mil cubanos laboravam por conta própria (*cuentapropistas*). Foi nesse momento que surgiram, por exemplo, os *paladares* (restaurantes familiares), inspirados na trajetória da personagem de Regina Duarte na novela brasileira *Vale Tudo*. Esse novo ramo começou a fazer um estrondoso sucesso, mas Fidel Castro ordenou seu fechamento quase que imediatamente. O motivo? A ganância dos empreendedores cubanos ofendeu o sentimento revolucionário do comandante (GOTT, 2006, p. 328). Quando os *paladares* obtiveram a permissão para reabrir, “estavam restritos a 12 mesas e presumia-se que fossem geridos em família. Eles logo se tornaram em uma instituição popular e estabelecida” (GOTT, 2006, p. 328). Porém, a relação entre Estado e *cuentapropistas* continua a ser marcada por avanços e recuos.

A fines de la década del noventa y comienzos de los dos mil, en cuando tomó una bocanada de oxígeno propiciada en primera instancia por ese mismo paquete de reformas económicas y luego por los generosos subsidios enviados desde la Venezuela chavista, Fidel Castro volvió a apretar el gaznate de los negocios privados, que fueron cayendo o desapareciendo gradualmente, reduciéndose prácticamente a cero. (ÁLVAREZ, 2018, p. 19)

A flexibilização econômica passou a ser novamente fortalecida após a retirada de Fidel do poder, com a transmissão de cargo ao seu irmão. “Fidel Castro tried to eliminate inequality and promote egalitarianism. His brother and successor has made it clear he cannot avoid income stratification of wage earners and is trying to work with it rather than fight it”. (LAVERTY, 2011, p. 37). A partir de 2011, e das resoluções do VI Congresso do Partido Comunista, a condição de *cuentapropistas* voltou a ter destaque, mesmo em razão da decisão do Estado cubano em demitir 500 mil funcionários públicos gradualmente – o que ainda não se concretizou –, grupo que seria, esperava-se, absorvido pela iniciativa privada. Se em 2017, os pequenos empreendedores desligados do governo já eram 579 mil (só entre 2016 e 2017, mais de 55 mil novas licenças foram solicitadas), número expressivo para uma nação de 11,2 milhões de habitantes, eles ainda têm – e se queixam a respeito – seu ímpeto acalmado pelo controle exercido pelo Estado para evitar a sua proliferação em demasia e uma possível concentração de riqueza exacerbada.

Para evitar que los *cuentapropistas* –alrededor de medio millón de cubanos– sean un factor adverso a la Revolución, el gobierno ha decidido que no se convertirán nunca en millonarios, debido a que se lo impedirá el establecimiento de nuevos límites normativos. Por ejemplo, si un trabajador por cuenta propia o un microempresario tienen éxito en su actividad, el gobierno Cubano se encarga de incrementar tanto su supervisión, como los impuestos que les Corresponde pagar. De esta manera, el desarrollo de los *cuentapropistas* está inmerso en una *gran contradicción*: por un lado, es necesario su crecimiento para aliviar el problema del Empleo y del nivel de vida en Cuba, es decir, convertir empleos no productivos ubicados en el sector estatal en empleos productivos que se localicen en el sector no estatal de la economía. Por otro lado, el éxito de los *cuentapropistas* y de los *microempresarios* propiciaría el Incremento de su nivel de vida respecto del resto de la población, lo cual crearía *desigualdad* y *resentimiento* entre muchos cubanos. Sin duda, el Estado cubano no está dispuesto a que esto suceda. (CUÉ MANCERA, 2016, p. 112)

Segundo Noguera (2004, p. 53), a despeito das mudanças postas em marcha desde os anos 1990, o governo cubano tem conseguido manter o gasto social para conservar direitos conseguidos na Ilha pós-revolução de 1959 (“ingreso mínimo, sanidad, educación, alimentación, seguridad social, y vivienda”), o que ele denomina

“consumo para ser”. No entanto, o fenômeno novo da diversificação na natureza e fontes dos ingressos monetários, acabou fazendo com que o público, que consegue desenvolver atividades mais rentáveis, tenha condições de destinar a sua diferença pecuniária integralmente à satisfação de desejos (“consumo para ter”). “En consecuencia la pluralidad de ingresos monetarios se traduce en pluralidad de capacidades de acceso a lo que podemos denominar lujos y comodidades de la vida. [...] En una sociedad con escasez, la posesión de bienes de lujo constituye una importante base consuetudinaria de reputación” (NOGUERA, 2004, p. 53).

Prieto (2003) define três momentos marcantes relativos à mobilidade social na Ilha a partir do processo revolucionário e sua consagração. O primeiro ela denomina *Período de los cambios clasistas fundamentales*, que se estende de 1959 a 1975, quando há o dismantelamento das relações de classe anteriores e construção de um novo sistema socioestrutural, cujo eixo fundamental foi o processo de estatização.

En este período [...] se elevó considerablemente la posibilidad de encontrar cambios en la ubicación clasista de una persona y diferencias sustanciales con relación a la de sus padres y abuelos, siendo bastante comunes los casos de movilidad ascendente máxima o variabilidad intergeneracional total de la ubicación socioclasista, donde aparecen diferencias entre tres generaciones y en la propia trayectoria del individuo. La ampliación del sector estatal, el incremento de los niveles de empleo, la diversificación de alternativas del universo profesional, la masificación de la educación general y técnica profesional, funcionaron como resortes potenciadores de la movilidad. (PRIETO, 2003, p. 10)

O segundo momento é chamado pela autora de *Período de los cambios en la estructura interna de los componentes socioclasistas fundamentales*, compreendido entre 1976-1988. Nele, os elementos “socioestructurales típicos de la transición socialista (clase obrera, intelectualidad, campesinado)” reproduziram-se de forma estável, mativeram seu peso relativo na estrutura social “y los cambios más intensos se desplazan hacia su composición interior, en virtud de una complejización progresiva de la división socio-ocupacional del trabajo” (PRIETO, 2003, p. 8). Caracterizam-no o predomínio de mobilidade de curto alcance, baixa intensidade e caráter interclassista, assim com a consolidação de um padrão subjetivo de assenso baseado em qualificação e acesso ao trabalho intelectual (PRIETO, 2003, p 13-14).

Finalmente, o último período é chamado pela autora de *Reforma económica y reestratificación social*, e teria sido inaugurado em 1989, mantendo-se vigente até

hoje. Fruto do fim do bloco soviético, apresenta como um de seus efeitos mais importantes o incremento nas distâncias sociais, bem como a emergência de novos atores econômicos (PRIETO, 2003, p.8).

El tercer momento se asocia a un patrón de movilidad integrado fundamentalmente por la combinación y acción simultánea de dos procesos: crisis y reforma. Esta combinación supone la presencia al unísono de tendencias de movilidad descendente y ascenso social selectivo. Este patrón incluye también la apertura de nuevas rutas de movilidad, clausuradas o muy estrechas anteriormente, como el desplazamiento desde la propiedad estatal hacia la no estatal, sin que ello pueda ser considerado como un movimiento descendente. Un elemento característico de este nuevo patrón es la presencia de desplazamientos verticales colectivos, de ascenso y descenso, a través de la devaluación o emergencia económica de ramas y actividades en su conjunto. (PRIETO, 2003, p. 24)

Prieto (2012) destaca uma série de consequências negativas esperadas em razão das novas propostas de gestão do país não preverem atendimentos e/ou preferência aos que hoje já se encontram em posições menos favorecidas. Dentre elas estão:

Diversificación de las fuentes de ingreso y empleo (fim do predomínio estatal);

Ampliación de la franja de pobreza;

Ensanchamiento de brechas de equidad precedentes (padrão de mobilidade seletivo);

Marginalización social;

Activación de microescenarios, microprácticas y estrategias familiares de sobrevivencia y ampliación de los Ingresos (franja de empleo informal y dentro de este, de sus ámbitos precarios.)

Um dos principais motivadores das crescentes disparidades entre os locais é a manutenção de duas moedas em circulação, paralelamente, desde 2004: a primeira, o CUC (Cubano Conversible), é atrelada ao dólar e serve para as “negociações internacionais”, incluindo as transações com os turistas e as compras de itens disponíveis apenas em *las chopings*, estabelecimentos que comercializam itens importados (incluindo eletrodomésticos e eletrônicos) e percebidos como sendo de melhor qualidade em relação àqueles incorporados, por exemplo, à “cesta básica” subsidiada pelo governo (cuja distribuição é controlada pela famosa *Libreta*); a segunda, o Peso Cubano, 25 vezes menos valioso, empregada no dia a dia pelos

locais. Assim, envolver-se em labores (formais ou informais) que permitem acesso a CUCs –, como os do setor turístico (onde as gorjetas podem alcançar valores maiores que os salários) ou o de serviços médicos para exportação – representa um diferencial importante para assegurar o acesso tanto a um volume suficiente de itens básicos como a de bens distintos – e distintivos. Daí ser possível encontrar um engenheiro elétrico trabalhando, por decisão própria, como porteiro em um hotel. É amplamente conhecido que, hoje, em Cuba, os salários “no alcanzan”. O próprio Raul Castro admitiu isso em discurso. Há levantamentos que apontam que, dentro de um lar, apenas 46% dos recursos são provenientes dos “ingresos” (salários) formais, enquanto os demais 54% são obtidos por meio das mais variadas práticas (legais ou ilegais) ou fontes (como remessas de parentes que residem temporária ou definitivamente no exterior). Em 2016, o salário médio pago pelo Estado ficou em 740 pesos nacionais, o equivalente a aproximadamente 26 dólares, de acordo com as estatísticas oficiais. Isso significa um incremento de 70% se considerarmos um período de cinco anos. Porém, a estatística não é “confiável” e o avanço não representa uma recuperação do “salário real”. Isso porque não computa as “gratificações” incorporadas pelo governo aos vencimentos de muitos trabalhadores e os rendimentos obtidos pelos “cuentapropistas” e, muito menos, as fontes de renda alternativas – seja via comércio ilegal ou remessas de parentes que residem fora do país, por exemplo. Um levantamento feito pela consultoria norte-americana Rose Marketing em 2016, por exemplo, indicou que 34% dos cubanos ganham, mensalmente, entre 50 e 100 dólares ao mês, 20% entre 101 e 200 dólares, 12% entre 201 e 500 dólares e 4% mais do que 500 (incluindo 1,5% cujos vencimentos superam os 1 mil dólares).

The survey results also reveal that consumer buying habits in Cuba for a variety of goods and services is evolving as incomes grow. With their newfound optimism and higher incomes, Cubans plan to buy home appliances (16%), fashion cloths (13%), perfume (15%), airplane tickets (12%), shoes (12%), automobiles (7%), laptops (6%), smartphones (5%) and a variety of other goods and services over the next six to twelve months. (ROSE MARKETING, 2016)

Outro interessante resultado da pesquisa foi o de que 80% dos 1067 respondentes – distribuídos entre as cidades de Havana, Santiago de Cuba, Holguin, Camaguey, Pinar del Rio, Cienfuegos, afirmaram que a “publicidade comercial” (proibida na Ilha) influenciaria as suas decisões de compra no que se refere à seleção de marcas e produtos.

Voltado ao tema do salário, levando-se em conta apenas os números divulgados, seria factível continuar a credenciar Cuba como um dos países mais “iguais”, em termos de rendimentos, no mundo. Mas, sabe-se, são raros os que vivem apenas dos vencimentos pagos pelo Estado, e que é universalizada no país a máxima de que, para sobreviver mês a mês, é preciso *inventar para resolver*.

O descompasso entre os vencimentos laborais oficiais e as possibilidades de compra da população, bem como a escassez/limitações de produtos à disposição, resultou num “estímulo” não-opcional – na maior parte dos casos – em direção à complementação (de renda ou, diretamente, de bens materiais) por vias “alternativas”. Ruiz (2014, p. 84) descreve que em Cuba as condições socioeconômicas vivenciadas a partir dos anos 1990 serviram para adubar uma “cultura de rebusque”, que germinou e se mantém até hoje – essa “segunda economia” foi experimentada com ênfase também nos antigos países socialistas europeus, bem como nos asiáticos, incluindo Vietnã e China.

En su extensión la idea del rebusque hace referencia a una gama muy amplia de prácticas encaminadas a obtener ingresos complementarios que van desde la venta de objetos personales, reventas o trabajos circunstanciales, hasta pequeños fraudes y tácticas de apropiación. Los modos en que se interconectan y manifiestan dichas prácticas determinan un posicionamiento ante el sistema legal imperante. Incluye formas y expresiones legales e ilegales, así como otras manifestaciones que contravienen las normas, la legitimidad o el deber ser establecido por la costumbre del sistema económico y social dominante. Muchas de estas manifestaciones pueden ser entendidas como estrategias de sobrevivencia a las que se acude de modo coyuntural. Sin embargo, cuando se inscriben de forma estable y normalizada en los comportamientos y prácticas de determinados grupos adquieren un carácter cultural, se configura como una cultura del rebusque (RUIZ, 2014, p. 85)

Os impactos da desvalorização salarial têm reflexos importantes também sobre o (des)interesse – especialmente entre os mais jovens – por seguir os estudos e uma carreira como “profissional” do Estado. Um de meus contatos, interessado em cursar pós-graduação fora de Cuba para fazer um “pé de meia”, convidou-me para ir à casa de seus pais para jantar. O imóvel está num terreno amplo, mas encontra-se inacabado após anos e anos de obras retomadas de acordo com o influxo de dinheiro. Ele me apresentou o cenário e perguntou se eu entendia, vendo aquilo, os motivos para ele tentar uma oportunidade fora do país: “quero ajudá-los (referindo-se aos pais). Aqui não tem como fazer isso. Mesmo minhas saídas à noite, para divertir-me, muitas vezes, só são viáveis porque meus pais me ajudam, me dão um

dinheiro para complementar o meu salário. E isso não é justo”. De fato, há distorções difíceis de “engolir”. O salário médio nacional não é suficiente nem mesmo para, por exemplo, comprar um ventilador, que raramente sai por menos de 30 CUC. Ou seja, levar o eletrodoméstico para casa, considerando-se ainda que os estabelecimentos comerciais não oferecem a possibilidade de parcelamento de compras (há a possibilidade de pedir empréstimo nos bancos), exigiria de um funcionário do Estado que recebe apenas por meio do governo trabalhar por mais de um mês sem gastar com mais nada. Yourisledi, uma de minhas entrevistadas, residente no reparto de San Pablo, em Santiago, exibe com orgulho o seu televisor de plasma, comprado por 10 mil pesos cubanos. Perguntei como ela conseguiu adquirir o aparelho. “Ah, a gente inventa. Vendia sucos, paletas (picolés), roupas, pintava cabelos, etc. Fui juntando até comprar”.

O namorado de Arlindo, um de meus entrevistados, optou por deixar sua carreira no Estado para ser *pizzaíolo* num estabelecimento privado: “sabe, ele ganhava algo como 350 pesos cubanos por mês. Hoje, tira 50 por dia”. “

De fato, em Cuba, embora algumas profissões ainda denotem prestígio, na comparação com outras nações, há uma complexa conversão do capital cultural em econômico. Há uma desvinculação entre profissão e salário, e salário e condição de vida. Assim, a busca por atalhos ou alternativas para chegar ao dinheiro cresce. “Hoje o *jineterismo* (prostituição) não é mais uma prática de camadas baixas. Há muitas pessoas que fizeram universidade e estão se dedicando a isso”, me diz Rita, antes de frisar que a opção pela “mais antiga das profissões” nem sempre está vinculada a necessidades, mas também a desejos de consumo. Ela, por sua vez, conseguiu ampliar os seus vencimentos oferecendo serviços como jornalista a empreendimentos locais. Assim, além de trabalhar em um jornal (do Estado, obviamente), é responsável por manter e atualizar sites e páginas no Facebook para restaurantes.

Uma unanimidade na Ilha é a percepção sobre como o cenário atual dificulta a “independización” dos filhos, isto é, promove o aparecimento de uma “geração canguru”. A aquisição de um imóvel – ou mesmo o aluguel de um, prática ainda rara na Ilha – é simplesmente interdita pela falta de recursos financeiros, o que explica a convivência de diferentes gerações sob o mesmo teto. Muitas vezes os entrevistados afirmavam saber que “em outros países não era assim, que quando os jovens vão para a faculdade ou se casam, costumam viver em lares separados dos

país”.

Uma caminhada pelas ruas de cidades cubanas permite verificar uma grande quantidade de “puxadinhos” feitos nos lares. Obviamente, nem todos são erguidos em razão da densidade de habitantes por lar, mas uma parcela importante, certamente. A falta de perspectivas de “avançar na vida” também é um incentivo para os cubanos buscarem soluções por “cuentapropia”, o que não necessariamente implica constituir um negócio formal. O trabalho de Bello (2017) com jovens em Havana, por exemplo, deixa evidente que muitos procuram uma ocupação por vias não-legais, ficando à margem de proteções das leis trabalhistas e previdenciárias: “aspectos como salários, horários de trabalho etc. – estabelecidos de acordo com leis e acordos coletivos no setor estatal – são livremente determinados e estabelecidos pelos donos dos empreendimentos sem regulação” (BELLO, 2017, p. 11).

No cenário de pressão econômica, a válvula de escape, não raras vezes, é encontrada fora da paisagem cubana. Ir para o exterior – ou pelo menos ter um parente que cruzou o mar em direção a algum outro país –, foi apontado por todos os meus entrevistados como um diferencial importantíssimo para determinar as condições materiais de vida de uma família. A legislação cubana está cada vez mais flexível quanto à possibilidade tanto de sair, como de receber dinheiro na própria Ilha. Por exemplo, conheci Dulcília, cubana que mora hoje nas Ilhas Canárias, na Espanha. Ela regressara a Cuba para operar os joelhos, por considerar a medicina no país muito melhor do que em outras nações – “além de ser gratuita”. Quando decidiu ir para o exílio, há 17 anos, simplesmente fechou a porta de casa consciente de que estava prestes a perder tudo. De fato, seus bens e imóvel foram confiscados, como mandava a lei. Hoje, no entanto, pode-se sair do país por até dois anos, sem qualquer tipo de “prejuízo”. Quase todos os meus entrevistados possuem parentes próximos ou amigos fora do país: filhos/filhas, primos, tios, irmãos. Alguns recebem auxílios regulares dos que estão no exterior, outros dizem ter sido “esquecidos” pelos exilados. Adelia, no final de 2017, por exemplo, estava feliz por ter recebido um “regalito” de 100 dólares de sua sobrinha, residente nos Estados Unidos, que a visitou em Havana. A quantia equivale a aproximadamente 10 vezes a sua aposentadoria. Ela, uma fiel militante do Partido, no entanto, também perdeu com a emigração: no caso, a companhia de seu filho mais novo, que seguiu para a Venezuela em uma missão do governo em 2007 e de lá não regressou por motivos

“do coração”. O rapaz se apaixonou e não embarcou de volta a Havana na data marcada. O resultado, neste caso, é altamente penoso também financeiramente: além do confisco de todo o dinheiro recebido pelo trabalho, o desertor fica impedido de entrar em Cuba por um período de oito anos. Em 2018, Adelia continuava esperando ansiosa pelo regresso do caçula com quem fala somente de vez em quando por telefone. Isso deve ocorrer ano que vem.

Apesar de ter acabado por perder os recursos acumulados por meio de seu trabalho, o filho de Adelia foi mais um dos milhares de cubanos interessados nos “benefícios financeiros e materiais” que “cumprir missão” em outro país garantem. Um dos efeitos dessa condição, segundo entrevistados, está sendo a formação de um grande número de médicos e enfermeiros – profissões que aumentam as chances de ir para o exterior – desinteressados em permanecer no país e, muito menos, em bem-atender ao público ilhéu. “São pessoas que não querem estar na área da saúde por vocação, mas por uma questão simplesmente econômica. Já entram na universidade pensando em sair de Cuba para conseguir mais dinheiro”, me disse Marta. Hoje ser um internacionalista é sinônimo de buscar recursos. Em minha época, era uma questão sobretudo de orgulho”, sintetizou a dentista Anita, que foi voluntariamente combater em Angola. “Quando voltei, perguntaram se eu gostaria de ir a algum outro país. Disse que não. A menos que Fidel pedisse. Nesse caso, não pensaria duas vezes”, complementa. Numa conversa de bar, amigos falavam justamente da falta de “compromisso” com um “projeto de mundo”. “Cubanos se voluntariaram para ir combater em Angola. Sabe o que é isso? Ninguém obrigou. Havia um orgulho, um profundo sentimento de que era preciso ajudar a mudar o mundo”, me dizia um filósofo local.

Mesmo na área de Educação, alguns jovens já ingressam prevendo oportunidades longe das escolas estatais. No caso de licenciatura em língua inglesa, segundo Jair, um fornecedor de *paquetes semanales*, a ideia é migrar (internamente) para o setor de turismo, onde os salários não são bons, mas o contato com os turistas estrangeiros amplia as condições para reforçar o orçamento.

São raros os casos em que o exílio próprio ou de parentes e amigos é justificado por razões políticas. Normalmente, às minhas perguntas sobre o tema, as pessoas vinculavam as viagens à precariedade econômica vivida em Cuba. Isso se alinha perfeitamente às análises feitas por Fresneda (2014) de que uma boa parcela do fluxo emigratório decorre de uma tentativa de “compensar distorções estruturais

derivadas da heterogeneidade produtiva socialista”, sendo, a principal delas, o descompasso entre salário e possibilidades de acesso ao consumo. Segundo o autor, esses deslocamentos não se “explicam por causas eminentemente políticas” (FRESNEDA, 2014, p. 120) como, não poucas vezes, é aventado por “analistas” contrários ao regime socialista cubano.

As referidas distorções, como já dito, relacionam-se com a vivida “limitación relativa del consumo, la cual alude a la presencia de ingresos bajos, con reducidos diferenciales salariales, para una fuerza de trabajo con una relativamente alta capacitación” (FRESNEDA; DELGADO-WISE, 2013, p. 169). Para Holbraad (2010, p. 368), isso é o que justifica o fato do ponto principal de expressão das queixas entre os cubanos ser relativo ao consumo e forjado por meio de comparações: “antes” (do início da crise) todos possuíam pouco, mas era o bastante; “ahora”, alguns têm muito mais que outros, mas quase ninguém tem o bastante.

No início dos anos 1990, sob o *slogan* de “capital, sim; capitalismo, não”, o regime “cortejou” as divisas em moeda forte – não só abrindo a economia a investidores estrangeiros (especialmente no setor turístico, que decolou ao longo da década de 1990), mas também captando os dólares que já circulavam ilegalmente dentro de Cuba. Em 1993, o governo descriminalizou a posse de dólares, incorporando assim uma fatia importante do mercado negro, que então vicejava. Com esquemas de segurança dignos do Fort Knox, mais e mais estabelecimentos comerciais foram abertos, vendendo artigos de consumo em dólares. Quando cheguei, em 1998, uma ampla gama de produtos (inclusive de primeira necessidade, como óleo de cozinha e detergente) só eram encontrados nas lojas que operavam em dólares (ou *la chopin* – como dizem os cubanos, a partir do inglês norte-americano “*shopping*”), e a situação persiste. (HOLBRAAD, 2010, p. 371)

Isso promoveu uma mudança profunda dos paradigmas de consumo. Passou-se da ordem moral da distribuição socialista (cujo auge é anterior aos anos 1990) para o mercantilismo “bruto” (HOLBRAAD, 2010, p. 369). De acordo com o autor, em Cuba, os CUCs

não são apenas o símbolo de uma nova desordem moral, por assim dizer. Também funcionam como seu principal catalisador, na medida em que *expandem* o reino da “necessidade”, despojando-o de sua essência moral (socialista) por meio da comensuração. Há, portanto, subjacente a meu relato da experiência de pobreza e de carência material dos *habaneros* a partir dos anos 1990, um argumento a respeito do poder inerente do dinheiro como catalisador nos processos de transformação moral.

A própria presença de *las chopings* sinaliza o incremento da desigualdade,

que se manifesta no acesso, ou não, a produtos comercializados nelas. Para dar um exemplo, um pacote com 10 pãezinhos num estabelecimento deste tipo vale 1 CUC (ou 25 pesos cubanos), enquanto nas padarias estatais, o valor seria de 8 a 10 pesos cubanos. Na antiga Alemanha Oriental, segundo Berdhal, a partir de 1974, foi introduzido esse tipo de loja, que possibilita a compra de produtos ocidentais em dinheiro também estrangeiro, e naquele caso, “consumer appetites were further frustrated” com a novidade:

this was followed several years later by the introduction of exorbitantly expensive Exquisit shops that sold western goods as well as high-end East German products (made for export) for eastern marks. This combination of deprivation and stimulation, as John Borneman points out [...] structured much of East Germans' behavior as consumers after the fall of the Wall: "Socialism had trained them to desire. Capitalism stepped in to let them buy" (1991: 81). In this context, many everyday products became luxury goods. Defined by Appadurai as "goods whose principal use is rhetorical and social, goods that are simply incarnated signs" (1986: 38), luxury goods in Kella included all things western as well as other scarce commodities. (BERDAHL, 1999, p. 123)

A abundância nunca foi uma marca do consumo em Cuba, até em razão do seu alinhamento ao socialismo. O problema, nos últimos anos, é que as limitações impostas (ou as regalias garantidas) pelas fontes de ingressos (alternativas ou não) são acompanhadas pela diversificação de produtos em oferta, o que escancara a ampliação das brechas sociais. Em outras palavras, e como explica Prieto (apud HERNANDEZ et al. 2006, 74-75), antes do Período Especial, nos anos 1980, clímax da igualdade no socialismo cubano, o desequilíbrio de ingressos dos mais afortunados para os mais pobres era de aproximadamente 1 para 5, em um cenário que ela define como de “consumo social muy amplio y generalizado”:

Es decir, la diferencia podía estar en que usted podía tener dinero para, en vez de comerse solo el pollo que le tocaba por la libreta, comprar cinco pollos más que el que ganaba cinco veces menos, pero el mercado estaba muy constreñido, con lo cual la impronta sobre la desigualdad del consumo o a través de los mercados tenía un perfil muy débil. [...] Nosotros hemos hecho estudios cualitativos que, por supuesto, no son extrapolables, ni pueden encontrar distancias sociales promedio para la población cubana en su conjunto, pero sí las más extremas. Hemos encontrado distancias de uno a diecinueve, uno a veinticuatro, de uno a treinta y cuatro, las menos en la ciudad de Habana [...] Asimismo se da la irrupción en nuestra sociedad del consumo simbólico – no quiere decir que antes no existiera, pero ahora toma fuerza mayor, también diferenciadora [...] Esto no tiene que ver solo con crisis y reformas, sino también con la globalización de patrones de consumo y con la tensión homogeneidad/heterogeneidad que está

ocurriendo en el mundo entero y de la que no escapamos (PRIETO apud HERNANDEZ et al. 2006, 74-75).

Durante minhas entrevistas, quando falávamos de preconceitos nas novelas, mais de uma entrevistada mencionou que a questão do consumo está se tornando uma fonte importante deles, especialmente nas escolas. Amélia disse ter sofrido com isso, porque seus pais não tinham condições de comprar roupas ou sapatos melhores. Yurisleidi diz que a filha de sua vizinha teve de ser submetida a tratamento “para los nervios” em razão do *bulling* praticado por colegas que a chamavam de “pobretona” por ela não ter celular e roupas da moda. Nas entrevistas em que esse tipo de relato apareceu, questionei sempre se eles achavam que era um problema antigo, ou se havia começado em alguma data específica: todos concordaram que eles se originaram nos anos 1990, com o Período Especial, em razão do aumento de envio de remessas e pacotes com itens de marca, etc., do exterior para Cuba. “Antes ninguém dava bola para essas coisas aqui em Cuba”, garantiu Yurisleidi.

Antes de seguir, regresso ao tópico da “economia secundária”. A imagem de Cuba, para Holbraad (2010, p. 375), é hoje a de um povo imerso em um estado de suspensão, em uma espécie de terra de ninguém econômica, “entre um sistema socialista parcialmente desintegrado, com seu Estado provedor, e um mundo de fartura capitalista, que, no entanto, é praticamente inalcançável (o mundo de *el dolar e la chopin*)”. A “economia da carência”, que hoje caracteriza a vida dos cubanos, cria uma ordem cultural em que as redes sociais e a posse de bens são altamente valorizadas (PERTIERRA, 2010; WILSON, 2012). Essa característica foi comum também em outras sociedades socialistas, durante o período de vitalidade soviética. Na Rússia, teias de negociação para acessar itens não fornecidos pelo Estado – muitas vezes de forma clandestina e ilegal – ficaram conhecidas como *Blat*.

The pervasiveness of blat turned favors into an alternative currency of “mutual help and mutual understanding” needed for the functioning of the nonmarket economy, and embodied peoples’ frustration with the non-consumerist ideology and political constraints of the centralized planning and distribution. On the individual level, favors delivered by friends, acquaintances, and friends of friends granted solutions to small-time problems. On a societal level, they represented a way out for the Soviet system that struggled to adhere to its own proclaimed principles. A discreet redistribution of resources within social networks — an implicit social contract, known as the “little deal” — became part of the solution (LEDENEVA, 2014 p.15)

Os tempos de crise em Cuba estimularam o comércio “subterrâneo” que conta

com altas doses de tolerância por parte das autoridades – aliás, sabe-se que muitas mercadorias roubadas de dentro das próprias estatais circulam no mercado negro. Evidentemente, a informalidade/ilegalidade não se trata de exclusividade de Cuba e nem foi inaugurada a partir dos anos 1990, mas foi a partir do Período Especial que ela avançou de maneira brutal. Hoje, em razão das

circunstancias tan adversas se estructuraron diversas estrategias de sobrevivencia en toda la sociedad, las redes sociales se pusieron en función y movilizaron recursos. Las sociedades nacionales –españolas, de chinos, árabes, judías, etc.-, que en la década del ochenta languidecían como cobijos de la nostalgia de ancianos nacionales, se activaron, florecieron y comenzaron a movilizar recursos desde el exterior. En muchas de ellas han venido floreciendo prósperos negocios. De la ciudad circularon hacia el campo productos de la industria y de este, a través de las redes familiares llegaban a la ciudad alimentos y productos del agro. Todo el que conto con algún capital social, cultural o material, lo puso en función de sobrevivir. Las estrategias fueron muy diversas y de carácter tanto legal o como ilegal, pero en su mayoría conllevaron un reajuste de los valores preexistentes. Comprendieron las más disímiles actividades, desde la limitación y la jerarquización del consumo en los hogares, dando determinadas prioridades a los niños y ancianos, pasando por la refuncionalización y/o venta de objetos ya en desuso, hasta la comisión de delitos para la obtención de recursos. Las prácticas para captar ingresos o recursos necesarios se expandieron por todo el cuerpo social. La noción popular de la lucha o luchar las acuno con un término que justificaba y aun enaltecía dichas prácticas que en otros contextos y momentos llegaron a ser reprochables. Se luchaba por la vida con lo que se tenía a mano, ya sea el cuerpo, la vivienda o el recurso bajo su custodia o manipulación. Las formas de rebusque y la informalidad se hicieron presentes en todos los ámbitos de la vida social y todos los sectores económicos, a pesar de tener una mayor visibilidad en el sector terciario y en especial en el comercio. El mercado negro fue el punto universal de encuentro de todos, consumidores y vendedores clandestinos. (RUIZ, 2014, p. 94)

De fato, a ilegalidade tornou-se uma prática tão naturalizada que tanto o mais fervoroso revolucionário quanto o mais radical dos dissidentes recorre a ela no dia a dia. Todo mundo conhece alguém que pode conseguir alguma coisa. “En Cuba todo es posible”, asseveraram uma vez para mim. Só para dar um exemplo: em Havana comentei sobre minha vontade de comer lagosta – que para os padrões brasileiros, é baratíssima na Ilha. Perguntaram se eu iria a um restaurante ou preferia comê-la em casa. Fiquei com a segunda opção. Como se sabe, a venda do crustáceo a consumidores finais é proibida em Cuba. Mas quando revelei meu desejo, primeiro me orientaram sobre endereços onde os “contrabandistas” da iguaria normalmente estão. E, depois, começaram os telefonemas para as casas de amigos e vizinhos para coletar informações sobre quem estava vendendo lagostas no bairro. Resultado? Em uma hora bateu à porta um senhor com um pacote envolto em folhas

de jornal. “É aqui que querem as ‘antenas’?”. Ele me vendeu 10 “colas” de lagosta por 10 CUC. Esse tipo de arranjo vale para uma série de produtos. Quer rum de qualidade a preço de fábrica? Alguém conhece quem o comercializa “por la izquierda”. Carne de rês? Pergunte e em algum momento vais encontrar...

“Antenas”, obviamente, é um código para lagostas. Aliás, em várias conversas metáforas, pseudônimos e eufemismos abundam como forma de “não comprometer” ninguém. Em alguns momentos, um tal de Voldemort surgia nas conversas... assim como Stálin era citado... demorei um pouco para compreender que, em verdade, era sobre Fidel e Raul que estavam falando. Não há um controle permanente do que se fala e o que se faz em níveis Orwellianos. Mas, principalmente em Santiago, senti que existe um autopolicimento para não exagerar na dose e acabar sendo taxado de “antirrevolucionário”, o que pode ter implicações indiretas, acarretar dificuldades para, por exemplo, conseguir uma promoção no emprego. Rita, uma de minhas entrevistadas, disse se irritar com o uso de eufemismos em Cuba. Não acha nada produtivo ou válido usar os termos *jinetismo* ou *cuentapropismo*, por exemplo: “deveríamos sempre chamar as coisas pelo que elas são. Jineterismo é prostituição. Ponto. Tem em qualquer lugar do mundo. E um negócio por ‘cuentapropia’ é um negócio privado. Não entendo porque não falar essas coisas”.

Isso remete a outro tópico relevante: um expressivo sentimento de indiferença, entre entrevistados e conhecidos, em relação à participação popular nas decisões sobre os rumos da nação. Isso ficou bastante evidente quando do processo de votação para escolha dos representantes em nível municipal, desenrolado em 2017. Como sempre, os candidatos não apresentam qualquer plataforma de governo (a ideia é de que o compromisso com o bem-estar coletivo é a “proposta de mandato”), e são selecionados com base em seu currículo e “popularidade” dentre os habitantes dos diferentes bairros da cidade. Durante a campanha, a propaganda eleitoral resume-se a pequenas folhas de ofício afixadas em vitrines e portas de instituições públicas contendo a foto dos pretendentes aos cargos e uma pequena biografia, onde destaca-se o envolvimento deles com organizações como a Federación de Las Mujeres Cubanas), FEU (Federación de Estudiantes de Cuba) e Partido Comuista Cubano (PCC). Apesar dos dados oficiais revelarem uma expressiva participação dos cubanos nos pleitos, muitos externavam incredulidade sobre a relevância do voto para mudar algo no seu dia a dia. Entre meus entrevistados – a exceção deu-se somente entre os mais velhos, que

defendiam as eleições como uma clara manifestação de que, na Ilha, é o povo quem define os rumos do país – a participação era tratada mais como dever do que como um direito. Alguns de meus contatos afirmaram ir às urnas para “manter as aparências” ante os vizinhos e autoridades. Quanto aos Conselhos de Poder Popular, para os quais estavam sendo eleitos os representantes em 2017, um de meus contatos definiu da seguinte maneira a sua (pouca) “utilidade”: “são populares demais, e poderosos de menos. No fim das contas, as decisões são tomadas por níveis superiores”.

A verticalização nos processos decisórios do país é apontada por um sem número de jornalistas, pesquisadores, estudantes, etc. como uma das razões para a anomia de uma boa parcela da população. Ademais, atribui-se a ela uma significativa parcela de culpa pela não resolução de problemas locais e, ademais, da reprodução de problemas e desigualdades (nos e entre municípios, províncias e regiões do país). Autores como Heredia (2017) e Santos (2017) apontam como único caminho possível para manutenção do socialismo com apoio popular uma maior abertura à participação direta e efetiva da população. “Rechaçar essa possibilidade histórica equivale a resignar-se a uma modalidade de socialismo dependente, subestimando a radicalidade humanista implícita ao marxismo”, define Santos, que continua:

Diante dos entraves para sustentar-se materialmente, diante do isolamento político mundial, da avassaladora indústria do entretenimento, da sedução consumista e das modernidades do mundo digital, restaria ao socialismo primitivo fundar-se em valores radicalmente diversos, para além da igualdade e soberania. Sua salvaguarda seria a unidade popular em torno de um projeto de nação assentado na igualdade substantiva, permitindo a fruição de um conjunto de valores alternativos à sedução do consumo: a igualdade, a participação e a liberdade (SANTOS, 2017, p. 199)

Para finalizar, acredito que 100% dos turistas que vão pela primeira vez a Cuba carreguem na bagagem a pergunta sobre se o povo ilhéu apoia ou rejeita o regime. Lamento informar que a probabilidade de voltar para casa sem resposta é enorme.

Mientras que casi nadie duda en asistir a una manifestación pública en contra de cualquier agresión a su soberanía o en favor de alguna causa social global, no son pocos también los que hacen saber, en su hábitat cotidiano de la calle, el mercado, el trabajo o la casa, la inconformidad con la realidad cotidiana. Cualquiera que haya convivido en Cuba, sin conocerla profundamente, es partícipe de la supuesta contradicción entre el apoyo

casi incondicional a la revolución en abstracto, y la inconformidad y opinión elaborada que cualquier ciudadano de a pie tiene sobre la legislación, la economía, la cultura, la educación o cualesquiera de las áreas sociales que conforman ese mismo proyecto social, que además son incapaces de formular en términos de participación política en la toma de decisiones estatales. (SUÁREZ, 2010).

6 MORDE E ASSOPRA

Nuestra televisión, radio y prensa no practican la publicidad comercial. Cualquier promoción está dirigida a cuestiones de salud, educación, cultura, educación física, deporte, recreación sana, defensa del medio ambiente; a la lucha contra las drogas, contra los accidentes u otros problemas de carácter social. Nuestros medios de difusión masiva educan, no envenenan ni enajenan. No se rinde culto ni se exaltan los valores de las podridas sociedades de consumo. (CASTRO, apud, RAMONET, 2015, p. 10).

Cuba ocupou papel de destaque mundial no que diz respeito às comunicações durante significativo período de tempo no século XX. Isso deveu-se, em muito, à forte ingerência estadunidense na vida da Ilha. Segundo Sierra (1997, p. 635), Cuba servia como “laboratório” para a mídia *Made in USA*: “experiments involving technologies, TV program genres, and the practices surrounding production, communication and trade were carried out in Cuba”. Já em 1916, Havana registrava a média de cinco telefones para cada 100 habitantes, três vezes mais do que em Madrid, capital da sua antiga metrópole. A nação caribenha foi a primeira a ter uma estação de rádio pública, em 1922, e em 1930, “in addition to the proliferation of loudspeakers installed in public spaces, which filled the streets with sound and encouraged listening in groups, domestic sets, ever cheaper and easier to use, became a necessary appliance in middle-class households” (BRONFMAN, 2012, p.42). essa mesma citação aparece na

A televisão também chegou de forma precoce, se levarmos em conta o cenário mundial, em 1950, e já de forma “competitiva”. A inauguração, em 24 de outubro daquele ano, da Unión Radio-Televisión, do empresário Gaspar Pumajero, foi acelerada simplesmente porque ele desejava ser o pioneiro no país, mesmo sem ter uma programação estável, e deixar para trás Goar Mestre, outro capitalista do ramo que, poucos meses mais tarde, também lançaria a sua CMQ TV. (SARDUY, 2010, p. 3). Em 1952, a revista Time relatou a disseminação de aparelhos de televisão e o hábito dos cubanos de acompanhar os eventos em marcha no país (no caso, as tensões envolvendo as investidas a favor e contra Fulgencio Batista) via telinha. Um relatório da Unesco indicou que, em 1953, Cuba aparecia entre os oito países do mundo com mais de 10 mil aparelhos de televisão: eram 79 mil unidades, número menor apenas do que os registrados nos EUA, na URSS e no Reino Unido. “By 1958, Cuban radio and television companies were exporting tapes and scripts to more than ten Latin American countries (Castro, apud PÉREZ, 2008, p. 117). A

despeito da posição de destaque nos rankings, no entanto, há de se destacar, que no citado ano de 1953, 53,57% dos lares tinham rádio, enquanto a televisão estava presente em apenas 4,54% deles – e deste número, boa parte concentrava-se em Havana. Estas cifras

demuestran que la tenencia de un televisor en 1953 y años posteriores seguía siendo bastante inaccesible, y aunque se daban las facilidades de pago, con alguna excepción, solamente la clase media hacia arriba las familias podían darse el lujo de disfrutar de sus artistas preferidos, que ya conocían por la enorme penetración de la radio, cuya popularidad nunca fue sustituida. (TORRES, 2015, p. 71).

De qualquer maneira, a disseminação dos meios de comunicação de massa também proporcionou condições para o desenvolvimento de forte setor publicitário, cujo boom, seguindo o que ocorria no cenário mundial, deu-se especialmente nos anos 1950 (MORENO, 2008). E todas as “conquistas” no setor de comunicações tinham implicações importante sobre o imaginário dos cubanos: Rivero (2007), por exemplo, descreve a “convicção” dos ilhéus de que os Estados Unidos eram a nação mais desenvolvida do mundo, fazia com que o fato de estarem “atualizados” tecnologicamente produzisse um sentimento de orgulho: a televisão representou uma metonímia da modernidade cubana. Porém, os avanços da mídia não foram páreos para a crescente precarização da vida na Ilha, em razão das restrições econômicas que impediam o desenvolvimento do país. Chegou-se a um ponto em que os cubanos não conseguiam comprar televisores para levar casa, como ainda muitos eram obrigados a devolver os equipamentos por falta de condições para pagar as prestações nas lojas. E se desde o advento da televisão em Cuba, ela serviu como plataforma por onde desfilava o *american way of life*, em 1º de janeiro de 1959 essa realidade mudou significativamente, ainda que de uma forma nem tão abrupta: “Cuando la revolución llego al poder fueran intervenidas solamente las radioemisoras y televisoras que mantenían una asociación directa con el régimen de la tiranía” (TORRES, 2015, p. 86).

Nos dois primeiros anos de governo revolucionário, Fidel Castro e seus apoiadores conviveram com veículos de comunicação privados, apesar de não serem raros ataques midiáticos diretos ou por meio da reprodução de conteúdos originados além-mar. Boa parte das empresas de comunicação fazia coro no sentido de alertar sobre a “comunização” do país, atacar as expropriações (especialmente a reforma agrária) e denunciar os fuzilamentos ordenados pelo governo revolucionário. Nesse período, Fidel costumava requisitar espaços televisivos promover debates com jornalistas, muitos deles conhecidos inimigos da Revolução (MORAIS, 1976, p. 73).

Very soon Castro discovered the importance of television and used it to exhaustion (three, four, six, seven-hour, two-day speeches) to talk to his people: 'One of the characteristics of the young Cuban Revolution was the intense and appropriate use of television as an instrument of communication and mobilization' (Díaz Castañón 2004: 116). (PÉREZ, 2008, p. 126).

A pauta sempre tangia os destinos social, político e econômico de Cuba. Os programas podiam entrar pela madrugada. Tinham duração indefinida. O cenário mudou radicalmente só em abril de 1961, quando Fidel proclamou o caráter socialista da Revolução cubana.

Menos de uma semana depois, todos os jornais, estações de rádio e de televisão tinham sido abandonados por seus proprietários, que não eram tantos — os meios de comunicação em Cuba pertenciam a algumas poucas famílias ligadas à indústria açucareira. [...] A fuga dos proprietários foi imediatamente seguida pela tomada dos meios de comunicação por jornalistas, gráficos e radialistas, e pela estatização das empresas. Os jornais considerados fascistas, como o "Diário da Marinha", foram fechados. Os outros apenas mudaram a linha editorial e continuaram com o mesmo nome, as mesmas características gráficas. (MORAIS, 1976, p. 73).

Ante la radicalización del proceso revolucionario, la oligarquía mediática optó por huir del país y facilitó que en un corto periodo de tiempo la prensa pasara a manos del poder revolucionario, con lo cual cambiaron significativamente las concepciones esenciales de lo que significaba la profesión. Al respecto, Fidel Castro (en Marrero, 2003, p. 149) afirmó: "Periodismo no quiere decir empresa, sino periodismo, porque empresa quiere decir negocio y periodismo quiere decir esfuerzo intelectual, quiere decir pensamiento". (GARCÍA, 2014, p. 8–9).

Ainda em 1961, o governo castrista determinou o fim da publicidade comercial no país e, em 1962, "media production was centralised under a state institute (first *Instituto Cubano de Radiodifusión* and later renamed *Instituto Cubano de Radio y Televisión* or ICRT" (PERTIERRA, nd). Os parâmetros fundamentais que balizam o funcionamento do setor de comunicação em Cuba hoje foram descritos na Constituição de 1976. O artigo 53 da carta magna garante "a los ciudadanos libertad de palabra y prensa conforme a los fines de la sociedad socialista" e que os meios de Comunicação "son de propiedad estatal o social y no pueden ser objeto, en ningún caso, de propiedad privada, lo que asegura su uso al servicio exclusivo del pueblo trabajador y del interés de la sociedad". O grande problema reside no fato de que quem define o interesse social são os membros do Partido Comunista Cubano.

Na ilha, existem, atualmente, de acordo com dados oficiais, seis canais de TV com abrangência nacional (além de 16 provinciais, 21 municipais e um internacional)

e 96 emissoras de rádio. Apesar dos números, bastante aceitáveis para um país de poucas dimensão e população, há um “atraso” do país no que se refere não apenas à tecnologia, mas também às práticas jornalísticas.

De acordo com García (2014, p. 9), desde o momento de transição do modelo privado para o estatal, nos anos 1960, sobressai um obstáculo que prejudica os avanços na área da comunicação em Cuba: a ausência de teorias relacionadas ao emprego das comunicações na construção do socialismo. O resultado disso foi uma aproximação ao único modelo disponível fora do âmbito capitalista: o soviético.

Como ocurrió en la URSS, el modelo de comunicación cubano ha quedado signado por “el mito rígido de la invariabilidad del sistema político”, “la concepción utilitaria sobre los medios”, “la paralización de flujos de información de vital importancia” y el “desarrollo de canales informales alternativos de información” (Prevrátil, 1990 en García Luis, 2013: 62) (MACHADO, 2015, p. 195).

Para Geoffray e Chaguaceda (2014, p. 173), a história das comunicações em Cuba pode ser fragmentada em três grandes períodos pós-1959. O primeiro estende-se do fim da revolução à queda do Muro de Berlim, prenúncio da ruína soviética. Neste ínterim, Cuba adota um modelo de informações/comunicação semelhante ao de outros países do bloco socialista, cujas características incluíam converter o sistema de informação em um braço do sistema de poder monolítico e por uma “censura estrutural”,

Ao longo dos anos 1980, num movimento comandado formal e informalmente pela geração integrada pelos filhos dos revolucionários – que ampliavam sua presença em universidades e em escolas de artes –, há um momento de maior liberdade de criação e expressão midiática. Em meados da década, os jornalistas cubanos intensificaram as críticas ao modelo verticalizado e aferrado a um sociofuncionalismo ingênuo, e passaram a discutir ideias para aprimorar o trabalho da mídia na nação.

Esto abriría una corta y accidentada primavera que permitió cierta crítica en medios impresos y audiovisuales, la cual se vio, en lo fundamental, interrumpida con la crisis económica de los años 90 (llamada “Periodo Especial en tiempos de paz por Fidel Castro”) y el refuerzo de la mentalidad de fortaleza sitiada que supuso el fin del bloque soviético, con sus consecuencias de crisis económica y aislamiento político para la mayor de las Antillas. (GEOFFRAY; CHAGUACEDA, 2014, p. 178).

O segundo período das comunicações pós-revolução teria sido inaugurado, portanto, a partir de 1990. Estendeu-se até o início dos anos 2000 e, apesar da manutenção do modelo centralizado de controle sobre os meios, é marcado pelo crescente número de jornalistas interessados numa prática profissional independente e pelo incremento nos debates e críticas às publicações oficiais, sobretudo no âmbito cultural.

La represión en contra del movimiento de periodistas opositores no fue la única respuesta dada a ese inicio del declive del monopolio de los medios institucionales. Bajo estas condiciones de tránsito a la hegemonía, se plantea que “regular la marea de la apertura parece ser el objetivo principal de la política represiva hacia los medios de comunicación” (Ruiz, 2005, p. 218) (GEOFFRAY; CHAGUACEDA, 2014, p. 180).

O terceiro período, ainda vigente segundo os autores, inicia-se em meados da primeira década dos anos 2000, quando emergem novos atores informativos e amplia-se a pluralidade no debate público, fruto do acesso às tecnologias virtuais, embora ele ainda seja modesto na comparação com o experimentado em outras nações. Segundo Geoffray e Chaguada (2014, p. 174-175), a partir de então percebe-se um declínio sensível do reconhecimento da ideologia oficial “con la aparición de nuevos sujetos y discursos críticos al margen de la institucionalidad y caracterizados por su dimensión transnacional”.

Com relação às tecnologias e novas formas de difusão midiática, houve avanços, especialmente nos últimos cinco anos. O destaque são os telefones celulares, cujas linhas ativas ultrapassaram os 4 milhões em 2017: isso significa uma conexão para cada quatro cubanos, aproximadamente. Para 2018, a promessa é de início das conexões de dados em alta velocidade no celular, o que permitirá acesso à Internet, hoje inviável nos aparelhos móveis.

As conexões à rede mundial de computadores continuam sendo feitas quase em sua totalidade ao “ar livre”, especialmente em praças, onde a estatal ETECSA instala *hotspots*. As velocidades de conexão são de qualidade razoável a sofrível, variando conforme o contingente acessando. O preço, por outro lado, continua proibitivo para uma enormidade de gente: 1 CUC a hora, ou seja, aproximadamente 1 dólar ou 25 pesos cubanos. Esse valor começou a ser praticado em 30 de outubro de 2017, e confirma a tendência de barateamento do serviço. Quando estive na Ilha em 2009, lembro de ter pago 7 dólares por uma hora de conexão numa das “Salas de Navegación” bastante demandadas – que a ETECSA oferece em algumas de

suas lojas. Também em 2017, o governo anunciou o serviço Nauta Hogar: pela primeira vez os cubanos podem contratar internet para suas casas de forma “oficial”. O problema é, mais uma vez, de preço: 30 horas de conexão mensal valem 15 CUC. Considerando-se a média salarial no país, fica evidente a dificuldade que representa desembolsar esse valor.

Um levantamento sobre o consumo cultural em Cuba, divulgado em 2010, revelou que para 94% da população com mais de 15 anos a prática de consumo cultural de maior periodicidade (diária e semanal) é fundamentalmente relacionada à televisão e ao rádio (mais de 94%) (FLEITES et. al, 2009). Como em quase todos os países latino-americanos, “é nas imagens da televisão que a representação da modernidade se faz cotidianamente acessível às grandes majorias” (MARTÍN-BARBERO, 2004a, p. 41).

Na Ilha, são sete os canais de abrangência nacional à disposição do público (Tabela 1) – se considerarmos apenas sinal digital, o Canal Habana também alcança todo o país. Aquele que nos interessa particularmente é o Cubavisión, conhecido como o “da família cubana”. É por intermédio dele que a telenovela brasileira chega ao país caribenho (o Multivisión também exibe títulos estrangeiros de procedência diversa, como as mexicanas e as sul-coreanas). Um folhetim eletrônico inédito tupiniquim é transmitido às terças, quintas e sábados no horário nobre das 21h, com duração de 45 minutos. Em razão das dificuldades de produção enfrentadas pelo Instituto Cubano de Rádio e Televisão (ICRT), há períodos em que a alternância entre título nacional e estrangeiro é interrompida, e a novela da rede Globo ocupa lugar na grade de segunda à sábado. Normalmente, quando isso acontece, o público agradece. O revezamento de títulos aparece muitas vezes nos comentários de televidentes feitos no portal da TV Cubana: as queixas referem-se ao fato de o modelo adotado pela estatal converter as tramas – especialmente as brasileiras, que costumemente trazem muito mais capítulos que as cubanas, em “histórias intermináaaaaaveis”.

Ainda que a novela permaneça como o gênero preferido dos cubanos, o Cubavisión, canal televisivo mais antigo da Ilha, está perdendo espaço entre os locais. Em votação popular realizada pelo Instituto Cubano de Radio y Televisión (ICRT) sobre as preferências dos telespectadores, a emissora ficou em terceiro lugar, atrás da Tele Rebelde (dedicada aos esportes, prioritariamente) e do

Multivisión (que transmite uma programação quase que integralmente internacional, com muitos filmes e seriados).

Dados da Oficina Nacional de Estatísticas de Cuba sobre a transmissão televisiva mostram um crescente presença de programas internacionais nas grades. Se desconsiderada a programação emitida pelos canais provinciais – cuja audiência é pífia, diga-se – há um equilíbrio bastante grande entre importados e nacionais.

Bajo una crítica creciente en los últimos años, la televisión cubana realizó una nueva restructuración, esta vez con más contenidos extranjeros, entre ellos una barra deportiva y 14 horas continuas al día del canal Telesur, que emite desde Venezuela. [...] Después de varias restructuraciones en la televisión cubana, esta vez es notable el mayor peso que tiene el entretenimiento y la emisión continua, por primera vez, de un canal extranjero. [...] **En un intento por mejorar su audiencia, la televisión cubana ha incrementado su oferta externa. En primer lugar, con las muy populares telenovelas brasileñas de O’Globo, el gasto en contenidos más importante del ICRT, según fuentes enteradas.** Luego, con producciones obtenidas por convenios en Europa y América Latina, y finalmente con la captura pirata de películas y series estadounidenses, que no se pueden comprar por el bloqueo comercial. En esa forma los cubanos están al tanto de Doctor House, Anatomías de Grey, CSI, El escudo o Esposas desesperadas y de los estrenos de cine más recientes. (ARREOLA, 2013, p. 24).

Tabela 4 Canais televisivos em Cuba

Canal	Fundação	Programação/gêneros
<p><i>Cubavisión</i></p> 	1951	Caracteriza-se por uma programação variada que inclui as telenovelas locais e as brasileiras, bem como filmes e seriados norte-americanos (Seinfeld, CSI, Caçadores de mitos), documentários e desenhos animados. Há espaços, também, para os programas de notícias (ao meio dia e no final de noite).
<p><i>Tele Rebelde</i></p> 	1968	É o canal esportivo de Cuba, com transmissão de futebol e outros esportes, mas, especialmente baseball, a paixão nacional. Pela manhã, às diárias é exibido o telejornal <i>Revista Buenos</i> com informações locais e mundiais. Há também programas relacionados ao esporte, na faixa <i>Cine deportivo</i> .
<p><i>Multivisión</i></p> 	2009	Concentra-se especialmente em programas importados, produzidos por emissoras como CCTV, Discovery Channel, Disney Channel, DW-TV e Telesur. Aos domingos, dedica-se totalmente aos filmes, que são transmitidos por 24h ininterruptas. Durante a semana, há espaço também para os “megaconcertos”, que exibem shows de atrações internacionais.

<p>Canal Educativo</p> 	2001	<p>Transmite programas educativos, como os dedicados ao ensino de línguas. Há também atrações ligadas à poesia, à literatura e à música, incluindo o <i>Rockanroleando</i>, com informações e clipes de bandas internacionais, e o <i>Clip punto cu</i>, que trata da produção musical na Ilha. Filmes normalmente são relacionados a temas educativos, como a questão racial. Documentários também têm espaço, bem como programas de debates e sobre temáticas nacionais (como os sobre “a economia familiar cubana”, por exemplo).</p>
<p>Canal Educativo 2</p> 	2004	<p>O canal surgiu para “Producir y transmitir una programación cultural, educativa y de orientación social, mediante la realización de documentales y programas de televisión en los diferentes géneros y categorías”. No entanto, a partir de 2014, sua programação inclui a retransmissão da Telesur, cujos conteúdos ocupam a maior parte da grade. São transmitidos ou reprisados, ainda, programas jornalísticos (Noticiero Nacional) e de debates (Mesa Redonda), séries, documentários e desenhos animados.</p>
<p>Canal Clave</p> 	2013	<p>O canal foi o primeiro a ser lançado utilizando a tecnologia digital de transmissão, exclusivamente. É a “MTV” de Cuba, ou seja, sua programação é dedicada a programas relacionados ao universo musical, incluindo os que veiculam videoclipes, documentários, exibição de shows, etc.</p>
<p>Canal Caribe</p>	2017	<p>Programação inteiramente dedicada ao jornalismo. O canal opera, ainda, com restrições de horários, gradualmente ampliados.</p>

Fonte: Cubadebate, EcuRed, ICRT.

Com relação aos conteúdos veiculados nos canais estatais, eles são bastante variados, ainda que muitos cubanos se queixem das constantes repetições de programa. Um aspecto que deve ficar claro é que em Cuba, assim como em outros países do campo socialista, nunca houve uma total ruptura com “o os capitalistas” no campo da televisão. O entretenimento circulou entre essas nações em ritmos variados, mas nunca cessou. Segundo González (1996, p. 67) “probablemente la cuestión de la información sea uno de los lugares donde estos problemas se tornan más visibles: de acuerdo con los enfoques predominantes en los Estados Unidos, en Cuba no se tiene acceso a fuentes y noticias objetivas, más allá de la propaganda y el control ejercido por el Partido Comunista”. De fato, vinculava esse equívoco à

ignorância sobre o tema ou uso político dessa leitura: segundo ele, já em 1984 (1996, p. 68), 45% dos longa-metragens transmitidos pela TV cubana eram de procedência norte-americana, uma participação que, nos anos 1990, ele afirma, deveria beirar os 90%.

Pero en la era de la globalización, Cuba no podría encapsularse en esquemas que demostraron poca funcionalidad en los años 60, época en la cual, en medio de formidables logros educacionales y culturales, se produjeron manifestaciones de un dogmatismo criollo que no tuvieron que ver con la copia de modelo foráneo alguno. La idea de encerrar al país en sí mismo, o de ideologizar, como resultado del conflicto bilateral, las expresiones culturales norteamericanas —de la música a la moda— sería hoy mucho más inoperante ante los cambios y la complejidad que supone la aparición de nuevos actores y situaciones sociales. (GONZÁLEZ, 1996, p. 69)

Isso, todavia, não anula o fato de a censura ter, sim, interferido em muitos casos sobre as atrações, inclusive editando trechos de filmes, seriados ou telenovelas. Mas mesmo esta prática é cada vez mais inócua, em razão das novas tecnologias. Se a presença de conteúdo “capitalista” nunca deixou de acontecer nos canais estatais, atualmente deixou de fazer sentido de uma vez por todas. E aparentemente o governo cubano compreendeu que “em tempos de interdependência mundial, a pergunta não é como construir alfândegas impenetráveis, mas, sim, como utilizar os recursos tecnológico-culturais para melhor atender às necessidades das maiorias e de diferentes grupos” (CANCLINI, 2010), e parece estar seguindo uma tendência mundial (por vontade ou necessidade, não importa) verificada por Curtin (2015, p. 25).

Manter os indivíduos envolvidos com a mídia local requer que os Estados não apenas reconheçam as preferências das audiências, mas também sua capacidade pessoal de escapar das restrições oficiais. Dadas essas considerações, muitos governos têm voltado sua atenção para o lado da oferta na equação política. Em vez de tentar restringir ou gerir o consumo, eles buscam meios para promover os meios de comunicação locais, nacionais e regionais que ofereçam conteúdo próprio e popular que as empresas estrangeiras não são capazes de oferecer.

Minha hipótese é a de que os *paquetes semanales*, tema de que trato a seguir, combinados às necessidades de mudanças para o país conseguir “prosperar” (palavra da moda em Cuba), estão contribuindo decisivamente para acelerar o passo nesta direção.

6.1 LOS PAQUETES

Dentre os termos recorrentes nas conversas em Cuba figura “inventar”, “commonly used [...] to describe processes of improvising creative solutions to everyday problems” (DEL REAL; PERTIERRA, 2008, p. 78). Muitos de meus entrevistados referiam-se orgulhosamente à realizações resultantes da combinação entre engenhosidade e necessidade/escassez: isso ia desde criar alguma gambiarra para fazer funcionar a descarga na privada, as instalações elétricas para iluminar o pátio. Guillermo, por exemplo, um de meus vizinhos no Cerro, exhibe com orgulho o cortador de gramas elétrico feito por ele a partir de um ventilador velho que estava prestes a ser descartado. “Fue un invento”!

Pois a criatividade dos cubanos também se estende ao campo da comunicação/media, onde desenrolam uma “constante búsqueda de alternativas que, aunque no permiten conectarse a Internet, articulan otro tipo de redes y un consumo informal de información” (TERRERO, 2017). A grande “estrela” dentre os “inventos” no campo comunicacional é o *paquete semanal*, compilado de conteúdos digitais – especialmente audiovisuais, mas não só – “confeccionado fundamentalmente a partir de ilícitas descargas de internet en centros estatales beneficiados con banda ancha y la “captura” de videos utilizando antenas de televisión satelital” (DAMAS et al., 2017, p. 2). Em razão das restrições econômicas e infraestruturais existentes em Cuba, onde acessar a rede mundial de computadores, além de caro, exige uma boa dose de paciência em razão da lentidão, ele que circula de forma off-line por meio de HDs externos ou internos, pendrives etc., recarregados regularmente (daí o “semanales”) pelos consumidores em uma rede nada subterrânea de distribuidores espalhados por todo o território ilhéu. O nicho de mercado já está consolidado e já originou inclusive “segmentos especializados”, como o de *paqueteros* que se dedicam a conseguir “raridades” a pedido dos clientes. No início de 2018, uma matéria veiculada pelo site *visitarmagazine.com* dava conta também do aparecimento de um novo software cubano pensado especialmente para o ramo, o que evidencia ainda o fato de ele estar agitando outros setores na Ilha:

PAQUETECOPIES es un *software* desarrollado en Cuba por el programador Roger Benigno Peña Sicilia, que facilita la copia del Paquete Semanal. Se trata de una tecnología para *Windows* de 64 bits que acelera el traspaso de información desde la PC hacia diferentes discos duros, a su máxima

velocidad. Cada transferencia de datos va a su ritmo y no interfiere una en otra. Durante el proceso puedes eliminar dispositivos, agregar o quitar archivos y carpetas. También te muestra la velocidad, el espacio libre de cada disco conectado y el porcentaje de memoria que está ocupando. Asimismo, facilita el trabajo gracias a todas sus ventajas: no ocupa ni un *megabyte* de espacio, por lo que puedes compartirlo por redes. Además es portable, o sea, no necesitas ninguna aplicación o *driver* para usarlo y tu computadora ni siquiera debe tener una gran memoria RAM, con 4 gigas será suficiente. Esta es la herramienta número uno de los paqueteros en Cuba.

Apesar dessa visibilidade toda, o mercado dos *paquetes* ainda é “alegal” em Cuba. Segundo García (2016, p. 147-148),

Su estatus legal es ambiguo, liminal. En parte se benefician de una laxa protección del derecho de autor y la propiedad intelectual, desde el punto de vista dominante hoy día en la práctica internacional, pero por otra en el marco legal cubano la posibilidad de las actividades de provisión de servicios de telecomunicación no está considerada para actores no estatales. Y la generación de actividades comerciales alrededor de la publicación de contenidos digitales está insuficientemente definida igualmente para actores no estatales.

Por isso mesmo, não existem estatísticas oficiais sobre o quanto ele faz girar financeiramente, ou, ainda, quantas pessoas o consomem em Cuba e quantas estão empregadas em torno deste mercado³⁴. Todavía, os números não devem ser nada insignificantes. Em matéria para a BBC, Rodriguez (2015) relatou que, já naquele momento, “Según varias fuentes **el negocio mueve entre 2 y 4 millones de dólares al mes**, y se ha convertido en el mayor empleador del emergente sector privado cubano, en estado puro de informalidad”. Damas *et al* (2017, p. 10), cita que um levantamento do Instituto Cubano de Rádio e Television, em 2015, estimou que em pelo menos 39% dos lares da capital eles estavam presentes, mas que esta cifra pode estar longe da realidade “no solo porque los usuarios del Paquete se multiplican a diario, sino a que debido al carácter pseudolegal de este producto, algunas personas pueden tender a ocultar su consumo. (DAMAS *et al.*, 2017, p. 10).

³⁴ Damas *et al* (2017), com base em dados coletados na literatura disponível e em matérias jornalísticas, identificaram os “elos” na cadeia “produtiva” dos *paquetes*: Provedores, encarregados de obter os conteúdos via internet ou antenas satelitais; Matrizes, que são equipes de trabalho responsáveis pela gestão, seleção e organização da informação a ser distribuída; Mensajeros, a quem cabe levar os *paquetes* “matriz” a motoristas de ônibus ou outros viajantes que se deslocam pelo país (e normalmente são remunerados para isso), mas também dedicam-se a vender o produto a domicílio; Grandes distribuidores, também conhecidos como “primeiros manos”, a quem cabe pulverizar/revender o *Paquete* aos “distribuidores” dentro das diferentes províncias; e os Distribuidores, que compram o *paquete* de “segundas o terceras manos, es decir, no tienen un vínculo directo con las matrices”, para disponibilizá-los aos consumidores (há os que fazem a venda a domicílio e outros que mantêm pontos fixos).

Jorge, meu fornecedor de *paquete* em Santiago, acredita que 80% dos seus contrerâneos já aderiram ao “produto/serviço”, e que o número de pessoas que se dedicam a comercializá-los não para de crescer: “la competencia es muy grande”, diz ele, que é graduado em Letras – Língua Inglesa. Em outubro de 2016 decidiu deixar as escolas para se dedicar à (nada prazerosa) tarefa de gravar memórias ao gosto dos clientes. “No voy a ser rico con los paquetes, pero seguramente me ‘paga’ más que el Estado, en que se trabaja mucho y si gana poco”, argumentou.

O fato é que essa “internet offline” está reformando a relação dos locais com os meios de comunicação de massa (especialmente com a televisão) e também seus rituais cotidianos vinculado a eles (e ao consumo cultural de maneira geral, já que, pelo que percebi, representa um golpe de misericórdia sobre as salas de cinema). A televidência, com os *paquetes*, cada vez mais se fragmenta (de acordo com gostos), dispersa (pelos diferentes cômodos da casa) e desvincula-se da grade de programação dos canais oficiais. De acordo com Corra e Aguiar (2017, p. 53-54), estudos realizados por estudantes da Facultad de Comunicación da Universidad de Havana sinalizam que:

- La gente ve menos televisión nacional una vez que se conecta con el paquete.
- Más de la mitad de sus consumidores no ven nada negativo en este producto, mientras que la evaluación media que hacen de la TV es de 4,5 en una escala de 10.
- El paquete constituye una fuente importante de socialización en las conversaciones de familiares y amigos, e incluso entre estudiantes de enseñanza básica.
- La encuesta más reciente del Centro de Estudios de la Juventud entre adolescentes confirmó la voluntad de estos de desmarcarse de los medios tradicionales: solo 44,9% de los entrevistados declaró consumir televisión nacional.

Uma das razões do sucesso do mercado de *paquetes* reside na confiança conquistada entre os consumidores, especialmente no que se refere à continuidade de abastecimento. Jorge garante que a distribuição “jamás falló”. Nem mesmo quando da passagem do furacão Irma, em 2017, houve interrupção: aconteceram algumas dificuldades, como alguns episódios de séries ou telenovelas atrasarem, mas, no fim das contas, um mínimo “aceitável” foi entregue. A distribuição é facilitada pela pequena extensão territorial de Cuba. Os *paquetes*, com 1 Terabyte/Semana saem de Havana, e chegam às outras províncias por intermédio de “viajantes” que seguem pelas rodovias ou de avião para entregá-los aos revendedores.

A relação do governo com essa “pirataria” em Cuba é bastante flexível e branda. Há nisso uma boa dose de coerência: “¿cómo la gente no lo va a hacer [pirataria] si la televisión cubana descarga grátis toda la programación norteamericana que cubre casi la mitad de la nuestra?”(MASVIDAL, 2012, p. 86). Ademais, pode-se supor que uma das razões para o governo não interferir na proliferação de *paqueteros* relacione-se ao potencial econômico do setor, a que já fiz menção anteriormente. Referindo-se ao Vietnã, outra nação em onde acontece uma “reformulação” (bem mais “avançada”) do socialismo, Ballano (2016, p. 137) descreve que o Estado é

liberal to any online activity that tends to achieve its economic goal of promoting Vietnamese productivity and achieving higher economic growth. [...] Optical media piracy, whether online or in sidewalks or registered shops, has undeniably helped improve the productivity, income, and life of Vietnamese in the informal sector. As already mentioned, optical disc piracy provides recent Vietnamese migrants alternative livelihood to support their families. It also provides traders with registered CD–DVD shops higher profit margins and ordinary buyers of pirated discs with some savings which they can use to buy food for their families.

Outra similaridade entre os *paqueteros* (piratas) cubanos e os vietnamitas refere-se à condição socioeconômica de quem se dedica à atividade. Segundo Ballano, em países em desenvolvimento, como Filipinas, também estudada por ele, os distribuidores costumam ser pessoas de baixa renda, e o principal motivo para engajar-se com a pirataria “is subsistence or earning a livelihood despite all odds”. No Vietnam, “the primary motive [...] is more on profit and the promise of higher return of investment (ROI) offered by the piracy trade”. (BALLANO, 2016, p. 125). Ou seja, esse mercado não é tocado por uma camada paupérrima da população, mas por pessoas que encontraram uma “oportunidade de negócios” mais vantajosa - até porque compilar, distribuir e revender *paquetes* exige investimento inicial em equipamentos que para muitos é impensável. Jorge, o *paquetero*, adquire os dados por 180 pesos cubanos semanais. Na verdade, a sua licença (que não é exatamente dele, porque está no nome da esposa) é para gravar DVDs, e por ela ele paga outros 65 pesos cubanos mensais, além de 85 de previdência social. Ou seja, mesmo na informalidade, portanto, “pagan un impuesto al Estado. Es decir, que [...] el Estado genera una ganancia con este negocio, aunque sea mínima”. (BOUDREAULT-FOURNIER, 2016, p. 153).

De posse do “*paquete completo*”, Jorge passa, então, a revender os materiais

de acordo com as demandas de quem adentra à sala de sua casa, onde mantém seu empreendimento (foto 1) e trabalha de domingo a domingo. Os preços são acessíveis, praticamente “tabelados”, e o consumidor paga de acordo com o seu “apetite”. Em Santiago, carregar a memória com 8 Gb significa desembolsar 5 pesos cubanos (ou 1/5 de dólar); para levar para casa 30 Gbs, gasta-se 25 pesos, e assim por diante. A partir daí, acaba o “controle” do vendedor sobre o conteúdo, que pode ser repartido/compartilhado pelo cliente com seus vizinhos, amigos de trabalho, etc.

O fato de a atividade de *paquetero* (ainda?) não figurar na lista das permitidas oficialmente pelo governo ilhota coloca quem trabalha nessa “cadeia” num limbo. Isso motiva uma autocensura com relação aos conteúdos oferecidos: são os responsáveis por gravar os materiais nos “discos matriz” que fazem uma seleção do que entra ou não, de forma a evitar a circulação de materiais com temas políticos ou questionáveis sob a ótica da moralidade prevalecente. Jorge diz que esse “acordo de cavalheiros informal” entre Estado e *paqueteros* se dá porque “nunca se sabe quem é agente do governo, e certamente há alguns nesse mercado”. Ele deu-me um exemplo de programa “interditado”: o seriado colombiano “*El Comandante*”, sobre a vida de Hugo Chávez. “Lá pelo capítulo vinte e tantos, apareceu um cidadão representando Fidel. Na semana seguinte, já não vieram mais episódios”. A regra é eliminar especialmente os programas que façam menções pejorativas a Cuba, como acontece, por exemplo, em humorísticos estadunidenses, além de pornografia.

Um dos gargalos que inibem a universalização dos *paquetes* semanais é a necessidade de possuir não apenas dispositivos de memória, mas também equipamentos para reproduzir essas mídias. Uma de minhas entrevistadas, Adelia, disse não comprar conteúdos justamente por este motivo: “a tecnologia não chegou para os pobres”. Mas, o que percebi – e o trabalho de Moya (2013), desenvolvido no reparto de San Pablo, em Santiago, deixou bastante evidente – é que, independentemente da condição social dos cubanos, adquirir esses equipamentos é hoje uma prioridade.

Yurisleidi, que residente no mencionado bairro, relatou com orgulho o feito de ter conseguido comprar uma televisão de plasma por mais de 10 mil pesos cubanos, arrecadados com “muito suor”. Ela “resolveu” o problema do dinheiro com fontes alternativas de ingressos, incluindo vender roupas, pintar cabelos de vizinhos, etc., além de ter confidenciado que uma amiga que está “cumplindo misión” lhe envia dinheiro mês a mês. A maior parte da população usa seus dispositivos de memória

por intermédio das “cajitas” decodificadoras de sinal digital de TV, que não exigem, pelo menos, pantalhas de última geração e requerem investimentos menos expressivos. Jorge diz que os seus clientes se preocupam muito pouco com a qualidade da imagem, o que, de fato, exigiria televisores mais modernos: “aquí vale la cantidad. Cuanto más se puede grabar em la memoria, mejor”. Rita e Marta, quando as entrevistei, ainda viam os *paquetes* conectando pendrives a um aparelho de DVD com entrada USB. O dispêndio, especialmente dos mais pobres com os eletrônicos motivaram algumas “críticas moralistas” por parte de alguns de meus entrevistados um pouco mais abonados: faz sentido queixar-se do salário, viver no limite e gastar boa parte dele em um equipamento? Moya, falando sobre o tema, descreve que

La adquisición de estos dispositivos en nuestra sociedad supone una base económica que la respalde. Todos estos elementos adquieren especial importancia en el marco de la comunidad de San Pablo, porque en su condición de asentamiento precario, resulta contrastante la ausencia de condiciones básicas de vida y la extensión del fenómeno del consumo mediático informal, que tiene un trasfondo tan evidentemente económico. Ciertamente la inversión que **significa no resulta equivalente al capital necesario para cambiar la realidad objetiva de precariedad del barrio, pero permitiría transformaciones a menor escala y de carácter más individual.**(MOYA, 2013, p. 81-82, destaque meu).

Figura 3- Porta da casa de um *cuentapropista* distribuidor de *paquetes semanales*



Nos *paquetes* circula além de uma enorme quantidade, uma grande variedade de conteúdos e recursos: jogos e programas de computador, uma versão off-line da Wikipedia, “sites oficiais” como Cubahora, Cubadebate y Amazon, aplicativos para celular, revistas locais e internacionais (como as esportivas, de informática, Playboy, mangás), discografias e lançamentos musicais, o Rebolico (uma gigantesca sessão de “classificados” com ofertas de todo o tipo de produtos). O maior volume – e o mais demandado -, no entanto, é o de produtos audiovisuais. Além de “a internet cubana”, o *paquete* pode ser “considerado como la iniciativa más cercana a una TV a la carta en la Mayor de las Antillas, puesto que cada quien elige copiar en dispositivos de almacenamiento los archivos de video de su preferencia y luego los disfruta en el momento que mejor le parece” (CANELA, 2017). Os filmes à disposição são predominantemente norte-americanos e praticamente limitados aos gêneros ação, aventura, ficção científica, artes marciais e terror (há dramas, mas em

número bem menor). Abundam também as séries televisivas ou produzidas para canais de streaming, como Netflix (estão presentes todos os títulos mais “quentes do momento” no mundo, como *Games of Thrones*, por exemplo, sempre agilmente atualizados). Há ainda a possibilidade de copiar reality shows (incluindo até o *Master Chef Brasil*, da rede Bandeirantes) e, é claro, as telenovelas. Despontam, em quantidade, as turcas, mas estão disponíveis também colombianas (as narconovelas gozam ampla aceitação entre o público masculino), argentinas (mal quistas), Mexicanas (também pouco demandadas), coreanas e as brasileiras (que segundo Jorge são as preferidas, mas muitas vezes estão em “falta”).

Quando se fala em “circulação alternativa” de conteúdos midiáticos em um país como Cuba, que em boa parte do discurso internacional é retratado como “uma terrível ditadura censora”, há a tendência de logo vincular esse tipo de prática de consumo a um ato de “resistência política”. Falando sobre a China, Wang (2001, p. 3), faz uma consideração que serve perfeitamente para o cenário Ilhota:

The concept of unofficial China draws a popular imaginary stuck in three consequences of logic: domination is total and resistance is complete; the ‘people’ are valorised as a site of resistance and assigned a subject-position diametrically opposed to the authoritarian state; the ‘popular’ culture produced by the people is ‘unofficial’ by default. The moral idealism underlying these premises is irreproachable. But scholarship about the Chinese ‘popular’ cannot be sustained by moral idealism alone.

Como descrito por Yu (2009, p. 34), também em relação à China, na Ilha “everyday lives are invested with and punctuated by various narratives and their counter-narratives”, mas elas “are the sites of reproduction as well as reduction of hegemonic ideology”, ou seja, “can be used by the populace to reconstruct alternative subjectivity in singing, listening and consuming ‘otherwise’”, assim como “to articulate nationalistic sentiments that are sometimes more militant than the state discourse”. Castañeda (2015), por sua vez, avalia que o consumo midiático informal, no entanto, “no es solo resultado de un auge de tecnologías nuevas y flexibles”, e está asociado à “acumulación de insatisfacciones respecto a la producción audiovisual formal, en cuya conformación el espectador tiene escasa o nula participación [...]”.

Nenhum dos meus entrevistados vinculou diretamente o consumo de *paquetes* à aversão aos governo e/ou socialismo cubanos. Como bem diz Masvidal (apud, IGLESIAS et al., 2012, p. 82), “en Cuba hay que marcar el consumo informal

como el alternativo respecto al oficial, porque en el país no hay instituciones privadas o corporativas de médios”, o que é bem diferente de dizer que ele é “contra-hegemônico”. Há muita gente que se autodefine como “revolucionária” e recorre aos conteúdos oferecidos por meio dos *paquetes*. Ademais, é importante ter em mente que uma parte dos programas que circulam via memórias pode acabar – e efetivamente acaba – sendo transmitida pela TV estatal cubana, sem qualquer problema. Aliás, é provável que em nenhum país do mundo exista uma transposição tão rápida das telas do cinema para a pequenas pantalhas, via canais oficiais, como em Cuba. E no cardápio oferecido há uma porção de *blockbusters*, e seriados norte-americanos. O que fica latente é que apesar da “agilidade” da televisão estatal para exibir lançamentos, ela não é suficiente para satisfazer os desejos dos receptores.

Dentre os participantes de minha pesquisa, apenas três não fazem uso de *paquetes* (Adelia por motivos econômicos – alega não ter dinheiro para adquirir algum equipamento capaz de reproduzir o conteúdo; Anita, em razão de se dizer satisfeita com o conteúdo televisivo fornecido pelo Estado; e Yamilde, que diz não ter tempo disponível e por isso, buscar, apenas de vez em quando, junto a amigos, algum programas específico de seu interesse). Entre os consumidores do produto “alegal”, os motivos para recorrer a ele incluíram: a) poder selecionar somente aquilo que lhes interessa ver; b) governar o tempo de “televidência” (momento e duração); c) poder acessar muito conteúdo por um baixo custo; d) ter uma boa fonte de entretenimento que não exige sair de casa, o que muitos consideram um problema dadas as condições do transporte público; e) estar atualizado sobre o que está sendo lançado e visto mundialmente; e f) perceberem uma melhor qualidade visual nos produtos estrangeiros. As únicas menções à política foram feita por quem opta pelos *paquetes* por considerar o conteúdo ofertado pela televisão estatal “aburrido” e/ou repetitivo: “no hay equilibrio entre la oferta de programas, así que los niños, por ejemplo, no tienen muchas opciones”, argumentou Rita. Yurisleide disse que “há muito conteúdo político e histórico na TV cubana” e que, se por um lado isso é positivo e importante para informar os mais jovens sobre a trajetória de Cuba – ou seja, não é a inclinação ideológica que a incomoda –, para ela, que já não é “tão novinha assim”, rever, ano após ano, alguns temas específicos serem amplamente explorados, especialmente quando se aproximam efemérides, tornou-se maçante.

Isso, evidentemente, não reduz a importância política dos *paquetes*. Há um debate constante sobre seu potencial impacto sobre os imaginários locais. Segundo

Damas et al (2017, p.16), o consumo de *paquetes* sugere que:

- En Cuba las vías tradicionales de distribución audiovisual se van desgastando en la medida que ganan protagonismo las alternativas informales.
- El imaginario de los jóvenes cubanos está fuertemente permeado por símbolos e imágenes, transmitidos por los audiovisuales producidos desde los centros de poder hegemónicos en el ámbito de la comunicación.
- Pese a lo anterior, existe diversidad de gustos, así como posicionamientos críticos ante los materiales consumidos. Estos últimos son más abundantes en los sujetos de mayor nivel escolar.
- En el proceso de formación de valores de la juventud cubana son más determinantes los mecanismos informales para la distribución de contenidos que los regidos por las instituciones estatales.
- El acceso desigual a la tecnología y la producción cultural es todavía un tema que debe ser atendido desde las esferas de decisión pública.
- El ascendente protagonismo del consumo audiovisual informal en la sociedad cubana constituye un reto para los decisores de las políticas públicas del país, en especial las asociadas con los sectores de la comunicación y la cultura. Dichas políticas deben actualizarse a la reconfiguración del consumo cultural que han provocado las alternativas no institucionales para la circulación de contenidos.

Discussões sobre benefícios e malefícios do consumo informal, bem como sobre a viabilidade/necessidade de – e estratégias para – competir com o discurso hegemônico neoliberal, aparecem muitas vezes na imprensa e em artigos acadêmicos e muitas giram em torno da “qualidade” daquilo que circula.

en la mayoría de estos contextos, los productos que circulan de manera alternativa son generados en industrias dominantes como Hollywood y Bollywood. A juicio de Lobato y Thomas “el aspecto más informal sobre los medios informales no es su exótica, sombría existencia en un mundo paralelo, sino su presencia -muchas veces inadvertida- en las partes más *mainstream* de las industrias de medios, y en las más mundanas y cotidianas experiencias mediáticas”. (DAMAS et al, 2017, p.7).

Me interesa mencionar una última característica que es menos distintiva pero que ilustra las conexiones entre el escenario cubano y los flujos internacionales de contenido: gran parte de los contenidos que circulan provienen de grandes conglomerados internacionales de la industria cultural, y por tanto los ritmos de la industria cultural internacional marcan los consumos y las expectativas de los participantes cubanos en estas experiencias. (GARCÍA, 2016, p. 147-148).

Es imposible agrupar bajo un molde rígido y esquemático la pluralidad de posiciones existentes en la actualidad en los acercamientos al impacto del consumo alternativo o informal. La teoría crítica de orientación marxista pretende dar respuesta a interrogantes como: ¿Posee o no el consumo alternativo alguna transformación en su interior? De ser así, ¿qué transformaciones sociales genera esta novedosa variante de producir, promocionar y compartir saberes? ¿Qué nuevos imaginarios simbólicos se construyen en los sujetos? Las respuestas apuntan a que lo alternativo reproduce no solo el imaginario individual y colectivo, sino también sus paradigmas de movilidad desde las lógicas del mercado y a través de los

dispositivos de poder de las estructuras de expansión de la globalización neoliberal. (PACHECO apud IGLESIAS et al, 2012, p. 83).

Apesar de pautado constantemente, o debate a respeito da interseção “produtos midiáticos e socialização” ainda me parece pouco aprofundado em Cuba. Há pouca produção acadêmica, por exemplo, de “estudos de recepção” que tomem o consumo midiático informal como objeto. Castañeda (2015) sinalizou em artigo as “carências do debate sobre consumo cultural” na ilha e dentre os vários hiatos que identificou, lançou luz sobre o fato de que nos

acercamientos al tema de los consumos se alude constantemente el repliegue hacia los espacios privados. Sin embargo, a pesar de la influencia que en su momento tuviera la etnografía de audiencias, que logró introducirse en los hogares, todavía hoy se siguen privilegiando –tal vez por cuestiones metodológicas- las indagaciones sobre los consumos culturales públicos y no se conocen los rituales de socialización que comienzan a desarrollarse en estos espacios privados.

Todavía, independentemente dessas lacunas, os *paquetes* estimulam importantes reflexões e sugestões relacionadas às políticas de comunicação e cultura cubanas, e há uma quase unanimidade sobre a necessidade de incluir mais o público nas decisões sobre os rumos dos canais televisivos. Do jeito que a coisa está, é como se “en el mismo suelo conviviesen dos universos, cada uno ignorante de su antípoda: por un lado la cultura y las aspiraciones populares; por otro, la razón de Estado y la ciudad letrada”, avalia Arcos (2015). O resultado desse distanciamento é uma programação considerada pouco atrativa para a enorme maioria dos cubanos com quem conversei a respeito.

Meus entrevistados fizeram uma lista muito restrita de “programas que gostam” na televisão nacional. Além das novelas, citaram o *Noticiero Estelar* (com algumas ressalvas, já que alguns participantes referiram-se a uma “obrigação de informar-se por intermédio dele por ser o único sobre Cuba”), *La séptima puerta* (dedicado a filmes), a “pelota” (transmissões ao vivo de baseball cubano), *La neurona insone* (de perguntas e respostas), e o incomparável (em termos de atratividade) *Vivir de Cuento*, com o emblemático (e crítico) personagem Panfilo³⁵.

³⁵ O sucesso do programa, que vai ao ar nas noites de segunda-feira, logo após o *Noticiero Estelar*, é enorme em Cuba e também entre os exilados residentes nos EUA. Em 2014, quando da visita de Barak Obama à Ilha, Pánfilo protagonizou um telefonema “real” para o presidente norte-americano, com quem trocou ideias a respeito das relações entre os dois países. As piadas que são feitas no programa – bastante inteligentes – são sempre muito “frescas”, fazem críticas diretas à realidade cubana, à burocracia, aos baixos salários, à inflação, à má qualidade e diversidade de alimentos

Há outro aspecto interessante relacionado ao fenômeno dos *paquetes*: ainda que quantitativamente sejam pouco “importantes” nos *paquetes*, produções cubanas, oficiais ou não, são disponibilizados. Por exemplo, é por meio dessa via que na Ilha começa a surgir um “mercado” de revista digitais e de publicidade comercial, esta última ainda proibida em Cuba.

El Paquete surge como plataforma ideal para que los nuevos empresarios privados cubanos promocionen sus servicios. Aprovechando la penetración social que tiene el dispositivo semanal, se observa, cada vez con mayor sistematicidad, anuncios y ofertas de sitios administrados por cuentapropistas. Existen incluso revistas y videos promocionales de factura nacional que solo circulan en esta plataforma. Curiosamente el Estado no les ha permitido a los particulares ni promoverse en los espacios públicos, ni en los medios oficiales, perdiendo con ello la posibilidad de generar ingresos, que bien le vendrían a nuestra prensa o televisión para mejorar sus instalaciones. Nuevamente, donde el Estado se muestra obtuso, la iniciativa popular se expande a sus anchas. (ARCOS, 2014).

Os *paquetes* atraem ainda “grupos, de sectores, que quieren ver algo que no corre por los canales oficiales —ni aquí ni en ninguna parte—, como video-arte; por ejemplo, “toda la producción de los nuevos realizadores (do cinema cubano) yo la he visto de manera informal” (MASVIDAL apud IGLESIAS et al, 2012, P. 83) e, ainda,

en el ámbito nacional es frecuente que productos culturales se comercialicen en el sector privado antes de que cumplan con el ciclo de producción, distribución y consumo de las Industrias culturales, tal es el caso de películas y otros audiovisuales que circulan antes de su exhibición comercial en salas de cine, aspecto que ya constituye una alarma aún no resuelta. (MORAS, 2016, p. 154).

Já houve casos de produtos audiovisuais independentes circularem inicialmente via *paquete*, mas acabarem, em razão de seu sucesso, inseridos nos canais de TV abertos. Um exemplo é o *X Distante*,

que existe gracias al consumo informal. La emisión salió al aire por la presión que ya tenía el consumo informal. Entonces los directores, Ermitis Blanco y Abel Álvarez, dijeron: «Hay mucha gente que quiere verlo, eso va a tener tremendo público». Actualmente el programa se nutre de lo que la gente le lleva, que baja y roba de Internet, de la antena. En este caso es al

distribuídos via “libreta” e às crises de abastecimento. No final de 2017, por exemplo, houve um pequeno “apagão” de papel higiênico em Cuba, o que causou algum espanto em razão de a Ilha contar com uma indústria capaz de suprir a demanda nacional. No programa, Pánfilo pergunta a um de seus vizinhos sobre a falta de produto no mercado: “Mira Pánfilo, ya está todo explicado en el periódico” (mostrando o jornal *Granma*). Com ironia, Pánfilo responde: “Si. La solución para la falta de papel sanitario está en el periódico”.

revés, el consumo informal produce el consumo formal. (MASVIDAL apud IGLESIAS et al, 2012, p. 84).

No evento sobre “pensamiento crítico sobre la acción cultural de los medios”, de que participei como ouvinte, em Santiago, em outubro de 2017, alguns jovens realizadores pediram a palavra para queixarem-se da falta de oportunidades/abertura dos canais estatais para eles. Paralelamente, destacaram estar recorrendo aos *paquetes* para difundir suas obras – algumas delas bastante lucrativas e populares – e sobreviver de sua “arte”.

É relativamente comum, ainda, os *paquetes* “furarem” o próprio Instituto Cubano de Rádio e Televisão e/ou o circuito cinematográfico. Por vias “indefinidas”, programas e filmes inéditos feitos pelas estatais chegam aos distribuidores informais. O impacto disso é um fenômeno que merece um estudo à parte. Mas vou resgatar um caso que vivenciei, relacionado à telenovela Zoológico, de 45 capítulos, produto da TV cubana, que exemplifica como o consumo “alternativo” está forçando os canais oficiais a responderem – aos desejos e críticas – dos televidentes. A recepção ao referido folhetim eletrônico por intermédio dos *paquetes* foi altamente positiva, e em comentários feitos no portal do ICRT (vários em resposta a matérias sobre a falta de qualidade das telenovelas locais) muitos cubanos questionavam as razões pelas quais a trama “de buena factura” ainda não ter ido ao ar na televisão estatal. Questionava-se inclusive o fato de uma produção financiada com dinheiro público não chegar ao seu destino natural. A hipótese mais aventada pelos comentaristas foi a de que, por tanger problemas vividos/conhecidos no cotidiano ilhéu – como os da emigração, dos furtos no ambiente de trabalho, do *jineterismo*, etc. – de maneira “crua” (para os padrões locais), Zoologico fora censurada. Em consequência dessas manifestações, ou do simples fato de que não fazer sentido tentar manter um “segredo já revelado, a telenovela foi transmitida pelo Estado, ainda que não no canal habitualmente dedicado ao gênero (o Cubavisión). De qualquer maneira, ocupou o horário nobre (20h30) do Multivisión. No site do ICRT, a crítica de televisão Paquita Armas Fonseca garantiu que “não houve nenhum corte”, e que as razões para o “delay” não eram políticas.

Aliás, os *paquetes* tornaram (ainda mais) ineficaz qualquer tipo de “edição ideológica” por parte do governo. Como os conteúdos circulam integralmente pela via informal, qualquer interferência externa pode ser percebida e anunciada. Falando de telenovelas brasileiras, *Rastros de Mentiras* circulou no *paquete* antes do que no

horário nobre cubano. Já se sabia por intermédio da imprensa – mas também por meio de quem já a havia visto – que o último capítulo trazia um beijo homossexual masculino, “inédito” em uma novela brasileira. Arlindo, um de meus entrevistados, disse ter visto a trama nesse dia só para verificar se dariam “una tijerada”: não deram. Félix e “Carneirinho” beijaram-se em cadeia nacional cubana – o que não foi recebido muito bem por muita gente na Ilha, diga-se. Sobre o tema das edições feitas pelo ICRT nos programas televisivos, Portales (apud IGLESIAS et al., 2012, p. 87) descreve que “cuando se tenía el monopolio de la información ocurría, y todos nos dábamos o no cuenta de que las cosas faltaban y seguíamos adelante, pero ahora hay otras opciones, de modo que se están perdiendo espacios”.

O governo cubano dá sinais de esforço para (re)conquistar os televidentes, e não só por meio de mudanças em sua programação, que incluíram o lançamento de *reality shows made in Cuba* (voltarei ao tema adiante). Uma das tentativas de “enfrentar a concorrência informal” foi criar um *paquete* oficial, o *Mochila*, que pode ser obtido gratuitamente por meio dos Jovens Club – que somam 603 unidades espalhadas pela Ilha³⁶. Segundo Jorge, o produto não atrai porque boa parte das atrações oferecidas já foram veiculadas nos *paquetes* alternativos ou na própria televisão, mas principalmente porque a percepção de muitos é a de haver uma quantidade expressiva dos “mesmos programas chatos e educativos”. Eu fui em busca do *Mochila* e o conteúdo me pareceu bastante bom, ainda que, de fato, alguns dos conteúdos eram os mesmos que estavam sendo transmitidos na TV. Por exemplo, quando fiz a minha cópia, recebi capítulos da novela brasileira *Lado a lado*, veiculados via Cubavisión. Mas havia também novelas cubanas e até brasileiras inéditas em Cuba, como é o caso de *Babilônia* (*Mujeres Ambiciosas* em Cuba).

Com relação aos reality shows ilheús, dois têm grande destaque e gozam alta popularidade: *Bailando em Cuba* (uma espécie de “*Dança Comigo*”) e *Sonando em Cuba* (o *The Voice* nacional). Aparentemente, o governo entendeu ser hora de seguir uma tendência do cenário internacional televisivo, que cada vez mais abre espaços para este gênero. Entre o público com que convivi, os elogios eram muitos, as críticas, raríssimas. Mas surgiram alguns questionamentos, entre críticos, sobre se esses programas ferem ou não os “valores socialistas” ao supostamente incentivarem o individualismo ou, ainda, darem demasiado destaque às trajetórias

³⁶ Fonte: ONEI, 2017

“sofridas” (e meritocráticas) de vida de participantes. Jacomino (2017, grifo meu), por exemplo, fez a seguinte avaliação sobre Bailando em Cuba:

Servidor de dos años, BEC necesita, por un lado, satisfacer la demanda que genera el consumo habitual del Paquete, por cuyo acceso la gente paga y, por otro, cumplir con los requisitos de ese modelo “otro” de sociedad que nos interesa construir y con el cual nuestros medios estatales (gratuitos), están en la obligación (e incluso en la disposición) de cumplir; solo que no han conseguido hacerlo con la capacidad de seducción que imponen las (ya no tan nuevas) Tecnologías de la Comunicación y la Informática, en toda su diversidad de gamas y soportes. Mirado desde otro punto de vista, esta nueva plataforma intenta conjurar el escaso atractivo visual de nuestra programación habitual mediante resortes comunicacionales típicos de la televisión comercial, que contribuyen a satisfacer la expectativa generada por el Paquete pero que, más allá de esta resonancia puntual, se enchufan directamente con la emergencia en nuestra sociedad de antivalores como el individualismo y la necesidad compulsiva de éxito a toda costa, descendientes directos de la sublimación del consumo como filosofía de vida.[...] Otro gancho heredado por BEC de su precedente musical es la tendencia a usufructuar lo más ramplón de las historias de vida de los bailarines. [...] **Aun cuando cada pareja estuvo integrada por un bailarín profesional y otro autodidacta, muy pocos entrevistados colocaron la formación profesional como centro de su respectivo testimonio, enfatizando por el contrario en el esfuerzo y el sacrificio que les trajo hasta allí y en la descripción detallada de los obstáculos, nunca las oportunidades. Esta es otra trampa en la que se cae sin maldad; mitad por mimetismo para con la estructura base y mitad por escapar del edificio retórico que acompaña inevitablemente a esos derechos básicos que conquistó la Revolución y que los guionistas no se molestan en reformular con similar rigor al que se aplica a la puesta en imagen.**

Houve resposta. Paqueta Armas Fonseca (2017) saiu em defesa do programa, valendo-se até de Marx para “legitimar” a atração:

Llevando ese racionamiento a su punta, podemos renunciar a la televisión que nació en Cuba en 1950 (tercer país en tenerla de América Latina) porque como medio de comunicación fue inventado, usado, manipulado, por los “amigos” del Norte. En esta época tenemos que renunciar también a INTERNET, ya que con un ancho de banda aceptable se puede ver lo que transmite cualquier televisora del mundo con un saltito a youtube. Digo esto porque hace muchos años que no se inventa nada nuevo para esa cajita que se llama televisor.[...] ¿Fueron historias de vida en su lado más ramplón?. No se, a memoria –LAS VI TODAS- digo que hubo algún melodrama ¿y que?. Ah ¿qué no se nombraron las escuelas de arte?. Si, pero pusieron en contacto a esos muchachos, algunos provenientes de barrios marginales, con las figuras más importantes del mundo de la danza de hoy, por lo menos las que estaban en Cuba. Los llevaron a la ENA, al Ballet ...Y por el set de entrevistas pasaron figuras relevantes de la cultura cubana desde Omara Portuondo, Enrique Pineda Barnet, Manuel Herrera, y muchos que ofrecieron sus opiniones de un programa donde reinó la música cubana de principio a fin, con ritmos para bailar extraviados en la memoria.[...] Quizás es que sigo siendo marxista “*El arma de la crítica no puede, evidentemente, reemplazar la crítica por las armas, la fuerza material debe ser subvertida por la fuerza material; pero la teoría también*

deviene fuerza material en cuanto penetra en las masas. La teoría es capaz de penetrar las masas cuando ella hace demostraciones ad hominen y hace demostraciones ad hominen cuando deviene radical. Ser radical es tomar las cosas por la raíz. Y la raíz, para el hombre, es el hombre mismo.” dijo mi melenudo aguafiestas.

O debate é dos mais interessantes, e o tema dos realitys em Cuba pode resultar em nova pesquisa (antes disso, sonho em estudar o fenômeno do futebol). Mas o trouxe à tona para propor outra reflexão sobre como os novos gêneros e/ou a abertura a temas antes “polêmicos” em outros nem tão recentes assim (como as telenovelas) podem estar sendo um caminho para o governo reformular discursos e “cambiar mentalidades”, como abertamente falam os dirigentes. Em trabalhos sobre sua “proliferação controlada” de reality shows na China e no Vietnã, por exemplo, autores sugerem evidências de que esses programas são empregados de maneira não a enfraquecer, mas ao contrário, amplificar os discursos oficiais nas duas nações (que se dizem) comunistas. No caso sino, segundo Yang (2014, p. 534) “regardless of ratings, all transnational formats have to go through a process of careful adaptation to meet the often contradictory demands of the state and the market”.

The rise of reality talent shows, in particular, has been associated with an attempt to “channel the desires and disappointments” of viewers at a time of deepening structural inequalities (Sun and Zhao, 2009, pp. 103–104) by providing a relatively fair and open competition for ordinary Chinese to gain fame and influence and by turning the medium of television into an outstanding public instrument of dream-achieving. While talent contests may “satisfy a fundamental human need for competition and order” (Reijnders, Rooijackers, and van Zoonen, 2007), in China the subgenre also serves the practical purpose of reaffirming the indigenous meritocratic values first embodied by the imperial examination system (605–1905) and holding out hope of upward mobility for ordinary people [...]. (YANG, 2014, p. 517).

A análise de Li (2013, p. 912-913) sobre o reality para empreendedores *Win in China*, corrobora a de Yang. Segundo ele, a ideia do governo chinês é inserir valores de mercado no cenário socialista:

It is the Communist tradition to constantly regulate media content to promote socialist values and morality. This is indicative of a dogmatic leftist principle of enlightening and uplifting people’s spirit through culture which is part of party propaganda (Zhao, 2008). In recent years, there have been perceptible official attempts to redefine socialist morality by incorporating universal values and traditional Confucian virtues. [...] The focus of this discourse moves beyond business activities to reflections on life. Two life virtues are emphasized: self-reliance and perseverance. It is interesting to see that individualistic activities in the show are framed as self-reliance here. Self-reliance is only one step away from individualism, depending on the local

discursive context in which it is used. In Ralph Emerson's (1908) essay 'Self-reliance', it is clear that the notion of self-reliance is closely tied to individualism. However, self-reliance (*ziligengsheng*) is much less pejorative than individualism in the Chinese context. In popular discourses, self-reliance is often invoked to describe the brave Chinese people who struggled against western powers for independence in modern history. [...] In *Win in China*, however, values such as perseverance are disarticulated from the capitalist meaning system and re-articulated into a 'different chain of connotations' (Hall, 1982). The second strategy used to tone down the capitalist color of the show is to incorporate business activities into the agenda of social and national development. In an interview, the producer, Wang, said that, 'Today, entrepreneurs are the biggest hero in our society.... These individuals have created so many wealth and so many job opportunities for the Chinese society.' This message molded the production of *Win in China*.

No Vietnã, Bui (2012, p. 888-889) em sua análise sobre o programa *Vietnam Idol* (a versão vietcongue de *American Idol*), percebe intenções parecidas por parte do governo. Dentre as suas conclusões aparece a relevância do conceito de "proximidade cultural", obtida por meio da "nacionalização do produto", para o produto alcançar êxito: a indigenização da atração foi importante para suavizar a incompatibilidade entre o discurso socialista e a cultura e a mensagem "capitalista" embutida no reality show.

The transference of *Idol* to a native population lacking a sense of "modern reality" and its attendant performative habitus obligates producers to reform them into new modes of public behavior. In as much as foreign- imported television seems like a manifestation of cultural imperialism, it is imperative to posit *Vietnam Idol's* cultural productions within the contradictions of the global political economy to shed light on *Idol* as a value-laden enterprise not bound up with the governing logic of cultural imperialism in its variegated forms. (BUI, 2012, p. 892).

Ainda sobre o Vietnã, o trabalho de Nguyen-Thu (2016) também reforça a perspectiva de como os programas televisivos mudam para contribuir com a difusão de novas ideias por parte do governo: no caso, a autor analisou o mais importante programa de entrevistas da televisão estatal, revelando como a seleção dos convidados, bem como o script das interações, gradualmente foram orientados no sentido de reforçar a importância da iniciativa própria para o futuro da nação como um todo. O referido artigo integra um livro organizado por Volcic e Andrejevic, intitulado "Commercial Nationalism", expressão que sugerem para designar um modelo para questionar as relações midiáticas contemporâneas considerando como as prioridades comerciais e nacionais permanecem conectadas e em tensão entre si.

We are very familiar with the notion that the assertion of unique identity markers has become a mass phenomenon – and a strategy for addressing the economization of social relations at the national and individual level. Without placing too much weight on the homology, we might note the similarity between self-branding and nation branding: the recognition that, in the global economic context, the ability to channel and capture attention is a crucial one. (VOLCIC; ANDREJEVIC, 2016, p. 1).

Para Graeme Turner (2016, p. 20), pensar a partir dessa proposta é relevante em razão de a “indigenização da modernidade” ser especialmente problemática na era da globalização do mercado, posto que, na prática, “the process of modernization has become indistinguishable from the process of marketization”, e que isso é particularmente perceptível em países em desenvolvimento e, de forma ainda mais óbvia, em nações com uma história socialista.

Those countries who wish to resist such a naturalized identification between a Westernstyled market economy and the aspiration toward modernization, but who still want to become globally competitive economically, have a bit of work to do in order to deconstruct that tripartite identification and propose alternative formations of modernity for themselves **as a means of maintaining their political independence, defending their own cultural values, or regulating the social and political power of the market**. Little wonder, as Kraidy says, that ‘debates over the meaning of modernity are heated in the non-West.’ As he goes on to say, this is ‘because, on the one hand, “modernity” conjures up social progress, economic growth, individual emancipation, or cultural modernism,’ but on the other hand it threatens to generate ‘cultural decline, loss of authenticity, and economic dependency. Completing these discussions is the widespread belief that modernity is incapable of shedding its Western ethos’ (2014, p. 43). The strategy Kraidy identifies as the means through which these contradictions are negotiated is the imperative to produce what he calls ‘multiple modernities’ (TURNER, 2016, p. 20, grifo meu).

Entendo que o governo Cubano percebe cada vez mais a necessidade de fazer uso dos meios de comunicação – e de forma atrativa – como forma de “educar” o público em relação ao processo de “atualização do socialismo” e reforçar a sua “condição singular”, negar que se trata de uma rendição aos ditames do mercado global. Por isso, lançar mão da produção de reality shows, por exemplo, pode ser movimento que faz parte de uma estratégia para, além de atrair e concentrar a audiência (cada vez mais pulverizada), valorizar a história/cultura local e sinalizar quais são algumas das novas “competências” necessárias para uma adequação às mudanças.

Mas, nesse processo pedagógico, produtos midiáticos importados também podem ser úteis. Entre eles as telenovelas brasileiras, que deduzo, são

relativamente inofensivas (ideologicamente) aos olhos do Estado – afinal, há mais de 30 anos circulam por lá –, mas carregam em si mensagens que, no atual contexto ilhota, podem ser úteis tanto para legitimar as decisões tomadas pelo Partido, como para contribuir no processo de “mudança de mentalidade” (e comportamento, por consequência) em diversos campos da vida social.

Minha hipótese baseia-se muito em uma série de documentos oficiais cubanos relacionados às políticas econômica e social da nação, como por exemplo, os *Lineamientos para el período 2016-2021*. No documento, no que se refere às *gratuidades e subsidios*, descreve-se como objetivos:

147. Continuar, en correspondencia con la situación económica del país y los ingresos de las personas, el proceso de eliminación gradual de gratuidades indebidas y subsidios excesivos, bajo el principio de subsidiar a las personas necesitadas y no a productos.

148. Dar continuidad a la eliminación ordenada y gradual de los productos de la libreta de abastecimiento, como forma de distribución normada, igualitaria y a precios subsidiados.

O texto obviamente não anuncia o fim da universalidade de serviços fundamentais – aí uma diferença básica em relação a uma proposta neoliberal - mas preanuncia a necessidade de racionalizar recursos e a necessidade de suprimir alguns benefícios sociais, dentre os quais um símbolo nacional, que é a Libreta de abastecimento. Em outro documento, *Conceptualización del modelo económico y social cubano de desarrollo socialista* (2017, p. 45, destaques meus), isso fica ainda mais claro:

Se logra que los servicios sociales sean prestados con calidad **y sin igualitarismo, a partir de los principios de equidad y justicia social**. Estos servicios son perfeccionados y ampliados en la medida de las capacidades y posibilidades del desarrollo del país. El Estado garantiza el derecho de todos a acceder gratuitamente a los servicios de educación y salud, con estándares de calidad internacionalmente reconocidos. **Asimismo, determina puntual y centralmente aquellos servicios complementarios que se pueden ofrecer, mediante cobro, a quienes los demanden por razones que no respondan a necesidades básicas o fundamentales.**

Já em Acepção de algunos términos utilizados en la conceptualización del modelo económico y social cubano de desarrollo socialista y en las bases del plan nacional de desarrollo económico y social hasta el 2030 (2017, p. 34, grifo meu), descreve-se:

En los principios revolucionarios cubanos la justicia social va intrínsecamente acompañada de la equidad, la cual enlaza el proceso de desarrollo económico y social a políticas públicas que proporcionan un tratamiento diferenciado a los casos distintos y un trato igual a los casos iguales; con las consiguientes medidas de apoyo a los grupos y personas en desventaja estructural o coyuntural, para promover el desarrollo de las capacidades personales y colectivas en dirección a la superación de las brechas sociales y toda forma de exclusión y marginalidad. De este modo, el concepto de equidad social se refiere al equilibrio igualdad/desigualdad **a fin de disminuir las brechas de desigualdades sociales extremas**. Por su naturaleza, la equidad constituye un pilar esencial del modelo de desarrollo económico y social, alrededor del cual se articula el consenso sociopolítico. En consecuencia, la equidad es comprendida e implementada de forma multidimensional, no solo en relación con la distribución del ingreso, sino también asociada a: la igualdad de oportunidades y derechos para todos los grupos sociales en cuanto a la satisfacción de necesidades, y la oferta de mayores oportunidades a los grupos que presentan algún tipo de desventaja que limite o impida el aprovechamiento de las oportunidades existentes. **Significa conjugar la igualdad de oportunidades con una diversidad de opciones para su realización.**

Nas reformas que estão em andamento, já se reconhece abertamente, o problema da ampliação de desigualdades sociais em Cuba (e a irresolução de desvantagens historicamente conhecidas, como as de raça e gênero), mas, também, que algum grau de desequilíbrio é entendido como um “mal necessário”, ou, pelo menos, “suportável”. Essa perspectiva se reproduz nas conversas com meus entrevistados, às quais retomarei em seguida. Antes, vale a pena reproduzir uma declaração do economista Omar Everleny Pérez, considerado por muitos como um dos pais das novas medidas econômicas – ao *Le Monde*:

Sí, hay gente que va a perder con las reformas. Sí, hay gente que va a estar desocupada. Sí, las desigualdades van a aumentar”. Dicho esto, prosigue, “[Esas desigualdades] ya existen: lo que tenemos hoy es una falsa igualdad. Lo que hay que determinar ahora es ‘quién **merece** realmente estar más arriba”. (LAMBERT, 2015, p. 37, destaque meu).

A ideologia meritocrática, ironicamente, avança em Cuba e é amplamente “abraçada” pelos meus entrevistados, como veremos no próximo capítulo, estimulada pelo que eu defino como “leituras equivocadas” da realidade (desigualdade) social ilhota na contemporaneidade. Isso se traduz, por exemplo, na adoção de uma frase de Marx – que é amplamente conhecida e repetida em Cuba – que, “fora do lugar”, parece validar as desigualdades: “¡De cada cual, según sus capacidades; a cada cual, según sus necesidades!” (MARX, 2008, p. 17). O problema (?) é que Marx fazia referência à “fase superior de la sociedad comunista”,

de que Cuba ainda está bastante longe.

7 PÁGINAS DA VIDA

Minha pretensão (sim, este é o termo correto) neste capítulo é fazer uma aproximação entre a realidade cubana e a ficção brasileira. Assim, procuro fazer uma síntese de reflexões de meus entrevistados a respeito do contexto em que estão inseridos e as suas leituras a respeito das telenovelas tupiniquins, especialmente no que diz respeito aos temas da desigualdade e da meritocracia, ao mesmo tempo em que trato do papel do “consumo” nessa relação.

7.1 A DESIGUALDADE EM CUBA

Autores como Pedro Monreal, Carmelo Mesa-lago e Mayra Espina Pietro tecem críticas, em seus trabalhos, à invisibilidade “formal” da desigualdade cubana. Em outras palavras, consideram que, em razão da falta de levantamentos a respeito do tema, mesmo versar sobre ele na Ilha é um exercício que inclui “tatear no escuro”. Uma das implicações dessa falta de clareza sobre o desenrolar da vida na Ilha pode ser a naturalização de novas desigualdades, bem como o reforço de velhas e nunca extintas – incluindo, por exemplo, as de gênero e raça.

Com relação à meritocracia, tema a que dei destaque ao longo de trabalho por considerá-la a principal ideologia a serviço da hegemonia neoliberal, me surpreendi com o fato de todos os entrevistados externarem posicionamentos que a reforçam como “positiva”, quiçá “necessária”, no sentido de o país como um todo alcançar desenvolvimento, bem como para fazer “justiça” em termos de (re)distribuição de recursos. A “anulação” dela seria, ao contrário de um ganho, uma “afronta” à possibilidade de desenvolvimento em nível pessoal/individual: a estrutura engessada impediria uma dinâmica – competitiva – que recompensaria, adequadamente, a cada cidadão.

São evidências disso as frequentes declarações que remetem a um sentimento de frustração resultante do fato de o “esforço” na busca por aprimoramento/capacitação por meio da educação (aumento do capital cultural), por exemplo, não se converter necessariamente em mais capitais econômico e/ou social (status, prestígio) por aqueles que se autoavaliam como sendo os que “mais dão retorno à sociedade”.

Essa noção, no entanto, reflete um outro “problema”: a maioria ignora

(consciente ou inconscientemente) existirem “pontos de partida” – cada vez mais – desiguais no cenário cubano, ou pelo menos os consideram irrelevantes para explicar condições de penúria. As razões apontadas pela maioria dos meus entrevistados para justificar as crescentes disparidades remetem, por um lado, à ineficiência do Estado e, por outro, ao comportamento “irracional” de pessoas de camadas mais baixas, que cometem “equivocos de prioridades”, ou seja, são julgadas tanto pela sua indisposição ao trabalho – que seria alimentada pelos benefícios sociais oferecidos pelo regime e fazem de Cuba um dos únicos países onde se é “possível viver sem trabalhar”, como mencionaram Anita, Marta, Rita, Ester – e pela sua inaptidão a fazer escolhas “certas” – “gastam o dinheiro em bobagens em lugar de buscar melhores condições de vida”. Quanto a este último aspecto, é interessante ressaltar que o discurso “a favor” da meritocracia é mais forte entre aqueles que, dentre meus entrevistados, gozam as melhores condições de vida, o que denominei como “classe média alta”. Há nisso um jogo – mesmo que inconsciente – de legitimação de suas “melhores condições”, que teriam sido conquistadas graças aos esforços individuais em favor, no fim das contas, “do desenvolvimento coletivo”. Um caso emblemático é o de Anita. Ela, particularmente, recebe uma pensão de apenas 220 pesos cubanos (10 dólares), quantia que todos reconhecem ser insuficiente para viver com um mínimo de tranquilidade em Cuba. A “ironia” reside no fato de ela ser uma das entrevistadas que mais questionou a noção de “igualitarismo” e frequentemente reforçava a ideia de que “os cubanos ficaram mal-acostumados a receber tudo de graça, o que foi um erro do Estado”. No entanto, a casa onde vive foi um presente do governo cubano ao seu esposo, em retribuição aos anos de trabalho em prol da revolução. Amplo, é o imóvel quem garante a ela e ao esposo uma “comodidade acima da média”, posto que têm condições de alugar o pátio para festas, bem como de destinar três habitações para hospedar estrangeiros.

Há uma “crença”, entre meus entrevistados, de que o acesso universalizado e gratuito à educação, por exemplo, assegura as mesmas oportunidades para todos, cabendo a cada cidadão, individualmente, simplesmente optar por fazer ou não uso dos recursos disponíveis. Por isso, pode-se deduzir, o crescimento da pobreza em Cuba acaba sendo pouco “chocante” e/ou problematizado para/pelos participantes da pesquisa – e até onde pude constatar, pela maior parte da sociedade ilhota. Por exemplo, quando eu questionava sobre as suas impressões a respeito do

contingente – especialmente de idosos – que está na rua dedicando-se a pedir esmolas, não poucas vezes sinalizavam entender que se tratava de pessoas que o faziam por opção, ou, pior, por “oportunismo” (leia-se, tirar dinheiro de turistas). Sobre o *jineterismo* (prostituição), a maior parte dos entrevistados se posicionou de forma “envergonhada” em relação ao tema, e prevaleceu um discurso “moral” de que “sempre há um outro caminho” possível que não o da venda do sexo. Dessa forma, “these discourses displace *jineterismo* into a domain of culture or morality, averting attention from indications that social marginality can be understood as a product of social structures and processes” (GARCIA, 2010, p. 186).

A mesma lógica vale para momentos em que comentei sobre o crescente número de pessoas dormindo em bancos de praça (mais frequentemente durante o dia), que alguns atribuíram ao “alcoolismo”, como se o vício também fosse simples resultado de eleições pessoais. Quando eu conversei com Anita sobre o documentário “*El tren de la línea norte*”³⁷ e o quanto ele havia me deixado surpreso e abalado, ela prontamente tratou de “iluminar-me”: “pode haver problemas, mas é preciso sempre lembrar que muita gente ficou mal-acostumada e só quer ganhar as coisas de mãos beijadas. Nós queremos e devemos buscar a igualdade, mas não o igualitarismo”, sentenciou, reproduzindo a acepção presente nos documentos e discursos oficiais sobre o que significam “desigualdades ilegítimas”:

Se refiere a aquellas diferencias, brechas, situaciones objetivas y subjetivas de carácter individual o colectivo que persisten, se reproducen históricamente, o se presentan de manera coyuntural o por violaciones en el proceso de la vida social, en cuanto a condiciones de vida, oportunidades de crecimiento, desarrollo y ejercicio de los derechos y deberes ciudadanos, **no provenientes ni asociadas** a la aplicación del principio de distribución según el trabajo aportado, la capacidad, **el mérito proveniente de las actitudes y servicios prestados a la sociedad**, el trato equitativo **no igualitarista** y demás derechos reconocidos y protegidos por la ley y las normas de la moral. (PARTIDO COMUNISTA DE CUBA, 2017, p. 35)

Favorece a leitura (aparentemente) “dominante” em relação ao tema da

³⁷ Trata-se do documentário de 80 minutos dirigido pelo cubano Marcelo Martín, ambientado na província de Ciego de Ávila. Os realizadores a atravessam a bordo do “Carro de Puertas” (um trem de apenas um vagão que funciona na região), partindo de Morón, uma cidade próspera em razão de sua proximidade em relação aos Cayos Coco e Guillermo, que atraem turistas de todo o mundo. No filme, são feitas paradas para mostrar a realidade de comunidades “esquecidas”, como a (com o sugestivo nome de) Falla, de onde desapareceram os campos de baseball, os cinemas e indústrias em razão de problemas econômicos, inserindo a população numa maçante e deprimente rotina, normalmente “suportada” a doses de rum.

meritocracia a falta de dados concretos e abrangentes sobre a atual situação de disparidade social no país caribenho, bem como a escassez de análises (e de divulgação ampla das existentes) sobre as suas causas e consequências. Assim, os juízos podem estar sendo formados com base em impressões gerais, num senso comum explicitado em afirmações de meus entrevistados de que “não há ricos-ricos”, assim como também não existem “pobres-pobres”. Como ponderou Ronsini, em uma das discussões sobre este trabalho ao longo de sua elaboração, aparentemente inverte-se a famosa frase de Margareth Thatcher, que de “não existe essa tal sociedade”: a falta de discussão sobre as desigualdades cubanas parece anular a existência de indivíduos: Cuba aparece como uma “nação”, um bloco sem subjetividades.

Essa leitura sobre a realidade social justifica-se: foi (con)formada ao longo de várias décadas, nas quais, de fato, Cuba logrou reduzir substancialmente as desigualdades sociais por meio do nivelamento salarial, do pleno emprego e do abastecimento subsidiado de uma ampla cesta de produtos. Essa maneira de ver o mundo continua presente em discursos (oficiais ou não). Assim, é possível entender porque, sem qualquer amparo “científico”, meus entrevistados ainda não perceberem como “sério” o problema da desigualdade – o que corrobora, indiretamente, a falácia de que não existem classes sociais na Ilha.

Existem ricos em Cuba? Ricos, ricos? Milionários? Talvez tenha um ou outro, mas não há uma diferença tão grande. Talvez os políticos... não existem políticos passando necessidade. Dirigentes vivendo mal.
(YURISLEIDE)

É possível (e provável até) que o país realmente ainda goze o privilégio de registrar o maior “equilíbrio” na balança social na região. Um dos sinalizadores disso, entendo, é a segurança pública: em Cuba pode-se caminhar com tranquilidade, característica altamente valorada pelos participantes da pesquisa. Outras conquistas palpáveis, verdadeiros patrimônios nacionais, ajudam a corroborar a hipótese de a nação ser a (aparentemente) menos desigual dentre as em desenvolvimento no continente Americano, como a ausência de desnutrição infantil severa ou, na área da saúde, o incrível dado de 4 mortes para mil nascidos. Mas isso permite aventar uma hipótese, e não a confirmar. Pela contrário, pode contribuir para reforçar o discurso que, pelo menos oficialmente, é o “inimigo”: o capitalista neoliberal.

Isso porque contemporaneamente crescentes disparidades nos salários (seja por vias legais ou informais), “vulnerabilidade” no emprego (com o fechamento de postos no âmbito estatal e ampliação da mão de obra contratada por agentes privados) e redução da cesta básica oferecida a preços irrisórios, estão a alterar/complexificar profundamente a estrutura social ilhota. A tendência de uma população “minimizar” o problema da desigualdade é comum em vários países capitalistas, inclusive naqueles onde ela se apresenta em graus severos. Isso decorre justamente da ignorância sobre as reais condições em relação ao tema.

O Brasil, por exemplo, ano após ano aparece no topo das listas de nações com as maiores brechas sociais do planeta. No entanto, o levantamento intitulado *Os Perigos da Percepção*, de 2017, conduzido simultaneamente no País e em outros 37, revelou que os tupiniquins são vice-líderes em “incorreção” na leitura sobre as distâncias que separam as classes sociais em seu contexto. Ou seja, percebem que existem hiatos, mas entendem que ele não é “tão grande assim”.

Danilo Cersosimo (apud OLIVEIRA, 2017), diretor da Ipsos Public Affairs, responsável pela pesquisa, ressaltou, com toda a correção, que isso faz com que o cidadão fique vulnerável a qualquer tipo de discurso e informação que não necessariamente seja correta a respeito do tema. Mais do que isso: nessa condição o cidadão torna-se mais receptivo a “modelos de vida ideológicos” como é o neoliberal, por não perceber a vinculação entre ele e o problema social, acreditando que há uma via para a solução mesmo sem uma mudança na estrutura e/ou políticas sociais. A subestimação das desigualdades sociais, ou seja, seu dimensionamento “incorreto”, tem como resultado o fato de que “uma parcela grande da sociedade não consegue se localizar na pirâmide social nem perceber o tamanho da **concentração** de renda e riqueza que existe no país” (OXFAM BRASIL, 2017, p. 4, destaque meu).

No caso cubano, hoje, com as estatísticas disponíveis não há condições nem mesmo de medir o Índice Gini de forma confiável. E sem esse tipo de informação torna-se simplesmente impossível ir além da “intuição” sobre o que está se passando no país. Se o crescimento da desigualdade é visível a olho nu, como indicam os participantes da pesquisa, pouco (ou nada) eles sabem sobre em que pé ele está (é grave? Não é grave?), para onde tende a ir, por que razões e/ou ainda, em que ritmo. Dessa forma, oculta-se, intencionalmente ou não, que “la desigualdad casi nunca es un accidente social y, generalmente, se construye desde el poder:

desde el poder económico y desde el poder político” (MONREAL, 2015). E fique claro, esses “poderes” não são necessariamente nacionais.

Por exemplo, há uma tendência de veículos de comunicação contrários ao governo criticarem abertamente, em âmbito local ou mundial, qualquer interferência das autoridades cubanas sobre o setor *cuentalpropista*, o que estaria impedindo-o de voar livremente em direção à prosperidade. É uma retórica fácil de engolir se não são apresentados argumentos concretos para justificar essas ingerências. Numa palestra que acompanhei na Universidad de Oriente, conduzida pelo economista cubano Juan Cordovi, um dos ouvintes elaborou uma questão justamente sobre o tema e colocou os empreendedores privados numa posição de “vítimas”, em razão de eles não contarem com um mercado atacadista para abastecerem seus estoques e conviverem com mudanças de humor do Estado. Na sua resposta, Cordovi, que é abertamente um crítico da burocracia estatal, ressaltou que os *cuentalpropistas* enfrentam dificuldades, mas por outro lado, também têm “facilidades” que os tornam muito mais competitivos – e lucrativos – do que os estabelecimentos estatais: por exemplo, enquanto uma empresa pública precisa fazer todo um processo de licitação para substituir um equipamento queimado de uma de suas cafeterias, o empresário pode simplesmente mandar buscar, no dia seguinte, a peça dentro ou fora do país. Em suma, o argumento é que, em alguns momentos, por falta de transparência do Estado a respeito de como as coisas são ou funcionam, acaba sendo automaticamente alçado à condição de “vilão”, de “entrave” para o desenvolvimento. De fato, ele pode ser muitas vezes ineficiente. Mas isso está longe de convertê-lo, instantaneamente, em “injusto”. O Estado cubano já deu várias demonstrações de que não quer facilitar o aparecimento de “milionários” no País, o que poderia ser uma justificativa importante para a adoção de medidas no sentido de frear a concentração de recursos nas mãos de poucos. Mas, como não há informações – ou pelo menos um secretismo em torno delas – a respeito, trata-se de apenas mais uma hipótese. Se for esse o caso, seria importante também haver mais transparência sobre como e quem decide sobre a alocação de recursos e realização de investimentos. Caso contrário, a ideia de que o dinheiro que não vai para o bolso dos *cuentalpropistas* pode ir parar nos bolsos de “privilegiados” (leia-se, agentes do Estado), acaba crescendo. Ao mesmo tempo em que se referem ao fato de não existirem classes muito abastadas na Ilha, muitos de meus entrevistados afirmaram que não existe “político” pobre em Cuba.

Tudo isso reforça a pertinência da defesa, feita por muitos pesquisadores como Acanda, sobre a necessidade de uma ampliação da participação dos ilhéus nos debates sobre os rumos do país e de descentralização das tomadas de decisão como forma de engajar o público em torno da manutenção do socialismo cubano. A inabilidade do Estado em lidar com este tema tem consequências importantes. Uma das mais salientes é o fato de ser desperdiçado todo um pensamento crítico construtivo em relação ao regime: meus entrevistados em nenhum momento fizeram oposição ao socialismo como projeto possível e/ou desejável de modernidade. Ao mesmo tempo, poucos parecem compreender o que é o socialismo. O que inclui, por exemplo, a propriedade “coletiva” dos meios de produção. Lembro-me que em 2009, a caminho do aeroporto para embarcar para o Brasil, eu conversei com o taxista sobre a sua profissão na Ilha. Ele reiterou, diversas vezes, que o carro não era dele, mas do Estado. Eu retrucava: “se é o do Estado, é seu também, não é?” Ele insistia em dizer que não, que eu não estava entendendo o seu argumento. “Eu não tenho carro, fico com uma parte dos ganhos, que é o salário, mas o carro não é meu”, insistia. Em outra ocasião, eu trocava ideias com o responsável por um Centro Cultural em Santa Clara, onde acabara de acontecer um show com bandas de rock locais, que faziam uso da aparelhagem de som do Estado. No caminho ele reforçava que pessoalmente nada tinha contra o regime, mas que desejava ter um negócio dele, gerir as coisas do seu jeito. Eu questionei sobre se não era justamente o diferencial do Socialismo o fato de os bens públicos serem de uso coletivo, e se a sua “vontade” não reproduzia justamente uma mentalidade “capitalista”, de que todos somos empreendedores individuais eficientes, e que isso leva à desagregação, a fragmentação de um projeto coletivo. Evidentemente, é uma discussão sem fim. Mas qualquer um dos dois exemplos evidencia a “impossibilidade” ou “incapacidade”, em relação a um entendimento de “propriedade coletiva”. Há uma clara separação entre o que é “meu” e o que é do “Estado”, o que se justifica, evidentemente, em razão de alguns problemas – como a falta de recursos em uma casa, por exemplo – demandar encontrar soluções “privadas” para a sua solução.

Ademais, essa contradição estressa outra característica facilmente perceptível nos discursos de meus entrevistados: a de criticar e abraçar o regime ao mesmo tempo. Talvez seja outra manifestação já inconsciente. Parece ter sido incorporado um receio de ser taxado de “dissidente” que inibe, ainda que

inconscientemente, que façam manifestações públicas de descontentamento com coisas que entendem estarem erradas. Como já ressaltaram pesquisadores como Ruiz (2006) e Marchi (2010), isso se traduz “en la estructura de la retórica de muchas personas que en contextos determinados, antes de expresar cualquier desacuerdo se ven en la necesidad de anteponer todo un panegírico argumentativo de su filiación revolucionaria” (RUIZ, 2016, p. 190).

No caso da minha pesquisa, isso, entendo, se potencializava em razão de minha condição de estrangeiro. Especialmente em Havana, senti uma desconfiança por parte dos participantes sempre que sentiam que a conversa estava se direcionando mais para o campo da política *stricto sensu*. Marta, por exemplo, no meio da entrevista, me disse que se sentia confortável para falar comigo porque meu trabalho era sobre “entretenimento” e não sobre posicionamentos ideológicos. Evidentemente, ela errou, e feio, em sua avaliação, mas isso foi de alguma forma importante porque ela externou suas leituras de forma espontânea e, conforme fomos ampliando a nossa afinidade, ela mesmo tratou de eliminar a artificial fronteira que tentou estabelecer entre uma discussão sobre “telenovela” e “ideologia”. O distanciamento – ou a sensação de que isso ocorre – entre o Estado e a “sociedade” acarreta uma característica comum hoje na quase totalidade dos países espalhados pelo planeta: a profunda desvinculação do “povo” em relação ao debate sobre a “grande política” (gramscianamente falando).

Em outras palavras, há a sensação de que não importa o que for dito, a decisão sobre os destinos de Cuba – para bem ou para mal – serão tomadas em uma instância em que a voz do povo não necessariamente será “ouvida”. Os únicos participantes que se mostraram realmente motivados a participar das eleições que aconteceram em 2017 e 2018 foram idosos, cujos vínculos com o processo revolucionário são “orgânicos”. Não à toa, são eles também os que sempre, invariavelmente, fazem questão de relatar suas “ações” em prol do socialismo, de exibir suas medalhas e diplomas recebidos em razão de seu envolvimento em atividades como a campanha de alfabetização ou “atuação destacada” em sua área. O interessante é que todos os maduros e jovens de alguma forma participam de organizações como os CDRs, a Juventude Socialista, etc., mas isso, especialmente entre os integrantes das gerações mais recentes, muitas vezes é motivado por um sentimento de “obrigação” (para não ser “mal visto pelos outros”), e não como uma estimulante forma de participar da vida do país. A própria forma como os

entrevistados referem-se às mudanças em marcha em Cuba revela esse prejudicial distanciamento. Ao longo de 2010, os *Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución*, por exemplo, “fueron sometido a debate, siendo respaldado por la mayoría de los ciudadanos; reformulándose a partir de las propuestas realizadas por éstos, en un proceso democrático de amplia participación popular” (Formento, 2017). No total, foram realizadas

163 mil 79 reuniones, con 8 millones 913 mil 838 participantes” para discutir o documento e necessidades de alterações nele.[...] Se realizaron 3 millones 19 mil 471 intervenciones, que se agruparon en 781 mil 644 opiniones. Más de 395 mil opiniones fueron aceptadas e incluidas en la reformulación de los Lineamientos; unas 210 mil correspondieron a acciones de la implementación; más de 65 mil fueron dudas o preocupaciones que se esclarecerán mediante los programas de divulgación; otras 62 mil opiniones se refirieron a temas que ya estaban contenidos en diferentes Lineamientos y aproximadamente 50 mil no fueron aceptadas o se continuarán estudiando en etapas posteriores. (PARTIDO COMUNISTA DE CUBA, 2011, p. 3)

A participação popular fez com que das 291 propostas inicialmente formuladas pelo governo, apenas 94 fossem mantidas em sua versão original. Mas essa importante característica simplesmente “desaparece” nas falas de meus entrevistados, em que fica claro o seu entendimento de que, no final das contas, é ele (o Estado), e não “nós” (a sociedade civil) cubana, quem bate o martelo, ou seja, o responsável por erros e acertos na condução do país. Aliás, pouca gente parece interessada em analisar o que são os lineamentos.

Voltando à questão da desigualdade, se ela se torna “opaca”, ou um “senso comum”, o risco é enorme de ela acabar “naturalizada” como um mal esperado/necessário em razão das mudanças em marcha na política econômica cubana, o que está longe de ser uma relação de causa-efeito obrigatória.

Una desigualdad que es intuitiva, pero que no es medida, no puede ser la base de una investigación social abarcadora sobre el tema. Ya lo he dicho antes, pero me parece importante insistir en que la carencia de investigación favorece el ascenso de una noción que no tiene fundamento científico, como la de afirmar que la desigualdad puede ser beneficiosa para el crecimiento económico, algo que en época reciente ha sido cuestionada, incluso, por aquellos que, como el Banco Mundial y el Fondo Monetario Internacional, las promovieron anteriormente. A estas alturas debería quedar claro que esa es una noción ideológica, no científica. (MONREAL, 2015)

Se não se conhece nem a sua cara, nem o seu tamanho e nem se continua

ou não a crescer, não há condições para o cidadão ou o Estado definirem seu grau de tolerância em relação aos hiatos sociais e nem de estabelecerem uma “meta” em relação ao problema. E, principalmente: o desconhecimento de causa não permite avaliar os projetos em andamento e nem em que medida eles estão ou não abrindo, de fato, novas possibilidades para o futuro de – e em Cuba. Quando meus entrevistados (a) diziam acreditar que dentro de dez anos estariam em condições de vida – trabalho, moradia, etc. – parecidas com a de hoje; (b) atribuíam alto grau de importância à emigração (suas ou de parentes) como forma de ascensão social, ou, ainda, (c) sua pouca “fé” em que seu voto é capaz de mudar a realidade do país, estavam indiretamente assumindo que não tinham nenhuma noção sobre se as coisas estão melhorando ou piorando em Cuba, bem como nenhuma perspectiva – ou intenção? – de participar efetivamente do “projeto de país”. O tema “viagem ao exterior” é constante na vida dos cubanos que, aparentemente, vêem nesse deslocamento geográfico a chance de alcançar sucesso na vida, razão pela qual estão dispostos ao sacrifício de fazê-lo, que pode ser maior ou menor, mas sempre é doloroso tanto para quem fica como para quem vai (não raras vezes submetendo-se a condições precárias/desumanas de trabalho).

La migración calificada y en particular de profesionales continúa en incremento a partir de factores no solo externos –políticas de atracción a ciertas categorías de profesionales diseñadas desde países desarrollados, como Canadá y también algunos del Sur, por ejemplo Brasil y Ecuador–, sino también de carácter endógeno, relacionados con la ausencia de adecuadas políticas, o la imposibilidad económica de su aplicación, para la atención a determinados sectores en el país, con sus consiguientes efectos sobre las condiciones de vida y de trabajo de buena parte de ellos, que propician su éxodo. Preocupación especial reviste la contradicción no resuelta entre la formación de un capital humano altamente desarrollado en Cuba, y as consecuencias negativas que se derivan de la migración de buena parte de esos profesionales para el desarrollo socioeconómico de nuestro país. Y no solo de los profesionales, sino también de los jóvenes cubanos que residen por períodos prolongados o definitivamente en el exterior, restando efectivos a la población económicamente activa al tratarse de personas en edad laboral que constituyen la fuerza necesaria fundamental para acometer los planes de desarrollo económico y social. Se impone repensar cómo utilizar el capital cultural (talento) de los emigrados en función del desarrollo socioeconómico de Cuba. (DÍAZ et al., 2017, p. 47)

Essa evasão de capital humano – especialmente daquele mais qualificado – em nada contribui com o desenvolvimento da sociedade cubana como coletivo e, por outro lado, reforça o (advento do) “individualismo” como recurso cada vez mais mobilizado para solucionar problemas (próprios ou familiares). O ideal de assumir as

rédeas da sua própria vida de forma “livre” de amarras (estatais ou estruturais) apareceu altamente valorizado nas entrevistas. Yurisleidi, por exemplo, disse almejar “um país em que ela possa conquistar as coisas por si mesmo, por meio do seu próprio esforço, sem precisar receber nada de ninguém”. Da mesma forma, Raíssa dizia estar consciente de que obter sucesso não é fácil em nenhum lugar do mundo, mas perceber que em outras nações – que ela conhece apenas indiretamente, via mídia ou contatos com quem já viveu fora – havia mais oportunidades “para poder correr atrás das coisas sozinha, fazer valer o meu esforço próprio”.

Como diz Monreal (2015),

la pobreza y la desigualdad ya han estado produciendo, entre otros males, fenómenos de anomia social, escapismo, transgresión, emigración y desmovilización política en el país. Eso no es una posibilidad abstracta que pudiera ocurrir o no en Cuba, sino una realidad que padecemos desde hace algún tiempo. [...]Una gran parte de la población cubana ha sufrido la arremetida de la desigualdad durante demasiado tiempo y no es realista asumir que esa parte de la población se sienta inclinada a apoyar un programa político que considere una acrecentada desigualdad social como el estado normal de las cosas.

Há outra consequência associada à percepção equivocada sobre a desigualdade: isso ofusca o papel de outras variáveis que definem as possibilidades de acesso a melhores condições de vida, como as discriminações de gênero e raça. Com relação ao preconceito de cor, a Revolução prometeu eliminar qualquer discriminação deste tipo em Cuba, e de fato, investiu esforços para isso, executando campanhas nacionais mas, principalmente, ao garantir “iguais oportunidades” a todos os ilhotas sob o regime socialista.

A partir de 1959 se trató de acabar con la diferencia de clases, y para ello se concedieron los mismos derechos y se otorgaron las mismas posibilidades –de acceso a los estudios, a la sanidad o al trabajo– a todos los cubanos sin importar su raza. De esta política se beneficiaron todos por igual, a pesar de que el punto de partida de unos y otros en 1959 no era el mismo, es decir, que no todos necesitaban la misma ayuda para subsanar sus desigualdad (BERZOSA, 2012, p. 76)

Quase a totalidade de meus entrevistados afirmou não “existir racismo” em Cuba, mas depois acabou recuando: “acontece, mas é raro”. Yanca foi a única que, de pronto, disse haver, sim, discriminação por cor e que sentiu isso inclusive no ambiente de trabalho. Débora, por sua vez, relatou os comentários extremamente racistas que sua sogra tecia quando ela estava por perto (a entrevistada casou-se

com um homem branco), mas que “nunca se sentia ofendida enquanto negra, porque sabia que o problema era outro” (ciúmes maternos).

Fiz questão de reproduzir a fala de Débora porque ela traduz um “acordo informal” perceptível em Cuba: os brancos dizem que não são racistas, e os “não brancos” fazem de conta que acreditam nisso. A visão estreita sobre o tema contribuiu para isso. Aparentemente, racismo só acontece de forma visível, verbalizada. Especialmente em Santiago, em razão da maior presença de negros e mulatos, mas também em Havana, isso se revela muitas vezes durante as conversas. Por exemplo, Enio, quando comentava sobre comportamentos que ele julgava inadequados de alguns de seus vizinhos (como ouvir música em alto volume, beber rum na rua, etc.), não poucas vezes concluía sua fala com “ele é...” seguido de um esfregar de dedos contra a pele. Como há, de fato, uma interação racial intensa, e um verdadeiro bem-querer entre muitos amigos de cores diversas, acaba-se por acreditar que esse tipo de “expressão” “não tem nada demais”. Mas elas deixam claro que a “celeridad con la que el gobierno revolucionario actuó para establecer la igualdad entre las razas” não foi suficiente para “que se pasase por alto un hecho fundamental: no pueden considerarse iguales quienes históricamente nunca lo fueron” (BERZOSA, 2012, p. 76). Ou seja, a importante vontade de eliminar o racismo por meio da promoção de uma “igualdade por decreto”, anulou o debate sobre o tema por vários anos. Chegou-se ao ponto de, em 1986, ser publicado o livro *El problema negro en Cuba y su solución definitiva*, de Pedro Serviat (1986) “en el que se argumenta la inexistencia del racismo en Cuba y su imposibilidad de resurgimiento bajo las condiciones del socialismo” (Prieto, 2009, p. 93). Com isso, negligenciou-se a necessidade de desenvolver programas/políticas direcionadas a eliminar, de fato, os *gaps* historicamente constituídos.

Ya a finales de esta década y fundamentalmente a principios de los 90, comienzan a desarrollarse un grupo importante de investigaciones, en particular las iniciadas por el Instituto Cubano de Antropología sobre la problemática de las relaciones raciales en Cuba. Los resultados finales de estas investigaciones fueron presentados a la comunidad científica. En ellas se constató la persistencia del racismo en Cuba —a pesar de las condiciones creadas para limitar su ejercicio—, no sólo como herencia, sino también como fenómeno asociado a las brechas que fue dejando la Revolución en este sentido y que en las condiciones de crisis en que se vio envuelto el país en los '90, se reproducen y se generan nuevos focos de irradiación del prejuicio racial y de la discriminación, en diferentes escenarios de la sociedad cubana. (PRIETO, 2009, p. 95–96)

O racismo se manifesta em mais dificuldades de acesso a trabalhos em setores vantajosos. De acordo com Fuente (2011, p. 33) “it is clear that racial inequality is significantly larger in the non-state sector than in the less competitive state sector. Blacks are grossly underrepresented in joint-venture firms and tourist facilities, where it is possible to earn hard currency”, o que não pode ser explicado, por exemplo, por uma diferença de nível educacional. Também emerge de forma “pitoresca”. Em Santiago, aprendi que quando uma mulher negra se casa com um branco, costuma-se dizer que ela está “adelantando la vida”. Ou, ainda, que uma pessoa de cor bem-sucedida é “un blanco quemado”. Ou seja, essas “brincadeiras”, como dita a sabedoria popular, “têm um fundo de verdade”, confirmado em pesquisas recentes sobre as possibilidades de mobilidade social ascendente na Ilha: brancos têm mais chances de “subir na vida”. Assim, se para um estrangeiro é gratificante – e motivo de inveja – ver a massiva presença de negros nas Universidades cubanas, por exemplo, o racismo definitivamente não foi superado. Felizmente, ele voltou ao debate – público e acadêmico – o que amplia as possibilidades de, se não o liquidar “culturalmente”, pelo menos evitar uma progressão das desigualdades vinculadas ao tema da cor.

Também as mulheres encontram mais dificuldades que os homens para ascenderem socialmente, a despeito de todos os esforços em contrário e avanços conquistados após a revolução. Em 1959, de acordo com Puentes (2007, p. 236) “los oficios de maestra, secretaria, enfermera, y por excelência doméstica estaban reservados para las mujeres”, que tinham participação no mercado de trabalho de apenas 12% e ocupavam “los puestos más difíciles y peor pagados”. Já em 2016, o cenário era bastante diferente: elas representavam 48% de pessoas empregadas no setor estatal, e ocupavam 46% dos cargos de direção. Além disso, eram 66,8% da força de maior qualificação técnica e profissional do país, de acordo com o *Anuario Estadístico de la Oficina Nacional de Estadísticas e Información* (Onei). No que se refere à educação, especificamente, em Cuba há “una población femenina con un 31% de mujeres con nivel medio superior o superior, una población joven con una escolaridad promedio de 11,9 grados, con 72,6% con nivel medio superior o superior, y una proporción de muchachas 10% más alta en esos niveles que sus pares varones, dispone en nuestro país de elevadas capacidades para insertarse laboralmente” (DOMÍNGUEZ apud ACOSTA, 2017). Apesar disso tudo, a maior parte das mulheres cubana – independentemente de trabalharem fora de casa ou não,

continua presa à rotina de “esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque ou na pia”. Nas casas que frequentei, as tarefas domésticas continuam sendo de “natureza feminina”. O cuidado com os filhos, o preparo das refeições, o arrumar as roupas e lavá-las, são atividades muito mal distribuídas entre minhas entrevistadas e seus parceiros – a quem cabe, geralmente, executar “serviço de rua”. As mulheres seguem cumprindo, em muitos casos, jornadas duplas ou triplas, sem qualquer sinal de mudança no que diz respeito à demanda feminista por valorização do trabalho doméstico. Segundo Prieto

las brechas de género se concentran en tres dimensiones: desventajas de empleo, vulnerabilidad y empoderamiento. Todas ellas se expresan en la subrepresentación de las mujeres en la fuerza de trabajo calificada, la disminución del peso de las mujeres a medida que se asciende en el nivel de jerarquía de la dirección, la distribución asimétrica del poder en la dirección de los procesos productivos –donde se advierte casi una exclusión total (Echevarría) – y la sobrerrepresentación en la población pobre. (PRIETO, 2008, p. 139)

Acontece, ainda, que as mulheres estão sendo indiretamente “punidas” pelas reformas econômicas, como as referentes ao *cuentapropismo*, “setor” em que elas são 30%, mas majoritariamente empregadas – e não patroas. Ou seja, ingressam nele mais para “ser trabajadoras contratadas, y menos en actividades más relacionadas con los conocimientos que poseen, a pesar de ser la fuerza técnica más importante del país.” (DÍAZ; ECHEVARRÍA, 2016, p. 65). Isso é reflexo do tipo de atividades autorizadas no setor privado, em que não aparecem aquelas que abrangem pessoas com nível profissional ou técnico, perfil em que se encaixa aproximadamente a metade das cubanas ocupadas, conforme mostram as autoras citadas, mas também outros trabalhos, como o de Sarmiento (2015, p. 117). Essas restrições, no entanto, afetam pessoas de todos os gêneros e acabam sendo mais um fator que desestimula a busca por qualificação educacional/profissional. Se tornar-se um arquiteto garante um emprego no estado, o baixo salário afugenta os jovens em direção a outras possibilidades que melhor remuneram (sejam elas legais ou não) sem exigir a “dedicação” aos estudos – e sem, por outro lado, em muitos casos, proporcionar-lhes qualquer garantia (direitos trabalhistas ou previdenciários).

Prieto e Togores (2012) afirmam que nas pesquisas realizadas em Cuba nos anos 1980 registrou-se uma consolidação

del patrón subjetivo de ascenso a partir de las habilidades y del acceso al trabajo intelectual”, en el que los empleos de médico, ingeniero, profesor universitario y otros se consideraban como la punta de la pirámide en la estratificación, sin importar demasiado el ingreso que se obtenía en dichas profesiones. Esto se explica con base en dos factores. Por un lado, la escala salarial de aquella época ofrecía una relación relativamente directa entre las habilidades y el estándar de vida, porque el criterio principal detrás del salario era la complejidad del trabajo, es decir, los requerimientos en cuanto a educación, conocimientos y capacidad. Por el otro lado, en el contexto del coeficiente de Gini de 0.24, de una tasa de pobreza de 6.6%, de políticas sociales que ofrecían acceso universal a los servicios de salud y educación, y del diminuto papel que desempeñaba el mercado en el acceso a bienes y servicios, las diferencias de ingreso no producían demasiada diferenciación en la sociedad, por lo que perdieron importancia como referente de la movilidad ascendente. Los casos que hemos estudiado sugieren que la percepción ha cambiado y que, desde 1990, ha surgido un nuevo modelo subjetivo de la movilidad: un ingreso más alto resulta fundamental en la percepción de la movilidad ascendente y es más importante que todos los demás elementos de posición social. En consecuencia, las ocupaciones en la punta de la pirámide se asocian con empleos en turismo y en empresas de participación conjunta o extranjeras, en puestos directivos, en el autoempleo (ya sea legal o ilegal) y en trabajos que ofrecen oportunidades de viajar al extranjero y obtener el ingreso adicional relacionado. Aunque los títulos universitarios mantienen un valor simbólico, el aseguramiento de un ingreso alto constituye el principal motor de las estrategias individuales y familiares, en lugar del antiguo criterio del valor atribuido a la complejidad del trabajo.

O que faz da “crença” na existência de uma “igualdade de oportunidades” em uma sociedade socialista uma condição altamente relevante e digna de atenção, é que o conceito tem implícita uma carga política: é “synonymous with liberal capitalism” e “echoes Emile Durkheim’s idea of a society providing ‘free space for all merits’: that the most social harmony will be achieved if people can find work according to their natural ability” (LITTLER, 2018). Isso, evidentemente, vai de encontro à ideia de uma “equality of outcome”, “associated with socialism” e que “echoes Marx’s emphasis on dissecting capitalism’s exploitations to argue for equality in distribution of wealth, a theory taken up across the wide political spectrum on the left, from vicious authoritarian communists through social democrats to libertarian anarchists” (LITTLER, 2018). Minha interpretação em relação ao “apoio” dos cubanos à meritocracia é a de que, portanto, a falta de compreensão e conhecimento sobre como está se desenrolando o processo de distinção/desigualdade, combinado a uma realidade que cada vez mais parece empurrar em direção à lógica de “cada um por si e Deus por todos”, contribui decisivamente para uma crescente tendência a “individualizar” sucessos e fracassos ou, em último caso, colocar a culpa no Estado (o que é legítimo em razão do alto grau de centralização na tomada de decisões).

Mas, ao mesmo tempo, gostaria de salientar que há elementos que coletei nas entrevistas que permitem aventar que a leitura sobre a “igualdade de oportunidades” não necessariamente significa um posicionamento a favor da ideologia neoliberal – embora pareça estar se aproximando cada vez mais disso. O que quero dizer é que entendo que os meus entrevistados defendem (ainda) majoritariamente a meritocracia como um “sistema”, e que ele não necessariamente implica “deixar outros para trás” – embora seja difícil dissociar as duas coisas quando há diferenças substanciais no volume de ingressos.

Minha dedução parte do fato de que dentre as maiores qualidades cubanas percebidas por eles, apareceram a “solidariedade” e a já referida “tranquilidade” (segurança), ambas entendidas como valores consolidados pelo socialismo – e que estariam sendo perdidos a partir do período especial. Por exemplo, Amélia disse que para ela foi chocante saber, por intermédio de uma amiga médica que trabalhou no Brasil, que nas ruas das cidades tupiniquins as pessoas passam pelos mendigos com total indiferença. Solange, por sua vez, diz ser incompreensível para ela o fato de alguém ser capaz de um ato de violência para conseguir um celular, e atribui esse tipo de evento – que ela disse ter visto ocorrer durante sua experiência de 2 anos e meio de trabalho na Venezuela – à condição de pobreza combinada à criação de novos “desejos e necessidades” a partir do contato, por exemplo, com a internet: “como os jovens vêem esses produtos, essas novidades, acabam por querer tê-los”, disse.

Mas, mais relevantes do que isso, é que ao longo das conversas com as mesmas pessoas que defendiam o fim do “igualitarismo”, apareciam enormes contradições, ou seja, eles acabavam negando aquilo que afirmavam: em Cuba há oportunidades para todos, mas elas definitivamente não são iguais. Quando eu questioneei sobre quais eram os principais fatores necessários para alguém ascender socialmente, despontaram duas respostas: “conhecer as pessoas certas” e “ir para o exterior ou ter algum parente nessa condição”. Isso esvazia, de alguma forma, a crença no mérito como principal fator que interfere nas trajetórias pessoais. No socialismo cubano, o “socialismo” ocupa um papel importante para definir melhores ou piores possibilidades de ascensão social. Yurisleidi e Amélia, por exemplo, relataram que a decisão sobre quem vai para o exterior em nome da empresa/instituição em que trabalham, respectivamente, cabe aos chefes e é tomada com base em critérios nem sempre “meritocráticos”. Escutei, ainda, em

conversas informais, relatos sobre jovens prejudicados em processos seletivos às universidades em razão de terem sido marcados como “antirevolucionários”.

Gostaria de ressaltar um último aspecto, relacionado à questão geracional, que serve, ao mesmo tempo, como alívio e alerta. Em seu artigo sobre *Cambio estructural y rutas de movilidad social en la cuba actual*, Mayra Espina Prieto e Viviana Togores González (2012) constataram que quase todos os seus entrevistados, independentemente de terem subido ou descido na vida, compartilhavam sensação de perda e percepção negativa quando comparavam a sociedade cubana contemporânea com a dos anos 1980, pré-fim da URSS.

Señalan la creciente desigualdad social en general y, en particular, una desigualdad de oportunidades para mejorar el estándar de vida, una justicia social debilitada y también inseguridad e incertidumbre respecto de la satisfacción de las necesidades básicas. Esta opinión tan generalizada de que la sociedad cubana en la década de 1980 era de varias maneras mejor que la actual se debe principalmente a dos características de aquella época. En primer lugar, había mayor certeza respecto de la satisfacción de las necesidades básicas de la población gracias a una mayor cobertura de las políticas sociales. En segundo, en esa década, la distribución de bienes y servicios garantizados por el Estado, de manera libre o subsidiada, repercutió más en el estándar de vida que los mercados y el ingreso personal o familiar.

Em suma, quem viveu os melhores tempos do socialismo cubano, preferia ele a esse novo mundo de “oportunidades”. A mesma constatação faço eu, a partir das entrevistas e contatos informais que tive com residentes da Ilha durante a minha estada: as camadas maduras e idosas (especialmente esta última) têm um vínculo forte com o que a Revolução logrou desde 1959 ao início dos anos 1990. No entanto, hoje 41% da população do país é integrada por pessoas com até 34 anos, ou seja, que viveram a maior parte de suas vidas ou nasceram durante Período Especial (se consideramos correto que ele se estende, de alguma forma, até hoje). Como bem sintetizou Powell (2008, p. 190), referindo-se à Ilha, “the problems of confronting scarcity, together with the logic of processes which generate inequality, form a context in which differentiation is not just an outcome, but intervenes vigorously as an aspiration”. Pelo que pude constatar entre meus entrevistados, não sem contradições, esse é o destino “desejado” pela maior parte deles, a partir do momento em que de alguma forma demandam uma “hierarquização” (por exemplo, salários diferenciados de acordo com o nível de ensino e profissão, etc.) como forma de “justiça” social.

Daí o fato de ser cada vez mais fundamental para Cuba encontrar caminhos para atrair os jovens e dar-lhes voz e poder de decisão – sentido de participação – nos debates sobre o futuro da gigante das Antilhas. Afinal, se ainda remanesce “amor” em relação ao socialismo por parte de quem sentiu na pele e/ou viu acontecerem mudanças para melhor até os anos 1980, ele está, por outro lado, sob ameaça cada vez mais forte de uma ideologia que promete – sem se comprometer – uma vida cheia de “possibilidades”, mas, que oculta o que é óbvio: elas são para poucos.

7.2 “CUBA NO SERÁ JAMÁS UNA SOCIEDAD DE CONSUMO”

A frase que abre essa sessão foi pronunciada por Fidel Castro em pelo menos duas ocasiões, em discursos oficiais. Obviamente, trata-se de uma falácia. Talvez do emprego “equivocado” de um conceito/expressão. Todas as sociedades são de consumo. O que varia entre elas é a “cultura de consumo”, e isso marcaria uma clara distinção fundamental entre o “socialismo” e o “capitalismo”. Luthar (2006, p. 232, destaques meus) descreve que

Socialism [...] represents a political and social project and a form of economic organization characterized not only by cultural, legal, and economic constraints and control of demand, but also direct political forms of disciplining and limiting demand (i.e. the political and ideological ‘dictatorship over needs’). Féher et al. (1983: 89) define ‘the dictatorship over needs’ as the ‘determination of social production through the uncontrolled decision of a unified apparatus of power and through its underlying force’. It is, in short, the social formation that in principle organizes production from one administrative center and hence exercises political control over needs. However, political control over needs under socialism is not just the consequence of the power interests of a ‘unified apparatus of power’, but is based on the ideology of socialist egalitarianism and through it on the essentialist view of human needs and the division of needs into ‘real’ ones and ‘false’ ones. This division legitimizes a specific moral economy and conceptualization of authentic life that can be used as a basis for classifying some needs as more, and others as less, authentic.

O que ficou evidente, por intermédio de minhas entrevistas, é que o ideal socialista sucumbiu de maneira bastante fácil ao “atrativo capitalista”. Favoreceu esse processo a adoção de reformas econômicas, repleta de contradições, e que conduziram entre outras coisas, à necessidade de busca de soluções cada vez mais “individualizadas” ou “familiares” para suprir as carências – especialmente as materiais – já não mais preenchidas pelo Estado. Ademais, a questão do trabalho, e

especialmente a defasagem salarial, impulsionaram o país a um cenário onde desponta uma das características do capitalismo pós-moderno: “‘disenchanted work’ and ‘enchanted consumption’” (SZAFRANIEC, 2017, p. 172).

Meus entrevistados parecem ter clareza de que houve um momento decisivo para que isso ocorresse: o Período especial. Não apenas pelo fato de ele ter representando a exposição dos ilhotas a uma condição de extrema vulnerabilidade material, mas também por ter coincido com uma profunda ampliação do fluxo de informações sobre o que é o “bem-estar”, que subverteu o “ideal socialista”. Inclusive em razão da necessidade de adotar estratégias, cada vez mais individualizadas, para acessar aqueles produtos necessários ou desejados, seja por falta de recursos financeiros, seja pela falta de oferta de itens nas prateleiras. Meus entrevistados menos abastados referiram-se muitas vezes ao fato de terem de optar entre “comer ou vestir”, por exemplo, em razão de seus ingressos não serem suficientes para as duas coisas.

Jovens – e nem tão jovens assim – buscam a capacitação, mas muitos sabem que não conseguirão aplicar seus conhecimentos na prática – por falta de “lugares” onde aplicá-los – ou, então, que esse capital cultural não lhes assegurará o sonhado “bem-estar”. Isso faz com que os postos de trabalho no Estado sejam cada vez menos “desejados” e cada vez mais “tolerados”. À sua maneira, Cuba formou um tipo de “precariado”, cuja descrição se aproxima daquela sugerida por Giovanni Alves (2013), em sua leitura sobre a realidade brasileira:

num plano sociológico, o precariado como *camada social* média do proletariado urbano precarizado seria constituído, por exemplo, por um conjunto de *categoriais sociais* imersas na condição de proletariedade como, por exemplo, jovens empregados do novo (e precário) mundo do trabalho no Brasil, jovens empregados ou operários altamente escolarizados, principalmente no setor de serviços e comércio, precarizados nas suas condições de vida e trabalho, frustrados em suas expectativas profissionais; ou ainda os jovens-adultos recém-graduados desempregados ou inseridos em relações de emprego precário; ou mesmo estudantes de nível superior (estudantes universitários são trabalhadores assalariados *em formação* e muitos deles, estudam e trabalham em condições de precariedade salarial).

Todos meus entrevistados falam em aumentar o “conforto” como um de seus desejos, e isso, necessariamente, passa por ter condições de adquirir mais e novos produtos, casas, carros, etc. Yurisleide e Amália por exemplo, relatam que foi este o momento (o fim do bloco soviético) em que os cubanos passaram a prestar atenção à questão de marcas, especialmente os jovens. Em pesquisa com cubanos nascidos

após 1986, que chamou de “survivors”, Scarpaci (2014, p. 264) encontrou resultados que corroboram a percepção de meus entrevistados: suas fontes mencionaram o fato de seus pais não darem atenção às marcas justamente em razão de eles nem “pensarem sobre isso”, uma vez que além de muitos produtos estarem inacessíveis, havia também uma “escassez de variedade”.

Antes do período especial não havia esse tipo de pensamento (sobre marcas) em Cuba. Você calçava o sapato e pronto. Mas hoje não, as pessoas têm uma preocupação com isso, com aparentar uma coisa que elas nem sempre são. (YURISLEIDE)

O assunto surgiu nas entrevistas em razão de meu questionamento sobre se minhas fontes já haviam se sentido “discriminadas” em Cuba. Amalia revelou que na escola, em razão de seus pais terem condições financeiras limitadas, ela sofria *bulling* por parte de colegas por não conseguir acompanhá-los em relação ao que “estava na moda”. Yurisleide relatou o caso da filha de uma vizinha que estava passando por “tratamento de los niervos” em razão de ser constantemente discriminada por colegas em sala de aula pelo mesmo motivo: “Chamam ela de pobretona, não querem brincar com ela, fazer as coisas com ela”. Amalia revela, ainda, que em seu trabalho como dentista, é comum que pessoas “maltrapilhas” recebam atendimento “pior”, ou sejam mal recebidas.

Como diz que não há uma segunda chance para causar uma primeira boa impressão. Acontece sim, em muitos lugares, de uma pessoa, por estar mal-vestida, ser tratada com indiferença. Mas vai de cada um. Muitas vezes, basta uma conversa para esse preconceito desaparecer. (AMALIA)

Arlindo queixou-se do fato de nos serviços públicos ser cada vez mais forte a cultura dos “regalitos”, o que também passa por uma distinção social: “Você está lá, esperando o atendimento como todo mundo, mas se alguém chega com um presentinho para o doutor, ele passa na frente. É revoltante”, disse.

O que talvez possa ser entendido como um “resíduo” do socialismo é o constante discurso que desaprova o “exibicionismo” por parte dos “novos ricos” e o consumo “inconsciente” por parte dos jovens (discurso comum entre os mais velhos). Invariavelmente, e em linha com o que acontece em qualquer nação, meus entrevistados destacavam o fato de as pessoas precisarem ser reconhecidas pelo “que são, e não pelo que têm”, e que “as aparências enganam”.

Têm jovens que vão beber cerveja nos bares e ficam acumulando as latinhas na mesa, só para mostrar que têm condições de consumir bastante. Eu não posso comprar trinta latinhas de cerveja, porque senão não como. Eu não posso ir numa discoteca e me dar ao luxo de gastar 20 CUCs porque no dia seguinte não terei como colocar comida na mesa. (YURISLEIDE)

Acho que um telefone celular pode ser muito útil e tem pessoas que realmente precisam. Mas vejo muitos jovens por aí com aparelhos, que são comprados com todo o sacrifício pelos seus pais. Precisa mesmo? Os pais têm de ter autoridade para dizer o que é necessário ou não. Veja o filho da minha vizinha. Não trabalha, ainda, mas sempre pede a ela dinheiro para arrumar o cabelo. Só para estar na moda. Isso não é correto. (ANITA)

7.3 A DESIGUALDADE SOCIAL NAS TELENOVELAS

Se por um lado, todos os meus entrevistados responderam afirmativamente à pergunta sobre se as telenovelas brasileiras têm um “papel educativo”, por outro ficou claro que, para eles, elas não são um locus a partir do qual pensar as classes e desigualdades sociais no seu contexto. Diante de minhas tentativas de instigar o debate em relação ao tema, alguns retrucavam com um “eu nunca pensei sobre isso”, “eu nunca analisei dessa forma”. Há um pouco de exagero nessas afirmações, como veremos adiante. Todavia, grosso modo, os participantes da pesquisa indicam que eles focam e percebem especialmente as “diferenças” (entre Brasil e Cuba) nas tramas, e entendem que a desigualdade brasileira está representada na novela, ainda que, para alguns, de forma pouco realista.

É difícil esperar resultado diferente em razão de as próprias narrativas tratarem de interditar uma reflexão mais aprofundada sobre o tema. Como externei no capítulo *Suave Veneno*, nas tramas a pobreza não tem história, nem cor, nem gênero e, aparentemente, surgiu e se perpetua por uma obra do destino ou da vontade de quem vive nela (não poucas vezes com orgulho). Mais do que isso, ao retratarem as classes populares em cenários onde elas vivem de forma bastante “aceitável” (especialmente para os padrões cubanos), as telenovelas deixam de lado as condições indignas de sobrevivência e a violência simbólica a que são submetidos os estratos populares. Carregadas de um discurso burguês que atribui às classes baixas uma riqueza moral digna de ser ensinada aos mais ricos, e “la lucha” dos menos favorecidos como dignificante, as tramas reforçam uma ideia corroborada entre os meus entrevistados, que vêem na capacidade de superar os obstáculos diários por conta própria uma virtude.

Ademais, o fato de a quase totalidade dos participantes usar também o termo “*desconectarme*” para descrever qual a principal função da telenovela na sua vida, é um claro indicativo de que eles não buscam no produto – ou pelo menos que não é esta a razão de irem para a frente da televisão – uma fonte de reflexão, mas uma “válvula de escape”. Além disso, o fato de estarem consumindo um produto brasileiro, ou seja, manufaturado e que representa uma realidade que eles entendem ser muito diferente da sua, serve de “salvo conduto” para ver, sem o compromisso de ler criticamente, a telenovela. Evidentemente esse não é um “problema cubano”. Segundo Ronsini (2012), as críticas à realidade brasileira e à própria telenovela existem na forma de leituras negociadas nas telenovelas. Para Hall (2003), isso faz com que não tenham impacto na transformação social. Segundo ele, somente na luta política o teor das críticas pode ser substantivo.

Os participantes da pesquisa entendem que a desigualdade brasileira é tema tratado em todas as telenovelas, sejam elas de época ou contemporâneas, “onde normalmente há um grupo de personagens ricos, e outro pobre” (ANITA, 70). Quando questionei sobre as maneiras pelas quais eles identificavam um e outro nas narrativas, abundaram as referências ao figurino, mas também ao comportamento. Roupas curtas, sem marca, coloridas, comportamento informal na rua ou à mesa, falar alto, ter muitos filhos, comportamento sexual mais explícito, etc., foram características atribuídas aos personagens pobres. Já os ricos foram descritos como os que usam roupas elegantes e bem combinadas, são sóbrios e comedidos no jeito de se expressar, de comer, etc. Ainda, meus interlocutores compartilham o entendimento de que os pobres são mais solidários e os ricos mais individualistas nas tramas.

Quando perguntei com qual dos dois grupos os meus entrevistados se identificavam mais, ou se auto-enquadrariam, a vinculação com as “classes populares” nas tramas foi bastante ampla. Yanca disse que estaria no meio dos dois, ou seja, ela seria uma classe média. Desabona alguns comportamentos tanto dos ricos quanto dos pobres. Já Marta e Rita também acabaram por não se situando em nenhum dos grupos. Disseram que os cubanos em geral se identificam com as camadas populares na novela, especialmente no Conselho Popular onde vivem, “onde as pessoas botam música alta, fazem escândalos, gritam”. Frisaram que em Santiago, há uma diferença de “classe” perceptível entre bairros da cidade “como acontece em todo o mundo”.

Vista Alegre e Sueño, por exemplo. Claro, as casas que existem lá já permitem ver que é diferente. Não estão coladas umas às outras como aqui. Mas também, o silêncio revela essa diferença. Por lá é uma calma...

Mas há outra característica percebida pelos televidentes como básica para distinguir ricos dos pobres nas telenovelas: os primeiros são individualistas e “amargos”; os segundos, solidários e alegres. Novamente, a leitura é perfeitamente “dominante”, em termos de Hall (2003). Mas o interessante é que para as fontes que discorreram a respeito, no mundo real “é assim mesmo”.

Sobre ascensão social nas tramas, as leituras são a de que é positiva a representação dos menos favorecidos como capazes de alcançar o que almejam por intermédio do seu trabalho. Quando eu perguntava se achavam que isso era verossímil, a maior parte das respostas era um evasivo “não sei, não conheço a realidade brasileira”. Rita disse que aparentemente há uma maior flexibilidade para que isso realmente aconteça, existem mais opções do que em Cuba. Para o grosso de meus contatos, a mobilidade ascendente é praticamente “interditada” para a maior parte da população em razão das idiosincrasias locais. Yurisleidi diz ser “muito difícil alguém conseguir mudar de patamar de vida”, ainda que ela mesma seja uma prova do contrário, considerando a trajetória de sua família que, só para ficar em um exemplo, logrou deixar para trás as casas feitas de barro e teto de palha.

A grande discrepância nas análises sobre a “verossimilhança” das telenovelas brasileiras no que diz respeito à pobreza, no entanto, envolve a detenção de um outro tipo de capital cultural, o “cosmopolita”, acumulado em experiências internacionais ou, indiretamente, a partir do contato com quem as viveu. Segundo Blue (2013), cumprir missões fora de Cuba tem, além de relevância econômica (para quem segue viagem, e para o governo), um importante impacto social: quem retorna ao país, traz na bagagem, além de impressionantes volumes de produtos, uma “perspectiva internacional” que interfere nas percepções positivas e/ou negativas em relação ao cenário cubano. Assim, enquanto parte dos regressados entrevistados por ela “developed a new appreciation of the positive aspects of Cuban society, including the lack of violence, equal access to free health care and education and the solidarity that exists in Cuban society, even among strangers” (BLUE, 2013), outro

grupo revelou “ressentimentos” e reforçavam os elementos “menos bem-vindos” do regime.

Even though they were committed to their profession and the humanitarian ideals of the revolution, some return migrants expressed open resentment of what they considered to be unnecessary bureaucratic restrictions. Returned internationalistas complained of constant monitoring and vigilance while working abroad – an extension of Cuban workplace control. (BLUE, op. cit.)

Evidentemente, não se trata de voltar do exterior disposto a ser um devoto do regime ou um dissidente, e em muitos casos as vivências reforçam sentimentos contraditórios em relação a temas/problemas cubanos. Mas, invariavelmente, permite posicionar-se com maior conhecimento de causa, inclusive sobre os conteúdos televisivos. Dentre meus entrevistados, quatro acumulavam as viagens e, coincidência ou não, foram os que afirmaram não ser “fidedigna” a representação da pobreza presente nas novelas brasileiras.

Quando vejo as novelas, certamente me encanto com as belezas, e elas me agradam mais do que a pobreza. Mas gostaria de ver mais os pobres presentes nelas. Há muito luxo, mas isso é para poucos. Gostaria de ver como as pessoas que vivem na pobreza mesmo fazem para sair de sua situação difícil, como conseguiriam isso. Porque não é qualquer um que vai encontrar um amor milionário disposto ao casamento. Estou seguro de que há mais pobreza do que riqueza no Brasil, ao contrário do que aparece na novela (SONIA).

Há uma parte das telenovelas brasileiras de que não gosto. A parte em que você vê a sociedade mais pobre do Brasil, que, no meu entender, não a trata como realmente é. É como se eles colocassem um pano para que o mundo não visse o que está acontecendo, porque nas favelas, as verdadeiras favelas, se passam coisas que não aparecem na novela. Claro, talvez seria muito difícil levá-lo com real gravidade para as novelas. Você sempre tem que colocar coisas diferentes para o público, mas eu acho que deveriam parar um pouco mais no cotidiano do brasileiro que tem poucos recursos econômicos, muitas crianças, drogas, o problema com a quantidade de armas na rua. Eu acho que as novelas deveriam abordar mais as questões reais como tais. [...] Não sei, mas acho que deveriam exportar um pouco de realidade [...] O brasileiro de verdade, o brasileiro real, aquele que estuda e trabalha... e então é muito fictício que eles podem chegar a subir a níveis elevados da sociedade brasileira, é fictício. Sim haverá alguém que tenha sorte, mas eles são poucos, muito poucos. Os outros ficam pelo caminho. Até podem conseguir algumas coisas, mas não conseguem mais subir. É como se bloqueassem o caminho para eles. É o que eu penso. Mostram, por exemplo, o caso de um jogador de futebol que consegue chegar ao topo. Mas, de verdade, quantos chegam lá? E mais do que isso: o problema não é só chegar, é se manter. (RAIMUNDA)

E o contato com pessoas que já viveram no exterior também resulta num olhar “diferente” para as tramas.

7.4 OS ENSINAMENTOS

A pergunta sobre um personagem com os quais meus interlocutores se identificavam não foi contestada por alguns dos participantes, casos em que diziam que não havia nenhum que, isoladamente, apresentasse características condizentes com as suas. Isso valeu especialmente para os idosos, a quem a questão parecia inclusive despropositada. De forma geral, a seleção feita pelos entrevistados estava bem-alinhada aos “bons ensinamentos” que as telenovelas, na opinião deles, trazem.

No caso das mulheres maduras, algumas ressaltavam personagens que elas consideravam portadores de “bons valores”. Impressionante foi a convergência em torno de Maria do Carmo (Suzana Vieira), de *Senhora do Destino*³⁸. Para refrescar a memória, a personagem era, na descrição da rede Globo, uma

mulher solidária, segura de si, acostumada a controlar tudo a seu redor, porém sem jamais sufocar os que lhe estão próximos. Dona de uma linguagem rica, quase barroca, fiel intérprete de uma mistura de vários costumes e vivências, ainda é terna, passional e amantíssima. Também pode ser autoritária às vezes, mas tem uma desculpa muito forte para tal: acima de tudo quer manter a família unida e, para conseguir isso, não mede sacrifícios, estando sempre disposta a pagar qualquer preço. [...] Vila São Miguel, quando o lugar não passava de um arruado, ela se destacou pela força de vontade e pelo apego ao trabalho. Tornou-se uma referência no lugar. Se hoje vive uma vida tranquila, é porque a mereceu: pagou por ela, dia após dia, com o suor do próprio rosto. Seu objetivo maior na vida é reencontrar a filha, Lindalva. (MEMÓRIA GLOBO)

O perfil de “boa mãe batalhadora” é a chave do sucesso da personagem. Sua capacidade de conciliar os papéis “femininos” com a honradez e o espírito empreendedor atrai as cubanas, que, em seus discursos reforçam compartilhar das mesmas características. Até mesmo Alexi, que disse não se identificar com nenhum personagem em especial nas tramas (“meu olhar é mais profundo, me interessam mais as relações que se formam do que os personagens em si”, justificou), mencionou “do Carmo” como “marcante”.

A questão do empoderamento feminino retratada nas telenovelas foi bastante louvada pelas minhas entrevistadas, o que de alguma forma revela a relevância das telenovelas não para um debate aprofundado a respeito das desigualdades de gênero, mas como um ponto de partida. Débora, Marta, Raísa, Dulcília e Yurisleide

³⁸ No Brasil, *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, foi ao ar entre 28 de junho de 2004 e 11 de março de 2005, e teve 221 capítulos.

citaram outra personagem que marcou as suas vidas – e aparentemente a de muitas cubanas – de uma série da rede Globo que foi transmitida na Ilha antes da chegada das telenovelas tupiniquins por lá: Malu (Regina Duarte), de Malu Mulher³⁹ (Una mujer llamada Malu), veiculada por lá em 1983.

Malu foi importantíssima na minha vida. Abriu minha cabeça para muitas coisas, me fez repensar muitas coisas. Sobre como uma mulher é, como querem que ela seja. E como ela pode ser. A questão da independência em relação ao homem, da luta dela para cuidar dos filhos. Foi tudo muito importante (DULCÍLIA)

Sim, da “Malu”. Que ela, o nome da filha era Melissa, pode ser. E foi uma mulher solteira independente que criou a filha sozinha e lutou sozinha, com a menina. Seguiu em frente. E outra coisa que eu gosto das novelas que são as coisas que eu mais gostei e que levei para praticar com minha filha, é que deu grande confiança para a filha, A Malu, para a menina, e... Era como se ambas fossem amigas, porque dava muita confiança à filha. Que são as principais coisas... o ensino que essa novela me deu, Você entende? Quanto mais confiança uma criança recebe, mais sinceridade tem o filho com você. Elas são mãe e filha, mas são amigas. É por isso que eu gostei mais dessa novela (MARISA)

Raíssa diz que esse tipo de mensagem é uma constante nas novelas brasileiras, e avalia isso como importante para elevar a autoestima do público feminino.

Mostram [as telenovelas] a coragem das mulheres. Da mulher sul-americana. Que sabe se defender sozinha. Que é capaz de ir à sociedade e de se expressar, ser alguém na vida com sua família, com seus filhos. Isso é muito importante porque dá ao mundo uma imagem do que uma mulher é.

Anita engrossou o coro, e disse que as tramas são importantes para reforçar às televidentes que elas “tem de reagir em casos de maltrato, de agressão, pelos companheiros. Este é um dos melhores exemplos sobre o quão educativas as telenovelas podem ser”.

Amalys e Yudileide citaram Isabel (Camila Pitanga), de Lado a Lado, telenovela que estava sendo transmitida no período em que a entrevista foi realizada. A personagem, “mulher batalhadora, à frente do seu tempo, que sonha com o amor e a liberdade” (MEMÓRIA GLOBO).

³⁹ Malu Mulher foi um seriado com 76 capítulos, da rede Globo, transmitido entre os anos de 1979 e 1980, no horário das 22h. “Retratava a condição da mulher brasileira no final dos anos 1970 através do cotidiano de Malu, uma socióloga paulista, divorciada e mãe de uma menina de 12 anos” (MEMÓRIA GLOBO). <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malu-mulher/episodios.htm>

Arlindo, por sua vez, disse identificar-se com Félix, de *Rastros de Mentira* (Amor à vida). Refere-se a esta novela como um todo como uma das “mais relevantes que já puseram na televisão daqui”. Homossexual, revela ser um fã das produções brasileiras em razão de elas terem “aberto a mente” dos cubanos ao mostrar que a homossexualidade não é doença, nem desvio de caráter. No seu caso, a identificação com o personagem, ele diz, é ainda mais profunda em razão da relação pai e filho representada na trama.

Confesso que eu chorei no último capítulo, com a cena final da novela, em que Félix e o pai dele estão sentados na praia. Meu pai, desde a minha infância, se afastou de mim, porque eu tenho um “jeito” mais delicado. Às vezes ele cruzava a rua só para não passar por mim na calçada. Eu sempre quis uma reaproximação, e ainda tenho esperança de que ela possa acontecer.

O tema da homossexualidade brotou espontaneamente em todas as entrevistas. Em alguns casos, não sem algum melindre. Todos os entrevistados, em princípio, consideram positiva a presença de casais homossexuais nas narrativas. Mas alguns se diziam, ao mesmo tempo, “preocupados” com possíveis “exageros”. Apesar de recuos “estratégicos” no discurso, davam a entender que uma propaganda ostensiva em prol dos homossexuais poderia ser nociva especialmente para o público mais jovem. Yurisdelaide, por exemplo, quando eu perguntei sobre se ela achava que a televisão era capaz de influenciar os televidentes, ela começou a resposta concordando, afirmando que principalmente “lós niños y adolescentes” poderiam ser “impressionáveis”. Começou a dar o exemplo dos homossexuais, mas gradualmente foi reorientando o discurso. O fato de eu ter cabelos longos e usar brincos, imagino, fez ela pensar sobre qual seria a minha opção sexual. No fim das contas, acabou defendendo o conteúdo como forma de “conscientizar de que é preciso respeitar as opções de cada um e não julgar ninguém por isso”.

Acho importante isso, porque existem gays em todas as sociedades, e na cubana não é diferente. Eu não tenho nada contra essas pessoas. Elas podem ser tão boas, trabalhadoras, responsáveis, quanto qualquer outra...mas...acho que às vezes aparecem em excesso. Não sei. É isso, é importante, mas também pode acabar...não sei..

Com relação a “julgamentos” chamou-me a atenção a seleção de três de minhas entrevistadas mais jovens. Raíssa e Cláudia escolheram Atena (Giovanna

Antonelli), de Regras do Jogo, como uma personagem com a qual se identificam. E novamente surge o tema do poder das mulheres.

A pessoa de que mais gosto na novela é Atena. Ela é uma liberal. Ela é uma mulher que se governa. A máfia desempenha um papel neste romance, mas mesmo nela, ela é independente. Ela é ela. E acima disso não há mais ninguém. Então, ela gosta de um homem, de um homem que ele não a ama, mas ela está ali. (RAIMUNDA)

Lógico que eu não me identifico completamente com ela [Suelen], com o fato de ela usar o corpo para conseguir tudo o que quer. Mas ao mesmo tempo ela é muito astuta. Muito inteligente. É...ela tem uma personalidade forte. (CLÁUDIA)

Um dos motivos para os participantes destacarem as telenovelas brasileiras em relação às demais disponíveis na Ilha – incluindo as cubanas – é a sua capacidade de tratar uma variedade de assuntos num mesmo título e sem “medo de mostrar como as coisas são, a realidade”.

A grande diferença das telenovelas brasileiras é que uma novela sobre escravos não é só sobre escravos, você pode aprender um monte de coisas, elas falam da sexualidade, da homofobia, do racismo, da crise da habitação, dos grupos criminosos... (DÉBORA)

7.5 NOVELA SOCIALISTA?

O interessante é que se ao longo da pesquisa confirmei tanto o fato de as novelas não estimularem a crítica em relação às desigualdades sociais (e suas origens ou legitimidade), como o de elas não serem entendidas como “cavalos de troia” do capitalismo, em alguns momentos elas deixavam “evidentes” para meus interlocutores algumas vantagens do socialismo cubano. Os comentários a respeito de Avenida Brasil, mesmo entre quem havia visto a novela há anos, faziam menção ao lixão de luxo existente na trama. Marta me perguntou se “isso existe de verdade no Brasil?”, enquanto eram exibidas as cenas do descarte de Rita (Nina) no “tiradero”. Respondi que sim e não. “Sim, existem os lixões, existem as pessoas, inclusive crianças, trabalhando em busca de resíduos aproveitáveis ou recicláveis; mas não, eles não são limpos assim, os táxis não fazem corridas até o miolo do terreno e não existem casas limpas e desinfetadas como a de mamãe Lucinda”. De qualquer maneira, as imagens motivavam o comentário de que “isso não existe em Cuba”. Rômulo, quando questionei se as novelas brasileiras o faziam pensar

criticamente sobre a realidade social, também fez referência ao cenário de Avenida Brasil: “sim, elas fazem a gente pensar sobre algumas coisas. Por exemplo, aquilo das crianças trabalhando no lixo. Não pode ser, não está certo. Por aqui, felizmente, isso não acontece”.

Outra cena relacionada à desigualdade de classes que despertou curiosidade e interesse foi a de Nina (Rita) sendo humilhada por Carminha, sua chefe, na cozinha, em plena madrugada. Mais uma vez, os entrevistados me disseram que uma situação daquelas é praticamente impensável em Cuba. “Só se submeteria a isso alguém que estivesse realmente desesperado. Até porque aqui somos bastante temperamentais”, disse Yanca. Para Débora, esse tipo de cena é “educativa” para muitos que pensam em morar no exterior e imaginam que lá encontrarão um “mar de rosas”, já que “há muitos cubanos que saem do país e acabam sofrendo em empregos”. Apenas Rita fez uma relação entre a exploração vista na telenovela e se esse tipo de prática se dá na realidade cubana.

Acho que um cubano ou uma cubana não aceitaria a humilhação (mas veja, Nina estava fingindo também, porque queria se vingar). Mas aqui também acontece exploração, e muita gente não se dá conta disso, acha que porque recebe um salário melhor que o pago pelo Estado não está sendo explorada. Tenho um vizinho, por exemplo, que é professor de línguas, mas à noite trabalha para um cuentapropista. Dia desses encontrei ele na rua, e ele estava com uma cara horrível de cansaço. Aí me contou que fazia cinco dias que não dormia, porque não queria perder o emprego. Isso não é exploração? Ser submetido a uma rotina dessas e achar que está tudo bem só pelo dinheiro? Aqui não há nada que proteja alguém que trabalhe para um cuentapropista. Possivelmente na casa em que você está hospedado há alguma senhora contratada para fazer a limpeza. Acontece que quando quiserem mandar ela embora, farão isso sem problema algum. Não existe qualquer contrato, nenhuma garantia, nem mesmo a necessidade de avisar com antecedência.

Yurisleide citou a questão da saúde gratuita em Cuba como um diferencial importante do país caribenho, ao falar sobre o hospital da família Coury, em Rastros de Mentira (Amor à vida). Neste caso, no entanto, o comentário brotou em razão de ela ter uma amiga que cumpriu missão no Brasil. “Ela estava com um problema de pressão, e a levaram a um hospital particular. Disse que foi caríssimo o atendimento. Aqui isso tudo é gratuito”. Alexi também fez menção a esse tema, quando questionado sobre se a questão de classes no Brasil está presente nas tramas. Ele avalia que sim. E que em alguns momentos, as narrativas permitem “questionar o capitalismo”.

O hospital da novela é privado. E as pessoas pobres não têm como pagá-lo. Você vê que na novela aparece alguém “bondoso” que se prontifica atender a menina gratuitamente. Isso não tem nada a ver com a realidade cubana. Então, acho que pode ter um efeito “ideológico ao revés”, se for o caso de a novela ser ideológica, porque você forma uma posição crítica diante do fato de alguém chegar a um hospital e poder não ser atendido por não ter dinheiro para pagar.

Rita foi a exceção à regra, mas ouvi argumentos parecidos em outras conversas informais, em que o assunto do trabalho apareceu. Todavia, a maior parte das reações pontuais do tipo “isso não acontece em Cuba” que surgiram, não avançam para além disso. Assim, se de alguma forma elas acabam por dar crédito ao socialismo cubano, em nenhum momento motivaram comentários sobre, por exemplo, “onde poderemos acabar se as desigualdades aqui em Cuba não pararem de crescer”. Como aventei anteriormente, a ignorância (da qual é quase impossível escapar em razão da falta de informações) sobre as quantas anda a disparidade entre os ilhéus e em que ritmo ela se amplia, faz com que, ao mesmo tempo em que todos reconhecem que ela cresce, aparentemente (quase) ninguém está (ainda) muito preocupado com o assunto.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Everything the Soviets ever told us about communism was a lie.
Unfortunately, everything they told us about capitalism was true.
Piada russa*

A pedra de toque de meu trabalho é o entendimento de que é inegável o protagonismo da televisão em geral – e das telenovelas, em particular – no dia a dia da enorme maioria dos cubanos e, em consequência disso, ser latente o fato de que as informações que nela circulam são instrumentos – mais ou menos suaves – de poder. Os folhetins eletrônicos consolidaram-se, em razão de sua longevidade e alcance, como importantes “insumos” para fomentar transformações ou, ainda, legitimar reformismos ou a reprodução na ordem social.

Hoje, saber o que a telenovela “faz” nas – ou pelas – vidas das pessoas em Cuba é uma tarefa mais inglória do que em tempos passados, por exemplo. Há três décadas, quando o produto da rede Globo passou a ser veiculado na televisão estatal cubana, como já resgatei em algum momento do trabalho, Armand e Michelle Mattelart (1999) se perguntavam sobre os possíveis resultados da “contradição” inerente ao fato de um produto que, em seu país de origem, não poucas vezes é classificado como alienante e promotor de valores capitalistas, ser veiculado em uma nação com aspirações socialistas. Acredito que à época em que eles levantaram o “problema”, tentar solucionar esse imbróglio seria um pouco menos complexo por um simples motivo: as condições tecnológicas vigentes. Quando desembarcaram em Cuba, as telenovelas da rede Globo figuravam como algumas das poucas “janelas para o mundo” acessíveis aos ilhotas (isso não era uma condição “cubana” exatamente, mas global, já que o verdadeiro *boom* das telecomunicações, acompanhado pela formação dos grandes conglomerados comunicacionais globais dar-se-ia nos anos 1990). Hoje, são mais umas dentre tantas e tantas que abundam em canais informais e formais de circulação midiática. Assim, compreender onde “começa e/ou termina” a interiorização das “telenovelas”, parece não ter mais sentido, até mesmo pelo seu crescente grau de “indiferenciação” em relação a outros produtos internacionais (uma redução no seu “*cultural discount*”), motivada pelas aspirações mercadológicas da empresa que as produz.

Vários outros elementos, entendo, me afastam de respostas contundentes ao meu problema de pesquisa. Um deles, o alto grau de instrução da população cubana. Como isso interfere? Ironicamente, a pesquisa indica que não no sentido de promover uma maior crítica aos conteúdos (voltarei a isso em breve) mas, no fato de os televidentes cubanos mostrarem-se muito menos “inclinados ao mimetismo” em relação a “regras de comportamento” propaladas pelos personagens das tramas. No caso cubano, ante a essa pergunta, alguns de meus interlocutores reagiram com perplexidade. Isso, no entanto, não obstruiu meus entrevistados de afirmarem, de maneira unânime, que as telenovelas são “educativas”. Normalmente citam o fato de elas apresentarem “alternativas para a resolução de problemas na família”, “no trabalho”, etc., que podem, segundo eles, sim, “acontecer na vida real”. E isso, entendo, está diretamente relacionado a uma questão de classes. No Brasil, o mimetismo tem um propósito: “ascensão simbólica de classe”. Em Cuba, para a maioria dos meus entrevistados, isso não faria “sentido” até mesmo em razão de, segundo eles, a Ilha não padecer (ainda) do “mal de classes”

Outro “fator-obstáculo” à obtenção de respostas à minha pergunta capital neste trabalho: as condições de vida, e especialmente de consumo, em Cuba. Em primeiro lugar, confirmo, sem qualquer sombra de dúvida, o fato de as telenovelas serem um importante instrumento no sentido de despertar desejos entre os televidentes. Os comentários durante as exibições dos capítulos sinalizam isso de forma clara, assim como o fato de entrevistados terem citado “viajar ao Brasil” como um sonho de consumo. No entanto, há uma relação, entendo, bastante diferente daquela estabelecida por um telespectador brasileiro com o “objeto de desejo: para o tupiniquim, o que lhe distancia do “sonho” é fundamentalmente uma questão “financeira”. No caso cubano, a essa barreira soma-se outra, que é a da indisponibilidade. Ao contrário do que acontece no Brasil, em que um vestido visto na telenovela pode ser comprado horas ou dias depois, em lojas ou via sites especializados (MARQUES, 2018), na Ilha saciar os desejos demanda mais tempo e esforço. Aliás, quando começam a falar em consumir – especialmente aquelas de mais difícil acesso – parece que em meus entrevistados dispara um “alerta” inconsciente sobre o risco de iminente frustração futura.

Mesmo em relação à adoção de modas “lançadas” via telenovelas, “evento” destacado por quase todos meus informantes (mas especialmente as mulheres), há diferenças enormes sobre o que significa “estar em dia” no Brasil e em Cuba. Outra

vez, refiro-me a uma “questão de classe”: o consumo de produtos que caem nas graças do povo ilhota é, pelo que pude constatar, altamente **transclassista**. As calças “Suélen” – batizadas assim em homenagem à personagem “perigete” de *Avenida Brasil* – não eram para a “classe mais popular” ou para a “classe menos popular”. Simplesmente eram para quem as quisesse (e pudesse) comprar/trajar. As calças de laycra, por exemplo, eram muito menos “distintivas” – para bem ou para mal – do que na terra onde ancorou Cabral.

Retomo agora, a questão da análise “(a?)crítica” de meus entrevistados em relação às telenovelas da rede Globo, ou seja, o tema da recepção. Inserido em uma nação socialista, reconhecida pelo alto grau de capital cultural incorporado por seus cidadãos – em razão dos logros educacionais alcançados no país – e por uma melhor distribuição do capital econômico do que em outras nações latino-americanas – ainda que faltem estatísticas para asseverar isso –, minha expectativa era a de ouvir comentários ácidos e bem fundamentados a respeito das representações das desigualdades nas tramas, bem como sobre a ideologia meritocrática que nós, investigadores, costumamos identificar nas narrativas. Mas ela não se confirmou. Meu interlocutores decididamente não parecem interessados no assunto quando se põem a ver telenovela, ou seja, não buscam nas tramas, conscientemente, conteúdos para afiar seu olhar sobre o cenário externo ou de seu país: querem, aberta e declaradamente, exatamente o oposto, ou seja, “desconectarem-se” de seus cotidiano e problemas quando ligam o televisor, o computador, etc. Se por um lado as “proximidades múltiplas” (LA PASTINA; STRAUBHAAR, 2005) permitem compreender os motivos para a ampla aceitação das telenovelas brasileiras em Cuba, um outro forte fator de atração às tramas reside ironicamente no “distanciamento” entre as realidades cubana e aquela que aparece nas tramas brasileiras. É ele, inclusive, o “salvo-conduto” apresentado por parte de meus entrevistados para declinarem da tarefa de “analisar profundamente” as narrativas das tramas.

Há um outro fator que explica a “televidência descompromissada” e a dificuldade de alguns de meus entrevistados em falar sobre a desigualdade nas – e a partir das – telenovelas: o simples fato de que elas não constituírem um “produto midiático” que estimule reflexões a respeito. Em outras palavras, nos folhetins a desigualdade aparece de forma natural(izada), e até prazerosa e “justa”. O que sobressai nas novelas, em verdade, são duas coisas: moral e diferença. Quanto ao

primeiro item, a despeito das singularidades político-culturais-ideológicas (efetivas ou platônicas) cubanas, a estrutura melodramática estimula “julgamentos” bastante “simples” (entre o bem e o mal, por exemplo) e, digamos, boa parte deles encontraria resultados iguais em qualquer tribunal de televidentes, em qualquer canto do mundo. Bons são bons, maus são maus. Quem trabalha duro, merece, quem não, deve danar-se (volto a isso em instantes para referir-me à meritocracia).

Quanto às diferenças, apesar de elas serem uma potencial cilada para a conquista da igualdade, no caso das tramas, elas, com o perdão da repetição, “fazem a diferença”. É para elas que os olhares de meus entrevistados focavam e eram elas que despertavam a sua curiosidade. O tema “homossexual”, como já descrevi anteriormente, surgiu em todas, absolutamente todas, as conversações formais e informais mantidas por mim com meus informantes. E isso é ponto relevante por dois motivos: primeiro porque, de fato, a aceitação – talvez o correto seja pensar em “tolerância” – dos cubanos em relação ao público LGBTs ter se ampliado sensivelmente nos últimos anos; em segundo lugar, porque aparentemente neste caso caribenho, ao contrário do que aconteceu em países nos quais o tratamento ao tema foi resultado de mudanças nos contextos social, político e cultural que permitiram à televisão, “en el marco de su estrategia de captura de nuevos y mayores públicos, en este caso ya sensibilizados por el tema, sobrepasar los márgenes de los discursos mediáticos conservadores” (AMIGO; BRAVO; OSORIO, 2014, p. 143), foi a telenovela *tupiniquim* o “ponto de partida” para um debate que, felizmente, se alastrou e fortaleceu, sendo “apoiado” pelo governo.

Finalmente, há uma outra hipótese para explicar a reação pouco crítica de meus entrevistados às tramas e seu conteúdo “neoliberal”: o fato de os discursos presentes no produto ficcional parecerem cada vez mais alinhados (ou menos inconformes) em relação aos “oficiais” cubanos – ou vice-versa. Talvez a mais chocante descoberta de minha pesquisa, para mim, tenha sido a sobre o quanto o discurso ideológico meritocrático faz parte do repertório dos ilhéus. Boa parte disso, entendo, deva-se a equívocos do próprio regime e de políticas “questionáveis” a respeito da relação entre “entrega à revolução e recompensa” (Che Guevara queria que as morais prevalecessem, mas foram as materiais que despontaram), hoje abalada, especialmente em razão de as pessoas que “contribuem para a sociedade” (leia-se “trabalhador estatal”), sentirem-se negligenciadas por quem dirige o país, em razão dos baixos salários. A consequência disso, como sabemos – e vive-se com

mais intensidade em Cuba a partir do Período Especial, nos anos 1990 -, é a busca, de forma cada vez mais individualizada, de caminhos para sanar as necessidades básicas diárias. Até aí tudo “normal”: o problema é que essas “batalhas diárias” em que meus entrevistados dizem se envolver, os fazem questionar a legitimidade da “igualdade” apregoada pelo discurso socialista.

Pensar sobre Cuba exige levar a sério o fato de que “posiblemente no exista una sociedad que en tan corto tiempo haya experimentado tantas transformaciones, muchos de ellas traumáticas” (RUIZ, 2016, p. 187). O fim da União Soviética desvelou de forma nada delicada equívocos cometidos (voluntaria ou involuntariamente) ao longo das primeiras décadas do socialismo cubano, incluindo a crescente concentração das tomadas de decisão por parte do governo revolucionário (posteriormente Partido Comunista de Cuba), problema que ainda persiste; a incapacidade dos dirigentes em discernir “desacordo” de “dissidência”, o que levou a calar vozes e descartar pensamentos amplamente comprometidos com o processo, mas contrários à sua “estalinização”; o advento de “ciertas formas de voluntarismo y paternalismo que contribuyeron a disminuir el papel de las masas populares” (RUIZ, 2016, p. 192); e o fortalecimento de uma “noción de igualitarismo y de justicia social en base a la redistribución, que muchas veces olvidaba el hecho simple de que antes de redistribuir hay que producir [...]” (RUIZ, 2016, p. 192).

O Período Especial evidenciou sobretudo o fato de que “las estructuras mentales y de relaciones están instauradas en los modos de ver y construir las realidades” e que a sua transformação “es un proceso que debe llevar una actuación integrada y sistemática y que, poco a poco, podrá ir transformando una lógica heredada [...] que requiere mucho más que un cambio de sistema y paradigma para que se transforme, aunque esta es la base inicial y fundamental” (GARCÍA; ESPINOSA; GARCÍA, 2014, p. 31). Numa visita à Ilha, o brasileiro Paulo Freire (1997, p. 16) declarou em entrevista que

Uno de los grandes problemas que una revolución tiene en su transición [...] consiste en que la historia no se hace mecánicamente; la historia se hace históricamente. Esto significa que el cambio, las transformaciones introducidas por la revolución en su primer momento – en la medida en que se empieza a salir del modo de producción capitalista –, las relaciones sociales adecuadas al nuevo modo de producción, no se construyen de la noche a la mañana. Se cambia el modo de producción y lo que hay de superestructural en el dominio de la cultura, incluso el derecho, y sobretudo de la mentalidad, de la comprensión del mundo – de la comprensión del racismo, por ejemplo, del sexo –; la ideología, en fin, queda veinte años por detrás del modo de producción cambiado, porque está forjada por el viejo

modo de producción, que tiene más tiempo histórico que el nuevo modo de producción socialista.

A penúria material a que foram submetidos os cubanos, a partir de 1991 – e com ênfase maior até 1993 –, sem que isso tenha levado ao abandono do projeto socialista/nacionalista, evidencia, para além das “fraquezas”, os logros alcançados na Ilha no que diz respeito às transformações nos campos das mentalidade, direito, etc., ao longo de três décadas de Revolução. Não fosse assim, os prognósticos sobre o fim do regime ilhota teriam sido confirmados. Apesar deste alento, o desenrolar dos fatos – e dos atos – em Cuba e no mundo, confirmam, por outro lado, que a tarefa de sustentá-las ou fazê-las avançar estava, como sempre estará, inconclusa. O pensamento de Bourdieu me parece o mais profícuo para a análise do quadro cubano: a sua defesa sobre o fato de o *habitus* tender a “reproduzir-se” (e a sua mudança ser um processo lento...), mesmo que inconscientemente, bem como o conceito de *hysteresis* (para referir-se àqueles momentos e/ou processos em que o campo (contexto) e o *habitus* perdem sua “harmonia”) servem para pensarmos tanto no triunfo da revolução como no seu potencial fracasso.

A fragilidade das experiências socialistas vividas no mundo (incluindo a cubana) em relação ao seu “antagonista” deve-se, em grande medida, a uma característica que poderíamos denominar de virtude da “ideologia da esquerda”: ela é mais “honesta”. Esse atributo cobra um preço alto. Enquanto o capitalismo não cumpre o que promete (não leva nem à liberdade, à igualdade e à fraternidade), nas sociedades socialistas, de maneira geral, os regimes prometeram o que não conseguiram entregar. Em linha com o que sugerem Burawoy (2010) e Gordy (2010), o “sucesso” do capitalismo reside na sua capacidade de tornar opaca a exploração, de conquistar o consentimento (ativo ou passivo) por meio de um discurso falacioso, que “promete que todos podem chegar lá por meio do seu esforço”. Trata-se de engodo pelo simples fato de que, por sua própria “natureza”, o capitalismo **não pode “permitir”** que todos alcancem o “sucesso”: o capitalismo **depende** da desigualdade para existir (BOBBIO, 1994).

Já no socialismo, o compromisso com o “bem-estar coletivo” é uma meta abertamente anunciada, mas à medida que não logra ser alcançada – o que fica escancarado nas dificuldades enfrentadas pelos viventes no dia a dia – e mais, quando isso ocorre em meio a um processo de burocratização em que a “sociedade civil” é escanteada dos processos decisórios (uma marca das versões do regime

experimentadas nos séculos XX e XXI), ele vai gradualmente “caindo em descrédito”, desmobiliza, e perde o seu “apelo” humanista. Marx previa que eram as contradições do capitalismo que o levariam à sua ruína. Mas ironicamente elas foram fatais, em ritmo muito mais acelerado, para os regimes socialistas. Um dos principais motivos para isso, entendo, foi justamente a incapacidade de os regimes à esquerda conseguirem superar a “cultura” do seu oponente: nenhuma sociedade que o experimentou, experimentou também a extinção das relações capitalistas. Assim, as próprias “reformas” adotadas para tentar assegurar a “sustentabilidade” dos regimes, só faziam e fazem tornar mais evidentes as contradições. Referindo-se ao Leste Europeu e à ruína do bloco soviético, Burawoy (2010, p. 97-98) analisa que “conforme a lacuna entre a ideologia e a realidade se ampliava e as tentativas para reduzi-la violavam aquela mesma ideologia”, ou seja, eram feitas “concessões ao mercado” que colocavam o socialismo cada vez mais sob “suspeita”.

Um dos textos significativos a respeito dos reflexos sociais e psicológicos dessa “ambiguidade” – que eu associei, ao longo do trabalho, ao conceito de histereses, de Pierre Bourdieu – é o de Xiaoying Wang (2002, p. 1–17), em que ele discorre sobre o advento de uma “personalidade pós-comunista” na China, cujo moldar iniciou ainda nos anos 1970, com a introdução de reformas de mercado no “gigante comunista asiático”. Segundo o autor, a despeito de todas as semelhanças que existem entre o processo de transição vivido na referida nação e na Rússia⁴⁰, por exemplo, há pelo menos três pontos de distanciamento importantes a serem observados, e os resgato porque, entendo, aplicam-se perfeitamente ao caso cubano.

First, assessments of success aside, Russia has gone much further than China not only in implementing market reforms but also in terms of its overall liberalization. Second, even where China and Russia have undertaken apparently similar reforms, they have done so using radically different ideological conceptualizations of reform. In the post-Gorbachev era, Russia's new rulers have given up all pretence to "socialism with market elements" or "market socialism", embracing capitalism as capitalism, along with the rhetoric of individualism and liberal democracy, notwithstanding their lack of success at translating Western capitalism and liberal democracy into Russian practice. Third, while Russia's reforms coincided with the end of Communist Party rule, the reforms in China have taken place under the firm

⁴⁰ Entre as proximidades identificadas pelo autor nos processo de transição dos dois países estão: a passagem de uma economia centralizada para outra, de mercado; experiências de graves crises sociais e morais “which in their nature and extent are distinct from the problems experienced by either socialist societies or capitalist societies”; e uma “mudança” ideológica/moral muito mais lenta do que as promovidas na estrutura econômica de ambas as nações.

leadership of the Communist Party. Those who have charted the course of China's reforms have shown a vested interest not only in limiting the reforms as much as possible to the economic domain but also in conceptualizing them in terms of socialism or, to be more precise, the "initial stage of socialism" (WANG, 2002, p. 2).

A leitura de Wang torna-se ainda mais pertinente ao meu trabalho quando ele fala sobre os resultados psicológicos e morais desse processo sobre os sinos: por um lado, a manutenção do comando por parte do Partido Comunista significa que os valores “de esquerda” de alguma forma foram “preservados”; por outro, ficou escancarado que a contínua invocação dos valores socialistas e comunistas numa sociedade cada vez mais capitalista fez aumentar o cinismo, “allowing neither socialist values nor capitalist ones to gain a firm foothold and help reconstitute self and society in post-Mao China” (WANG, 2002, p. 3). Dessa forma, para muitos analistas, o que sucedeu o socialismo na Europa, por exemplo, foi um vácuo moral e ideológico; já na China, segundo Wang, isso não se dá porque há uma instituição forte que é teoricamente comprometida com o comunismo, o que faz, segundo ele, ser mais pertinente pensar em “disjunção” e não em “vazio”.

In short, then, the official moral code today is an incoherent mixture of communist and market values, and neither set of values is effectively backed up with an appropriate rationale. These mismatches within China's official moral culture point to a deep crisis of society and of self. For when there is a serious lack of fit between a society's official moral code and its prevailing socio-economic reality, public morality loses its very point and relevance (WANG, 2002, p. 5)

A ausência do debate sobre classes em Cuba, especialmente por parte do governo que parece entender que admitir a sua existência é escancarar seu “fracasso”, aparentemente contribui menos para a manutenção do socialismo do que para o seu abandono como projeto coletivo. Anular esse debate acarreta numa “naturalização” da desigualdade, até mesmo porque ela passa “despercebida” para muitos, e desperta cada vez menos “indignação” entre a população que, paralelamente, parece adotar também como “verdade” a necessidade de a ideologia meritocrática prosperar para haver justiça redistributiva.

8.1 ÚLTIMOS SUSPIROS

Por fim, gostaria apenas de resgatar uma reflexão de Par Kumaraswami (2016, p. 116) a respeito da produção acadêmica a respeito da Ilha feita por estrangeiros:

Las fórmulas y los tropos de la mayor parte de la investigación no cubana que es crítica de la Revolución se han inclinado a ciertas tendencias que, en su conjunto, comprimen el espacio y el tiempo y reducen las complejidades: unas se centran en Fidel Castro —y, más recientemente, en la «dinastía Castro»— como los principales motores de política; otras incluyen a Cuba en marcos conceptuales y teóricos preexistentes que dan por sentado la coerción o el control de los ciudadanos cubanos, ya sea por la vía de aplicar el modelo «soviético», las teorías del caudillismo/ dictadura militar/resistencia civil que emergen de otros contextos (muy distintos) latinoamericanos; algunas otras entienden la Revolución cubana como un proyecto de mando de arriba hacia abajo, pasado de moda y monolítico, cuyos principales rasgos han evolucionado poco desde el Quinquenio gris; y, por último, la conjetura de que el sistema político cubano ha estado, desde 1989, en el inevitable tránsito a una democracia capitalista. Tal vez lo más significativo sea que solo el volumen y la difusión de investigaciones de este tipo han creado un «canon» de enfoques respecto a Cuba que resulta capaz de ejercer un tipo de autocensura en aquellos investigadores extranjeros en gran parte a favor del proyecto revolucionario. A menudo a estos se les pasa por alto y se les clasifica con la etiqueta de «críticos solidarios con la Revolución», lo cual implica que su labor es en exceso impresionista, que está guiada por la lealtad y el afecto, que resulta positiva sin cuestionamientos, ciega frente a las «realidades» de la Revolución y deficiente en cuanto a crítica objetiva. (KUMARASWAMI, 2014, p. 116)

Não sei em que “grupo” os leitores desta tese incluirão meu trabalho. Quem me conhece para além das páginas redigidas neste trabalho, e sabe de minhas opções pessoais e inclinações políticas, provavelmente o alocará no segundo, aquele integrado pelos escritos de “críticos solidários com a Revolução”. De fato, preferiria que o fizessem. Por honestidade intelectual e pessoal, fecho esse trabalho reforçando a minha simpatia para com o socialismo cubano, ao mesmo tempo em que destaco que a minha imersão no cotidiano Ilhéu permitiu aprofundar minhas leituras e expectativas em relação ao projeto desenvolvido na Ilha desde 1959, bem como reforçar minha convicção de que, para ele ser “sustentável”, meta perseguida segundo os documentos oficiais (produzidos, pelo menos em teoria, a partir de consultas ao povo) que balizam as tomadas de decisão governamentais no país caribenho, é preciso – não sei como, é verdade – resgatar entre a população, e especialmente entre as novas gerações, o sentimento de pertença e compromisso com aquilo que é coletivo. Isso passa, necessariamente, pelo reestabelecimento, simultaneamente, das condições para que cada ilhota perceba que, dentro de seu país, há espaços e recursos para a concretização de suas ambições e atendimento

a demandas individuais (não confundir com individualistas). Em suma, reconquistar a hegemonia. Lograr isso no atual cenário, marcado pela crescente interdependência e interconexão mundial, e pela onipresença de um discurso que interpela no sentido não de reforçar-nos como cidadãos, mas especialmente como “empreendedores” e “consumidores” responsáveis por buscar, isoladamente, as soluções para carências e o suprimento de ambições, é tarefa gigantesca.

Em 25 de novembro de 2016 eu estava em Santa Clara, no festival de *Ciudad Metal* a degustar uma garrafa de rum com um *headbanger* cubano quando o organizador do evento subiu ao palco para anunciar a morte de Fidel Castro. O vocalista da banda que se apresentava despediu-se com um enigmático grito de “*Cuba libre!*”. Acabou a música e o povo começou a murmurar e a marchar em direção à Praça Central. Começaram a chegar mensagens do Brasil no meu celular, algumas de jornais perguntando sobre minha disponibilidade para escrever matérias sobre o “e agora?” na Ilha. Os cubanos, por outro lado, pareciam certos de que a resposta à pergunta era óbvia: “agora nada! Segue a Revolução”, ao contrário do que muitos estrangeiros – especialmente os antagonistas ao regime – esperavam. O quanto de engajamento ou de resignação havia nessa certeza dos ilhotas é um enigma que não tenho capacidade de resolver. Mas, hoje, passado mais de um ano do “desaparecimento físico” do comandante em chefe (essa era a expressão privilegiada pela mídia cubana, ao longo dos nove dias que separaram o anúncio do falecimento da cerimônia de sepultamento do líder máximo, ínterim em que os seis canais televisivos unificaram a programação para falar de Fidel durante as 24 horas dos dias), de fato, pouca coisa mudou. Não houve qualquer ruptura radical com o que vinha sendo executado. Em abril deste ano, quando Raul Castro deixou a presidência do país, agora ocupada por Miguel Díaz-Canel, novamente houve algum alvoroço fora da Ilha. Entre os cubanos, a certeza sobre a continuidade outra vez era evidente. Alguns a atribuem ao desejo do povo. Outros, especialmente os mais jovens, à certeza de que qualquer alteração mais significativa depende do fim do que eles chamam de “gerontocracia” em Cuba.

A “revolução” continua. Porém, deixei Cuba com a certeza de que o seu socialismo perdeu gradualmente a “identidade de projeto”, em que “los actores sociales, basándose en los materiales culturales de qué disponen, construyen una nueva identidad que redefine su posición en la sociedad y, al hacerlo, buscan la transformación de toda la estructura social” (CASTELLS, 2001, p. 30).

La ineficiencia (do Estado, especialmente) ha generado un distanciamiento entre el gobierno y el pueblo. Las penurias económicas socavan el factor que mantuvo cohesionada a Cuba y la fortaleció políticamente durante décadas: el pacto posrevolucionario entre la elite y el pueblo, que supuso el intercambio de la lealtad política por la independencia nacional, la protección social y la erradicación de la pobreza. (HANSING; OPTENHÖGEL, 2015, p. 9)

Hoje, a identidade do socialismo cubano oscila, é confusa, um híbrido de identidades de legitimação e resistência⁴¹ (CASTELLS, 2001). Alguns de meus entrevistados citaram que o pior que poderia acontecer em Cuba é “perder o que conquistaram”, mas em momento algum, em qualquer conversa, indicaram como agem ou o que se pode fazer para que essa riqueza não escoe por entre seus dedos. Parecem ter assumido um papel de espectadores, descartado o de agentes de transformação (que assumiam com orgulho no início do período pós-revolucionário). Assim, ironicamente, mesmo os mais críticos ao Estado, acabam por dar a ele “todo o poder”.

O que gostaria de destacar, ainda, em torno do “caso cubano”, é o fato de o “fracasso” de seu socialismo não decorrer da opção por esse projeto alternativo de modernidade, mas da falta de condições para realizá-lo, cada vez mais restritas em razão da globalização econômica e da mundialização da cultura. A Ilha não enfrenta problemas por causa do “socialismo”, propriamente dito. Mas, justamente, em razão da cada vez mais latente ausência dele, e de uma quase “automática” conversão da sua sociedade, por motivos variados, incluindo o da escassez, em uma comunidade de ávidos consumidores – e desencantados produtores.

A sabedoria chinesa ensina que “as oportunidades nascem da crise”. A questão é: para quem? Uma procura por publicações de consultorias internacionais permite perceber que, a olhos de investidores estrangeiros, Cuba é uma pedra a ser lapidada, uma mina a ser explorada, um mercado a ser consolidado. A certeza com que encerro essas páginas é de que o “atraso” cubano – inclusive em relação aos seus “semelhantes”, China e Vietnã – no que diz respeito à adoção de “reformas” pode ser, no fim das contas, característica capaz de sustentar sua

⁴¹Castells (2001, p. 30), define a identidade legitimadora como aquela “introducida por las instituciones dominantes de la sociedad para extender y racionalizar su dominación frente a los actores sociales [...] que también se adecúa a varias teorías del nacionalismo. Já a de resistência, segundo o autor, é aquela “generada por aquellos actores que se encuentran en posiciones/condiciones devaluadas o estigmatizadas por la lógica de la dominación, por lo que construyen trincheras de resistencia y supervivencia basándose en principios diferentes u opuestos a los que impregnan las instituciones de la sociedad [...]”

“excepcionalidade” ao fim do processo de “atualização” em marcha na Ilha, bem como o papel protagônico dos caribenhos como fonte a partir da qual pensar a viabilidade de um projeto alternativo (?) ao capitalismo sobreviver na contemporaneidade. Há muitas lições que podem ser apre(e)ndidas a partir de experiências positivas ou desastrosas em outras nações que há mais tempo enfrentaram ou enfrentam a necessidade de se “(re)colocar” no mundo. A história nos mostrou que manter um projeto coletivo depende de avançar economicamente, mas também de cativar, de despertar, renovar ou manter o afeto em relação ao (sempre inacabado) projeto em direção ao comunismo – iniciado, em Cuba, em 1959. Alcançar um novo “triunfo da revolução” é necessário. Mas ele só será “socialista” e poderá ser comemorado como tal quando os verbos “luchar”, “resolver” e “inventar”, empregados pelos cubanos para referirem-se à sua habilidade de (sobre)viverem meio às adversidades, voltarem a ser empregados no plural, e acompanhados pelo pronome “nós”.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, D. De la telenovela al debate público. Inter Press Service, 28 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.ipsnoticias.net/2008/06/sociedad-cuba-de-la-telenovela-al-debate-publico/>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

ACOSTA, L. F. Desigualdades: las mujeres en el centro del vórtice. Retrieved September 5, 2017, from <http://www.granma.cu/salud/2017-10-30/desigualdades-las-mujeres-en-el-centro-del-vortice-30-10-2017-15-10-32>

AHMAD, A., Linhagens do presente — ensaios, org. Maria Elisa Cevasco, São Paulo : Boitempo Editorial, 2002.

ALENCAR, M. A telenovela como paradigma ficcional da América Latina. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

ALENCAR, M. Brasil e cuba através da telenovela ou O encontro de Albertinho Limonta e Mamãe Dolores com Escrava Isaura e Roque Santeiro. São Paulo: Intercom, 1997. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/de1b39b8feae2fb3d00fb31b9202d86d.pdf> . Acesso em: e de janeiro de 2016.

ALFARO, S. O. Identidades narrativas, los usos sociales de lo popular y la telenovela. Realidad: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, 109, 441-453, 2006.

ALMEIDA, H. B de. Identificações afetivas: narrativas televisivas e as interpretações das audiências. Runa, v. 34, p. 163-176, 2013.

ALMEIDA, H. B de. Ficção Como Vitrine: A Telenovela na Promoção do Consumo. Novos Estudos, Nº 66, v. 2, jul. 2003.

ALMEIDA, H. B de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. Estudos Feministas, Florianópolis , v. 15, n. 1, p. 177-192, Apr. 2007.

ALONSO, L. E. La producción social de la necesidad. Economistas, ano 4, n 18, p. 26-31, 1986

ALONSO, L. E. Las nuevas culturas del consumo y la sociedade fragmentada. Pensar la publicidade, México, Vol. 1, Nº. 2, p. 13-33, 2007.

ALONSO. M. M. Recepção de telenovelas: um enfoque teórico-metodológico para su estúdio. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade de Havana, Havana, 1999.

ÁLVAREZ, C. M. Propiedad de Todos, Socialismo de Nadie. Revista de la Universidad de México, p. 16-20. jan 2018.

ALVAREZ, D. P. Identidades sociales y jóvenes: notas a tono de debate. In: CHUCO, Elaine Morales (Coord.). Identidad, cultura y juventud. Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello: Havana, 2017.

ALVES, G. o que é o precariado? Blog da Boitempo. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/22/o-que-e-o-precariado/>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

AMAYA, J. La pantalla nos recuerda: la construcción de la memoria cultural en la telenovela cubana 2000–2012. In: CADENA, M. de los A. R. (ed.) La ficción histórica en la televisión iberoamericana 2000-2012, p. 64-89, 2016.

AMIGO, B.; BRAVO, M. C.; OSORIO, F. Telenovela, recepción y debate social. Cuadernos.info. n. 35, p. 135–145, 2014.

ANG, Ien. A ficção televisiva no mundo: melodrama e ironia em perspectiva global. MATRIZES Ano 4, nº 1, São Paulo, p. 83-99, jul./dez. 2010.

ANGEL, H. Isaura deixa cubanos escravizados. O Globo, Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1984, Segundo Caderno, p.8.

ARCOS, G. Como Acabar Una Vez y Por Todas Con El Paquete., El Caiman Barbudo, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.caimanbarbudo.cu/articulos/2014/11/como-acabar-de-una-vez-y-por-todas-con-el-paquete/>>. Acesso em: 07 abril 2018.

ARCOS, G. Medios de comunicación y consumo cultural: una conversación con Gustavo Arcos, Cuba Posible, jan. 2015. Disponível em: <<https://cubaposible.com/medios-de-comunicacion-y-consumo-cultural-una-conversacion-con-gustavo-arcos-2-aa5-aa-2-2-aa-38/>>. Acesso em: 07 abril 2018.

ARREOLA, G. Restructuración en la tv cubana; hay más contenidos extranjeros. La Jornada. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2013/01/22/mundo/024n1mun>>, acesso em: 1 jul. 2015.

AYERBE, L. A revolução cubana. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

AZORÍN, Laura Soler. Teoría y evolución de la telenovela latinoamericana. Universidad de Alicante (ESP), 2015. 324 p.

BACCEGA, M. A. Recepção: nova perspectiva nos estudos da comunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n.12, São Paulo, p.7-16. mai./ago. 1998.

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v.7, n.19, p. 49 – 65, jul. 2010.

BALLANO, V. O. Sociological Perspectives on Media Piracy in the Philippines and Vietnam. Springer Singapore, 2016.

BANCO MUNDIAL. Informe sobre el desarrollo mundial 2015. dez 2014. Disponível em:

<<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/20597/WDR2015Overview-Spanish.pdf>>. Acesso em: 10abr2018

BARBOSA, L. Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BARKER, Chris. Global television: na introduction. Blackwell, Oxford, 2000.

BELLO, K. O. Jóvenes y la precarización del trabajo: el caso del cuentapropismo en Cuba . Desidades – Revista Elétronica de Divulgacion Científica de la Infancia y la Juventud, nº 17 ano 5, out-dez 2017.

BERDAHL, D. Where the World Ended: Re-Unification and Identity in the German Borderland. University of California Press, 1999.

BERZOSA, A. EL NEGRO COMO PUNTO DE PARTIDA. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 17, p. 72–82, 2012.

BLUE, Sarah A. Internationalism ' S Remittances : the Impact of Temporary Migration on Cuban Society. International journal of cuban studies, v. 5, n. 1, p. 41–61, 2013.

BOBBIO, N. Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política São Paulo: Unesp, 1994.

BORELLI, S. H. S. Telenovelas Brasileiras: balanços e perspectivas. São Paulo em Perspectiva. V. 15. n. 3. São Paulo, jul/set. 2001.

BOUDREAU-FOURNIER, A. Cópia y comparte: Visiones sobre las prácticas de circulación y consumo de bienes culturales en entornos no institucionales en Cuba. ALCANCE, la Revista Cubana de Información y Comunicación, Vol. 5, Núm. 10, 2016, p. 143-170.

BOURDIEU, P. A censura 1. v. 16, p. 1–4, 1977. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/225144027/BOURDIEU-Pierre-a-Censura-1>. Acesso em 22 de fevereiro de 2018

BOURDIEU, María Victoria. Para leer la “ contingencia ” latinoamericana : estudios culturales y economía política de la comunicación y la cultura. Intervenciones en estudios culturales n. 4, p. 95–107 , 2017.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos – CEBRAP* [online]. 2013, n.96 pp. 105-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2014.

BOURDIEU, P. O campo econômico. *Política e Sociedade*, n. 6, p. 15–57, 2005.

BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y. O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia. In: BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Rio de Janeiro: Zouk, 2008.

BRITO, J. A. Novos rumos da Revolução Cubana e o contexto da “atualização do socialismo”. *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina* p. 267–281, 2013.

BRONFMAN, A. “Batista is dead”: media, violence and politics in 1950s Cuba. *Caribbean Studies*, v. 40, n.1., p. 37-58, jan./jun., 2012

BUI, L. Globalization and the Public Cartographies of Vietnam Idol. *positions: east asia cultures critique*, vol. 20 no. 3, 2012, p. 885-910.

BURAWOY, M. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

CANCLINI, N. G. Los estudios sobre comunicación y consumo: el trabajo interdisciplinario en tempos neoconservadores. *Dialogos de la comunicación, Felafacs*. n. 32, 1992. p.2-6. Disponível em: <<http://www.dialogosfelafacs.net/wp-content/uploads/2011/10/32.pdf>> Acesso em: 7 fev. 2013.

CANCLINI, N. G. . *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANTÚ, A.; CIMADEVILLAO, G. Orientación, Consumo, Recepción y Uso de los Medios: una propuesta de articulación conceptual. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 21, n. 2, p. 41-54, 1998.

CARSPECKEN, P. F. *Critical Ethnography and Educational Research: a theoretical and practical guide*. London: Routledge, 1966.

CASTAÑEDA, D. Manquedades del Discurso Sobre el Consumo Cultural em Cuba. *Cine Cubano, la Pupila Insomne*. Disponível em: <<https://cinecubanolapupilainsomne.wordpress.com/category/consumo-audiovisual-en-cuba/>> Acessado em: 28 de julho de 2017.

CASTELLS, Manuel. *La era de la Información: Economía, sociedad y cultura. Volumen II - El poder de la identidad*. Buenos Aires (ARG): Siglo XXI, 2001.

CASTRO, R. Discurso pronunciado por el compañero Raúl Castro Ruz, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en las conclusiones de la sesión

constitutiva de la VII Legislatura de la Asamblea Nacional del Poder Popular. Disponível em: <<http://www.granma.cu/granmad/secciones/elecciones/113.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

CHONG, A.; LA FERRARA, E. Television and Divorce: Evidence from Brazilian Novelas. IDB Working Paper No. 548, JAN 2009. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1820936>. Acesso em: 10abr2018

CROSSLEY, N. Social Class. In: GRENFELL, M. Pierre Bourdieu. Durham (Inglaterra): Acumen, 2010.

CUBA VS BLOQUEO - INFORME DE CUBA: Sobre la resolución 71/5 de la Asamblea General de las Naciones Unidas, titulada "Necesidad de poner fin al bloqueo económico, comercial y financiero impuesto por los Estados Unidos de América contra Cuba", jun. 2017. Disponível em: <http://www.cubavsbloqueo.cu/sites/default/files/InformeBloqueo2017/informe_de_cuba_sobre_bloqueo_2017_espana.pdf>. Acesso em: 08 abril 2018.

CUÉ MANCERA , Agustín. La actualización del socialismo cubano. El Cotidiano, 198, p. 107-114. Jul.-ago., 2016

CURTIN, M. Política de comunicação no século XXI: do interesse nacional à gestão cultural. MATRIZES V. 9, nº 1, São Paulo, p. 13-28, jan./jun. 2015.

DEL REAL, P.; PERTIERRA, A. C. Inventar: Recent Struggles and Inventions in Housing in Two Cuban Cities. Buildings & Landscapes: Journal of the Vernacular Architecture Forum v. 15, n. 1, p. 78–92 , 2008. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/buildings_and_landscapes/v015/15.del-real.html>. Acesso em: 08 abril 2018.

DÍAZ, A. A.; ESPÍNEIRA, J. C. A. La migración internacional de cubanos . Escenarios actuales Cuban international migration : current scenarios. n. 26, p. 40–57, 2017.

DÍAZ, I.; ECHEVARRÍA, D. El emprendimiento en Cuba: un análisis de la participación de la mujer. Entramado, v. 13, n. 2, p. 54–67, 2016. "

DICIONÁRIO DA TV GLOBO: Programas de dramaturgia & entretenimento. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

DOMINGUES, F. Myths about Cuba. História: Debates e Tendências, Passo Fundo (RS), v. 10, n. 1, jan./jun., p. 9-34, 2010.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. El mundo de los bienes: hacia una antropología del consumo. México (DF); Girjalbo, 2006.

DRUMOND, Rafael. A divina paródia da 'nova classe média', notas sobre a teleconstrução do subúrbio na novela Avenida Brasil. In: Mediação, Belo Horizonte, v.16, n.19, jul.-dez. de 2014.

DUARTE, J.; BARROS, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. Atlas: São Paulo, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Cartografias dos estudos culturais. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação : um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, v. 4, n. 11, p. 115–135, 2007.

ESCOSTEGUY, A. C.; JACKS, N. Comunicação e Recepção: uma visão latino-americana. Razón y Palabra, vol. 12, núm. 57, junho-julho 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Editora da UnB, 2001. 316 p.

FEINBERG, R. E. Soft Landing in Cuba? Emerging Entrepreneurs and Middle Classes. LAtin America Initiative at Brookings, v. November, n. November, 2013.

FELIPPI, A. C. T. “Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora”. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008 (Série Conhecimento, 46).

FERES JR., João. A América latina vista do alto. Revista de Sociologia e Política n. 13, p. 183–188 , 1999.

FERNANDES, S. Recasting ideology, recreating hegemony: critical debates about film in contemporary Cuba. Ethnography v. 7, n. 3, p. 303–327 , 2006.

FERNANDES, F. Revolução Cubana- Da Guerrilha Ao Socialismo. São Paulo : Expressão Popular, 2007.

FLEITES et al. Consumo cultural en Cuba - II Encuesta nacional. INSTITUTO CUBANO DE INVESTIGACIÓN CULTURAL JUAN MARINELLO, nov. 2009.

FONSECA, P. A. A propósito de Bailando (y pensando) en Cuba. Portal de la Televisión Cubana. Disponível em: <<http://www.tvcubana.icrt.cu/destacados/3053-a-proposito-de-bailando-y-pensando-en-cuba>>. Acesso em: 07 abril 2018.

FORMENTO, M. C. La obra de la revolución cubana. Ibukku: Havana, 2017.

FREIRE, P. Diálogo con Paulo Freire. In: Diálogos con Paulo Freire. Havana: Editorial Caminos, 1997.

FRESNEDA, E. J. Migrantes en el socialismo: el desarrollo cubano a debate. Problemas del Desarrollo, v. 45, n. 176, p. 107–132, 2014.

FRESNEDA, Edel; DELGADO-WISE, Raúl. Migración y desarrollo en Cuba: socialismo, subdesarrollo productivo y globalización neoliberal. Migración y Desarrollo v. 11, n. 20, p. 155–185 , 2013.

FUENTE, A. de la. Race and income inequality in Contemporary Cuba, *Nacla Report on the Americas*, v. 4, n. 44, 2011.

GARCIA, A. Continuous moral economies: The state regulation of bodies and sex work in cuba. *Sexualities* v. 13, n. 2, p. 171–196 , 2010.1363-4607.

GARCÍA, L. M. G. Prensa en tiempos de cambio. Sobre los medios de comunicación y la actualización socioeconómica en Cuba. *ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación* v. 3, n. 4, p. 1–21 , 2014.

GARCIA, H. L. Copia y comparte: Visiones sobre las prácticas de circulación y consumo de bienes culturales en entornos no institucionales en Cuba. *ALCANCE, la Revista Cubana de Información y Comunicación*, Vol. 5, Núm. 10, 2016, p. 143-170.

GEOFFRAY, M. L.; CHAGUACEDA, A. Medios de comunicación y cambios en la política de información en Cuba desde 1959. *Temas de Comunicación* v. 29, p. 171–196, 2014.

GÉRIN-LAJOIE, Diane. A Aplicação da Etnografia Crítica nas Relações de Poder. *Revista Lusófona de Educação*, n. 14, p. 13-27, 2009. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal.

GOLDENBERG, M. Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira. *Saude soc.[online]*. ol.20, n.3, pp.543-553. 2011

GOMES, I.M.M. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. In: Itania Maria Mota Gomes; Maria Carmem Jacob de Souza. (Org.). *Media e Cultura*. Salvador: EDUFBA, 2002, v. , p. 27-51.

GOMES, I.M.M. Efeito e recepção. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GONZÁLEZ, A. P. Huellas norteamericanas en la cultura cubana contemporánea. *Temas*, n. 8, p. 59–72 , 1996.

GORDY, Katherine *Living Ideology in Cuba: Socialism in Principle and Practice*. University of Michigan Press: Michigan, 2015

GOTT, R. *Cuba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere* v.6. *Civilização Brasileira*: Rio de Janeiro, 2002.

GUEVARA, E., El socialismo y el hombre en Cuba, in: MARTÍNEZ, J. H. (Org.), *Antología del pensamiento crítico cubano contemporáneo*, Buenos Aires (ARG): Clacso, 2015.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. .9788578110796.

HALL, S. *Sín garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán, Colombia: Enviñ editores, 2010.

HALL, S. Gramsci y nosotros. *Intervenciones en estudios culturales*, n. 4, p. 11–24, 2017.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia (Org), *História da vida privada no Brasil*. 4, 439-487, Companhia das Letras, 1998.

HAMBURGER, Esther. *Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 61-86, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 junho 2016.

HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia (Org), *História da vida privada no Brasil*. 4, 439-487, 1998.

HANSING, K.; OPTENHÖGEL, U. Cuba: las desigualdades se tornan visibles. *NUEVA SOCIEDAD*, n. 255, p. 3–18, 2015.

HEREDIA, F. M. *La Revolución Cubana del 30. Ensayos*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

HEREDIA, F. M. Nacionalismo, raças e classes na Revolução de 95 e na Primeira República Cubana. In: Olivia M. G. Cunha (org.). *Outras ilhas: espaços, temporalidades e transformações em Cuba*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano/Faperj. 2010.

HEREDIA, Fernando Martínez. *Cuba en la encrucijada, ensayos*. Ruth Editorial: Havana, 2017.

HERNANDEZ, R. et al. El consumo: economía, cultura y sociedad. *Temas*, n. 47, 2006.

HERRERA, Y. S. Integración social y consumo en el vestir de los jóvenes como práctica sociocultural: estudio de caso en el contexto universitario. *Revista Estudios del Desarrollo Social: Cuba y América Latina*, v. 4, n. 3, p. 15–24, 2016.

HOLBRAAD, M. Dinheiro e necessidades no “period Especial’ de Havana. In: CUNHA, O. M. G. da. (ed.) *Outras Ilhas: Espaços, Temporalidades e Transformações em Cuba*, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

HOSKINS, Colin; MIRUS, Rolf. Reasons for the US dominance of the international trade in television programmes. *Media, Culture & Society* v. 10, n. 4, p. 499–515, 1988.

IGLESIAS, B. et al. USB: el consumo audiovisual informal. *Temas*, n. 70, p. 81-91, abril-junho de 2012.

INSTITUTO IPSOS. PERIGOS DA PERCEPÇÃO 2017. São Paulo, 2017.

JACKS, N., Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate. *ILHA*, v. 10, n. 2, 2008, p. 18-35.

JACKS, N. Os meios como parte das mediações : desdobramentos do pensamento barberiano. In: MORAGAS, M. DE; TERRÓN, J. L.; RINCÓN, O. (Eds.). . De los medios a las mediaciones de Jesús Martín Barbero, 30 años después. Barcelona (ESP): Bellaterra, 2017. p. 132–134.

JACKS, N., MENEZES, D. e PIEDRAS, E. Meios e Audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre. Sulina, 2008.

JACKS, N., SCHMITZ, D. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações *MATRIZES*, v. 12, n. 1, São Paulo, jan./abr. 2018, p. 115-130.

JACKS, N.; WOTTRICH, L. H. O legado de Stuart Hall para os estudos de recepção no Brasil. *Matrizes* v. 10, n. 3, p. 159–172 , 2016

JACOMINO, F. L. Bailando (y pensando) en Cuba. Disponível em: <<http://www.lajiribilla.cu/articulo/bailando-y-pensando-en-cuba>>. Acesso em: 1 set. 2017.

JOHN, Valquiria Michela. Mundos possíveis e telenovela: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2014. 200 p.

KELLNER, D. Cultura da Mídia. Bauru, EDUSC, 2001.

KOGUT, P. 'Avenida Brasil' faz sucesso em Cuba e meninas imitam Suellen. *O Globo Online*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2013/11/avenida-brasil-faz-sucesso-em-cuba-e-meninas-imitam-pose-de-suellen.html>>. Acesso em: 9 fevereiro de 2014.

KUIPERS, G. The rise and decline of national habitus: Dutch cycling culture and the shaping of national similarity. *European Journal of Social Theory*, 16(1):17-35. 2013

KUMARASWAMI, P. ¿Cómo entender la Revolución cubana? Dos perspectivas externas. *Temas*, n. 77, p. 116-120 , 2014.

LA FERRARA, E; CHONG, A.; DURYEA, S. Soap Operas and Fertility: Evidence from Brazil. IDB Working Paper No. 533, jun. 2008. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1820921>. Acesso em: 10abr2018

LA PASTINA, A. C.; STRAUBHAAR, J. D. Multiple proximities between television genres and audiences: The schism between telenovelas' global distribution and local consumption. *Gazette*, v. 67, n. 3, p. 271–288, 2005.

LAMBERT, P. Rectificamos o erramos. In: *Le Monde Diplomatique. Cuba Explorador - Los dilemas del cambio*. Buenos Aires, 2016, p. 33-38.

LAMONT, M.; PENDERGRASS, S.; PACHUCKI, M.A. Boundary processes: Recent theoretical developments and new contributions. *Poetics* n. 35(6), 2007, p. 331–51.

LARSEN, B. S.; TUFTE, T. ¿Es necesario seguir un ritual? explorando los usos sociales de los medios de comunicación. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, vol. VII, núm. 13, p. 9-40, México, junho, 2001.

LAVERTY, C. "Cuba's New Resolve: Economic Reform and its Implications for U.S. Policy," Report , Centre for Democracy in the Americas , 2011

LE REVIREND, J. Breve história de Cuba. Instituto Cubano: Havana, 1997.

LEDENEVA, A.V. Economies of favours or corrupt societies: Exploring the boundaries between informality and corruption. *The Baltic Worlds* , p. 13 – 21, 2014

LI, L. Chinese television between the state and the market: an analysis of the business reality show *Win in China*. *Media, Culture & Society*, n. 35(7), 2013, p. 906–917.

LITTLER, J. Meritocracy as Plutocracy: The Marketising of 'Equality' Under Neoliberalism. *New Formations*, v. 80, n. 80, p. 52-72, 2013.

LITTLER, J. *Against meritocracy : culture, power and myths of mobility*. Nova Iorque: Routledge, 2018.

LOPES, Maria I.V. de. Brasil – Panoramas ficcionais diante do novo, em busca do novo. In: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Lorenzo Vilches (orgs.), *Mercados globais, histórias nacionais*, Rio de Janeiro: Globo, 2008.

LOPES, M. I. V (org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOPES, M. I. V. Televisiones y narraciones: las identidades culturales en tiempos de globalización. *Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, ISSN 1134-3478, Nº 30, pags. 35-41, . 2008.

LOPES, M. I. V. et al. Brasil: Caminhos da ficção entre velhos e novos meios. In: LOPES, M.I.V; OROZCO GOMÉZ, G. *Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências*. Rio de Janeiro: Globouniversidade, 2011.

LOPES, M. I. V. A teoria barberiana da comunicação. *Matrizes*, v. 12, n. 1, p. 39–63, 2018.

LOPES, M. I. V. DE. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 65–80, 2014.

LOPES, M. I. V. Telenovela como recurso comunicativo. *Matrizes*, 3 (1), p. 21-47, 2009.

LOPES, M. I. V.; OROFINO, M. I. R. Jesús Martín-Barbero. Dicionário de Comunicação. Escola, teorias e autores. São Paulo: Contexto. 2014. p 364-369.

LOPEZ, Matias, SILVA, Graziella Moraes. "Brazilian People" in the Eyes of Elites: Repertoires and Symbolic Boundaries of Inequality. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 157-182, Abril 2015.

LUTHAR, Breda. Remembering socialism: On desire, consumption and surveillance. *Journal of Consumer Culture*, v. 6, n. 2, p. 229–259, 2006.

MA, E. K. Culture, Politics, and Television in Hong Kong. Routledge : Londres, 2001. (Série Culture and Communication in Asia).

MACHADO-BORGES, T. An ethnographic approach to the reception of telenovelas: some reflections on research methods. *Ecompós*, v. 10, 2007.

MAO Jr., J. R. A revolução cubana e a questão nacional (1868-1963). Núcleo de Estudos d'O Capital. São Paulo, 2007.

MARQUES, C. Distinção, corpo de classe e estilo de vida. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFSM.

MARQUES, Camila Da Silva. Perspectiva sociocultural do consumo : reflexões sobre usos e apropriações a partir de Nestor García Canclini. 2016, São Paulo: [s.n.], 2016. Disponível em: <http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT2/GT02-CAMILA_MARQUES.pdf>.

MARTÍN-BARBERO, J. Televisión Pública, Televisión Cultural- Entre la Renovación y la Invención. In: RINCÓN, O. (Ed.). Televisión pública: del consumidor al ciudadano. Bogotá (COL): 2001, p. 35–69.

_____. Os Exercícios do Ver: Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva. São Paulo, Editora Senac, 2004b

_____. La televisión en Colombia: melodrama y vida cotidiana. Diálogos de Comunicación N° 17, Lima, 1987.

_____. Pre-textos: Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos. Colombia, Cali: Universidad del Valle, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de Cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. Santiago, México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

_____. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. Prefácio. In: LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. R. Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

_____. Prólogo-entrevista. In: BONILLA, Jorge et al. (orgs.) De las audiências contemplativas a los productores conectados. Cali: Sello Editorial Javeriano, 2012.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. de (Org.). Sujeito, o lado oculto do receptor, São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, J. Cultura y nuevas mediaciones tecnológicas – America Latina: otras visiones de la cultura. Bogotá: CAB, 2005.

MARTIN-BARBERO, J.; MUÑOZ S. (org). Televisión y Melodrama. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.

MARTINO, L. M. S. Teorias das mídia Digitais. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Vozes: 2012.

MARX, Karl, Crítica do Programa de Gotha. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/index.htm>>, acesso em: 21 dez. 2017.

MASVIDAL, M. et al. USB: el consumo audiovisual informal. Temas, n. 70, p. 81-91, abril-junho de 2012.

MATELSKI, M. J. As Our Worlds Turn: The Birth and Rebirth of Cuban Serial Drama. Journal of Popular Film and Television, v. 38, n. 4, 2010.

MATTELART, M.; MATTELART, A. The Carnival of Images - Brazilian Television Fiction. Bergin & Garvey, 1990.

MATTELART, M.; MATTELART, A. O Carnaval das Imagens: a Ficção na Tv. Brasiliense. 1998.

MAZZIOTTI, Nora; FREY-VOR, Gerlinde, Telenovela e soap opera, Comunicação & Educação, n. 6, p. 26–35, 1996.

MCCHESENEY, R. W. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, D. de (org). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEIRELLES, C. F. Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos. Dissertação de mestrado, Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MELO, J. Televisão brasileira. São Paulo: Cátedra UNESCO / UMESP de Comunicação, 2010.

MELO, José M. de. As telenovelas da Globo: Produção e exportação. 1. ed. São Paulo: Editora Summus, 1988. 68p .

MESA-LAGO, C. Efectos económicos en Cuba del derrumbe del socialismo en la Unión Soviética y Europa Oriental. Estudios Internacionales, 26.103, p. 341-414, 1993.

MESA-LAGO, C. La desigualdad del ingreso y la experiencia de América Latina. Temas, n. 84: 22-30, out.-dez. de 2015.

MIHELJ, S. Understanding Socialist television: concepts, objects, methods. VIEW: Journal of European Television History and Culture, 3 (5), pp.7-16, 2014.

MONREAL, P. Desigualdad social en Cuba: ¿marcha triunfal? Disponível em: <<http://cubapossible.net/articulos/desigualdad-social-en-cuba-marcha-triunfal-2-aa5-7-2-2-7>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MOORE, M.; REIS, E. Elite perceptions of poverty and inequality. Londres (ING): Zed Books, 2005.

MORAES, D. Sistema midiático e poder na era digital. Blog da Boitempo, abr. 2013, Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2013/04/03/sistema-midiatico-e-poder-na-era-digital/>>. Acessado em: 12 de junho de 2016.

MORAIS, F. A Ilha. São Paulo: Alfa-ômega, 1976

MORAS, P. Copia y comparte: Visiones sobre las prácticas de circulación y consumo de bienes culturales en entornos no institucionales en Cuba. ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación, v. 5, n. 10, p. 143–170, 2016.

MORENO, R. B. La dominación anunciada: Publicidad comercial y fantasía norteamericana en Cuba (1948-1958). Perfiles de la Cultura Cubana, 2014.

MOSCOVICI, S. "The phenomenon of social representation", In: Social Representations, R. Farr & S. Moscovici (Eds.), Cambridge University Press. 1984.

MURDOCK, Graham. Comunicação contemporânea e questões de classe. Matrizes, Ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.

NETO, Raul De Gouvea. Case Study: TV Globo- The Brazilian Media Giant. Thunderbird International Business Review, v. 39, n. 2, p. 255–269 , 1997

NGUYEN-THU, G. Personal Wealth, National Pride: Vietnamese Television and Commercial Nationalism. In: Volcic Z., Andrejevic M. (eds) Commercial Nationalism. Palgrave Studies in Communication for Social Change. Palgrave Macmillan, London, 2016.

NICOLOSI, Alejandra Pia. Merchandising social na telenovela brasileira. Um diálogo possível entre ficção e realidade em Páginas da Vida. 2009.

NOGUERA, A. Estructura social e igualdad en la Cuba actual: La reforma de los noventa y los cambios en la estructura de clases cubana. Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe, n.76, La Rioja (ESP), abril de 2004. p. 45-59

NUEZ, Iván de La. CUBA: ¿ HOMBRE NUEVO A LA VISTA ? Revista de La UNiversidad de México n. Outubro, p. 26–33 , 2017.

OLIVEIRA, Caroline. Sociedade Os brasileiros têm uma percepção equivocada da realidade ?, Carta Capital, disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-brasileiros-tem-uma-percepcao-equivocada-da-realidade>>, acesso em: 1 jan. 2018.

OLIVEN, R. G.; MACHADO, R. P. . From 'Country of the Future' to Emergent Country: Popular Consumption in Brazil. In: Anna Pertierra. (Org.). Consumer Culture in Latin America. 1ed.Londres: Palgrave Macmillan, 2012, v. 1, p. 53-65.

OROZCO, Guillermo; MILLER, Toby. La Televisión más allá de sí misma. Comunicación y Sociedad v. 30, p. 107–127 , 2017

OROZCO, G.; MILLER, T. Television in Latin America Is “Everywhere”: Not Dead, Not Dying, but Converging and Thriving. Media and Communication, vol. 4, nº 3, p. 99-108. 2016.

OROZCO-GÓMEZ, G. Dialéctica de la mediación televisiva: estructuración de estrategias de recepción por los televidentes”. Análisis, N. 15, España: Universidad Autónoma de Barcelona, 1993

ORTIZ, R. Mundialização e cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. S. Paulo: Editora Ática, 1983.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo : Brasiliense, 1994.

OXFAM. Nós e a desigualdade: Pesquisa Oxfam Brasil/Datafolha - Percepções sobre desigualdades no Brasil. São Paulo: [s.n.].

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Acepção De Algunos Términos Utilizados En La Conceptualización Del Modelo Económico Y Social Cubano De Desarrollo Socialista Y En Las Bases Del Plan Nacional De Desarrollo Económico Y Social Hasta El 2030. Havana: Partido Comunista de Cuba, 2017. Disponível em:

<[http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Acepción de términos conceptualización y bases del plan hasta 2030.pdf](http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Acepción%20de%20términos%20conceptualización%20y%20bases%20del%20plan%20hasta%202030.pdf)>. Acesso em: 21 de abril de 2018.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución, Havana, 2017.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Conceptualización del modelo económico y social cubano de desarrollo socialista. Havana, 2017.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Información sobre el resultado del Debate de los Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución. Havana: 2011.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. Actualización De Los Lineamientos De La Política Económica Y Socialista Del Partido Y La Revolución Para El Periodo 2016-2021. 2016.

PÉREZ, J. O. The media in Castro's Cuba: every word counts. In: LUGO-OCANDO, J. (Ed.). . The Media in Latinamerica. Berkshire (Inglaterra): Open University Press, 2008. p. 229.

PÉREZ JR., L. A. Tan Cerca, Tan Lejos: Cuba y los Estados Unidos (1860-1960). TEMAS n. 8, p. 4–9 , 1996.

PÉREZ JR., L. A. Ser cubano : identidad, nacionalidad y cultura. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2016.

PÉREZ, J. O. The media in Castro's Cuba: every word counts. In: LUGO-OCANDO, J. (Ed.). . The Media in Latinamerica. Berkshire (Inglaterra): Open University Press, 2008. p. 229.

PERTIERRA, A. C. Television and consumer culture: examples from Cuba and the Philippines. Relatório de pesquisa. Centre for Critical & Cultural Studies University of Queensland Australia, nd.

PERTIERRA, A. C. Materialidade da escassez: as residências urbanas de cuba e sua cultura material. In: CUNHA, O. Outras ilhas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

PIQUEIRA, M.T. Telenovelas da rede Globo de televisão e a construção da imagem do brazilian way of life. Revista Temporis [ação] , v.15 , n.2, p.29-45, jul./dez., 2015

PIQUEIRA, M. T. . Telenovelas da rede globo de televisão e a construção da imagem do brazilian way of life. Revista Temporis [ação] , v. 15, p. 29-43, 2015.

POWELL, K. Neoliberalism, the special period and solidarity in Cuba. Critique of Anthropology, v. 28, n. 2, p. 177–197, 2008.

PRIETO, M. P. E. Reajuste y Movilidad Social en Cuba. Cuadernos sociológicos, Universidad ARCIS (Santiago, Chile).no. 2, 2002.

PRIETO, M. P. E. La política social en Cuba: nueva reforma económica, *Rev. Ciencias Sociales*, 135-136, p. 227-236, 2012.

PRIETO, M. E. Viejas y nuevas desigualdades en Cuba. *Nueva Sociedad*, v. Julio-Agos, n. 216, p. 133–149, 2008.

PRIETO, Rodrigo Espina. Hacia La Eliminación De Las Brechas Raciales : Juventud Y Programas, *La última década*, v. 17, n. 31, p. 89–106, 2009.

PRIETO, Mayra Espina; TOGORES, Viviana. Cambio estructural y rutas de movilidad social em la Cuba actual. In: DOMÍNGUEZ, Jorge I. (Coord.). *Desarrollo económico y social en Cuba. Reformas emprendidas y desafíos en el siglo XXI*. Fondo de Cultura Económico: México, 2012

PUENTES, S. M. *Revolución cubana: hechos más que palabras*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 2008

QUESADA, R. A. DE. La Constitución de 1940 en nuestra historia. 2010. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/opinion/2010/10/09/la-constitucion-de-1940-en-nuestra-historia/#.WyAOAYpKjIU>>. Acesso em: 1 out. 2017.

RAIMONDI, M. M. La telenovela en América Latina: experiencia de la modernidad en la región y su expansión internacional. *ARI. Análisis del Real Instituto elcano*, no. 74. 2011.

RAMONET, I. O poder midiático. In: MORAES, D. de, *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo, Record, 2003.

RAMONET, I. *Fidel Castro: Biografía a Dos Voces*. Debolsillo, 2015.

RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: biografía a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006.

RAUD, C. Bourdieu e a nova sociologia econômica. *Tempo Social*. v. 19, n. 2, p. 203-32, 2007.

REGUILLO, R. Formas del saber. Narrativas y poderes diferenciales en el paisaje neoliberal. In A. Grimson (Ed.), *Cultura y Neoliberalismo*. Buenos Aires: CLACSO, 2007, p. 91–110.

REIS, E. P. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 42, p. 143–152, 2000.

MOORE, M.; REIS, E. *Elite perceptions of poverty and inequality*. Londres (ING): Zed Books, 2005.

REIS, E. P.; MORAES SILVA, G. Processes and national dilemmas: The Interplay of Old and New Repertoires of Social Identity and Inclusion. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 38, n. 2, p. 15–38, 2015.

RICCO, F.; VANNUCCI, J. A. Biografia da televisão brasileira. Matrix. Edição do Kindle. 2017.

RINCÓN, O. G. La telenovela: un formato antropófago. Chasqui, Quito, n. 104, Dez. 2008.

RINCÓN, O. Somos la telenovela que queremos se. ReVista: Harvard Review of Latin America (em Español), v. XVII, n. 1, 2017.

RIVERO, Y. Broadcasting Modernity: Cuban Television, 1950-1953. Cinema Journal, v. 46, n. 3, p. 3-25, 2007.

RIVERO, Y. Havana as a 1940s-1950s Latin American Media Capital. Critical Studies in Media Communication, v. 26, n. 3, p. 275-293, 2009.

RIVERO, Y. Watching TV in Havana: revisiting the local/global television past through the lens of the television present. In: Wilkins, K.; Straubhaar, J.; Kumar, S. Global communication. Nova York: Routledge, 2014.

RIVERO, Y. M. Broadcasting Modernity: Cuban commercial television, 1950-1960. Londres: DUKE UNIVERSITY PRESS, 2015.

RIVERO, Yeidy. Watching TV in Havana: Revisiting the Local/Global Television Past through the Lens of the Television Present. In: WILKINS, K., STRAUBHAAR, J, KUMAR, S. Global Communication: New Agendas in Communication. Nova Iorque: Routledge, 2013.

ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. Comunicação, Mídia E Consumo, 2, 2005, p. 123–138.

ROCHA, E. ; BARROS, C. ; KARAM, K. . Diversões perigosas: experiências de entretenimento e limites do consumo. In: XVIII COMPÓS, 2009, Belo Horizonte. Anais do XVIII COMPÓS. Belo Horizonte: COMPÓS, 2009.

ROCHA, E. P. A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

_____. Totem e consumo: um estudo antropológico de anúncios publicitários. ALCEU - v.1 - n.1 -pg 18 a 37 - jul/dez 2000.

RODRIGUEZ, A. Voces desde Cuba: El millonario negocio del peculiar “internet” cubano sin conexión a la red. Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/blogs/2015/09/150910_voces_desde_cuba_alejandro_rodríguez_paquete_semanal>. Acesso em: 12 jun. 2016.

RODRIGUEZ, D. C.; MOYA, D. F. Teleadictos : Conquistando la TV por la izquierda . Aproximación a la construcción de sentidos a partir del consumo ... ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación, v. 4, n. 7, 2015.

RODRIGUEZ, A. Voces desde Cuba: El millonario negocio del peculiar "internet" cubano sin conexión a la red. Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/blogs/2015/09/150910_voces_desde_cuba_alejandro_rodríguez_paquete_semanal>. Acesso em: 12 jun. 2016.

RODRIGUEZ, D. C.; MOYA, D. F. Teleadictos : Conquistando la TV por la izquierda . Aproximación a la construcción de sentidos a partir del consumo ... ALCANCE Revista Cubana de Información y Comunicación, v. 4, n. 7, 2015.

ROJAS, R. Cultura e ideología en el poscomunismo cubano. In: PARROND, M. DE M. (Ed.). . Cuba: sociedad, cultura y política en tiempos de globalización. [s.l.] Centro Editorial Javeriano, 2003.

ROJAS, R. El derecho de nacer. Legitimidad, historia y literatura en Cuba. In: FONT, M. Cuba futures: Historical perspectives. Nova York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, 2011.

ROJAS, R. Cultura e ideología en el poscomunismo cubano. In: PARROND, M. DE M. (Ed.). . Cuba: sociedad, cultura y política en tiempos de globalización. [s.l.] Centro Editorial Javeriano, 2003.

ROJAS, R. El Derecho de Nacer: Legitimidad, historia y literatura en Cuba (1952-1976). In: BILDNER, M. F. (Ed.). . Cuba futures: historical perspectives. Nova Iorque: Bildner Center for Western Hemisphere Studies, 2011.

RONSONI, V. M. A crença no mérito e a desigualdade a recepção da telenovela do horário nobre. Sulina: Porto Alegre, 2012.

RONSONI, V. M. Mercadores de sentido. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

RONSONI, Veneza Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, Itania Maria Mota; JIANOTTI Jr, Jeder. (Org.). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: EDUFBA, 2011"

RONSONI, V. M. A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RONSONI, Veneza Mayora; COGO, Denise (Org.) ; Repoll, Jerónimo (Org.) . Estudos de Recepção Latino-Americanos: métodos e práticas.. 1. ed. Belaterra: Institut de la Comunicació - Universitat Autònoma de Barcelona, 2014.

RONSONI, Veneza Mayora. Sementes híbridas em campos cercados. Revista Fronteiras (Online), São Leopoldo, v. V, n.2, p. 25-36, 2003.

RUIZ, P. R. "Misterio de lo débil, fuerza de lo suave..." Los derroteros de los cambios en Cuba. Antrópica. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades. Año 2, vol. 2, núm. 4, julio-diciembre 2016, pp. 105- 112.

RUIZ, P. R. La sociedad cubana antes los cambios actuales: sus retos y complejidades. *Internation JOurnal of Cuban Studies* , 2016.

RUIZ, P. R. Notas para una aproximación a la cultura del rebusque en Cuba. *Osal*, n. 36, 2014.

SALATA, André; SCALON, Celi. Do Meio à Classe Média: como a “nova classe média” e a “classe média tradicional” percebem sua posição social? *Ciências Sociais Unisinos* v. 51, n. 3, p. 375–386 , 2015.

SALMENNIEMI, S. *Rethinking class in Russia*. Burlington: Ashgate Pub., 2012.

SANTANA, A. T. Cultura y política en la televisión: desafíos de lo público. *Perfiles de La Cultura Cubana*, 2009, p. 1–6.

SANTOS, F. L. B. Para onde vai a revolução cubana? Dilemas do socialismo primitivo. *Contextualizaciones Latinoamericanas*, n. 17, aug. 2017.

SARDUY, L. Publicidad y TV en Cuba: un oscuro telón de fondo? *Envivo*, n. Edicion Especial, 2010.

SCARPACI, J. L. Material and cultural consumption in Cuba: new reference groups in the new millennium. *Journal of Cultural Geography*, v. 31, n. 3, p. 257–279, 2014.

SCHNEIDER, M. Representação, realidade e comunicação midiaticizada. *Contemporanea*, vol. 8, nº 1. Jul. 2010.

SETTON, M.G.J. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. *Estudos de Sociologia* v. 15, p. 19–36 , 2010.

SIERRA, M.C. Cuba. In: Newcomb, H.; O'Dell, C.; Watson, N. *Encyclopedia of television*. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 1997.

SIERRA, M. C. Panorámica histórica de la telenovela en Cuba. *Cubarte*, Havana, 3 de julho de 2010. Disponível em <http://archivo.cubarte.cult.cu/periodico/print/articulo/15242.html>: Acesso em: 21 de junho de 2015

SIERRA, M. C. La historia en las telenovelas: Una práctica sexagenaria. *Cubarte*, 26 de abril de 2013. Disponível em: <http://archivo.cubarte.cult.cu/periodico/columnas/tv-y-cultura/la-historia-en-las-telenovelas-una-practica-sexagenaria/6/24368.html> Acesso em: 21 de junho de 2015

SIERRA, M. C. Las telenovelas en el centro del debate (I). *Cubarte*, Havana, 11 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://archivo.cubarte.cult.cu/periodico/print/articulo/26078.html>. Acesso em 3 de janeiro de 2016.

SIERRA, M. C. Un desmentido recurrente sobre “El derecho de nacer”. Martianos, Havana 18 de junho de 2015. Disponível em: <http://martianos.ning.com/profiles/blogs/un-desmentido-recurrente-sobre-el-derecho-de-nacer-por-mayra-cue>. Acesso em: 3 de janeiro de 2016

SIERRA, M. C. Panorámica histórica de la telenovela en Cuba. 2017. Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-historia/46-historia/219-panoramica-historica-de-la-telenovela-en-cuba>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SIERRA, M. C. Panorámica histórica de la telenovela en Cuba. Disponível em: <http://www.tvcubana.icrt.cu/seccion-historia/46-historia/219-panoramica-historica-de-la-telenovela-en-cuba>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SIFUENTES, L.; ESCOSTEGUY, A. C. O mapa das mediações comunicativas da cultura: uma segunda onda na abordagem das mediações de Martín-Barbero? XXV Encontro Nacional da Compós, v. 1, p. 1–12, 2016.

SIFUENTES, L.; ESCOSTEGUY, A. C. O mapa das mediações comunicativas da cultura: uma segunda onda na abordagem das mediações de Martín-Barbero? XXV Encontro Nacional da Compós, v. 1, p. 1–12, 2016.

SILVA, R. M. O processo de mercantilização cultural no capitalismo tardio: uma análise das telenovelas brasileiras. Eptic, Vol. 17, nº 1, p. 46-63, jan./abr. 2015

SILVERSTONE, R. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

SINCLAIR, J. The globalization of latin american media, NACLA Report on the Americas, set. 2007.

SKEGGS, B.; THUMIM, N.; WOOD, H. 'Oh goodness, I am watching reality TV': How methods make class in audience research. European Journal of Cultural Studies, v. 11, n. 1, p. 5-24, 2008.

SOUZA, J. Ralé brasileira: quem é, como vive? Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, J. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOUZA, J. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOUZA, J. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

SOUZA, M. C. J. de Telenovela e representação social: Benedito Ruy Barbosa e a representação do popular na telenovela Renascer. E-papers, Rio de Janeiro, 2004.

STRAUBHAAR, D. World Television: from global to local. [S.l.]: Sage Publications, 2007.

STRAUBHAAR, J. The Transformation of Cultural Dependence: the Decline of American Influence on the Brazilian Television Industry. Tese (Doutorado em Comunicação). University of Michigan, EUA, 1981.

STRAUBHAAR, J. As múltiplas proximidades das telenovelas e das audiências. In: Lopes, M.I.V. (org.). Telenovela: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SUÑOL, José Vega. Otros colonizadores? Enclaves norteamericanos en Cuba. Temas n. 8, p. 45–54, 1996.

SUSEN, S. Bourdieu and Adorno on the Transformation of Culture in Modern Society: Towards a Critical Theory of Cultural Production'. SUSEN, S.; TURNER, B. The legacy of Pierre Bourdieu. London: Anthem Press, 2011.

SZAFRANIEC, K. The Contemporary Context of Youth Socialization: the Specificity of Post-Communist Countries. Polish Sociological Review, v. 2, n. 192, p. 167–187, 2017.

SZULC, T. Fidel: um retrato crítico. São Paulo: Best Seller, 1987.

TAPIA, B. D.; PÉREZ, Y. M. Usos sociales de la telenovela por familias cubanas de diferentes posiciones socioeconómicas. CUADERNOS.INFO, v. 33, p. 13–28, 2013.

TOGORES, Viviana. "Cuba: Efectos Sociales de la Crisis y el Ajuste Económico de los 90s", Balance de la Economía Cubana a Finales de los 90s. Havana: Centro de Estudios de la Economía Cubana, março, 1999

TORRES, Josefa Brasero. Televisión: ¿Ángel o demonio?. Havana: Ediciones En Vivo, 2015.

TUFTE, T. Telenovelas, cultura e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social. In: Lopes, M.I.V. (org.). Telenovela: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TURNER, G. Setting the Scene for Commercial Nationalism: The Nation, the Market, and the Media. In: VOLCIC Z., ANDREJEVIC M. (eds) Commercial Nationalism. Palgrave Studies in Communication for Social Change. Palgrave Macmillan, London, 2016.

TYLER, I. Classificatory Struggles: Class, Culture and Inequality in Neoliberal Times. The Sociological Review, 63:2, p. 493-511, 2015

VELEZ, J. I. B.; OTALORA, M.M.C; RODRIGUEZ, O.G.R; ZULUAFÁ, J. (orgs.) De las audiências contemplativas a lós productores conectados. Cali: Sello Editorial Javeriano, 2012

VICENT, Mauricio. Honores al lector de tabaquería. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2012/12/24/actualidad/1356359248_461725.html>. Acesso em: 1 jan. 2018.

VOLCIC, Z.; ANDREJEVIC, M. Commercial Nationalism: Selling the Nation and Nationalizing the Sell, Palgrave Macmillan UK, 2016.

WACQUANT, L. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. Traduzido por Sergio Lamarão. *Novos Estudos*, v. 96, p. 87–103, 2013.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. *Revista de Sociologia e Política* n. 26, p. 13–29, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 5 de maio de 2016.

WACQUANT, L.. Notas para Esclarecer a Noção de Habitus. *Rbse* v. 6, n. 16, p. 5–11, 2007.

WANG, J. Critical Introduction: The Chinese “Popular”- Agendas and Methodologies, Positions: *East Asia Culture Critique* 9(1), p. 1-27, 2001.

WANG, Xiaoying. The Post-Communist Personality: The Spectre of China’s Capitalist Market Reforms. *The China Journal*, n. 47, p. 1–17, 2002.

WILSON, M. The moral geography of food in post-1993 Cuba: Domestic versus tourist sectors. *Caribbean Geography* v. 17, n. 1-2, p. 17–24, 2012.

WORTMAN, A. Construcción Imaginaria de la Desigualdad Social. Colección Becas de Investigación. CLACSO Editorial, 2007.

YANG, L. Reality Talent Shows in China: Transnational Format, Affective Engagement, and the Chinese Dream. In: OUELLETTE, L. (Ed.). *A Companion to Reality Television*. Oxford (ING): Wiley-Blackwell, 2014.

YU, H. *Media and Cultural Transformation in China*. London : Routledge, 2009.

APÉNDICE A – INSTRUMENTO I

SOCIECONÔMICO

1. Nombre:
2. Fecha de Nacimiento:
3. Profesión:
4. Grado escolar:
5. Eres: () Casado(a)
 () Soltero(a)
 () Viudo(a)
 () Separado
6. ¿Tienes hijos? Se sí, cuántos y cuál es la edad de ellos?
7. Sobre tus padres y hijos:
 ¿Profesiones?
 ¿Formacion educacional?
8. ¿Con quién vive usted?
9. ¿La casa en que vives es propia o alquilada?
10. Sobre los ingresos, de cuánto son los tuyos? Y de los demás habitantes de la casa? ¿Eses refursos son suficientes? ¿O buscan recursos de otras fuentes también?
11. Hoy tu dirias que pertenences a una clase baja, media o alta? ¿Por qué?
12. Que es lo que hay en la casa?

	Si/no	Cantidad
1. Dormitórios		
2. Baños		
3. Fogón		
4. Frio		
5. Licuadora		
6. Lavadora de ropas		
7. Tv antigua (cubo)		
8. Tv Moderna (tela estrecham como Plasma o LCD)		
9. Radio		
10. Aire condicionado		
11. Ventilador		
12. Carro		
13. Moto		
14. Bicicleta		
15. Computadora		

16. Microwave		
17. Cajita digital para televisión		
18. DVD		
19. Internet		
20. Teléfono fijo		
21. Teléfono celular		

APÉNDICE B – INSTRUMENTO II

TRAYECTORIA DE VIDA

1. ¿Dónde naciste?
2. Si cambiaran de ciudad, ¿cuales fueran las motivaciones?
3. ¿Cómo defines la relación con tu padre y con tu madre? ¿Y entre ellos, era buena la relación?
4. ¿Cuales fueran los principales valores que tus padres te enseñaran?
5. ¿Tienes hermanos? Se sí, ¿cuántos y que edad tienen? ¿Cómo defines tu relación con los hermanos? ¿Había alguno más importante o prójimo de ti?
6. ¿Dónde vivías cuándo niño/a?
7. ¿Quién vivía en la casa?
8. ¿Cambiaran de casa muchas veces? ¿Por qué?
9. ¿Usted diría que su familia era de clase alta, media o baja? ¿Por qué?
10. ¿Cómo era la alimentación en tu casa? ¿Abundante? ¿Horarios? ¿Hacía falta algo?
11. ¿La religión era importante en tu casa? ¿Y hoy, es importante para ti?
12. ¿Tenían la costumbre de pasar tiempo en familia? ¿Y en las vacaciones, que hacían?
13. ¿En las tareas de la casa, usted (y sus hermanos) ayudaban? ¿Había empleados?
14. ¿Consideras que tus padres eran más conservadores o liberales? ¿Cómo trataban la cuestión de salir por la noche? ¿Y la de tener novio o novia?
15. ¿Qué pensaban, en tu familia, sobre la Revolución? Tus familiares eran políticamente involucrados? ¿Y usted?
16. ¿Cuál era la importancia de la educación para tus padres y para ti?
17. ¿Fuiste un bueno o una buena estudiante?
18. ¿En tu casa había libros? ¿Cuáles te gustaban? ¿Tus padres tenían el costumbre de leer?
19. ¿Radio? ¿Tenían la costumbre de leer periódicos?
20. ¿Había televisión en tu casa? Se sí, ¿dónde ella se quedaba? ¿Qué tenían la costumbre de ver?
21. Había un control sobre los horarios y sobre lo que podían ver?
22. ¿Escuchaban o veían novelas?

23. ¿Cuál era tu programa preferido?
24. ¿Y cuándo empezaste a ver telenovelas?
25. ¿Con cuántos años saliste de casa?
26. ¿Cuándo empezaste a trabajar?
27. ¿Cómo elegiste tu profesión?
28. ¿Eres una persona realizada profesionalmente?
29. ¿Alguno de tus familiares salieron de Cuba? ¿Se sí, cuales los motivos?

APÉNDICE C – INSTRUMENTO III

TELENOVELAS

1. ¿Por qué te gustan? ¿Cuál es la importancia de las telenovelas para tu vida?
2. ¿Con quién y donde ves a las telenovelas?
3. ¿Te gustan más las cubanas, las brasileñas, las turcas, etc.? ¿Por qué?
4. ¿Qué es lo que más te atrae en las telenovelas brasileñas?
5. ¿Por qué crees que las telenovelas brasileñas tienen éxito en Cuba?
6. ¿Cuáles son los temas que más de llaman la atención en las telenovelas?
7. ¿Hay algún contenido de las telenovelas brasileñas que no te gusta o crees que se inadecuado?
8. ¿Cuáles son las principales diferencias entre las novelas cubanas y brasileñas?
9. En general, ¿qué piensas que los cubanos buscan en las telenovelas?
10. ¿Crees que las telenovelas son importantes en la vida de Cuba y de los cubanos? Se sí, por qué?
11. ¿En general, que crees que los cubanos piensan sobre las telenovelas brasileñas?
12. ¿Y crees que cubanos de todos los géneros, edades y clases sociales ven las telenovelas?
13. ¿Crees que las telenovelas tienen una función educativa? ¿Ya aprendiste algo en las telenovelas?
14. ¿Cuándo ves las telenovelas brasileñas, crees que haya cosas en común entre Brasil y Cuba? ¿Cuales?
15. ¿Hay alguna escena de telenovelas de que te acuerdes con más fuerza, cariño o angustia? ¿Cuál? ¿Por qué?
16. ¿Platicas mucho sobre novelas con tus familiares y amigos?
17. ¿Crees que las telenovelas brasileñas son más o menos realistas que las cubanas?
18. ¿Las telenovelas brasileñas te hacen o han hecho pensar sobre tu condición social, profesional o de clase? ¿Y sobre como mudarlas?
19. ¿Cuál fue tu novela brasileña preferida? ¿Por qué?
20. ¿Es fácil descubrir en la novela brasileña quien es rico o pobre? ¿De qué manera? O sea, ¿Cómo las telenovelas retratan la diferencia de clases?

21. ¿Ya te reconociste/identificaste en algún personaje de las telenovelas? ¿Por qué?
22. Percibes una “lucha de clases” en la telenovela brasileña?
23. ¿Crees que las novelas muestran algún tipo de discriminación? ¿Se sí, cuál? Y crees que en Cuba esto es parecido?
24. Y usted... ¿ya sufriste algún tipo de discriminación?
25. ¿Crees que las telenovelas lanzan “modas” en Cuba? ¿Se sí, ya seguiste alguna?
26. ¿Qué piensas sobre los productos que están en las telenovelas? ¿Hay algo que has visto en las telenovelas que te gustaría tener?
27. ¿Ya vivenciaste alguna situación semejante a una que has visto en una telenovela brasileña?
28. Me dijeran algunas veces que Cuba que la telenovela tiene la capacidad de hacer las personas aspiraren a algo. ¿Concordas? ¿A que ellas te hacen aspirar?
29. Que te dice la telenovela sobre el trabajo? Y sobre las relaciones entre patronos y empleados?
30. Que te dice la telenovela sobre el papel de la mujer en la sociedad y en el trabajo?
31. Que te dice la telenovela sobre la discriminación de color y de clase?
32. Que te dice la telenovela sobre la posibilidad de ascensión social?
33. Que te dice la telenovela sobre consumismo?
34. Y sobre el capitalismo? Y sobre el socialismo?
35. Ya compraste algo que has visto en las telenovelas? O preparado algún plato, o adaptado una ropa?
36. ¿Utilizas expresiones provenientes de las telenovelas?
37. Para ti, que es ideología? Y percibes una ideología en las telenovelas?
38. Para ti, que es meritocracia. Y percibes el tema de la meritocracia en la telenovela?

APÉNDICE D – INSTRUMENTO IV

VALORES, ASPIRACIONES Y CUBA

1. ¿Tienes alguno sueño de consumo material? Algo que quieras tener?
2. ¿Tienes algún sueño no material, como algo que te gustaría hacer?
3. ¿Te gustaría salir del país? Temporal o de manera permanente? ¿Para dónde? ¿ Por qué?
4. ¿Cuales fueran los principales valores que te enseñaron tus padres?
5. ¿Tienes orgullo de ser cubano?
1. ¿Cuáles son las cosas más importantes de la vida? ¿Por qué?
2. ¿Cuál es la personalidad que usted más admira en la vida?
3. Cuáles son los principales señales de desigualdad que puedes percibir entre el pueblo?
4. Cuales son las características de una persona rica en Cuba? (comportamiento – material). Y cuales los de una persona pobre?
6. Crees que los valores y la moral están cambiando en Cuba? Se sí, cuales crees que son los principales motivos para esto?
5. ¿Qué es lo mejor de Cuba?
6. ¿Y lo peor?

APÉNDICE E – INSTRUMENTO V

CONSUMO(S)

GENERAL

1. Cuéntame un poco como es la organización de tu casa para hacer las compras de mantenimientos, ropas, muebles. ¿ Quien es el responsable?
2. ¿En la hora de comprar, lo que más importa es el precio o la cualidad? ¿Por qué?

CONSUMO MEDIATICO

1. ¿Ustedes tienen internet en la casa? ¿Se sí, cuáles son sus principales usos?
2. ¿A cuál medio de comunicación recorres con más frecuencia?
3. ¿Cuál te gusta más? ¿Por qué?
4. ¿Cuánto tiempo dedicas a la televisión diariamente?
5. ¿Qué piensas de la calidad de la televisión cubana? ¿Que é que podría ser mejor?
6. ¿Cuál es tu programa preferido en la televisión?
7. ¿Cuál es tu canal de televisión preferido?
8. ¿Cuánto tiempo dedicas a la televisión diariamente?
9. ¿Usted compra paquetes semanales? ¿Se sí, cuales sus preferencias en los paquetes? Y cuales son las ventajas de comprarlos?

CONSUMO CULTURAL (INTERÉS Y FRECUENCIA)

1. Teatro
2. Museos/galerías de arte
3. Leer libros
4. Ir al cine
5. Ir a conciertos de música cubana/popular
6. Conciertos de música clásica
7. Viajar

TIEMPO LIBRE

1. ¿Cómo son tus momentos de descanso? ¿Qué haces?

APÉNDICE F – TERMINO DE CONSENTIMIENTO Y CONFIDENCIALIDAD

Usted está siendo invitado(a) a participar voluntariamente de una investigación sobre la recepción e consumo de telenovelas brasileñas en Cuba. Después de leer este documento, y se consentir con lo que está escrito en el, por favor, fírmelo. Una copia se quedará con usted y otra conmigo.

Título del proyecto: “Capítulos del consumo: las telenovelas brasileñas en Cuba”

Investigador: Gustavo Dhein

Teléfono para contacto: +55 55 99630-8082

E-mail para contacto: gustavodhein@gmail.com

Tutora: Veneza Mayora Ronsini (Universidade Federal de Santa Maria – Brasil)

El objetivo de esta investigación es conocer el consumo y el uso de las telenovelas por parte dos televidentes cubanos de diferentes grupos sociales. Su participación consiste en conceder entrevistas, grabadas en audio y, si posible, recibirme en su casa para compartimos momentos de televidência de las telenovelas.

Las informaciones obtenidas concedidas en las entrevistas serán utilizadas solamente para el desarrollo de la tesis doctoral en Comunicación Social y redacción de artículos científicos. Todos sus datos serán preservados, así como su nombre.

En caso de no querer más participar del estudio, por favor, comuníquese conmigo por teléfono o correo electrónico, a cualquier tiempo.

Consentimiento de Participación

Yo, _____
 _____ (nombre), con documento de identificación
 número _____, concordé en participar de la
 investigación voluntariamente. Fue informado por el investigador sobre los objetivos
 de su trabajo, sobre la preservación de mí identidad. Me fue garantizada la
 posibilidad de retirar esto consentimiento a cualquier momento.

Local: _____

Fecha ____/____/____

Firma del entrevistado

ANEXO A – PERFIS SINTÉTICOS DOS ENTREVISTADOS

Adelia

Tem 70 anos. É negra, de baixa estatura e um “pequeno tanque”, devido à força que demonstra. Aposentada (foi professora de ensino fundamental e médio, bem como revisora em uma editora) é responsável pela gestão da sua casa, em razão da “desestruturação” familiar, tema que visivelmente a sensibiliza. Casada há 47 anos, hoje ela toma conta do marido, um ex-linotipista e escultor em madeira, em razão de ele ter sofrido dois derrames. Com relação aos filhos, dois homens, Adelia acumula frustração e saudade. O mais jovem, médico, com 32 anos, reside na Venezuela. Foi-se em 2010 em uma missão do governo cubano. Apaixonou-se por uma local e decidiu ficar por lá. Com isso, além de estar impedido de regressar a Cuba por um período de oito anos, perdeu toda a quantia depositada pelo governo como parte do seu salário em uma conta na Ilha. O outro descendente tem 39 anos. É formado em mecânica e atuou no exército durante alguns anos, mas não se manteve nem na profissão e nem nas forças armadas em razão do vício alcoólico. Hoje, reside com ela e o esposo, mas pouco interage com eles. Faz bicos mais para sustentar o hábito de beber do que para ajudar com as despesas domésticas. Não à toa, portanto, quando o assunto “família” surgia durante as conversas, Adelia era tomada pela emoção: seu maior “sonho de consumo”, segundo ela, é justamente tê-la unida, ainda que considere isso difícil. Diante das dificuldades práticas, o que deseja primeiramente é reencontrar o filho mais novo assim que possível (em 2019 ele poderá regressar). Por enquanto, as conversas além-fronteiras se dão via telefone.

Adelia habita um apartamento no andar térreo de um “prédio padrão soviético” no Município Cerro. O imóvel é próprio e foi dado pelo governo ao seu marido em razão dos anos dedicados à Revolução. Ela ainda investe bastante tempo em favor da causa. Está sempre envolvida com as reuniões, eleições dos representantes dos CDR e também na organização de atividades que envolvem a comunidade.

O prédio em que vive, assim como os da vizinhança, carecem de uma nova pintura, tanto externa como interna. O apartamento de é simples. São dois quartos, um banheiro e uma cozinha. O mobiliário também é parco. Na sala, há duas cadeiras de balanço que ela (somente à noite) e o marido ocupam para ver televisão, e uma mesa onde fazem as refeições. A TV ainda é de cubo, com 21

polegadas. Fica sobre um *rack* de madeira, situado à frente da janela que dá para a rua e que fica quase que invariavelmente fechada. Ela relata alguma “disputa” pelo controle remoto em razão da transmissão dos jogos de baseball na parte da noite. As novelas são paixão e elixir para Adelia, dona de uma memória invejável para falar dos folhetins. “É o momento em que eu relaxo”, diz, referindo-se às tramas. Lembra-se de nomes de atores, de personagens e de passagens das narrativas. Uma de suas reclamações é a falta de possibilidade de assistir as novelas nos “pacotes semanais”, o que a deixa exposta aos *spoilers* dados por suas vizinhas. Adelia não dispõe de aparelho capaz de reproduzir os conteúdos distribuídos em *pendrives* - e mesmo o seu aparelho de DVD não funciona mais.

Ainda que aposentada, Adelia não abandonou o ofício de ensinar. Na “Escola do Partido” existente no bairro, trata de repassar a outras mulheres (de jovens a idosas) conhecimentos sobre artesanato. Sua especialidade é a tapeçaria. Ela produz uma série de quadros – dos mais variados tamanhos e temas – de muito bom gosto e enorme capricho. Orgulha-se ao lembrar das vendas que concretizou em exposições (incluindo algumas internacionais). Mas, salienta que boa parte do que faz não visa ao mercado, mas apenas a beleza e satisfação pessoal.

Mas essa é a menor das tarefas de Adelia. Seu dia é bastante carregado por atividades na rua e dentro de casa. Depois de acordar e tomar seu café da manhã, trata de recolher *los mandados*⁴² para si e também para vizinhos que a contratam. Deles, recebe uma comissão – variável – e, em alguns casos, também alimentos. É sempre uma das mais bem-informadas sobre o que chegou ou está para chegar no mercado estatal da rua, onde formam-se as filas para pegar os melhores e mais bem-aparentados alimentos. Ela também dispara telefonemas curtos para alertar os conhecidos a respeito do que está sendo ofertado nos estabelecimentos do bairro e a que preço. Sabe muito bem o valor tolerável para cada um dos alimentos e, também, onde encontrá-los, o que nem sempre é tarefa simples em Havana. Sabe também onde localizar as pessoas do bairro. Algumas vezes em que perguntei a moradores sobre “onde mora Fulano?”, a resposta foi “fale com Adelia, ela deve conhecer”.

⁴² “*Mandados*” é como boa parte dos cubanos se refere aos itens fornecidos pelo governo a preços subsidiados, e recolhidos mediante a apresentação da famosa *libreta*, que estabelece diferentes quotas de cada produto para cada integrante de uma família.

Por volta do meio-dia, ela regressa a sua casa, onde é responsável por preparar as refeições e também limpar os recintos. Assim como para muitos outros cubanos que conheci, contar o que cozinhou e como, bem como perguntar aos demais sobre o que comeram nas refeições é uma prática bastante recorrente para Adelia, para quem a abundância não existe.

A renda na casa de Adelia é bastante restrita. Ela recebe, de aposentadoria, o mesmo que o marido: 10 dólares. O filho mais velho pouco contribui com as finanças. O mais novo, quando pode, envia alguns recursos – mas não é prática regular. Assim, são as tarefas pequenas que ela realiza pelas ruas que garantem uma renda extra e necessária para uma vida decente. O marido, apesar dos problemas de saúde, não abandonou os cigarros, por exemplo. O que mudou é que, de alguns anos para cá, ela faz a gestão de recursos financeiros domésticos e isso inclui determinar a “ração diária” de tabaco a que o esposo tem “direito”, como forma de preservar a quantia necessária para alcançar o final do mês.

Diz que neste momento da vida, sua principal aspiração é manter-se com saúde. Seu grande sonho, como já citado, gira em torno da união familiar, bastante difícil, assim como foi ao longo de toda a sua trajetória. Quando tinha dez anos, seus pais se separaram, e ela passou a ser criada pela mãe. Ela, todavia, garante que seu pai sempre foi presente, a despeito de a mãe tentar afastá-lo. Foi ele, por exemplo, quem a ajudou a conquistar o primeiro emprego.

Amália

Com 29 anos, a dentista vive com a mãe e com a avó num prédio que fica colado ao bairro de San Pablo, em Santiago de Cuba. Negra, diz que apesar de ser filha de pais que se divorciaram quando ela ainda era uma criança, teve a participação efetiva de ambos na sua criação e consolidação de valores, como a honestidade. Seu padastro não reside com elas, embora frequente bastante o apartamento.

Amália diz que sua família sempre foi de classe média. Que nunca houve ostentação, assim como também não lembra de ter lhe faltado nada, embora revele que na escola sofria algum tipo de preconceito por parte de colegas em razão de ser “muito simples”, e de seus pais nem sempre terem condições de lhe dar coisas “que estaban de moda”. Mas tratou de repetir, mais de uma vez, que sua infância foi boa. Os pais eram exigentes com a escola e ela uma boa aluna.

Solteira, alega não ter pressa para encontrar um companheiro, e que também não costuma sair muito de casa para eventos noturnos. Diz que na rua podem acontecer coisas desagradáveis e que, por isso, em muitos momentos, prefere o lar a busca lazer fora dele. Aliás, é a televisão que ocupa a maior parte do seu tempo livre. Como sai cedo para trabalhar, diz que ver o que está passando à noite é o seu momento de relaxar e desconectar-se da realidade. Não consome pacotes, sendo que costuma, portanto, consumir aquilo que esta sendo veiculado na mídia estatal. Tem computador que diz usar algumas vezes para consumir programas gravados por amigos. Na casa, segundo ela, há o essencial, incluindo geladeira, fogão, ventiladores, um televisor, etc.

Diz que gostaria de cumprir uma missão fora de Cuba, não apenas pela parte financeira, mas pela experiência internacional. Seu destino preferido seria o Brasil, país pelo qual “encantou-se” por meio das telenovelas e também conhece “um pouco” por intermédio de amigos e colegas que já tiveram experiências profissionais no gigante do Sul. No entanto, afirma que para alcançar esse objetivo é preciso mais do que “capacidade”: um empurrãozinho de alguém que ocupe cargo importante, segundo ela, é fundamental para conseguir avançar na “fila” dos que desejam um contrato de trabalho internacional. Mas ela se mantém esperançosa de, em breve, conquistar uma vaga. Imagina que no Brasil os dentistas sejam muito melhor remunerados do que em Cuba, e se surpreendeu com o fato de eu dizer que há até pouco tempo, antes das políticas afirmativas introduzidas, encontrar uma mulher negra como ela numa faculdade de Odontologia tupiniquim era uma raridade (aliás, continua sendo). O ponto é que ela não se sente realizada profissionalmente em Cuba, ainda que confirme ser apaixonada pelo trabalho de odontóloga. O problema, segundo ela, reside na combinação de baixos salários e condições nada estimulantes para trabalhar, o que incluiu a necessidade de cumprir tarefas não diretamente relacionadas ao ofício para o qual foi treinada. A opção pela carreira de dentista, segundo ela, foi tomada com ajuda da mãe, uma ex-ajudante de serviços gerais, que a orientou no sentido de seguir uma “profissão promissora”.

Seus sonhos de consumo são os de viajar e ampliar o nível de conforto em sua casa: “nada demais, só o suficiente para vivermos um pouco melhor”. Apontou como personalidade que admira Fidel Castro que, em suas palavras, “pode não ter conseguido realizar tudo o que quis, mas sempre foi um homem com propósitos e fiel às suas convicções”.

Arlindo

Conheci Arlindo, branco, 53 anos, enquanto fazia as entrevistas com Marta e Rita. Estávamos vendo os momentos finais da novela *Rastros de Mentiras (Amor à vida)* quando ele adentrou e afirmou ter chorado com a cena de Félix e César sentados à beira da praia, a derradeira da trama, em que os dois se reconciliam definitivamente. Arlindo disse ter o sonho de viver coisa parecida com o seu pai, que não o quer por perto em razão de sua opção sexual. Meu entrevistado tem cabelos negros na altura do ombro, usa maquiagem e mantém as unhas pintadas. Vive com um companheiro mais jovem do que ele há pouco mais de um ano, em um pequeno imóvel com um quarto, banheiro e cozinha, onde também mantém o seu salão de beleza (é um *cuentapropista*). Sua televisão fica ao pé da cama e ele possui a “cajita” para decodificação do sinal digital, por intermédio da qual consegue ver alguns programas sobre estilo, técnicas de cabeleireiro, moda, etc., gravados por amigos em *pen drives*. Não é um consumidor de *paquete semanal*, e acompanha as telenovelas por intermédio do canal estatal *Cubavisión* de televisão. Sobressai o fato de ele não possuir geladeira, ao contrário de todos os demais entrevistados, o que o obriga a recorrendo aos vizinhos para armazenar os produtos que necessitam refrigeração. Ele preferiu fazer a entrevista na casa de Marta e Rita por avaliar que a sua não tem um espaço adequado em que poderia receber-me para o trabalho. Nossa principal conversa deu-se num final de tarde durante a semana, que ele considerou como “fraquíssima” para os seus negócios, motivo pelo qual disse não saber estimar o quanto ganha mensalmente fazendo maquiagens, penteados, pintura e cortes de cabelo: “o fluxo de clientes varia muito no bairro” e, na sua opinião, ali dá-se o mesmo que acontece em boa parte de Cuba, onde, ele avalia que “não há uma cultura de beleza”, muito em razão da condição econômica da população. Mas contou-me que seu companheiro largou o emprego no Estado – e de nível técnico – para virar *pizzaiolo* com rendimentos de 1500 pesos cubanos ao mês. Arlindo tem formação técnica em “Beleza”, já atuou nos bastidores de teatro, e foi criado pelos avós maternos, apesar dos pais estarem vivos (eles se separaram quando ele tinha seis anos). Têm irmãos com quem pouco se relaciona e que o visitam apenas esporadicamente.

Quando foi morar sozinho na casa onde reside desde os anos 1990 – “orientado” por sua mãe que não achava prudente que continuassem a viver juntos

(mais uma vez em razão de sua homossexualidade) e lhe deu o pequeno imóvel – conheceu a mãe de Marta e avó de Rita, com quem trabalhou por mais de 15 anos no “salão de beleza residencial” que ela mantém. “Aqui tenho uma família”, ele afirmou. Arlindo só passou a se vestir e portar de forma mais feminina depois de maduro, porque antes, segundo ele, ser gay era sinônimo de ser maltratado por outras pessoas e pela polícia. “Antes eu cheguei a ter até bigode”, lembra, rindo. Ele agradece às novelas brasileiras pela mudança de mentalidade da população, assim como a Mirela Castro, filha de Raul Castro, responsável pelas campanhas a favor do público LGBT em todo o país.

Ele diz que gostaria de visitar o Brasil, para ver as lindas paisagens que vê nas telenovelas. Mantém a esperança apesar de admitir ser bastante difícil que isso se concretize em razão de sua atual condição financeira. É crítico em relação ao fato de não poder condenar abertamente aquilo que considera errado em Cuba, nação pela qual se declara apaixonado. Uma de suas queixas em relação à Ilha e que o impedem de “crescer profissionalmente”, ele relatou, é a falta de produtos de beleza como tinturas de cabelo que ele muitas vezes acaba adquirindo no mercado paralelo ou pedindo para amigos que estão no – ou viajam ao – exterior trazer para ele.

Mas, seu maior sonho, aparentemente, é a já citada reconciliação com o pai que, ele diz, “chega ao ponto de atravessar a rua para não precisar cumprimentar”. Diz que seus momentos de lazer são poucos. Gosta muito dos carnavais e também frequenta, de vez em quando, alguns redutos da comunidade LGBT em Santiago.

Anita

Anita é branca, havanera e completou 71 anos em 17 de abril de 2018. Diz que o fácil lembrarem do seu aniversário em razão de data coincidir com aquela em que mercenários contratados pelos Estados Unidos tentaram invadir Cuba, em 1961, via Playa Girón. Foi em razão deste movimento norte-americano que Fidel decretou o caráter socialista da Revolução, que Anita defende veementemente: ela, com apenas 14 anos, participou da campanha nacional de alfabetização em Cuba e, mais tarde, também serviu em Angola, aí já como estomatóloga (dentista). É casada com um ex-oficial das Forças Armadas dez anos mais velho, que foi combatente nos anos 1950 e, depois, ocupou outras funções importantes, inclusive vinculadas à área da cultura, acompanhando grupos cubanos de música em viagens internacionais. Têm uma filha de 35 anos formada em direito pela Universidad de Havana, mas que

reside na Espanha, para onde mudou-se depois de contrair matrimônio com um europeu e, hoje, divorciada, trabalha como arrumadeira em um hotel.

Sua família “antiga” tinha boas condições de vida, ainda que sem luxos. Lembra de ter sempre três mudas de roupas apenas, assim como dois sapatos. Sua mãe considerava desnecessário mais do que isso. Anita têm duas irmãs, uma delas já falecida e outra residente nos Estados Unidos. As lembranças das infância e juventude abundaram nas conversas. Na sua casa, lembra, suas tarefas eram poucas, sendo absorvidas pela mãe, que era “do lar”, enquanto seu pai trabalhava como mecânico. Sua obrigação, assim como a das irmãs, era fundamentalmente, estudar. Na escola, seu desempenho sempre foi satisfatório e não recorda de nenhum conflito significativo com colegas, por qualquer motivo que fosse.

Nos momentos livres, costumava brincar com as irmãs e amigos da vizinhança, ainda que sua mãe não gostasse que ela ficasse perambulando pelas residências dos colegas ou companheiros de brincadeiras. A primeira televisão da casa, que veio em meados dos anos 1950, tinha, segundo ela, justamente a intenção de motivar a permanência das filhas em casa. Assim, em lugar de irem às residências dos amigos para ver programas, eles é que vinham à sua. Uma das coisas que aprendeu da mãe, e que repete frequentemente, é o de que “casa um tem sua casa, cada um tem suas coisas, e cada um deve cuidar do que é seu”.

Anita conta que seus pais foram apegados à religião e que ela também frequentava a igreja, além de uma escola privada católica.. As coisas mudaram após 1959, em razão do envolvimento dos padres em ações contra o novo regime cubano. Todavia, Anita guarda com carinho as lembranças das noites de Natal e, ela mesmo, em casa, trata de sempre fazer algum tipo de celebração com os parentes e amigos que ainda a circundam, “embora esteja cada vez mais difícil e triste, porque muitos já se foram”.

Os pais de Anita, segundo ela, sempre foram carinhosos e presentes nas criações sua e de suas irmãs. Costumavam trocar ideias sobre diversos aspectos da vida, mas ela teve liberdade para escolher, por exemplo, os rumos profissionais. “Desde que com responsabilidade, podíamos fazer o que queríamos. Eu escolhi a odontologia porque sempre sofri muito com problemas bucais durante a infância e a adolescência. Lembro que quando decidimos, eu e minhas irmãs, engajamo-nos na campanha de alfabetização, eles ficaram muito preocupados, mas autorizaram nossa ida, estabelecendo como única condição o fato de não voltarmos se

surgissem pequenos problemas, como a falta de conforto, etc. Ou seja, podíamos ir, mas sempre cientes da responsabilidade que isso acarretava”, descreve. Com relação à profissão, escolheu ser dentista com especialidade em próteses. Após formada, passou a lecionar na Faculdade de Estomatologia da Universidade de Havana. Sua aposentadoria veio cedo, quando tinha apenas 48 anos, de forma involuntária. Anita desenvolveu um problema crônico de coluna que a impedia de manter-se em pé. Com isso, acabou jubilada muito cedo. Ela externa com frequência a frustração ocasionada pela saída precoce do trabalho, o que a levou a receber também uma pensão baixa, de apenas 240 pesos cubanos ao mês – o equivalente a 10 dólares. Conta que, em razão do problema de saúde e da aposentadoria, ficou aproximadamente uma década sem praticamente ausentar-se da casa. Depois desse hiato, por recomendação de amigos e médicos, tratou de recolocar-se nas ruas a caminhar e conhecer gente nova. Hoje, diariamente, em torno das 19h, Anita inicia uma peregrinação pela casa dos amigos, vizinhos e parentes que vivem na redondeza, dispensando quase sempre a companhia do esposo.

Anita casou-se quando já tinha 30 anos, idade considerada avançadíssima para a época. Seu marido já tivera dois matrimônios anteriores – e três outros filhos com os quais, no entanto, eles não interagem. Disse que se “fez de difícil” para o esposo durante algum tempo e colocou uma série de regras antes de aceitar o pedido de casamento. Logo depois de ter sua filha, acabou voluntariado-se para ir a Angola, na companhia do esposo, onde permaneceu por dois anos. Neste ínterim, a menina ficou sob os cuidados de sua irmã, mas a cada seis meses eles recebiam autorização para visita-la em Cuba. Em setembro de 2016, pela primeira vez saiu da Ilha a turismo, para visitar a sua filha na Espanha. Foi de cadeira de rodas, após ter feito uma cirurgia. Mas adorou. O interessante são os detalhes que guarda na memória, sobre, por exemplo, como eram bonitas as frutas no supermercado, ou, mesmo, das embalagens que havia nesses estabelecimentos. Com relação às viagens, a grande frustração de Anita é nunca ter ido aos Estados Unidos para visitar a irmã que lá reside – o marido já passou algumas temporadas nos EUA com os seis irmãos que migraram para os EUA após a revolução) – em razão de ter, sempre, o visto negado pela embaixada estadunidense.

Com relação às finanças domésticas, o esposo recebe um salário bem mais polpudo do que Anita, embora tenha preferido não revelar a quantia. A casa onde vivem há mais de 30 anos foi um presente dado pelo governo pelos serviços

prestados à nação. A residência possui um enorme pátio, que durante o período especial serviu para criação de animais, mas hoje é alugado para a realização de festas de aniversário e casamentos. Ademais, desde 2017 eles alugam dois quartos da casa para turistas estrangeiros, o que também significa uma relevante fonte de ingressos. Além disso, a filha ajuda financeira e materialmente. A boa condição financeira da família permite a Anita contratar amigos para fazerem a faxina algumas vezes por semana, bem como para cortarem a grama. Ela e o marido são bastante generosos com os vizinhos, e presenciei momentos em que emprestaram recursos a eles quando, por exemplo, pifou uma máquina de lavar roupas.

Internamente, a residência é ampla e confortável. Há três quartos, dois banheiros, uma cozinha gigantesca e uma garagem que virou um depósito de tudo o que se possa imaginar após a venda do carro, em 2010. No início de 2018, eles haviam distribuído boa parte desses objetos entre amigos e converteram o espaço em mais um dormitório. Anita se arrepende de terem se desfeito do veículo, já que, por isso, hoje raramente se deslocam ao centro de Havana. Normalmente o fazem apenas para ir a consultas médicas, ou então quando convidados pela filha durante as suas visitas ou, ainda, por estrangeiros que hospedam na casa. Antes, segundo Anita, eles costumavam ir ao teatro, ao cinema, a jantares.

A televisão é a principal prática de consumo midiático. Eles, porém, assinam todos os jornais disponíveis na região, e também mantêm uma pequena biblioteca, hoje praticamente desativada, na antiga garagem. Como só há uma televisão (de plasma) na casa, localizada na sala, durante a temporada de baseball, o casal costuma ficar zapeando entre a atração esportiva e a telenovela. Único programa “sagrado” é o “Noticiero Estelar”, às 20h.

A decoração da casa é bastante eclética, incluindo obras de arte, uma quantidade enorme de pequenos objetos de decoração (elefantinhos de gesso, flores de plástico, porta-retratos, etc.), e duas unanimidades nacionais: *sillones* (cadeiras de balanço), que é onde sentam-se para ver televisão e o retrato da sua filha aos 15 anos (a *quinceañera* continua sendo uma festa altamente valorada no país, embora até mesmo programas de debate na televisão tenham sido promovidos recentemente para falar sobre essa prática e seus salgadíssimos preços). Anita não compra pacotes semanais, mas em alguns momentos ela e o marido veem DVDs. Anita diz-se satisfeita com a vida em Cuba e ser muito orgulhosa de seu país. Critica, no entanto, a acomodação do povo “que só sabe reclamar e pedir”. Afirma

que cada um precisa fazer a sua parte. Que o governo socialista errou em uma coisa fundamentalmente: falar em igualitarismo. Ela defende que, “como todos têm as mesmas oportunidades de acesso à educação, saúde, etc.”, há coisas que dependem apenas do interesse e do esforço pessoais.

Alexander

Vive com a esposa e dois de seus três filhos em um o apartamento de um dos prédios “soviéticos” do município do Cerro, mais precisamente no conselho Popular Palatino. É casado com uma engenheira química (de quem não quis revelar a idade), branco, engenheiro mecânico e tem 63 anos. Suas filhas têm 33 e 19 anos (sendo a mais velha fruto de seu primeiro casamento) e são, respectivamente, psicóloga formada e estudante de engenharia civil, mesma carreira seguida pelo seu filho de 25 anos. Alexander agora se encaminha para a aposentadoria, sendo que trabalha vinculado a uma empresa australiana que do setor energético, o que lhe permitiu fazer algumas viagens internacionais.

Considera que sempre foi uma pessoa de classe média. Seu pai tinha ensino médio e trabalhava como uma espécie de zelador na TV cubana antes mesmo da Revolução, tendo mantido o cargo após a conquista dos barbudos em 1959. Para meu entrevistado, a atividade laboral do pai contribuiu para que ele também se tornasse um apaixonado pelo meio. Sua mãe nunca necessitou trabalhar em razão do salário recebido pelo marido, e ele a descreve como uma dona de casa com apetite voraz pela leitura, que incluía “da Bíblia ao O Capital, de Marx”. Teve apenas um irmão bastante mais velho do que ele e que já faleceu. Em razão da diferença de idade, diz que os dois conviveram pouco, mesmo motivo pelo qual ele não teve de dividir o quarto com o primogênito por muito tempo no apartamento de dois dormitórios onde viveu sua infância, classificada por ele como “muito boa e saudável”. Ele recorda que o imóvel da família antes da Revolução era alugado, mas depois, obtiveram a posse da habitação.

Alexander viveu com os pais até finalizar o curso de engenharia mecânica, o que aconteceu quando ele tinha 22 anos. Narra que a decisão pela profissão não teve interferência deles. Sua opção inicial era fazer medicina, mas como não tinha nota suficiente para ingressar no curso, optou pela engenharia também em razão de poder permanecer na companhia de muitos colegas de escola, que optaram pela

mesma carreira. Apenas um integrante da “turma” da juventude acabou seguindo para a medicina veterinária.

Descreve que a sua relação com os pais era das melhores, e a família era unida. Quando sua primeira filha nasceu, sua mãe já havia falecido e, segundo Alexander, seu pai foi o principalmente responsável pela criação da menina. Após a separação de sua primeira esposa, ela permaneceu vivendo na casa de seu pai até conseguirem um imóvel independente para ela, razão pela qual ele foi a figura “paterna” mais presente para ela. Alexander relatou, ainda, que sempre esteve presente para o seu pai, e que procurou tomar conta dele da melhor forma possível.

Alexander conta que na sua casa a religião nunca foi tema importante. Diz que ele e o irmão até foram batizados na igreja católica, mas que nunca tiveram o costume de frequentar missas ou celebrar datas “marcantes”, o que se perpetua até hoje, com seus filhos.

Com relação aos seus hábitos culturais, foi um aficionado em cinema na juventude. A leitura também passou a ser uma de suas predileções a partir do período que antecedeu a entrada na Universidade, período em que, segundo ele, descobriu Emile Zola. A partir dali, lia tudo o que lhe caísse nas mãos. Junto com essas predileções s- ele, no entanto, diz frequentar raramente o cinema hoje em dia, desenvolveu também o apreço pela televisão, que tinha em casa desde cedo, e por meio da qual gostava, na infância, de acompanhar os programas de “aventura”, como “O Conde de Monte Cristo”.

O imóvel onde a família reside atualmente tem dois quartos, ou seja, os filhos acabam por dividir uma habitação e ele e a esposa, a outra. Foi uma das casas mais “cleans” que conheci. A decoração era bastante simples e de bom gosto, e Alexander citou que há televisão em três cômodos além de computadores, o que faz com que a televidência, atualmente, seja bastante “pulverizada” à noite, com cada um buscando a programação de seu interesse, acessada especialmente via pacotes. A família não possui carro ou outro tipo de veículo, mas Alexander diz que eles gozam uma boa condição de vida, o que incluiu, sempre, a possibilidade de viagens até o litoral durante as férias, por exemplo.

Diz que a esta altura da vida, suas aspirações já são poucas. Define que quer ter saúde e tranquilidade e esperar que a aposentadoria seja suficiente para assegurar o bem-estar.

Dulcília

Dulcília estava de passagem por Cuba em 2017, quando a entrevistei, para operar os joelhos. Preferiu voltar à Ilha para fazê-lo em razão da qualidade da medicina cubana e do serviço ser gratuito. Mora, atualmente, nas Ilhas Canárias, para onde migrou 17 anos antes (quando tinha a idade de 53), impulsionada pelo filho, hoje residente na Espanha. A decisão de sair de Cuba, ela relata, não foi das mais simples, em razão de ela significar, entre outras coisas, à época, perder o apartamento e todos os seus bens, o que de fato ocorreu. De qualquer forma, disse ter dado tudo certo e encontrando um marido por lá, que ela admite não ter nada a ver com ela, mas que a “trata muito bem”. Ele é pescador. Ela, economista e biblioteconomista, devoradora de livros e telenovelas. Reclama da falta de cultura das pessoas nas Ilhas Canárias e gosta de lembrar de seus tempos de boemia em Havana, na companhia de artistas como Silvio Rodrigues e Pablo Milanés.

Sua trajetória de vida não foi fácil. Perdeu a mãe muito cedo (ela cometeu suicídio) e a madrasta foi bastante cruel com ela na infância. O pai, segundo ela, era um operário bronco de Camaguey, cidade onde ela nasceu e cresceu até mudarem para Havana quando ela já era adolescente. Aos 14 anos, Dulcília tentou o suicídio ingerindo um produto tóxico, medida que lhe custou seis meses na cama de um hospital. Desde muito cedo, trabalhava na casa de outras famílias, ajudando na limpeza e tarefas domésticas. Diz que desenvolveu o hábito de leitura desde cedo e que se alfabetizou com a ajuda de uma vizinha e de forma autodidata. Assim, apesar de não ter ido à escola no tempo certo, conseguiu ingressar posteriormente e avançar alguns anos ao comprovar seus conhecimentos adquiridos longe das instituições oficiais. Casou-se pela primeira vez aos 16 anos, quando teve seu primogênito só para “conseguir sair de casa”. O casamento durou meses e a ele seguiram-se outros quatro matrimônios.

Disse que a escolha pela economia deveu-se à sua facilidade com os números, e a pela biblioteconomia em razão de sua paixão pelos livros. Também trabalhou como promotora cultural em entidade estatal. Dulcília tem uma “veia poética” que aflorou durante a conversa: de repente brotavam frases inspiradas no meio das falas. Ela contou já ter ganho um prêmio de contos e também ter iniciado um livro ficcional que nunca teve fim, projeto que considera, ainda, retomar.

Diz que, apesar de ter deixado Cuba, não se sente ou considera uma “dissidente”, mas apenas uma pessoa que resolveu “bater as asas e voar um pouco

mais para longe”. A vontade de ir ao exterior cresceu depois de uma visita ao filho que já tinha migrado. “Senti que estava sendo enganada, que havia um mundo não tão terrível longe do Socialismo”. Afirma que a teledramaturgia brasileira também teve impactos importantes sobre a sua trajetória, ao mostrar novas possibilidades de vida, especialmente para as mulheres. Destacou, por exemplo, como *Malu Mulher* fez com que ela repensasse os papéis e obrigações femininos.

Por fim, Dulcília disse gozar uma boa vida nas Ilhas Canárias (apesar da falta de oferta “cultural”), mas que em Cuba também teve uma trajetória boa enquanto adulta, especialmente antes do período especial. Ela define os anos 1980 como “maravilhosos” para a Ilha, por exemplo, em razão de ter sido de abundância, em que vivia-se com “folga” com os salários recebidos, e de efervescência cultural.

Marta e Rita

Marta e Rita, 52 e 25 anos, brancas, são mãe e filha e acabaram por conceder a entrevista juntas, na sala da casa delas. Uma vizinha as definiu como “cabras locas”, mas de forma carinhosa, em razão do alto astral e da disposição para conversar das integrantes da família. De fato, elas são bastante animadas e as conversas se alastraram por horas – inclusive para além da pauta inicialmente prevista. Em princípio, seria apenas a matriarca a participante, mas a filha se interessou pelo assunto e optou por compartilhar suas impressões sobre as telenovelas, das quase também é fã. Elas residem na área do CP Los Maceo, em Santiago de Cuba, há décadas. O lar, diga-se, é dos principais motivos de “queixas” por parte delas, posto que a residência não possui o número de dormitórios suficientes para garantir a desejada privacidade para cada um dos cinco viventes que ali habitam. O imóvel é de concreto, tem dois pisos (o segundo construído ao longo dos anos pela família) e bastante movimentado, especialmente aos finais de semana. A mãe de Marta reside na casa e mantém há pelo menos duas décadas o seu salão de beleza na residência. Aos sábados, especialmente, o fluxo de mulheres em busca de pinturas para os cabelos ou penteados é intenso, e os clientes cruzam a sala em direção à “peluqueria” que fica colada à cozinha. Numa de suas visitas, percebi também que havia uma série de roupas e bonés dispostos sobre um sofá: tratava-se de itens enviadas dos EUA por parentes para serem revendidos. Ademais, à porta de entrada há um pequeno cartaz ofertando purê de tomate, e seguidamente alguém batia palmas em busca do produto. São alternativas encontradas pela

família para ampliar a renda que, diga-se, não é das piores dentre os meus entrevistados, mas também não permitem regalias.

O maior salário da casa é o de Marta, licenciada em Engenharia Epidemiológica e mestre em Enfermidades infecciosas. Ela trabalha numa faculdade de Ciências Médicas. O marido é engenheiro de computação e labora numa companhia estatal, em sua área de formação. Rita é formada em jornalismo e, além do emprego em um periódico local, mantém outros “bicos” para ampliar a renda: ela alimenta e atualiza sites e perfis de Facebook de empreendimentos locais.. A caçula da família tem 19 anos e atualmente estuda medicina, não contribuindo, ainda, com a economia doméstica. É aluna aplicada: sempre estava dedicando-se aos livros quando eu chegava na casa. Ela diz ainda não saber se vai tentar cumprir, futuramente, alguma missão fora do país. Assegura que não foi por essa razão que optou pela profissão, mas pelo desejo de ajudar.

Marta foi criada, junto com seus irmãos, pela mãe, depois que o pai resolveu deixar a família para trás e sair de Cuba, motivo pelo qual as duas entrevistadas externaram sua enorme admiração pela anciã, que “deixou de ser dona de casa e foi capaz de assumir todas as responsabilidades sozinha e criar muito bem os seus filhos”, segundo a neta mais velha. A família de Marta, sofreu uma “retração” no que diz respeito à qualidade de vida após o triunfo dos barbudos em 1959. Antes, ela conta, viviam em uma casa ampla e contavam inclusive com criados para ajudar nas tarefas domésticas. Todavia, a matriarca não externa “rancor” em relação ao tema, e sobressaíram suas lembranças sobre o quão era “precioso” o período vivido por Cuba antes da ruína soviética, com a descrição sobre a oferta interessante de produtos (em quantidade e qualidade) nos estabelecimentos comerciais, e, o mais importante, como o salário à época era suficiente para acessá-los. A remuneração baixa e a falta de itens (ou impossibilidade de adquiri-los) à disposição surgiram em vários momentos da conversa como sendo os pontos críticos a serem resolvidos por Cuba, ainda que, segundo Marta, as coisas já “estão evidentemente melhores do que quando do Período Especial”. Para ela, as reformas que estão sendo feitas são demasiadamente lentas, embora as considere como um movimento “indispensável” feito pelo governo no sentido de assegurar a manutenção do regime dito Socialista. “Não tivessem feito isso, acho que não teriam seguido adiante. Era preciso fazer concessões”, definiu. Rita corroborou as impressões da mãe e acrescentou a necessidade de uma melhora no quadro para manter o engajamento da população

como projeto inaugurado em 1959: “não há como pedir a participação das pessoas num projeto coletivo sem que elas encontrem condições para desenvolver também seus projetos individuais”, sintetizou.

A despeito das queixas, a família conta com um bom acervo material aparente. Itens básicos como refrigerador, telefone, fogão, etc. estão presentes. A decoração, assim como na maioria dos outros imóveis que visitei, combina uma série de elementos nem sempre em total harmonia, como objetos de decoração dos mais variados, fotos de família (especialmente da quinceañera da filha mais nova), imagens de santos, etc. Um aparte sobre a religião: as entrevistadas se declararam religiosas, mas disseram comparecer à igreja não com muita frequência, concentrado mais as visitas em datas simbólicas/especiais, com as dedicadas a santos específicos ou a celebração de Natal, por exemplo. Eles não dispõem de veículo próprio. Na casa, há também uma “regalia” a que poucos cubanos têm acesso que é a internet, ainda que precária.. O serviço é fornecido “alegalmente” por uma pessoa no bairro, a quem a família paga mensalmente. Na casa há, portanto, também computador. Ao longo do tempo em que estive em Santiago, a família conseguiu trocar o televisor da sala: um de LED tomou o lugar do antigo aparelho de cubo. Quanto a sonhos, Marta descreveu duas principais ambições: uma, a de ter uma casa mais ampla; outra, a de poder proporcionar uma viagem tranquila e com prazer para a família a um destino como Varadero, o que, segundo ela, nas atuais condições, não é viável. Rita, por sua vez, diz que gostaria de poder ir aos Emirados Árabes e frequentar um hotel luxuoso, como direito a champagne e outras regalias. Ela, particularmente, viaja com uma certa frequência a Havana.

É à tardinha e à noite que o consumo televisivo se intensifica na casa. Marta diz que é o que gosta de fazer ao chegar do trabalho para espairecer e se sentir renovada para o dia seguinte. Descreve a sua rotina, que inclui viagens a bordo dos caminhões (alternativa de transporte coletivo) e o ato de madrugar. Volta para casa às 17h e ainda dá conta de preparar a comida para a noite. “Despues, lo que me queda son lós paqueticos”, referindo-se ao fato de ver prioritariamente telenovelas por intermédio dos *paquetes semanales* na companhia da mãe e do marido que, na sua definição, é um “tremendo noveleiro”. Na casa, fica evidente a paixão pela teledramaturgia. A memória a respeito de títulos e personagens é vasta. Recebi das entrevistadas inclusive encomendas de títulos que passaram há anos na Ilha e não estavam disponíveis nos paquetes. A televisão é a principal atividade de lazer,

embora Rita admita ter uma vida social bastante ativa com muitas saídas pela noite de Santiago.

Com relação ao amor, Marta se diz satisfeita com o casamento. Diz que jamais toleraria infidelidade, e que o marido é um bom companheiro, tendo ajudado muito na criação das meninas. Rita, solteira aos 25 anos, diz que encontrar um companheiro não é exatamente uma prioridade. Entende que para mulheres de gerações anteriores isso era mais importante, mas que atualmente as coisas mudaram. Com relação aos estudos, as duas disseram ter tido boas experiências escolares e terem sido boas alunas. A opção profissional foi decisão delas e não imposição familiar. As duas dizem gostar muito do que fazem, mas não se sentem realizadas pela falta de uma remuneração adequada ou, pelo menos, suficiente, para gozar uma vida com ainda mais qualidade.

Roberto

Tem 53 anos, é negro, reside com a esposa, a filha do primeiro casamento e como filho, que ao longo do período de pesquisa de campo ingressou no exército e, por isso, só estava em casa em feriados ou datas em que é liberado da corporação. No entanto, todos os finais de semana, em companhia da mulher, Roberto pega o transporte público (eles não possuem veículo) e vai encontrar o caçula no quartel, em atividade permitida para as famílias, que se reúnem em um parque. O lar é um apartamento de três dormitórios no Consejo Popular Paladino, município Cerro. Na casa, nenhum item “indispensável”, como televisor ou geladeira está em falta. O filho ganhou um notebook, trazido dos Estados Unidos por um conhecido. Eles não possuem telefone fixo na casa, nem celulares. O acesso à internet também é raro, a ponto de nem possuírem e-mail. A decoração é simples e sem nenhuma “extravagância”. A filha do primeiro matrimônio, hoje com 28 anos, morou durante boa parte de sua vida com a mãe natural, mas por motivos práticos, de trabalho (ela é economista e trabalha em uma empresa estatal de transporte de valores), acabou migrando para a casa dele há pouco tempo.

Filho de um carpinteiro com ensino básico e de uma mãe dona de casa e com baixa escolaridade (ele não soube precisar quantos anos de estudos ela tinha), ele foi o caçula dentre 10 irmãos com os quais, mesmo em razão de uma grande diferença de idade, não manteve uma relação das mais próximas. “Quando nasci, só três deles ainda estavam na casa, os demais eram todos adultos já”, comentou.

Assim, alguns de seus companheiros de infância eram, na verdade, seus sobrinhos. A relação dos pais não era também das mais afetuosas. A mãe é quem mais se dedicava a cuidar dele enquanto menino, ainda que não com a muita ênfase: a progenitora mantinha vínculos estreitos com a religião (era “santa” de uma religião africana) e isso fazia com que ela passasse muito tempo fora de casa. Na sua família “atual”, a religião não ocupa papel importante, sendo que o entrevistado, assim como a suas esposa, se declararam ateus. O pai, por sua vez, trabalhava no campo durante boa parte do ano, voltando para casa em intervalos de tempo variáveis.

Quanto às condições de vida na infância, ele as define como boas. Conta que o imóvel em que morava, um apartamento amplo, foi doado à família pelo Estado. O pai, segundo ele, sempre esteve envolvido com a questão das safras, e as recompensas pelos resultados vinham na forma de bens, incluindo a primeira televisão, quando ele tinha aproximadamente 10 anos. Foi já naquele momento que iniciou sua paixão por telenovelas, com as cubanas “Horizontes”. Roberto descreve que nunca passou “necessidades” e nem os seus irmãos. Disse ter sido um bom aluno (pelo menos razoável) e que desde cedo pensava em ser independente e querer trabalhar, motivo pelo qual quis ir a uma escola técnica. Por meio de um vizinho, soube de uma vaga para trabalhar numa oficina mecânica e dele recebeu a recomendação para fazer um curso na área, o que acabou de fato acontecendo. Hoje ele atua nessa profissão em uma oficina do Estado.

Roberto diz que sua vida é “de casa para o trabalho e do trabalho para casa”. Seu lazer é, principalmente, a televisão (seis horas por dia, em média), a música (ele é um aficionado em diferentes ritmos e curioso sobre sonoridades e instrumentos) e a leitura de jornais e livros. Sua esposa é uma leitora voraz e um programa que costumam fazer anualmente é frequentar a feira do livro em Havana, que acontece normalmente no mês de fevereiro. As férias costumam passar em casa.

Um de seus sonhos de consumo – houve bastante dificuldade para selecionar uma opção – é poder adquirir um bom aparelho de som para desfrutar as músicas de que gosta. O nascimento dos filhos é apontado por ele como o dia mais feliz de sua vida, e a família como seu principal “patrimônio”. Roberto diz que quando criança e adolescente tinha dúvidas sobre se seria capaz de conseguir conquistar tanto uma casa própria quanto constituir uma “lar”, suas principais aspirações. Sobre

o futuro, diz que tem curiosidade por conhecer outros países e que gostaria de fazê-lo, mas que nunca pensou em deixar cuba para trás.

Yanca

Com 32 anos, é negra e psicóloga, mas atualmente trabalha numa loja estatal como “auxiliar de contabilidade”. Diz que, sem dúvidas, preferiria estar atuando na sua área, mas que grosso modo está satisfeita com o posto que agora ocupa embora revele uma certa preocupação com a possibilidade de futuramente o empreendimento ser descontinuado pelo governo, o que a colocaria num compasso de “espera” nada agradável –e mal remunerado (ela já passou por uma experiência anterior de ficar “disponível”).

A casa em que vive no CP Los Maceo, em Santiago, pertence aos seus pais. Ela reside com a sua mãe (que trabalha como preparadora de refeições em um hospital), o pai (um chapeador), o marido (atualmente laborando como cuentapropista no ramo alimentar) e dois filhos pequenos, uma menina de sete anos e um menino com apenas um.

O imóvel é antigo e com dois andares (o segundo foi construído para suportar o crescimento da família). Apesar de dizer que muitas coisas mudaram para melhor nas relações de gênero nos últimos anos, as tarefas domésticas permanecem sendo uma responsabilidade feminina na casa, o que inclui o cuidado com os pequenos, assumido, normalmente, por ela ou pela mãe. Sua jornada diária inicia em torno das 5h da manhã, com a preparação para seguir ao trabalho, e culmina quase invariavelmente em frente ao televisor, com telenovelas adquiridas por meio de pacotes semanais, as quais ela acompanha depois de “cuidar das crianças”.

A casa é bastante simples, de alvenaria, com dois quartos, além de cozinha, banheiro e sala de estar. As crianças compartilham o dormitório com ela e o marido. De qualquer forma, a despeito de as condições de vida não serem as “sonhadas”, como ela diz, Yanca revela que não pensa em sair do bairro ou se Santiago. Os móveis são bastante simples, mas itens fundamentais como geladeira, fogão, ventiladores parra enfrentar o calor e, é claro, televisores, estão presentes na casa. Ela diz que gostaria de ter um pouco mais de espaço na residência para poder colocar, por exemplo, uma mesa de jantar grande para que a família possa fazer as refeições junta.

A religião não é uma prioridade, mas os familiares seguem as de origem africana. Yanca tem irmãos, mas apenas um é de parte de pai e mãe, enquanto os demais frutos de casamento anterior do progenitor. Seu “irmão mesmo” está na Escócia, onde vive do trabalho de dançarino. Ela conversa com ele algumas vezes ao longo do ano por telefone, ou envio de mensagens de texto. Na casa não há computadores e Yanca diz ser muito raro ela acessar a internet por qualquer motivo. A vida social e cultural, segundo ela, praticamente não existe, inclusive em razão dos cuidados que os filhos demandam.

Define a sua relação com os pais como sempre “boa” e que eles exigiam bom desempenho escolar, tarefa que ela conseguiu cumprir. A decisão de ser psicóloga foi apoiada pelos pais e ela diz que o trabalho possibilitou que ela viajasse muito por Cuba, o que guarda como uma experiência das mais significativas de sua vida. “Mas, assim como todo cubano,tenho o sonho de viajar mais”, complementa.

Débora

Com 50 anos, Débora é viúva há sete, e hoje vive apenas com o neto de sete anos num sobrado de dois quartos construído há 37 anos por ela e pelo marido no CP Los Maceo. Tem dois filhos, um em Havana no momento da entrevista, e outra que migrou para a Itália. Os dois são contadores de formação, mas também buscaram cursos técnicos na área de gastronomia e serviços, aproximando-se da área de atuação do pai, que era “cantinero” (garçom). Assim, os dois distanciaram-se da contabilidade e passaram a atuar mais no setor de serviços, tendo trabalhado desde os 19 aos (o rapaz hoje tem 29 e a moça 25). Débora segue uma rotina diária que inclui encaminhar o neto para escola pela manhã e depois buscá-lo (ela também ajuda nas lições de casa) e, à tarde, depois de ele regressar, ela sai para a rua em busca de parceria para os seus jogos de dominó, disputados normalmente entre as 18h e 20h30, horário em que regressa para casa para, após a janta, dedicar-se quase que exclusivamente à televidência, optando especialmente pelas novelas que compra via pacotes semanais. A maratona de teledramaturgia não tem hora certa para acabar. Ela contou-me que na semana anterior à entrevista houve um dia em que ficou desperta até às 5h da manhã assistindo um capítulo após o outro.

Ela teve quatro irmãos homens, mas quando seus pais se separaram, (ela tinha entre cinco e seis anos), ela e os dois menores seguiram com a mãe, enquanto os mais velhos permaneceram com o seu pai, com quem sempre manteve contato e

uma relação afetuosa, tendo mudado-se para viver com ele quando completou quinze anos. Ela diz que apesar dessa “desestruturação” na infância, ela particularmente, é uma pessoa muito “ligada á família”.

Seus pai e mãe, ela acredita que tenham chegado ao nono ano de ensino escolar, mas não tinha certeza. Disse que o pai foi estivador no porto e depois passou a dedicar-se a trabalhar na agricultura. Hoje, já com mais de setenta anos, continua trabalhando como vigia numa zona rural próxima a Santiago, cidade da qual Dulce “nunca sai”, segundo ela mesma, em razão especialmente da falta de recursos. Ela, que tem curso de economia, optou por ser dona de casa para “cuidar dos marido e filhos” em lugar de trabalhar fora de casa. Diz que nunca se arrependeu da escolha e que o ex-marido sempre foi um bom companheiro, ainda que tenham vivido um pequeno período separados em razão de problemas conjugais. Teve apenas poucas experiências de trabalho fora de casa “por necessidade”, tendo atuado por aproximadamente três anos como cozinheira e atendente em um bar pertencente a um cuentapropista.

Seus principais momentos de lazer ocorrem nos finais de semana, quando primos e conhecidos que também vivem no bairro costumam organizar festas em suas casas, num sistema de rodízio. Fora isso, diz não sair quase nunca, e que mesmo a leitura é um hábito que já não pratica tanto em razão de problemas de visão. Antes, ela assegura, lia muitos livros de ficção e de história, tema que lhe interessa bastante.

Débora declarou ter tido, a despeito da separação dos pais, uma infância muito boa e não ter passado nenhuma grande necessidade, tendo a seu dispor tudo o que era necessário para uma vida “normal”. A casa em que vivia com a mãe, ela conta, era um pouco caótica, posto que, apesar de ser enorme, nela habitavam também seus tios: ela fez uma conta “por cima” e estimou que pelo menos 30 pessoas residiam no imóvel, onde ela não tinha obrigações rígidas, mas ajudava quando necessário. A cozinha, no entanto, era “propriedade” da avó, que lidava com enormes panelas para alimentar todos os que viviam na casa. Quanto aos estudos, ela conta que os pais sempre os consideraram importantes, e que ela era uma aluna regular, que sabia que tinha de cumprir com suas obrigações acadêmicas – e que o fez bem.

A religião é importante para Débora, ainda que ela não seja uma pessoa que frequente a igreja todas as semanas, fazendo-o em datas comemorativas. Diz que

também é “espírita”, mas numa alusão a religiões africanas. Considera que a fé é importante na vida, e afirma que as suas aspirações para o futuro são imateriais. Sua casa atual é bastante ampla e bem-equipada, ainda que ela tenha afirmado que sua única fonte de renda seja a aposentadoria do falecido marido, que soma apenas 10 dólares. Apesar de não revelar, é evidente que recebe alguma auxílio extra, como por parte dos filhos, o que lhe permite um bom nível de conforto e manter a casa com equipamentos essenciais e relativamente novos, incluindo a televisão led e utensílios de cozinha modernos.

Sílvia

Com 55 anos, branca, casada e mãe de duas filhas (uma de 29 e outra de 24, que residem com ela, assim como um dos genros, o marido e um neto recém-nascido), Sílvia nasceu em Ciego de Ávila e migrou para Havana somente depois de casada, quando o esposo, que assim como ela é formado na área de educação física, foi convidado a ocupar um importante cargo na direção esportiva do país. Sílvia diz que já está pronta para aposentadoria, embora ainda restem cinco anos pela frente e tenha se dedicado a obter uma especialização (ela diz que equivalente a um mestrado) recentemente, tendo-a concluído em 2012. Já cumpriu uma missão internacional na Venezuela, experiência que, segundo ela, todos deveriam ter inclusive para valorizar mais as conquistas cubanas a partir do triunfo da revolução.

A vitória de Castro é apontada com ela como determinante para a trajetória de vida. Seu pai, pedreiro, tinha apenas o ensino fundamental, e sua mãe era uma dona de casa analfabeta, que conseguiu aprender algumas palavras por intermédio da campanha de alfabetização empreendida na Ilha no início dos anos 1960. Sílvia é de uma família de nove irmãos, tendo sido a última a nascer junto com o seu gêmeo. Isso, segundo ela, a favoreceu já que a maior parte dos demais, mais velhos, não tiveram acesso a uma boa educação. Ela, por sua vez, disse ter tido sempre tempo para se dedicar aos estudos, já que sua mãe e o seu pai nunca exigiram dela ou dos irmãos o cumprimento de trabalhos rotineiros, exigindo apenas a dedicação ao estudo. “Nunca queimei etapas na vida. Havia o tempo de brincar, havia o tempo de estudar e assim por diante”, descreveu. Ela, no entanto, diz que no momento de escolher a profissão futura, não pode contar com a ajuda dos pais que, “despreparados”, consideravam mais pertinente a opção por uma “profissão prática”, e não uma mais “acadêmica”. Ela, no entanto, quis ser professora de educação

física e logrou fazê-lo. Aos 18 anos ela já começou a trabalhar em escolas, como forma e contribuir para incrementar a renda dos pais que, segundo ela, sempre viveram em uma “casa inacabada”, que estava sempre em obras conduzidas pelo seu pai.

Sílvia foi sempre uma militante do partido, o que, segundo ela, continuará sempre a ser. Sua filha mais jovem, de 24 anos, formada em Comunicação Social (ela trabalha na área de comunicação de uma instituição despotiva cubana, mas no momento da entrevista estava em licença maternidade), segundo ela, é também bastante envolvida com a política, enquanto a mais velha, de 28, graduou-se em Ciência da Informação e, apesar de simpática ao PCC não tem uma atuação das mais fortes. Como já descrevi, todos moram sob o mesmo teto (apenas o companheiro da filha mais nova não reside permanentemente com eles, mantendo-se na casa dos seus pais), em um apartamento de três dormitórios, térreo, no CP Patino, há mais de 30 anos. Na casa, ela diz, há uma boa harmonia, inclusive em razão de cada um ter seu próprio espaço e ela conta que todos contribuem com a organização, sendo que sua filha mais velha e o genro costumemente cuidam inclusive da alimentação da família, preparando refeições.

Conta que a relação como esposo e as filhas sempre foi boa, e que eles sempre se preocuparam em oferecer às descendentes todo o apoio moral e material necessário, e isso se mantém até hoje. Sua principal atividade de lazer é a televisão. Existem aparelhos em todos os cômodos na casa: “só não tenho televisão no banheiro, mas ali há um rádio”, contou. Diz que de vê em quando saem para jantar ou algo do tipo, o que não raras vezes atrapalha a sua telenovela. Ao contrário das filhas, genros e do próprio marido, ela não é adepta dos pacotes semanais. Diz preferir manter a rotina de ver o que está passando na programação da televisão aberta.

Sobre sonhos de consumo, diz ser incapaz de escolher alguma coisa material. Sua principal aspiração é conseguir aposentar-se bem e gozar a aposentadoria com tranquilidade.

Yurisleide

Apesar de viver em San Pablo, considerado um assentamento precário, a bióloga de 43 anos e mãe de dois filhos, um homem e uma mulher (de 21 e 26 anos, respectivamente, que moram com ela, além do primeiro neto), reside em uma casa

de boa aparência erguida com muito “esforço e suor ao longo do tempo”, mas que ainda está inacabada: o próximo passo é conseguir fazer a “a laje” abaixo do telhado. O imóvel fica em um terreno onde estão outros dois, construídos por familiares, sendo que neles residem seus irmãos e também a a sua mãe, uma “analfabeta que sempre inventou maneiras para conseguir nos proporcionar uma boa vida”. No total, Yursleide tem quatro irmãos por parte de mãe, sendo ela a única a ter conseguido obter um título de ensino superior. Depois de muitos anos em sala de aula, ela especializou-se em saúde e segurança do trabalho, e hoje atua em departamento relacionado a este tema de uma empresa estatal.

A casa que habita, de concreto, é bem diferente daquela que ela ocupava na infância, que “era echa de guano”. A mobília na sala de estar resume-se a algumas cadeiras (algumas delas de balanço) e a um rack sobre o qual está assentada uma televisão de led novinha, de 40 polegadas, que é o xodó de Yurisleide, que diz ter tido de “inventar” para poder comprá-la, o que significa pintar cabelos, vender picolés, etc, para acumular os 10.000 pesos cubanos desembolsados no aparelho. Ela justifica o alto dispêndio por ele ser a praticamente sua única fonte de distração. Segundo ela, o dinheiro do salário não dá para quase nada no mês, sendo investido quase todo em alimentação, o que ela considera um problema bastante generalizado na Ilha e que precisa ser combatido rápida e energicamente. Quando ela revelou a quantia recebida por ela, pelo companheiro e pelo filho (a filha no momento está em casa, cuidando de um filho pequeno e estudando Direito), o quadro pareceu mais favorável se comparado ao que eu encontrei em outros lares. Mas ela insistia dizendo que não era possível, por exemplo, fazer compras nas “chopping”, em divisa. Se a filha retomou os estudos depois de um casamento frustrado com um cubano que acabou contraindo matrimônio com uma brasileira nos Estados Unidos, o filho preferiu uma carreira não-acadêmica, na construção civil, como “obreiro”.

Com relação ao companheiro, Yurisleide nunca se casou e atualmente vive a sua terceira união estável. A razão para não contrair matrimônio, segundo ela, foi prática: não repartir o patrimônio que ela construiu em caso de separação. O atual parceiro, que ela garante ser um bom ajudante em casa – apesar de “não saber fregar bien” e por isso ela assumir as tarefas na cozinha e no tanque de lavar roupas – também é obreiro com ensino médio completo.

Sua principal referência na vida é a mãe, que a criou, assim como aos irmãos, sozinha, a partir do momento em que ela completou seis anos de idade e os seus pais se separaram. Ela atribui esse fato à diferença de quase 30 anos de idade existente entre seus progenitores. Orgulha-se da mãe por ela ter conseguido criar todos com dignidade e ensinado valores como a honestidade e a honra, que ela também trata de passar aos filhos, que, conta orgulhosa, são sempre elogiados pelos amigos e vizinhos pela educação e respeito que demonstram.

Yurisleide diz que participa de “todas as organizações de massa” em Cuba com prazer, mas tece algumas críticas sobre a necessidade de o partido ser mais imparcial, equilibrado e capaz de atender a todos os cubanos de maneira adequada. Seu grande sonho é alcançar um maior nível de conforto na sua vida e diz que almeja sair do país, o que esteve perto de concretizar há pouco tempo, quando a empresa em que trabalha recrutou funcionários para desenvolver obras em um país africano. Diz, no entanto, que a sua ida foi vetada pelo seu superior que disse precisar de seus préstimos na Ilha. Apesar de dizer que o material não é o mais importante – faz menção, por exemplo, a uma conhecida “rica e infeliz” – admite que uma viagem desse tipo é fundamental, atualmente, para conseguir “mudar de vida para melhor”. Uma de suas amigas está cumprindo nova tarefa fora de Cuba. Segundo Yurisleide quando ela regressou da primeira missão, viveu um grande *upgrade* no nível de vida. E é essa a expectativa que ela ainda alimenta, queixando-se do salário que, se hoje ela considera baixo mas suportável, era, nas suas próprias palavras, longe de ser suficiente enquanto era professora.

Raimunda e Mônica

Raimunda, hoje com 46 anos, foi bicampeã olímpica por Cuba (1994 e 1998) e atualmente, graduada e mestranda em Educação Física, trabalha hoje como professora numa universidade especializada em esportes no município do Cerro em Havana. Separada de um também ex-atleta olímpico cubano, tem apenas duas filhas, sendo uma delas Mônica, de 19 anos, que estuda medicina e também participou da entrevista. Elas vivem em um apartamento de dois dormitórios, que não teve a oportunidade de conhecer, posto que elas preferiram dar entrevista em outro local. Disseram que o móvel é bom, que gozam de um bom nível de conforto. Elas contam com computador, mas o acesso à Internet é limitado ao viável em

espaços públicos. Em algumas ocasiões encontrei Mônica conectando-se via telefone celular no Parque Palatino, que há no Consejo Popular de mesmo nome.

Negra, Raimunda nasceu na província de Vila Clara, num povoado que nas palavras dela fica no campo, campo campo mesmo”. Mas, com apenas 13 anos foi recrutada para a escola de esportes em Havana em razão de suas habilidades. Filha de um operário e de uma professora, que ela diz serem pessoas “muito humildes e trabalhadoras como a maioria dos cubanos”, e que classifica como tendo sido “pobres”, ela teve a oportunidade, de, graças à sua carreira visitar diversos países, incluindo o Brasil, onde foi participar de algumas atividades vinculadas a programas sociais conduzidos por uma desportista brasileira. Diz não ser ingênua a ponto de achar que em Cuba não existam problemas, mas faz questão de mencionar características que considera diferenciais da nação caribenha, entre elas, é claro, o acesso à educação e à saúde, e os baixos índices de violência. “O fato de sermos um povo com cultura, de não termos analfabetos, é uma coisa que me orgulha muito. E meu maior temor é que percamos isso que conseguimos ao longo dos anos”, declarou.

Apesar de já estar em Havana há anos, regressou para Vila Clara para ser mãe e depois resolveu novamente seguir para a capital onde, na sua avaliação, há mais oportunidades para “avançar em direção aos sonhos”, o que ela queria possibilitar às duas filhas. Mônica adicionou à lista de coisas que gosta em Cuba o fato de considerar haver “pouco racismo”. Segundo ela, seu amor pelo país não a priva do desejo de viajar para conhecer lugares, o que a profissão possivelmente proporcionará a ela. Sua grande curiosidade, no entanto, recai sobre o Japão, país que diz achar fascinante em razão da cultura e se tratar de seu “sonho de consumo”. Diz participar, assim como a mãe fez, das associações políticas estudantis, mas confessa que em alguns momentos acaba participando de atividades (como a famosa “Marcha de las antorchas”, programada para o dia da entrevista) por um sentimento de “obrigação” para não ficar “mal aos olhos dos outros”. Uma das coisas que ressaltou foi a sua vontade de independência, que, segundo ela, consegue perceber existir em outros países: “aqui, muitas vezes, somos obrigados a permanecer vivendo com nossos pais porque não há condições para comprar ou alugar um imóvel, e eu gostaria de ter essa possibilidade”. Seus sonhos de vida incluem conseguir graduar-se como médica e alcançar uma boa condição econômica: “quero ser uma boa profissional e tenho de me esforçar e fazer a minha

parte também. Se não, eu não posso me destacar ... e ser capaz de, por exemplo, fazer uma missão internacional”, que evidentemente, já está no seu “radar”. “Eu quero subir e dizer que o que eu tenho fui eu quem conseguiu, ninguém me ajudou. Às vezes sempre alguém ajuda, mas o que tenho é porque me esforcei”, complementa.

Raimunda, quando questionada sobre quais os seus sonhos, diz ser difícil de escolher, por sentir ter conseguido realizar tudo aquilo que almejava. Diz que, talvez, uma casa maior do que aquela em que reside, mas garante que sua maior ambição é ver as meninas realizadas.

Com relação a atividades culturais e de lazer, Raimunda e Mônica relataram práticas primordialmente caseiras. As da primeira incluem um vício em um jogo de computador, o que incomoda bastante a filha, que prefere dedicar-se às novelas (via pacote) e filmes no tempo livre. Raimunda diz ainda que considera uma de suas práticas de lazer prediletas “dormir”, o que faz sempre que consegue intervalos no trabalho,

Marisa e Cláudia

Com 49 e 19 anos, mãe e filha, enfermeira e estudante de medicina, respectivamente, habitam um apartamento de dois dormitórios onde reside, ainda, mais um filho da profissional da saúde, que conheci porque atendia à população no posto de saúde localizado justamente em frente à casa onde morei no Consejo Popular Palatino. O imóvel está equipado com os itens básicos indispensáveis, como geladeira, fogão, televisor, etc., mas a família ainda não contava com um computador. O lazer principal para Marisa são as telenovelas, sejam brasileiras ou mexicanas, enquanto que Cláudia menciona sua paixão por dançar, onde quer que seja: “onde há boa música, não importa o local, eu me ponho a dançar...claro, isso quando não estou estudando”, complementa.

Marisa nasceu na cidade de Manzanillo, da qual diz guardar as mais belas recordações e pela qual nutre enorme carinho, mas na juventude migrou à capital para buscar uma melhor formação educativa. Relata que está em “Havana por necessidade”, e que “Nasci e cresci em frente ao mar, vi botes chegarem, vi golfinhos passarem um após o outro. Ainda eles se deixam ver, minha filha os viu quando fomos até lá de férias, eu os adoro. A praia fica a um quarteirão de distância da casa onde vivem meus familiares”. De uma filha com origem jamaicana, ela conta

que seu pai era administrador de uma fábrica de calçados, enquanto sua mãe, cozinheira, mas que ambos tinham baixos índices de escolaridade (ela não soube precisar a informação) e pertenciam à classe baixa. Todavia, ela e seus dois irmãos conseguiram acessar a universidade e, agora, os netos de seus pais estão cursando medicina.

Durante nossa entrevista, Marisa citou várias vezes as suas experiências na Venezuela, onde cumpriu missão durante aproximadamente três anos, período em que os filhos ficaram sob os cuidados da avó. Relata sua má impressão em relação à violência, o absurdo de ver jovens praticando crimes em busca de um novo telefone celular. Exaltou a segurança em Cuba como uma das virtudes do país, embora ache que ela exista em proporções mais significativas do que o governo (leia-se, imprensa) cubano permite crer, o que ela valia ser um erro. Quando regressei a Havana, no final de 2017 (a entrevista foi feita em janeiro de 2016), Marisa estava no Brasil, numa pequena cidade paraense, novamente como “internacionalista”. Sobre a experiência anterior, na Venezuela, contou sobre a quantidade exorbitante de produtos que trouxe na bagagem, a ponto de ter de deixar alguns itens no aeroporto sob pena de não conseguir embarcar.

Divorciada, diz que o seu grande sonho é que os filhos prosperem. Assegurou que não era por influência de minha presença, mas outra de suas grandes ambições era viajar ao Brasil – o que agora, por vias profissionais, está conseguindo – além da França. Para Cláudia, por sua vez, o sonho de vida inclui “ser uma internacionalista para ajudar os necessitados. Eu realmente gosto de ajudar os necessitados”. Mas complementa: “E me vestir como as pessoas das novelas. Vestir-me muito bem. E ter um homem que me faça feliz e que me apoie em tudo”.